

AMOR & RITMO I

Ritmo
ENVOLVENTE

O BEBÊ DO ROCKSTAR

SARA FIDELIS







Copyright © 2019 de SARA FIDELIS

Ritmo Envolvente – O Bebê do Rockstar (Amor & Ritmo, Livro I)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em resenhas ou avaliações críticas.

Capa: Letti Oliver

Revisão: Natália Dias

Diagramação: Letti Oliver

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

1º EDIÇÃO, 2019.



[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

*Este romance é dedicado ao meu esposo, Gustavo.
Obrigada por multiplicar seu amor por mim a cada dia,
junto com suas tatuagens...*





Ashton Ray é o vocalista da Dominion, uma das maiores bandas de rock da atualidade; ele aproveita ao máximo o que a vida de rockstar lhe oferece, isso inclui festas, mulheres e muitas brigas.

Em seu último excesso, Ash se viu diante um problema: um processo que pode destruir sua imagem e consequentemente a da banda.

Festas estão proibidas e manchetes vetadas!

Julia Foster é uma mulher determinada a ter o que deseja: uma família e uma carreira de sucesso.

Grávida e trabalhando como estagiária em uma grande firma de advocacia, Julia vê as coisas saírem do eixo ao ter que mudar sua vida para vigiar o astro do rock arruaceiro e auxiliar em sua defesa diante dos tribunais.

Em um envolvimento que complica tudo e deveria ser casual, os dois descobrem que é muito mais difícil deixar os sentimentos do lado de fora do que poderiam imaginar... Principalmente quando a relação já começa, a três.

Acompanhe esse casal e sua trajetória em direção ao amor, em meio a muito rock, romance e bem... roupinhas de bebê.



É um prazer imenso estar aqui outra vez, agora com meu terceiro livro.

Ritmo Envolvente é uma experiência nova e única para mim, porque além de ser meu primeiro romance contemporâneo, também foi escrito em primeira pessoa. Espero que gostem e estou ansiosa para saber a opinião de vocês.

Inclusive peço que se lerem, não deixem de contar o que acharam aqui, nas avaliações, é importante para que outras pessoas saibam o que esperar do livro.

Agora um momento de reflexão!

Quero conversar rapidinho com vocês sobre o vocabulário empregado nos diálogos e mesmo nas narrativas, porque como se trata de um romance em primeira pessoa, quem narra é o próprio autor da ação, certo? Então, nesse livro temos Ashton, Tray e Josh, integrantes da Dominion, uma banda de rock atual e de sucesso.

Não podemos esperar que esses homens insanos e selvagens se utilizem da norma culta da língua, certo? Por isso não se surpreenda ao encontrar palavras como: *pra*, em lugar de *para* ou *tô*, em lugar de *estou* quando esses rockeiros maravilhosos falarem com vocês... Seria absurdo e por isso me utilizei de licença poética para criar diálogos mais leves, divertidos e característicos.

Mas não se espantem. Sei escrever *para* e *estou* quando a narrativa pede isso e vocês vão notar essa oscilação nos diálogos, de acordo com quem está falando.

Espero que gostem da leitura e depois, me encontrem nas redes sociais para conversarmos sobre...

Será um prazer!

Sara Fidelis.



ASHTON

Está muito quente aqui. Estou suando e, honestamente, não me sinto muito bem.

Ao abrir meus olhos, percebo que a luz do sol escaldante entra pela janela e inunda o cômodo, a cama e todo meu corpo. Aí está a fonte de tanto calor.

Quem abriu a cortina a esta hora? Olho ao meu redor e só então percebo que não reconheço o quarto. Não estou na minha cama e com certeza esta não é minha casa.

Viro-me de frente e observo que os móveis são sofisticados, mas bastante impessoais. Provavelmente estou em um hotel e, se estou aqui, alguém se deitou na cama comigo. Só não faço ideia de quem. Tento encontrar minha companhia deixando que meus olhos percorram o cômodo, mas minha cabeça dói exageradamente.

Que porra de ressaca infernal é essa? Nunca tive igual.

Enquanto tento me lembrar de onde estou ou de como vim parar aqui, percebo um movimento sutil, não ao meu lado, mas embaixo do lençol.

Tem alguém se aproximando do meu bem mais precioso.

Levanto a ponta do tecido apenas para confirmar suas intenções e vejo um sorriso se abrir no rosto perfeito. Tenho certeza de que já vi esses cabelos loiros e essa boca sexy, mas quando tento me concentrar para recordar seu nome, ela envolve meu pau com sua boca gostosa. Uma das maiores vantagens de ser um astro do rock é que tem sempre alguém disposto a satisfazer seus desejos, sejam lá quais forem.

Apoio minha cabeça, que está rodando um pouco, no encosto da cama

e instintivamente levo minha mão para os cabelos fartos. Enrolo a cascata dourada em meu pulso e impulsiono a mulher para me levar cada vez mais fundo na sua boca, direto para a garganta.

Se existe maneira mais agradável de despertar, eu desconheço. Seria melhor se eu me lembrasse de quem ela é ou se minha cabeça não parecesse um vulcão prestes a implodir, mas mesmo assim não vou dizer que não é bom.

A gostosa sabe exatamente como fazer um boquete e me suga cada vez mais forte, lambendo enquanto solta grunhidos de satisfação. Estou fodendo sua boca. Ao que parece, meu pau é doce.

Ela aumenta o ritmo, subindo e descendo rapidamente, toca a cabeça do meu pau com a língua e em seguida desce até a base, para logo depois abocanhá-lo outra vez.

Poderia esperar um tempo, divertir-me com ela um pouco, mas a dor de cabeça está tirando minha concentração, então resolvo acabar com isso logo e me derramar em sua boca rápido.

Brinco com seus seios, que se balançam para frente e para trás enquanto ela chupa, e me preparo para gozar gloriosamente. Infelizmente, sou interrompido.

Um homem irrompe pela porta gritando e agarra a mulher pelos mesmos cabelos que antes eu segurava, atirando-a no chão.

Eu o reconheço instantaneamente. Esse rosto eu jamais esqueceria. Já recebi inúmeros prêmios de congratulações e diversas honrarias das mãos dele. Muitas vezes partilhei de cafés agradáveis e de jantares sociais em sua companhia.

Ele é o prefeito da porra da cidade. E a gostosa que tinha meu cacete na boca? Sua primeira-dama.

Neste momento, tenho apenas três certezas.

A primeira é que nunca mais serei convidado para passeios de fim de semana no iate do prefeito.

A segunda é que sou um canalha, mas não sou traíra. Perdi as contas de quantas investidas ela havia feito e eu heroicamente rejeitei todas elas.

E a mais surpreendente de todas é que a filha da puta finalmente conseguiu me pegar de alguma maneira. Se minha cabeça estacionasse de uma vez, eu conseguiria me lembrar do que aconteceu.

Candice! Agora me lembro do nome. Já é alguma coisa.

Perco alguns segundos analisando minhas possibilidades e percebo que não existem muitas.

Levanto-me da cama para encará-lo e a situação fica ainda pior quando percebo que seu olhar recai sobre meu membro duro. O que ele esperava? Cubro-o rapidamente com o lençol maculado pelo pecado dessa vadia.

— Joseph, vamos conversar. Eu sei que parece difícil acreditar, mas não faço ideia de como vim parar aqui...

Tento justificar, porém, as palavras são muito vagas diante da cena que ele acaba de presenciar.

— Sêrio, Ashton? Achou que se ela te chupasse ajudaria a se lembrar? E você, Candice? É isso que queria? Um homem que não tem mais espaço limpo no corpo para se tatuar e que se mete em tudo que é buraco?

Certo e errado. Eu deveria mesmo ter reconhecido a boca nojenta. Gostosa, mas nojenta. Só que ainda tenho algum espaço vago e muitas ideias para novas tatuagens. Além disso, essa história de que me meto em tudo que é buraco é exagero dos *paparazzi*, pois na verdade sou bem seletivo.

Joseph, por outro lado, é todo certinho; o terno alinhado e os sapatos lustrados. Não vou dizer que o cara é feio, ele até é bonitão, mas somos completamente diferentes. É até estranho pensar que uma mesma mulher se

interesse por nós dois.

— Não, eu... Não sei o que tá acontecendo aqui. Quer dizer, sei exatamente o que é, mas eu não me lembro de ter vindo até aqui. Cara, eu sou canalha, admito, mas nunca cheguei a esse ponto. Nós somos amigos.

Ele não aceita mais explicações, até mesmo porque seria um imbecil se acreditasse em uma palavra do que eu estou dizendo, por mais sincero que eu esteja sendo neste momento.

O primeiro soco é dele e me atinge com força no queixo. Por mais que eu dê toda razão ao prefeito e entenda que é necessário que ele defenda sua honra, não posso apanhar sem me defender.

É como se fosse mais forte que eu. Jamais dispenso uma boa briga e explodo sempre que sou minimamente provocado. As pessoas dizem que tenho pavio curto, já eu diria que ele nem existe. Por mais que eu queira ficar na minha e mereça mesmo apanhar, não consigo ficar parado enquanto o prefeito despeja todo o ódio que está sentindo sobre mim. É só pelo meu orgulho que revido.

Infelizmente, quando o azar vem, parece que a desgraça entra na fila.

Ele é lançado para trás com meu soco. Merda, acho que bati muito forte. A porta se abre com o impacto do corpo dele contra ela.

Eu me aproximo do homem sem saber mais quais minhas intenções, se soco o cara ou se o ajudo a se levantar, mas Joseph ainda não desistiu. Ele me dá um chute no saco. Que tipo de homem dá um chute no saco de alguém que está pelado? Isso é golpe muito baixo.

Como o merda que me sinto neste momento, eu me encolho de dor e tropeço na porra do lençol, caindo de cara no chão do corredor do hotel.

Claro que algum idiota tinha que ter chamado a imprensa.

É assim que Ashton Ray conquista mais um tabloide. Não preciso nem perguntar, isso é grande demais para que aceitem qualquer suborno.

O vocalista da *Dominium*, pelado no corredor de um hotel qualquer, engalfinhando-se com o prefeito da cidade porque fodeu a primeira-dama. Jamais iriam abafar o caso.



Estamos reunidos no escritório. O assunto se tornou sério o bastante para forçar até mesmo Tray a se levantar antes das três da tarde e estar presente. Nosso agente, Carter, está de pé na minha frente e sua expressão demonstra toda a insatisfação que sente com minhas últimas façanhas.

Sentados ao meu lado no enorme sofá de couro branco estão Tray e Josh. Juntos, nós somos uma das mais famosas bandas de rock atual. Todos sabemos que meu deslize pode causar muitos inconvenientes.

Minha irmã mais nova, Anelyse, está de pé perto da janela. Não sei exatamente quem a chamou até aqui e nem por que sua presença é necessária. Talvez pensaram que eu fosse me envergonhar das minhas atitudes caso ela estivesse presente. A verdade é que no último caso não há muito do que me envergonhar. Eu não levei aquela desgraçada para cama, tenho certeza disso. Como vou provar isso já é outra história.

— Ashton — Carter começa e já sei que o sermão terá início —, essa não é a primeira manchete sua nesta semana.

Tento lhe oferecer meu melhor sorriso.

— Isso é bom, certo? Precisamos nos manter em destaque.

Ele continua sério.

— Isso não pode nem remotamente ser considerado algo bom. Quem sabe se estivesse salvando um filhotinho de uma árvore? Ou resgatando uma jovem de um incêndio? Até mesmo lotando um estádio para um show! Mas todas as suas últimas *doze* manchetes incluíram atos ilegais ou imorais, ou no

mínimo inadequados.

Tray abafa uma risada com a reprimenda. Ele adora quando a bronca é para mim.

— Carter, eu nunca peguei a mulher de ninguém. Deixo as comprometidas pro Tray. Não seria agora que eu iria começar, certo?

— Sempre tem uma primeira vez para tudo. Sem falar que ninguém vai acreditar em você com seu histórico.

Começo a ficar irritado.

— Com meu histórico? Claro que todo mundo vai preferir acreditar na doce primeira-dama. Aquela vaca me fodeu, cara! Eu não sei como, mas ela armou pra mim.

Tray me olha e sorri com sarcasmo. É incrível como ele leva tudo na brincadeira.

— Acontece que você é o vocalista de uma banda de rock. *De rock*, cara.

— Sério? Acho que não tinha percebido ainda.

— Não tá me ouvindo, Ash — Tray continua falando. — Enquanto você é uma estrela do rock, ela é a esposa do prefeito. Sempre faz caridade e tem o rosto de um anjo. Eles são considerados o casal mais incrível na política atual.

Josh finalmente se pronuncia e não ajuda em nada.

— Você tá ferrado, Ash. Ela é o retrato da inocência.

Olho para os dois, assustado. Parece que ficaram loucos.

— Um anjo? Retrato da inocência? A mulher é o diabo! Ela tem me perseguido há meses e eu resisti bravamente, mas aí aquele capeta deu um jeito de fazer isso tudo e agora o culpado sou eu.

Tray gargalha.

— Sinto muito, Ash. Você parece um cordeirinho em apuros, mas não

vai convencer.

Estou definitivamente ficando preocupado.

— E o que acontece agora? Já passamos por polêmicas antes, por que estão tão preocupados?

Carter balança a cabeça negativamente e sei que as notícias serão desanimadoras.

— Porque ele está te processando, Ray. Um processo do prefeito da cidade. Eu sei que seu sucesso é muito maior que Seattle, mas a repercussão desse caso será péssima para a banda. Diante do público, o homem vai pintar você como um demônio. Nossa melhor chance para salvar a imagem da *Dominium* é conseguir um acordo e, para que isso aconteça, você terá que se tornar um santo.

Observo Tray e Josh atentamente, esperando que eles comecem a rir ou algo assim, porque obviamente isso é uma piada. Só que ninguém está rindo além de mim.

— O quê? Tá falando sério? O Joseph tá me processando pelo que exatamente? Faz anos que adultério deixou de ser crime e, mesmo que ainda fosse, eu não sou casado com ele.

— Tem razão, mas o processo dele é por danos morais. Ele alega que você manchou a imagem pública dele, o humilhou diante de todos com sua *virilidade* e agora tem que arcar com o prejuízo de seus atos. A indenização que ele pede é de cem mil dólares.

Agora é um bom momento para que alguém grite “*peguei você!*”, porém, isso não acontece. Carter está olhando o documento do processo e lendo enquanto fala.

— Não estão brincando? Ele não pode acreditar que vai ganhar esse processo ridículo! Eu fui jogado no corredor de um hotel, pelado na frente das câmeras, e ele é quem se sente exposto? Não tá mesmo escrito *virilidade*

aí, tá?

Minha irmã me olha pela primeira vez e percebo decepção na expressão que ela exhibe. Caralho! Não é possível que não acreditem em mim.

— Ash, ele foi humilhado. Era a mulher dele na cama com você — ela solta.

— Humilhado por *ela*! Que processe aquela bruxa, então! Ela fez alguma coisa comigo. Querem que eu jure?

Josh se vira para me olhar e penso que irá colocar mais sal na ferida, mas ele é o Josh, o mais centrado de nós. Ele é o que mais conhece os outros.

— Não precisa jurar, eu acredito em você — diz para o restante. — A Candice estava andando atrás do Ash tinha algum tempo já. O Joseph deveria saber que uma mulher como ela só estava interessada na posição de ser casada com o prefeito. Se era *status* e dinheiro que ela queria, estaria muito mais bem servida com o Ash. Caramba, gente, se nem vocês acreditam no cara, as chances dele no tribunal são nulas.

Ao menos eles tiveram a decência de parecerem envergonhados.

— É isso, eu tenho *quase* certeza de que não transei com ela, a menos que ela tenha feito tudo sozinha. Eu estava dormindo e não me lembro de nada antes de acordar e vê-la colocando meu...

— Ei, ei, ei — Josh me interrompe. — Anelyse tá aqui.

Claro, ele tem razão. Minha irmã não precisa ouvir nada disso.

— Certo, então... Ele me processa e continua casado com ela?

— Claro que não, o prefeito não é estúpido. Os dois estão se divorciando.

Estou rindo, mas a situação não tem a mínima graça.

— Olha só, ela fode com a vida dele e com a minha e ainda sai levando metade de tudo que ele tem. Alguém mais percebe como isso é errado?

Carter suspira pesadamente.

— Isso não importa, Ashton. Nem os cem mil na verdade, porque ninguém venceria um processo ridículo como esse, ainda mais contra você. O problema é a imagem negativa que estão pintando na imprensa. Você agora é um destruidor de lares, pois separou o casal de ouro que se amava. Você seduziu Candice e humilhou Joseph. Isso irá prejudicar a imagem da banda.

Finalmente entendo que não é apenas sobre mim, mas sobre nosso trabalho e tudo que construímos juntos. É nisso que as pessoas vão pensar e se lembrar quando ouvirem o nome da *Dominium*.

— Tudo bem, o que eu faço?



JULIA

— Olha isso aqui! Esse Ashton é um babaca! Brigas no trânsito toda semana, algumas mais sérias que outras. Alguém sabe dizer por que ele espancou o garçom desse restaurante aqui?

Tenho nas mãos os jornais que mostram as últimas façanhas do astro mimado do rock que querem que eu vigie.

Klaus, meu chefe, olha para mim entediado, como se estivesse preparado para meu chique. Sentado confortavelmente em sua poltrona caríssima, vestindo seu terno de corte impecável, ele alisa os cabelos grisalhos. Meu chefe com certeza já viu cenas mais interessantes que a que faço agora. Ele me responde com muita calma.

— Dizem que o molho que veio para acompanhar a carne estava frio.
Reviro os olhos.

— Isso não pode ser verdade. Não consigo acreditar que alguém

possa ser idiota nesse nível.

Ele me olha com piedade.

— Julia, eu sei que está tentando sair fora, mas quanto mais cita as excentricidades dele, mais se torna óbvio que ele precisa de supervisão.

— E eu lá sou babá agora? Sou *advogada*. Esse homem precisa de um assessor, de alguém que lhe diga o que fazer.

— Sim, você é *estagiária* aqui. Escolheu iniciar a pós e continuar estagiando, então é isso. Nossa firma pegou o caso e irá nos dar um destaque absurdo, mas não podemos perder essa causa em hipótese alguma. Por mais que já pareça ganha, ele é um *rockstar* e eles têm a tendência de serem impulsivos e fazerem coisas estúpidas. Pode colocar tudo a perder e não podemos permitir isso.

— Isso é inacreditável! Nunca ouvi nada tão surreal. Se é mesmo necessário, quero saber exatamente o que preciso fazer e o que não posso permitir que a *estrela* faça.

Noto que Klaus solta o ar que estava prendendo, aliviado; ao que parece não estava tão certo de que eu aceitaria. Como se fosse possível que eu recusasse algum caso, arriscando uma demissão e perdendo meu estágio, que é o que financeiramente possibilita que eu continue os estudos.

— Você irá trabalhar como em qualquer outro caso; vai conversar com o cliente, ouvir a versão dele, encontrar a melhor forma de defendê-lo e repassar para nós para que juntos possamos decidir o que fazer. Como extra, vai garantir que ele não faça nenhuma bobagem. Será uma espécie de guarda-costas disfarçada.

— Quando ele for sair e a banda for se apresentar, terei que ir junto? Por quanto tempo?

— Na verdade, vai ficar na mansão da *Dominium* o dia todo, até a noite, pelos próximos meses. Pode dormir em sua casa, mas eu não

aconselho. Eles se ofereceram para providenciar um quarto para que fique por lá. Sabemos bem que a noite é o momento mais apropriado para que Ashton apronte alguma e bem... É o seu trabalho que está em jogo aqui.

— Quer dizer que, se eu falhar, perco meu emprego? Sabe que estou grávida, certo? Não posso ficar desempregada agora e nem deveria passar por essa situação tensa.

— Sim, sei que está grávida de poucas semanas, então não há nada que a impeça de ir até lá e fazer seu trabalho. Além disso, se falharmos, todos podemos nos considerar desempregados. Como fez questão de deixar claro, ele é uma estrela do rock. A mídia vai nos destruir se perdermos o caso.

Finalmente entendo como isso é grande.

— Por que aceitou?

— Porque as chances de ganharmos são muito maiores do que a de perdermos. Caso ganhemos, teremos apenas casos grandes daí em diante.

— Mas independente do resultado, ganharemos a animosidade do prefeito.

Ele dá de ombros.

— Isso não importa. Ele não pode se reeleger, portanto, está com os dias contados.

Apesar de toda a situação me irritar, não é mesmo como se fosse algo que eu pudesse escolher. Além disso, passar um tempo fora de casa vai ser bom por outros motivos; por exemplo — e principalmente — me esconder de Eric, meu ex-namorado canalha.

Resignada com meu destino, peço licença e saio da sala, no alto dos meus saltos, tentando parecer no controle da minha vida apesar de tudo o que o acaso insiste em colocar em meu caminho para me tirar do eixo.

Agora precisarei preparar minha mudança temporária e torcer muito para que Ashton Ray ao menos não seja tão insuportável quanto parece. Para

que não seja eu a me tornar alguém que exerce a violência e acabe em alguma manchete.

“Grávida louca ataca estrela do rock”.



JULIA

Paro meu carro diante dos enormes portões de ferro que ocultam a mansão de olhares mais curiosos. Vejo dois homens protegendo a entrada em uma pequena guarita, de onde vigiam todos os que ousam se aproximar. Provavelmente é dali mesmo que enxotam *paparazzi* aos montes.

— Boa tarde! Meu nome é Julia Foster, sou a nova advogada do senhor Ray.

Noto a descrença na troca de olhares entre os seguranças. Provavelmente porque todos os dias as mulheres tentam entrar no território dos *rockstars* com as mais variadas desculpas.

— Vai precisar nos dar mais informação do que isso se quiser entrar, docinho.

O segurança se aproxima do carro e pisca para mim, certamente pensando que talvez eu me interesse por ele caso não consiga entrar na mansão. Reviro meus olhos com a ideia. É inacreditável a postura *profissional* dele.

— Senhor, eu sou estagiária na firma de advocacia Brothers King e me chamo Julia Foster, como já mencionei. Todas essas informações podem ser confirmadas com meu chefe ou com o seu, que já deve estar me aguardando. Inclusive, qual seu nome? Devo dizer a ele quem foi responsável pelo meu atraso.

Ele ri com deboche.

— O Ash não se importa muito com atrasos, moça. Me dê seu cartão que irei confirmar suas credenciais.

Um pouco a contragosto, entrego nas mãos dele. O cartão é em papel

couché aveludado e preto, as letras laminadas em branco se destacam e dão um ar de sofisticação moderna, que atrai e passa segurança ao mesmo tempo. Isso quer dizer que só de olhar para ele é possível imaginar que eu não o imprimi em casa apenas para me jogar sobre o bonitão encenqueiro. O segurança parece pensar o mesmo, pois me olha sério pela primeira vez. Em seguida, o segurança me dá as costas e se dirige à cabine, provavelmente a fim de fazer a ligação para confirmar tudo que eu lhe disse.

Vejo-o levar o telefone ao ouvido e logo iniciar uma conversa com alguém. Pela primeira vez desde que aceitei o caso, sinto-me insegura. O segurança não me levou a sério porque pareço jovem demais. E se o mesmo ocorrer com o troglodita que me aguarda do lado de dentro da mansão?

Já havia pensado nisso antes de sair de casa, por isso, visando me mostrar séria e determinada, vesti uma saia lápis preta e justa, na altura dos joelhos, e uma camisa branca com as mangas dobradas até os cotovelos. Meus cabelos pretos estão presos em um rabo bem no alto da cabeça. Pareço estranha descrevendo minhas roupas? O que quero dizer com isso é que ao menos estou vestida de maneira profissional, o que deve me dar algum crédito.

Vejo o homem caminhar em minha direção outra vez, agora com uma postura diferente.

— O senhor Carter e os rapazes estão a aguardando.

Ele faz um sinal para o colega, que permaneceu durante todo o tempo na guarita, e o outro abre os portões. Entro por eles e pelo retrovisor posso vê-los serem fechados rapidamente. Quando volto meus olhos para frente, fico impressionada. Nem em meus mais loucos sonhos poderia prever o que me esperaria do lado de dentro dessa fortaleza.

Um caminho de pedras se estende por vários metros, ladeado por árvores que se encontram nas copas, fazendo sombra e formando um arco. O

resultado é um túnel verde lindo; creio que até mesmo inadequado para a residência de uma banda de rock. Eles não deveriam morar em um apartamento moderno e despojado, onde rola todo tipo de promiscuidade?

Não demora para que eu estacione meu *Sonic* diante da mansão. Meus olhos ainda custam a crer que esse casarão seja mesmo o lar da *Dominium*. A elegância clássica é substituída por algo mais próximo do que eu esperava do lado de dentro. Noto isso quando uma mulher, algumas dezenas de anos mais velha que eu, abre a porta e me convida para entrar.

A casa é decorada com diversos quadros de bandas famosas, que certamente serviram de inspiração para eles em um passado não muito distante. Instrumentos musicais estão expostos em redomas de vidro como se fossem relíquias; pensando bem, devem ser mesmo.

O pé direito do lugar é alto e corredores diversos mostram que a casa não é apenas imponente, mas imensa, em uma magnitude que mal posso supor. Um enorme sofá de couro preto toma conta de toda a parede e, de frente para ele, a maior televisão que já vi na vida repousa sobre um painel.

Será que poderei assistir a algum filme durante minha estadia aqui? É quase como ter um cinema em casa. Eu não devo ficar vigiando meu cliente vinte e quatro horas por dia, certo? Talvez tenha outras vantagens em ficar aqui, além da óbvia de não correr o risco de acordar com Eric batendo em minha porta.

A mulher que me convidou a entrar, que imagino ser empregada deles, deixou-me sozinha na sala a fim de avisá-los de que estou aqui, mas logo a vejo retornar.

Ela abre as portas que separam a sala do que devem ser os cômodos mais restritos da mansão e, mesmo que eu queira me manter acima de tudo isso, não posso deixar de observar fascinada que elas mais se parecem com uma parede gigante de vidro, que escorre água por dentro constantemente.

Por mais que eu saiba que jamais poderei pagar por algo assim, faço uma nota mental para descobrir de onde saíram essas portas incríveis.

— Pode me acompanhar, senhorita. É por aqui.

Acompanho-a pelo longo corredor e me preparo para conhecer a banda famosa e polêmica. Posso ver garrafas vazias espalhadas pelo chão, copos descartados por todos os lugares e inclusive algo muito semelhante a um preservativo, mas que com toda minha determinação tento enxergar como uma luva cirúrgica, afinal, elas não são usadas apenas em cirurgias. A senhora que caminha ligeiramente a minha frente pode gostar de usá-las em suas árduas faxinas.

Enfim, são indícios de que uma festa ocorreu aqui na noite anterior e isso reforça meu trabalho, pois se eles levam as festas para casa, não seria mesmo possível que eu mantivesse o rapaz afastado de encrenca morando do outro lado da cidade.

A mulher abre duas portas de madeira. O que gente rica tem contra uma porta única? Já posso ouvir o burburinho da conversa. Eu esperava que ela me anunciasse ou algo assim, mas é óbvio que não faria isso; não é como se a empregada fosse um mordomo do século XIX. A senhora apenas dá as costas para mim e sai, deixando-me sem alternativa a não ser a de entrar e me apresentar por conta própria.

Até então conheço os componentes da banda apenas por ocasionais programas de televisão, aos quais nunca me atentei, e por fotos em revistas para as quais nunca dediquei meu foco. Ou seja, não estava nem um pouco preparada para a visão deles reunidos. Sabia que eram bonitos, claro, mas isso...

Ao entrar, deparo-me com a *paisagem* mais estarrecedora de todos os meus vinte e oito anos: os homens mais bonitos que já pisaram sobre a Terra em apenas um lugar. Claro que, por formarem uma banda tão famosa, eu já

os vira algumas vezes, como disse anteriormente, mas não sou fã, então nunca me dei ao trabalho de analisar a aparência deles; o que agora se tornou impossível evitar.

Para mim eles todos se parecem um pouco, não são os traços, os olhos ou cabelos. Não, fisicamente eles são bem diferentes, mas as tatuagens tornam dois deles muito parecidos e o terceiro, que tem os braços a mostra em uma regata branca, parece ser o único que não as exhibe por todo o corpo. Mesmo assim, algo nele faz com que seja nítido que faz parte do trio. Talvez seja apenas autoconfiança demais para o ambiente, afinal, não tem como um homem com essa aparência não ter o ego maior que a própria mansão. Eles são a síntese perfeita de “tanto faz”.

Finalmente me dou conta de que estou encarando-os sem dizer uma palavra, mas alguém pode me culpar? Não vemos homens como esses todos os dias. Em pensar que desejei tanto poder desistir desse trabalho, porém, quanto mais penso, mais me convenço de que existem vantagens. Acabo de descobrir mais uma: *a vista fantástica*.

— Boa tarde, senhores! — Encontro minha voz. — Creio que foram informados sobre minha vinda para cá. Meu nome é Julia Foster e sou uma estagiária na Brothers King. Ficarei responsável pelo caso do senhor Ray.

Três pares de olhos me encaram atentamente e em silêncio. Porém, um deles me analisa com maior determinação, como se tentasse descobrir de que planeta eu vim, como se eu fosse intrigante.

Um quarto homem, este mais velho um pouco, que eu nem mesmo havia notado a princípio, levanta-se e se dirige a mim.

— Obrigado por se dispor a nos ajudar, senhorita Foster. Eu sou Carter Tomas, responsável pela carreira dos rapazes.

Logo em seguida, ele me apresenta aos outros.

— Esse é Josh Nicols — diz, apontando para o que está sentado mais

próximo a ele, o sem tatuagens.

O homem é tão lindo quanto os outros dois. Tem os olhos de um azul intenso e o corpo bem trabalhado, porém, é mais sério e à primeira vista me passa a impressão de ser um pouco tímido.

— Tray Anders. — Desta vez, refere-se ao bonitão que me olha com cara de quem quer me comer aqui e agora, mas pelo seu jeito descarado, eu juraria que é o olhar que ele dirige para qualquer mulher.

Ele também tem os olhos azuis, mas, ao contrário de Josh, é bastante descarado e com certeza não conhece o sentido da palavra timidez. O corpo é todo coberto por tatuagens, ao menos em todas as partes visíveis, com exceção do rosto.

— E finalmente seu cliente, o amante dos tabloides, Ashton Ray.

Eu aceno afirmativamente a cada apresentação e cumprimento-os com um aperto de mão firme.

Porém, quando Ashton toma minha mão na sua, sinto um arrepio correr por toda minha coluna. Não sei dizer se foi seu toque ou a intensidade em seus olhos escuros, mas nem de longe comuns. Contra todo meu bom senso, percorro seu corpo com meu olhar traidor.

O homem sabe ser gostoso! O maxilar quadrado com um cavanhaque muito bem aparado, os olhos escuros e insondáveis, os cabelos castanhos cortados de maneira casual, tudo nele é sexy.

Usando uma camiseta preta colada, posso ter uma visão privilegiada dos braços fortes que pressionam o tecido e apenas imaginar o que está por baixo dela. A calça jeans escura não é tão justa quanto alguns homens usam hoje em dia, mas mesmo assim não oculta as coxas musculosas.

Apenas com minha rápida inspeção posso dizer que há muito treino ali, horas de academia, porque um corpo como esse não é dado a ninguém sem que muito esforço seja feito.

Ashton Ray é um convite descarado para o sexo.

É obvio que isso tudo é apenas a análise que meu corpo fez; um corpo que não transa tem algum tempo e que não tem um orgasmo há mais tempo ainda. Minha mente, por outro lado, confirma no primeiro instante que o cara é encrenca.

Ele tem um olhar que consegue deixar uma mulher excitada em segundos, sem falar nos músculos definidos e braços espetaculares. O pacote completo para desestabilizar até a mente mais centrada do universo. Todas, exceto a minha. Com toda certeza serei a resistência, certo? Só me assusta o fato de eu precisar me fazer essa pergunta sem ter trocado nenhuma palavra com ele. Sorte minha ter fortes motivos para o atual celibato.

Um bebê! Finalmente serei mãe. É a realização de um sonho de anos.

Tento me lembrar do ponto em que estávamos na conversa e me concentrar no assessor, Carter, e no que ele está falando. Pelo menos posso agradecer por ser muito boa em camuflar minhas expressões.

— Então, tudo que terá que fazer é ficar por perto e, enquanto isso, repassar as informações para que a defesa dele seja preparada...

Ouço-o concluir e espero não ter perdido nada importante enquanto admirava o deus grego do caos.

— Claro — respondo. — Estou aqui para ajudar o senhor Ray a agir de acordo com o esperado para que consigamos um acordo, para que isso termine antes que chegue aos tribunais.

Carter acena afirmativamente e vejo que aprova minhas palavras, mas é Ashton quem fala comigo, com aquela voz, a mesma que vale milhões de dólares. Mesmo que eu não seja uma de suas fãs, devo reconhecer que realmente ele tem o timbre perfeito. Qualquer coisa dita por ele dessa forma rouca e sensual teria aprovação imediata do público feminino. Óbvio que isso não o isenta de ser um babaca arrogante.

— Quer dizer que pagamos um valor absurdo e nos enviam uma estagiária? Claro que se fosse uma advogada competente estaria solucionando casos e não trabalhando como cuidadora. — Ele não aguarda resposta. — Como planeja me vigiar o tempo todo? Vai ficar aqui por um tempo, mas é impossível que esteja ao meu lado a cada minuto.

O sorriso dele é cínico, como se estivesse me desafiando. Estúpido.

— Senhor Ray, garanto que por mais que seja eu a estar aqui em sua casa, os melhores advogados da firma estarão envolvidos e empenhados em resolver seu caso.

— Isso apenas reafirma o que eu disse: você não é uma das melhores. Ele está começando a me irritar.

— Bom, acho que o senhor não consegue compreender o termo “estagiária” em sua amplitude. Vou tentar explicar de uma maneira que seu intelecto consiga assimilar. Eu sou formada em direito, senhor Ray, porém, iniciei uma pós-graduação logo que me formei. Trabalho como estagiária para adquirir experiência enquanto termino os estudos, mas parece que seu caso é importante o bastante para que meu chefe tome a frente de tudo. No entanto, seria no mínimo inadequado que ele, sendo um homem casado e com filhos, deixasse sua casa para morar aqui por alguns meses para ficar de babá de um homem adulto.

O único sinal de surpresa emitido por ele está nos olhos. Percebo o choque pela maneira como me encara. Se estava esperando que eu ficasse quieta enquanto fazia pouco de mim, percebeu que as coisas não serão assim entre nós.

— E sobre vigiá-lo... Posso garantir que farei o possível, mas conto com seu senso de autopreservação e com alguma inteligência de sua parte para saber que o melhor é se manter longe de confusões.

Eu noto que o desestabilizo com minhas palavras sutilmente

grosseiras. Ainda assim seu sorriso apenas vacila para em seguida se alargar mais; ao que parece ele achou minha resposta engraçada.

— Inteligência? — questiona com sua voz irritantemente sensual. — Sou apenas um músico. Neurônios são pra advogadas gostosas e pra agentes como o Carter.

Um silêncio perturbador cai sobre todos no escritório.

Esse imbecil acaba de me chamar de gostosa na frente de todos? Não que não seja envaidecedor ser considerada atraente por um homem como ele, mas, ao mesmo tempo, isso é altamente inapropriado e parece desacreditar minha carreira profissional, que sim, é promissora.

— Sabe, o fato de ser um *baterista* não significa que tenha que ser um homem sem cultura ou conhecimentos. Porém, se está tentando intimidar a pessoa que pode salvar sua pele neste processo ou arrasá-lo diante de todos, devo reconsiderar minha opinião a seu respeito, já que isso não me parece uma atitude de alguém sensato.

Ele me olha com evidente irritação e percebo que adoro isso. Sinto-me mexendo em um vespeiro. Estou aqui para ajudá-lo a se manter calmo e a evitar problemas, mas, em poucos minutos de conversa, me pego tentando descobrir por que se descontrola com tanta facilidade.

Seu ego agora se encontra machucado. Claro que eu sei que ele é o vocalista, mas não pude me negar o prazer de irritá-lo e ver até onde vai sua famosa cólera, tão semelhante a de Aquiles, o herói grego.

— Eu não sou baterista.

Seu tom não transmite a fúria que eu esperava e ele não rebateu minha afirmação sobre sua insensatez. A maneira que fala é como se apenas constatasse um fato. Por um momento, estranho que tenha se controlado tão rapidamente.

— Me desculpe, não costumo acompanhar a banda de vocês. Não

estou os menosprezando de maneira alguma, apenas não sou uma pessoa muito musical.

Eles se olham como se de repente houvessem nascido chifres sobre a minha cabeça.

— Tá dizendo que não apenas o rock não é sua preferência musical, mas que não costuma ouvir nenhum outro estilo? — Ashton questiona abismado.

Eu sorrio um pouco sem jeito. Não deveria ter dito isso para três músicos.

— Bem... Sim. Eu sei que parece estranho. Não é como se não gostasse de música, só não tenho o hábito de ouvir.

Ele assente e continua me encarando como se eu fosse algo difícil de ser decifrado, uma incógnita.

— Bom, onde posso colocar minhas coisas? Me disseram que haviam preparado um quarto para mim. Gostaria de guardar minha bolsa antes de conversarmos melhor sobre o processo.

O sorriso zombeteiro volta aos lábios dele. Noto que Tray também me olha sedutoramente, e é ele quem diz:

— Realmente foi providenciado um quarto. Se não for de seu agrado, pode ficar com o meu, com a minha cama, comigo...

Deus do céu... Eu estava reclamando da minha nova função ontem mesmo, agora estou aqui, no que parece um daqueles sonhos eróticos, torcendo para que a qualquer momento os três espécimes deliciosos a minha frente comecem a se despir e todos venham se banquetear de mim. Certo, se isso acontecesse, eu sairia correndo e gritando, mas com um deles eu poderia lidar, ou apenas usaria minha imaginação quando estivesse sozinha.

Ashton olha de Tray para mim com o cenho franzido, desaprovando a brincadeira. Ao que parece ele já se considera o único no direito de

comentários impróprios a meu respeito.

— Tray, se toca. Ela não tá interessada.

Ele afirma, mas percebo que me analisa, especulando e aguardando uma confirmação minha.

— Eu gostaria de um quarto particular, de preferência com uma chave que fique em meu poder apenas.

Ashton aprova minha resposta, mas é Carter quem me conduz para fora.

— Vou levar a senhorita Foster para guardar suas coisas e em seguida sairei para resolver alguns detalhes de última hora para o próximo show. Podem me ligar se precisarem.

E então saímos para o corredor. Enquanto caminho para aquele que será meu quarto durante os próximos meses, não consigo deixar de pensar no vocalista e em sua arrogância absurda. Será mesmo muito difícil nossa convivência, mas prefiro que continue agindo como um imbecil egocêntrico, porque com uma aparência daquelas, se também fosse gentil com uma mulher no meu estado, seria covardia.



JULIA

Acordo incomodada no meio da noite. Não sei que horas são e nem por quanto tempo dormi desde que me fechei aqui dentro. Estou aqui enfurnada desde mais cedo, quando Carter me mostrou o quarto que haviam preparado para minha estadia na mansão. Não vi razão para sair daqui, pois é tudo simplesmente lindo!

As paredes são revestidas com um papel cinza listrado de preto; moderno e bonito. A cama grande de casal é centralizada e atraiu minha atenção imediatamente após cruzar a porta. Ela é imensa e coberta por almofadas nas cores preto, branco e cinza. Um tapete, macio e convidativo, em tom chumbo, ladeia a cama. As pesadas cortinas ocultam as portas que descobri que dão para a sacada.

O guarda-roupa preto, com puxadores cromados, está abastecido com lençóis limpos, toalhas e cobertores. O restante do espaço vazio foi limpo e preparado para receber meus pertences.

O quarto de hóspedes tem um banheiro bonito e *clean*. O chuveiro é digital e a bancada com duas pias fica diante de um espelho imenso, que pode ser uma benção ou uma maldição dependendo da minha aparência no dia. Também tem também uma banheira de tamanho razoável e muito convidativa. Imagino que as outras suítes sejam ainda maiores e mais modernas.

Infelizmente, por mais perfeito que tudo possa parecer, há um problema. Não tive certeza até acordar suando, com os cabelos molhados, sentindo-me como se estivesse em uma sauna. Não há um ventilador sequer pela razão óbvia de que o quarto possui ar-condicionado, porém, pude

constatar depois de algumas tentativas o que eu já havia suspeitado. Está quebrado.

Seattle não é conhecida pelo clima quente, muito pelo contrário, costuma sempre cair aquela garoa, que não chega a incomodar, mas te deixa com uma aparência de quem acaba de sair do banho o tempo todo. Apesar disso, é verão e faz um calor razoável lá fora, porém, aqui dentro do quarto abafado, sem nenhuma ventilação, é como se eu estivesse em uma sauna, uma grande e bonita, mas ainda assim uma sauna.

Minha garganta seca começa a me irritar e sinto muita sede. Viro-me de lado e chuto o lençol, tentando obter algum frescor, mas nas condições climáticas em que se encontra o quarto isso se torna impossível.

Levanto-me inconformada e abro a porta da varanda para que o ar circule. Apesar de estar com sono, não tem outro jeito, preciso de um copo de água. Prendo os cabelos e coloco meu short folgado antes de deixar o inferno para trás e me esgueirar pelos corredores escuros e, graças aos céus, silenciosos, em busca da cozinha.

Sigo reto até o fim, passando por algumas portas que provavelmente são dos quartos onde dormem os rapazes da banda. Repreendo-me mentalmente por não ter gravado exatamente onde a cozinha fica. Apesar de Carter ter me mostrado rapidamente o cômodo, uma bandeja foi levada para mim no quarto na hora do jantar e acabei não me familiarizando muito bem com o lugar.

Quando chego a uma bifurcação, avisto a geladeira enorme de inox. Dou poucos passos e me refresco com o ar que sai das portas abertas dela; teoricamente a abri para pegar água gelada, mas oportunidades são para serem aproveitadas.

Abro o armário em busca de um copo e faço uma prece para não ser pega aqui; não é como se estivesse fazendo algo errado, mas seria um pouco

constrangedor que me encontrassem fuçando os armários. Encho o copo de água e tomo de uma vez. Depois tomo mais um só por precaução.

Fecho a geladeira, repouso o copo vazio sobre a pia e, ainda sonolenta, caminho de volta para o meu quarto. Abro a porta e entro bocejando, mas então congelo instantaneamente.

A expressão “*cantor de chuveiro*” acaba de ganhar novas proporções.

Diante de mim está Ashton, cantando um de seus sucessos em voz baixa, tomando banho. Nu e tomando banho. EU JÁ DISSE QUE ELE ESTÁ PELADO?

Tardiamente, meu cérebro me avisa de que entrei na suíte errada. Uma parede de vidro transparente é o que o separa de mim, além da enorme cama entre nós. Porém, a estética majestosa do ambiente não tem importância alguma se comparada à cena que estou testemunhando.

Água escorre pela pele lisa. Ele está de frente para mim, de olhos fechados. Tenho uma visão privilegiada. Os músculos definidos, os ombros largos, o abdômen trabalhado nos gominhos...

Indo contra todo meu bom senso, percebo que começo a ficar excitada apenas com a visão.

Apesar dos alertas emitidos por minha mente para que feche a porta e saia daqui, vejo-me paralisada e sem conseguir desviar meus olhos. Passo a acompanhar o deslizar das mãos dele ensaboando o corpo todo e, quando penso que a visão não poderia melhorar, ele envolve o membro e o massageia lentamente, chamando minha atenção para ele. Devo dizer que Ashton pode ter a voz perfeita, mas o que o torna um astro está diante de mim agora, grande, na grossura ideal, com uma aparência bastante atrativa.

Óbvio que isso não altera em nada a personalidade do homem, meu trabalho ou minha gravidez.

Apesar de me repreender mentalmente, minha boca se enche de água

com a visão. Isso é muito, muito errado. Mesmo assim, sou humana e não há nenhuma chance de que não me sinta acesa com a imagem desse homem tomando banho e manuseando o pênis com tamanha naturalidade.

Neste momento, para meu total desespero, ele abre os olhos e seu olhar encontra o meu. Um lampejo de surpresa passa por seus olhos, mas logo um sorriso cafajeste se estampa em seu rosto e ele intensifica os movimentos. Se antes Ashton apenas se lavava, agora se masturba descaradamente; e sim, é demais para mim.

O sono se vai completamente quando o pênis começa a crescer em sua mão. Sinto minha calcinha umedecendo, claramente resultado do exibicionismo que presencio.

Meu cérebro grita todo tipo de aviso para que eu me mova para longe dele, mas dizer isso para meu sexo, que agora está pulsando de desejo, ou para meus mamilos rígidos sob a camiseta, é outra história.

Vagarosamente, como se fosse uma fera espreitando sua presa, fazendo o possível para não a assustar, ele abre a porta transparente que nos separa, em um convite silencioso. Seu pau enorme aponta diretamente para mim.

— Quer entrar no banho comigo?

Encaro-o nos olhos novamente e percebo que o sorriso sumiu, substituído por uma expressão de fome e desejo, semelhantes ao que estou sentindo agora. Posso dizer que estou tão molhada quanto ele e nem mesmo me aproximei do chuveiro.

Seria fácil, muito fácil, me render, mas minha vida gira em torno de outra pessoa agora.

Não posso ceder a impulsos puramente sexuais com um total desconhecido, e muito presunçoso por sinal. Meu filho é tudo que quis por muito tempo. Meu maior sonho sempre foi ter uma família, alguém com

quem dividir minha vida e, agora que consegui, não quero complicar as coisas apenas por ser inconsequente.

Sexo casual está fora de cogitação, por mais promissor que ele pareça.

Recordo-me de como o tratei mais cedo e decido manter a fachada segura e desinteressada, então, revidando a altura e usando toda minha força de vontade, respondo sua pergunta abusada.

— Prefiro não me molhar por pouca coisa. Quem sabe se tivesse mais a oferecer...

Vou embora o mais rápido que posso para não dar na cara que estou literalmente em fuga. Saio sem nem ao menos fechar a porta atrás de mim e entro no quarto ao lado, trancando-me aqui. Agora estou novamente com calor, mas dessa vez os motivos são completamente distintos.

Aquele homem é do tipo que exala problemas pelos poros e eu sou a pessoa encarregada de mantê-lo na linha. Posso começar me mantendo a uma distância segura.

Minha mente sempre racional me alerta, mas meu corpo... discorda completamente.



ASHTON

Senti a presença de Julia antes mesmo de vê-la; a princípio, pensei que fosse um dos outros caras, mas quando nenhuma palavra foi dita, percebi que era ela.

Não pretendia assustá-la, então mantive meus olhos fechados tempo o suficiente para que saísse pela porta que acabara de abrir e fingisse que nada demais havia acontecido. Mas a safada ficou.

Quando abri meus olhos e a encarei, percebi a respiração acelerada, o peito subindo e descendo, os lábios entreabertos e o olhar fixo em mim. Ela estava gostando do show.

Julia é gostosa e muito sensual. Ela pode dizer o que quiser, mas estava louca para entrar no chuveiro comigo e eu não pude perder a oportunidade de provocar.

Depois que a vi fugir como se sua vida dependesse disso, não a encontrei mais. Não até agora.

A *Dominium* tinha um show agendado em uma casa de shows chamada *Sensitive* e o olhar dela me acompanhou durante toda a apresentação.

Sei que se a questionar ou tocar no assunto do seu *voyeurismo*, ela com toda certeza vai negar e dizer que entrou no meu quarto por engano, que estava trabalhando e por isso não desgrudava os olhos de mim. Porém, tenho quase certeza de que ela se sente atraída por mim e preciso confirmar isso.

Ela é um pouco antipática, mas muito deliciosa. Cara, se ela quiser, eu quero.

Chegamos em casa após o show — porque eu tenho hora para voltar agora, como quando tinha dez anos — e já percebo que estamos a sós, pois sou o único que tem regras e que precisa segui-las.

Encontro-a na cozinha tomando água. Ela está segurando os cabelos pretos para o alto em uma tentativa de se refrescar. Aproximo-me, não o bastante para ganhar outro processo — dessa vez por assédio —, mas o suficiente para que Julia sinta minha presença.

— Ah... Oi, Ashton. Não vi você aí...

Ela me observa e percebo que ainda está constrangida com o que houve, mas tenta demonstrar segurança e indiferença.

— Oi, Julia. Vamos comer alguma coisa? Eu tô com fome. Que tal

pizza?

Ela assente, concordando com minha sugestão.

Saco o celular do bolso e acesso o aplicativo para pedidos online. Eu poderia dizer a ela quais as opções, mas por que faria isso se posso usar como desculpa e me aproximar um pouco mais?

Julia está encostada na bancada da pia, usando um vestidinho preto e justo, que mostra bem cada curva do seu corpo. Eu me posiciono a sua frente, com suas pernas entre as minhas, quase a tocando, e mostro a tela do celular para que possa ver o cardápio. Espero que ela fique quieta e assustada, mas não estava preparado para as palavras que saem de sua boca.

— Sério isso, Ashton? Tá tentando me intimidar? Acha que se chegar mais perto vou me jogar nos seus braços?

Apesar de ter me pegado de surpresa, dou a ela meu melhor sorriso sacana.

— Vai dizer que não quer? Ontem à noite, pareceu bastante tentada quando entrou no meu quarto pra me assistir tomando banho.

— Sabe muito bem que me confundi. Seu quarto fica ao lado do meu e abri a porta errada. E, se me lembro bem, eu disse claramente que você não tinha o bastante pra me tentar.

Ela espalma as duas mãos no meu peito; as unhas pintadas de vermelho são um afrodisíaco para mim, porém, ao contrário do que eu espero, Julia não se aproxima e sim me empurra levemente para longe.

— Quero quatro queijos — ela diz. — Pode ser metade. Você escolhe o outro sabor.

A mulher sai rebolando sensualmente em direção à sala. Diz que não quer, mas fica me atijando. Ela não é uma das fãs que ficam se jogando e até entrando escondidas nos quartos de hotéis onde me hospedo, só que também não é nenhuma santa. Antes que a noite acabe, eu vou provar sua boca

gostosa e mostrar que o que posso oferecer não é pouco.

Quando chego à sala, percebo que escolheu a poltrona para se sentar enquanto aguardamos; claro que de caso pensado para que eu me sente longe dela, entretanto, quanto mais foge, mais me mostra que tem medo de ceder. Talvez não seja tão fácil assim, justamente porque ela sabe que é proibido.

Eu deveria me manter afastado por dois grandes motivos.

O primeiro é simplesmente porque não sou assim. Claro que já estive com muitas mulheres. Ossos do ofício, certo? Mas não sou como o Tray. Geralmente me lembro de cada nome e costume conhecê-las primeiro, salvo no caso das fãs invasoras. Em segundo lugar, porque não devo me meter com o que é proibido, principalmente pessoas. Já tenho problemas demais agora para correr o risco. Julia parece pensar o mesmo, mas a tensão sexual entre nós é gigantesca e meu ego grita que preciso confirmar que não estou nesta sozinho.

— Que tal um filme?

Ela me dá um sorriso, acho que o primeiro sincero. Porra, e é muito lindo.

— Tudo bem, mas eu escolho. Tenho tido fantasias com essa televisão de cinema.

— Só com a televisão? — Eu não posso perder a oportunidade de provocá-la.

Julia me observa e seu olhar tem aquele brilho de malícia.

— Na verdade, não. Alguns músicos são mesmo muito instigantes e, depois de ontem, tive um sonho um pouco impróprio...

Cara, eu sabia! Tinha certeza de que ela também queria.

— É mesmo, Julia? E pode me contar com o que você sonhou?

Eu *preciso* saber.

— Promete que fica entre nós? — Julia usa uma voz tão sensual que

sinto meu pau se erguendo lentamente em perspectiva. Isso vai ser muito bom.

— Claro que prometo. Será nosso segredo sujo.

Ela parece um pouco tímida, mas não sei se é ensaiado ou não.

— Foi ali, na bancada da cozinha. No meu sonho, eu me levantei à noite procurando algo pra beber, mas quando abri a porta da geladeira, mãos fortes e tatuadas rodearam minha cintura.

Merda! Se eu não enlouquecer agora, não sei de mais nada.

— Eu me assustei um pouco e logo as mãos subiram e começaram a acariciar meus seios...

A voz dela está baixa, sussurrada, mas meu cacete já está lá no alto.

— Levantaram minha blusa e começaram a me tocar. Eu estava gostando muito, mas queria mais intensidade...

Ah, cara, eu vou dar toda intensidade que ela quiser.

— Então, me virei de frente, a fim de beijar a boca gostosa que já falava sacanagem no meu ouvido. Eu estava muito excitada e louca pra prosseguir com aquilo.

— Hum...

Já não sei se estou concordando, incentivando ou se é um gemido mesmo. Eu preciso ter essa mulher na minha cama e realizar a fantasia dela na bancada da pia.

— Então, de repente, Tray me pegou no colo e beijou minha boca.

Que porra é essa? Minha ereção despenca na mesma hora.

— Você disse Tray?

Ela assente com a cabeça.

— O que te fez pensar que eu iria querer saber desse sonho?

Julia sorri. É uma desgraçada sacana! Contou-me tudo isso mesmo sabendo que eu não ia gostar nem um pouco.

— Foi você quem perguntou, Ashton.

O interfone toca e eu me levanto para pegar a pizza. Estou puto com tudo isso. Por que diabos elas sempre gostam dele? Eu aqui, idiota, pensando que ela estava a fim, quando Julia estava fantasiando cenas de sexo com o Tray.

Pego o pedido com o segurança, agradeço por trazer e em seguida coloco sobre a mesa da sala.

— Julia, pode ficar à vontade. Os pratos estão no armário na cozinha. Eu não vou comer, perdi a fome.

Deixo-a sentada na poltrona, encarando-me como se não soubesse o que houve, e vou me deitar. Já deu por hoje.



JULIA

Que criancice foi essa, Julia? Precisava fazer isso com o rapaz? Repreendo-me e xingo baixinho ao vê-lo se afastar furioso. Acho que passei dos limites com a brincadeira. Eu poderia ter dito que sonhei com Tray e pronto; o que é mentira, mas não havia necessidade de deixá-lo animado e depois jogar um balde de água fria em cima.

Além de ter vindo para casa depois do show, ainda vai para a cama sem comer. Eu me sinto bastante culpada agora. Não sei o que ele tem, mas desperta meu pior lado. Eu gosto de provocá-lo e isso é muito perigoso. Faço o possível para disfarçar como Ashton tem mexido comigo desde que o vi, ainda ontem pela manhã. Um dia e já estou assim.

Agora estou aqui, com uma pizza inteira só para mim. Posso assistir uma comédia romântica se quiser e mesmo assim sei que não vou conseguir,

não agora, sabendo que ele está com tanta raiva.

Peso os prós e contras por uns minutos e, contrariando mais uma vez o bom senso, vou atrás dele. Bato na porta do quarto e ele a abre. Percebo que em pouco tempo já se preparou para dormir. Está usando apenas uma bermuda com o elástico bem solto, que deixa entrever uma trilha bastante sugestiva.

No que eu estou pensando? Esses malditos hormônios! Não posso ver o homem que já falto me atirar no colo dele. Deus me ajude.

— Oi... — Agora que estou aqui, não sei o que dizer.

Ele apenas me observa, mas não diz nada.

— Vamos comer, Ashton. Você sabe muito bem que não vou comer nem metade daquela pizza, e eu sei que você tá com fome.

— Eu *estava* com fome, Julia.

É, ele não pretende facilitar as coisas.

— O que você quer pra voltar comigo? Sem ideias sexuais, Ashton.

— Não quero pensar em nada sexual nos seus termos, Julia.

Ele é muito teimoso.

— E se eu te der o poder sobre o controle? Você escolhe o filme.

— Não, obrigado. Esse poder eu já tenho.

Claro, é a casa dele. Não posso acreditar nisso! Ele está fechando a porta na minha cara! Ah, mas não vai mesmo. Coloco o pé para impedi-lo e, sem antecipar minha intenção, ele o aperta na porta.

— Aiiii...

Ele xinga em voz baixa.

— Mas o que você estava fazendo? Por que colocou o pé aí, sua doida?

— Porque você ia fechar a porta na minha cara. Deixa de ser idiota e vem ver o filme comigo.

Ashton me olha e percebo que ainda não está convencido.

— Olha só, eu estava apenas te provocando, não tive sonho nenhum com o Tray. Era brincadeira. Não pensei que ia ficar tão nervoso assim.

Aos poucos, a indiferença e raiva que estampavam seu olhar dão lugar a algo mais sombrio. Acho que ele não gostou da minha explicação.

— Você inventou aquilo pra me provocar, Julia?

— Inventei, mas...

— Você planejou que eu imaginasse tudo aquilo e depois disse o nome dele apenas pra que eu ficasse irritado?

— Eu não achei que fosse ficar *tão* chateado.

O sorriso dele surge, e é avassalador.

— Ah, mas não fiquei chateado. Eu fiquei possuído, Julia! Você me deixou duro como pedra enquanto ria de mim. Primeiro entra no meu quarto e fica me encarando, depois descreve com exatidão o que *eu sei* que deseja que eu faça com você. Nas duas vezes você me escapou, mas agora não vai fugir.

O tom dele é de ameaça, mas não me sinto ameaçada; pelo contrário, estou com muita vontade de provocá-lo mais uma vez e ver do que ele é capaz. Só que não vou.

— Eu não sei por que fiz essas coisas, Ashton, mas peço desculpas se dei a impressão errada de que tô interessada.

Suas mãos enlaçam minha cintura e ele me puxa contra si. O alerta de perigo está soando longe, bem longe, porém, meus olhos passeiam pelos dele, escuros e cheios de desejo, depois pela boca...

Ele acompanha meu olhar e sabe que eu quero. Tento concentrar minha mente em seus defeitos, na personalidade que deixa a desejar, mas meus olhos não ajudam. Percebo quando Ashton se inclina em minha direção e sei que vai me beijar, mas então...

— Quem pediu pizza? Ash, onde você tá?

Tray.

Eu tento me afastar antes que ele nos encontre assim, mas Ashton me segura com mais firmeza ainda. Eu me esquivo.

— Fica, Julia. Entra comigo e a gente tranca a porta. Eles não vão ver.

A voz dele é bem baixa. Eu encaro a cama tentadora e olho para ele de novo. Obrigó-me a ser adulta e resistir aos impulsos. Não posso ser controlada por instintos sexuais.

— Não vou dormir com você. Vem comer, pode escolher o filme.

Ashton parece prestes a dizer algo, insistir talvez, mas Tray o chama de novo. Ele concorda e me segue de volta a sala.

Conheço minhas responsabilidades e sei o quanto preciso me manter firme. Infelizmente, a atração que sinto por Ashton não é algo deste mundo.

Ele é egocêntrico, mimado, arrogante e mal-educado às vezes. Mesmo assim não dá para ignorar que tem o corpo mais incrível que já vi. Envolver-me com ele pode colocar tudo a perder, além disso, tenho prioridades agora e acabo de sair de uma relação que não acabou bem.

Julia! Controle-se! Repreendo-me silenciosamente e faço uma nota mental para encontrar outras distrações durante o tempo que terei que passar aqui. Preciso achar motivos para fugir da tentação que caminha a minha frente sem camisa.



JULIA

Chegamos à sala e Tray já está esparramado em um dos sofás, com um pedaço de pizza nas mãos. *Quem precisa de pratos e talheres?* Ele me direciona uma piscadela e com a boca cheia diz algo que acredito ter sido “*e aí, cara?*” para Ashton. Ele deve ter entendido melhor que eu, pois responde:

— E aí? Voltou cedo hoje. Nenhuma festa?

Tray sorri irônico.

— E quando é que não tem uma festa depois do show? Eu tô morto de cansaço e amanhã temos gravação o dia todo. Se eu não viesse dormir, o Carter ia me matar quando eu aparecesse de ressaca. Responsabilidades, cara, tô tentando ter.

Ele gargalha sozinho, como se fosse muito engraçado tentar ser responsável. Ashton não parece ter gostado muito da resposta, talvez, assim como eu, pense que responsabilidade não é motivo para piada.

— Tem certeza? Voltou só por isso?

Ah, ele ainda está com o sonho na cabeça e deve pensar que Tray voltou antes porque estou aqui. Homem ciumento, possessivo e arruaceiro... A lista de *qualidades* só aumenta.

— E por que mais seria? Eu não dispenso uma festinha fácil, Ash. A menos que tenha outra me esperando em casa.

Depois de soltar essa, Tray me dá aquele olhar travesso outra vez. Claro que não sabe da brincadeira estúpida que fiz mais cedo, mas Ashton se lembra muito bem.

Meu papel aqui é apaziguar a situação e não piorar tudo ainda mais causando intrigas entre eles. Não que eu ache que minha presença seria capaz

de algo assim, afinal, quem sou eu? Não me menosprezando nem nada, mas esses homens têm mulheres atirando calcinhas neles *literalmente* quase todos os dias.

Talvez eu esteja me dando importância demais, porém, tenho quase certeza de que Ashton está irritado por isso e Tray não ajuda muito. Prefiro deixar claro que suas investidas não serão bem recebidas.

— Festas aqui estão vetadas até o fim ou suspensão do processo de Ashton. Pode trazer suas companhias, claro, desde que seja discreto, afinal é a sua casa. Eu e Ashton vamos assistir a um filme e comer nossa pizza que deve estar esfriando, vai ficar?

Tray, que não está habituado a ouvir rejeições, encara-me um pouco chocado enquanto noto Ashton, que está se esforçando para não rir e comemorar a vitória.

— Julia, a advogada e babá nas horas vagas. Acho que vou ficar por aqui e ver como *vigia* seu cliente direitinho.

Não me permito mostrar nenhum tipo de constrangimento. Por mais errado que possa ser me envolver com Ashton — o que não aconteceu —, isso diz respeito apenas a mim. Nunca deixei que ditassem as regras a respeito de como escolho viver minha vida e isso não irá acontecer agora.

Se eu quisesse ir para a cama com ele e, claro, se não conseguisse eu mesma enfiar um pouco de bom senso na minha cabeça, então não seria da conta de ninguém.

— Tudo bem — respondo. — Vou pegar os pratos. Aliás, quer um prato, Ashton? Tray parece não achar necessário.

Agora sim ele ri abertamente.

— Desculpe, Julia. Também não acho necessário, mas se quiser mesmo posso te acompanhar com os talheres e tudo mais — Ashton responde.

Bom, eu não sou chata e metódica; pelo menos não na maioria das vezes. Não uso talheres para comer pizza quando estou no meu apartamento, sozinha, mas em uma mansão, sentada em um sofá como esse, a história é outra. Já pensou se derrubo algo? Meu salário de um ano deve cobrir a limpeza do sofá. Exagerada, eu sei.

— Eu não acho necessário. Desde que vocês dois compreendam que se cair qualquer coisa no sofá, a responsabilidade não é minha, pois eu insisti pelos pratos.

Tray me olha confuso.

— Responsabilidade pelo quê?

— Pela lavagem do sofá, claro.

Os dois se olham e parecem achar graça da situação. Graça em mim.

— Sabe... — diz Tray. — Você é esquisita pra caralho.

Eu não sou esquisita, não mesmo. Só não sou milionária ou desleixada. Olho para Ashton esperando que me defenda, mas é esperar demais de alguém que ama comprar briga.

— Um pouquinho paranoica, talvez? — É sua resposta.

Eu sorrio. Talvez eu esteja mesmo um pouco paranoica por já pensar em quanto vai me custar a lavagem do sofá. Também não sou tão pobre assim que não possa arcar com uma lavagem. Deixo-me contagiar pelas expressões dos dois e começo a rir, trazendo um clima leve e agradável entre nós.

Era mesmo eu, poucos dias antes, reclamando de morar com a *Dominium*? Porque agora não imagino meus motivos para isso; a não ser, é claro, o óbvio. Não estou exercendo minha profissão da maneira adequada.

Ashton pega o controle e se senta no outro sofá. Como sou alguém que adora viver perigosamente, sento-me ao seu lado e pego meu pedaço de pizza transbordando queijo e óleo direto da caixa. Isso não vai dar certo.

Ele coloca um filme qualquer de ação, desses que os homens

costumam gostar e que eu sempre digo não gostar tanto, mas acabam me prendendo. Não hoje.

O cheiro do perfume de Ashton ficou impregnado em mim e é muito bom. É um aroma amadeirado e forte, tão masculino quanto ele. E, para completar, ele está a distância de um toque, sem camisa ainda por cima.

Concentração zero.

A menos que deixem de me questionar sobre o filme e me perguntem o tom exato da pele dele, se tem ou não pelos no peito — não tem, a propósito — ou sobre as pernas musculosas e fortes que entrevejo pela bermuda folgada e um pouco transparente.

E tem as tatuagens...

Meu olhar percorre cada centímetro de pele exposta, tentando compreender cada uma delas, mas são desenhos complexos e muitas vezes eles se misturam.

No ombro direito tem um relógio com números romanos, enquanto o esquerdo é tomado por uma pantera negra. Os braços são cobertos por desenhos variados, que mostram crenças diversas e símbolos de culturas distintas. Vejo uma cruz, uma esfinge e o olho da providência dentro de um triângulo. Algumas linhas ligam um desenho ao outro e se estendem até as mãos, onde rosas foram tatuadas. O peito e parte do pescoço também têm desenhos, mas esses não consigo analisar detalhadamente.

O homem é quase como um quadro. Uma obra de arte! Uma escultura pintada. Bom, obras de arte existem para serem admiradas.

Se quiserem saber sobre a risada dele quando algo lhe chama a atenção na tela da televisão, ficarei satisfeita em contar que é deliciosa e causa certos arrepios em mim. Mas é isso... Sobre o filme não posso dizer muita coisa, a não ser que alguém está perseguindo outra pessoa, que é muito boa em escapar e se esconder.

De repente, Ashton desvia o olhar da tela e me encara, pegando-me em flagrante enquanto eu o como com os olhos. Ele sorri e desta vez não parece convencido, apenas feliz por me ver atraída por ele. E eu estou, como as mariposas são atraídas pela luz ou como o magnetismo atrai dois corpos distintos e os une. Sim, é como me sinto observando-o.

Talvez Ashton esteja contente por ver que não estou impressionada por Tray.

Como quem não quer nada, bancando o inocente que ele não é, Ashton estica a mão e envolve a minha com a sua.

O quê?

Agora me sinto como uma adolescente que arrumou um pretexto para assistir a um filme na casa do colega, mas que na realidade estava desde o início na expectativa pelos *amassos*. Claro que pegar na mão não é um amasso; na verdade, é muito pior que isso. Segurar na mão é como se envolver emocionalmente e isto, emoções, estão fora de cogitação.

E se Tray olhar para onde estamos e nos vir assim? Qual a credibilidade de uma advogada que em seu segundo dia de trabalho está brincando de casinha com seu cliente? Nenhuma, claro.

Não, nós não vamos fazer essa coisa ridícula de dar as mãos. Envolvimento sexual? Errado e proibido, mas somos adultos, bem resolvidos e com uma atração mútua que beira à insanidade, então poderia acontecer e eu lidaria com isso se não fosse *a outra questão*. Só que envolvimento emocional é impensável.

Vagarosamente, tentando não ser notada, desentrelaço seus dedos dos meus e recolho o braço para mais perto do corpo, para fora de seu alcance.

Ashton está olhando para a tela, mas vejo um sorriso brincando em seus lábios. Ele está se divertindo com o quanto isso me incomoda. Babaca.

Por mim a noite já deu. A provocação e as faíscas entre nós já

atingiram um nível caótico e é melhor ir dormir, enquanto ainda consigo me levantar e caminhar determinada para longe dele e de suas íris incandescentes.

— Bom, rapazes... Ótimo filme, mas tô precisando ir dormir.

Ashton ergue a sobrancelha me observando.

— Gostou do filme, então? Precisa ver o final, Julia. Não pode sair agora.

— Adorei, mas outro dia vejo o fim.

Tray, pela primeira vez desde que o filme teve início, tira os olhos da tela.

— Eu não disse que ela era esquisita? — fala como se eu não estivesse aqui. — Quem para de ver um filme que tá curtindo pra dormir?

— Alguém que não estava prestando atenção, que não estava assistindo realmente — responde Ashton me provocando.

Tray parece confuso, mas deixa para lá.

— Bom, boa noite — falo e saio andando apressada, ouvindo as respostas deles em um tom baixo.

Entro no meu quarto e me troco. O vestido preto é lindo, mas nada confortável. Jogo-me na cama e perco alguns minutos apenas fitando o teto. O dia foi cheio de revelações e me perco em pensamentos sobre cada uma delas.

Primeiro, descobri que, além de não dispensar uma boa briga, Ashton é ciumento e possessivo. Pior que isso foi descobrir que eu, que sou sempre centrada e sensata, não consigo ter muito controle perto dele. Ficou claro que todo meu bom senso pulou a janela logo que coloquei os olhos naqueles músculos. E que músculos! Não sei bem o que devo fazer diante dessa situação um tanto incomum.

Não sou e nunca fui impulsiva, porém, por mais que eu tente me

lembrar a cada instante dos motivos pelos quais não devo transar com ele, meu corpo me dá ordens contrárias.

Isso está fora de cogitação!

A última vez que me envolvi sexualmente com alguém foi com Eric, que considerava um namorado, mas ao que parece as coisas não eram tão sérias para ele.

Eric trabalha em um laboratório de exames clínicos, eu o conheci em um *check-up* solicitado por minha médica. Eu estava nervosa com a agulha e ele foi gentil, enfim, parecia alguém legal. Entre um jantar e outro, nossa intimidade foi crescendo. Ele parecia gostar de mim e sempre me enchia de presentes bobos. As coisas evoluíram até que finalmente fizemos sexo e foi bom.

Ele passou a dormir em minha casa algumas vezes. Eu sabia que precisaria contar que havia feito inseminação artificial e que em poucos dias faria o teste para saber os resultados, mas acabamos transando sem prevenção e, pouco depois, descobri que havia mesmo engravidado, que finalmente teria alguém. Sou órfã desde que tenho lembranças, perdi meus pais muito cedo e vivi com uma tia até a adolescência, entretanto, infelizmente ela também faleceu. Sempre quis ter alguém ao meu lado, uma família.

O problema foi não saber ao certo se a inseminação tinha dado certo ou se Eric que acertara em cheio, porque para mim era algo impossível, afinal usamos camisinha. Só que, de acordo com ele, o preservativo poderia estar vencido, pois estava guardado há muito tempo.

Fiquei muito feliz com a descoberta da gravidez já Eric, por outro lado, quando contei... Bom, dizer que ele não gostou nem chega perto, pois sua reação foi a pior possível. E assim, tão rápido como começou, nosso romance terminou. Ainda foi violento comigo pela primeira, e última, vez. Em sua mente perturbada eu estava tentando segurá-lo com um filho, ou algo

assim. Mal sabe ele que faço questão apenas do bebê. Não preciso de um homem para ser mãe e realizar meu sonho.

Depois disso, troquei todas as fechaduras de casa. Mesmo assim, ainda morro de medo de que ele venha atrás de mim, ou que mude de ideia sobre a gravidez e queira meu filho para si, caso seja mesmo dele. Por isso esse tempo na mansão será bom.

Desde então, quase dois meses atrás, não tive mais ninguém. Nem pretendo ter por um bom tempo. Minha dedicação já tem um foco bem direcionado. Minha vida foi planejada de acordo com aquilo que sempre desejei. Eric foi um desvio que quase colocou tudo a perder.

Ainda estou devaneando sobre tudo isso quando ouço a voz de Ashton me chamando.

Levanto e analiso minha roupa; meu pijama não deixa muito para a imaginação, o short curto é pouco maior que uma calcinha, mas e daí? Não foi ele quem me tirou a concentração durante todo o filme com seu corpo sarado?

Abro a porta.

— Oi — sussurra e percebo que deixa seu olhar vagar por minhas pernas expostas. — Me deixe entrar antes que o Tray veja que não tô indo pro meu quarto.

— Por que quer entrar? Não disse que podia.

— Quero conversar. Podemos apenas conversar?

— Sei... — digo, mas abro um pouco mais a porta para que ele entre.

Fecho-a em seguida e espero que ele comece a dizer alguma coisa, mas Ashton parece entretido analisando o quarto, que por sinal deve conhecer, afinal, mora aqui. Eu é que sou a convidada.

— Esse quarto é... quente.

As primeiras palavras dele me surpreendem e então me lembro de que

deveria ter falado mais cedo sobre o ar-condicionado.

— Muito quente mesmo. O ar tá quebrado e não tem ventilador aqui.

— Ah, então é isso. Tudo bem, vou pedir que consertem amanhã.

Você poderia mudar pra outro, mas isso não seria nada bom.

— Por quê? — pergunto, apesar de já imaginar sua resposta.

— Ia ficar longe de mim.

Caminho até a cama e me sento.

— E por que eu deveria ficar perto?

Ashton não responde, apenas sorri. Exatamente aquele sorriso que arruína uma mulher por completo: mente, alma e peças íntimas. Ele caminha na minha direção e se joga na cama, literalmente. Até as almofadas caem para o chão com o impacto. Deita-se com os pés para fora e cruza os braços atrás da cabeça de um jeito relaxado. É muito abusado. Acho que também não estou sendo firme o bastante em minhas negativas.

Honestamente, não sei o que estou fazendo. Mal o conheço e ele age como se tivéssemos uma intimidade que não temos e eu estou agindo, bem, da mesma maneira.

— Bom, Julia, aqui estamos nós, sozinhos novamente, sem nada que nos impeça...

Cara de pau! Ele nem tenta me enrolar com alguma conversa aleatória antes.

— Tem muita coisa que nos impede, Ashton. Coisas que você entende e outras que não lhe dizem respeito.

— Certo, me conte o que acha que é impedimento e eu vou destruindo suas barreiras.

— Vai destruir como? Me agarrando?

— Não. — Ele sorri. — Possuo argumentos sólidos.

Deito-me ao seu lado na cama e ficamos os dois olhando para o teto

por alguns instantes. Não me sinto à vontade para contar a ele que carrego um filho. Sei que com isso virão outras perguntas e não quero falar sobre a inseminação, Eric ou minha motivação para tudo isso.

— Ok, então. Sei que tem a impressão de que me sinto atraída por você e talvez não esteja inteiramente equivocado, apesar de achar que superestima muito seu poder de sedução, mas qualquer tipo de envolvimento entre nós poderia me prejudicar no meu trabalho.

Ele balança a cabeça negando.

— Ninguém precisa saber, Julia.

Suspiro diante do tom usado por ele.

— Eu sei disso, mas tô aqui a trabalho e você é uma estrela do rock. Se de alguma maneira isso vazar, posso ser demitida.

Ashton ri.

— Eu te contrato.

Dou risada também. A banda os deixou tão absurdamente ricos que uma contratação inútil não seria mesmo problema.

— Isso não vai acontecer, Ashton.

— Tudo bem, não precisa trabalhar comigo. Se isso ocorresse, eu poderia arrumar um emprego pra você em qualquer outra firma, mas garanto que ninguém vai saber. Vamos manter as coisas apenas entre nós e dentro do quarto.

Ótimo argumento. Ficar trancada em um quarto com ele não seria nada mau.

— Você é arruaceiro, gosta de causar brigas e um pouco imbecil. Desculpe a franqueza, mas essa personalidade me incomoda.

— Imagino... Você é certinha, paranoica e mandona. Isso também me incomoda um pouco, mas também acho *sexy* pra cacete. Bom, eu já briguei diversas vezes, só que sempre por motivos plausíveis, não é como se eu

saísse atacando as pessoas no meio da rua como um doido.

— E o garçom?

— Que garçom?

— Aquele em quem você bateu porque o molho que acompanhava a carne estava frio?

Primeiro ele faz uma careta, depois perde o controle e começa a gargalhar. Vira de lado e ri até lágrimas escorrerem. Ashton ri tanto que fico preocupada que alguém nos ouça.

— Ai, Julia, você é engraçada demais. Essa foi boa...

Ele pensa que estou brincando?

— Mas eu tô falando sério. Por que fez isso?

Ashton arregala os olhos em minha direção.

— Isso é sério? Falaram por aí que bati em um garçom por causa do molho?

Aceno afirmativamente.

— Porra! Não tem mais nada pra inventarem. Claro que não fiz isso. A única briga de que me lembro em um restaurante foi em um jantar com minha família. — Ele se vira de frente para mim — A Ane, minha irmã, estava sentada ao meu lado e o rapaz que veio nos servir deixou cair o *drink* todo em cima dela. Quando esperamos que pedisse desculpas, o homem começou a rir de um jeito incontrolável e eu disse que ele deveria se desculpar.

— Foi só isso?

— Bom, não. Depois disso, ele me disse que ela parecia um cachorro molhado e que eu não mandava nele. Foi grosseiro e não consigo mesmo levar essas coisas na esportiva, então dei um soco, fiz com que o rapaz fosse demitido e em seguida nós voltamos pra casa. Fim.

— Explosivo, mas nesse caso bem compreensível. Mas e o caso?

— Que caso?

Ele se vira de frente para mim e vejo seus olhos se estreitarem um pouco ao notar que estou sem sutiã.

— Você estava na cama com a mulher do prefeito e alega não ter transado com ela. — Meu ceticismo está explícito.

— Não acho que se eu estivesse desmaiado conseguiria ter uma ereção.

— Tá dizendo que realmente não ficou com ela?

— Estou. A Candice era casada com ele e sempre me convidavam pra passeios e jantares. O prefeito deu algumas premiações pra banda e com isso acabamos ficando amigos. Eu não faço essas coisas. Tenho uma regra que sigo criteriosamente desde que me lembro: nunca mulheres noivas ou casadas.

Estou confusa.

— Então como foi que você acabou na cama do hotel com ela?

— Isso você vai ter que descobrir pra poder me inocentar nesse processo ridículo.

— Não quer me contar? Você sabe que precisa me falar tudo pra que eu possa ajudá-lo, não é?

Ele está sério e parece perdido nas lembranças daquela noite.

— Não é que eu não queira, simplesmente não me lembro. Estava em uma festa depois de um show, nada demais. Pelo que me recordo ela não estava lá. Bebi um pouco, porém não o bastante pra alterar meus sentidos ou apagar minha memória. Comecei a conversar com uma garota, Jessica, mas depois disso não sei mais de muita coisa. Posso ter ido pro hotel com a Jessica, mas tenho certeza de que não fui com Candice.

— E no dia seguinte?

— Isso foi bizarro. Eu acordei e percebi que não estava em casa.

Minha cabeça doía de uma maneira anormal e estava tudo meio confuso. Notei que alguém estava embaixo do lençol e sabia que ela ia me chupar. Claro que gostei daquilo e deixei, incentivei até. Eu conhecia o rosto de algum lugar, mas não me lembrei de jeito nenhum de quem era. Quando dei por mim, o marido dela estava arrebitando a porta. Só então reconheci Candice e até deixei que ele me batesse por isso.

— Mas você revidou, não foi?

— Ele começou.

— E o que tem isso?

— Me chutou no saco e eu caí pelado no corredor.

Cubro a boca com a mão para abafar as risadas. Claro que eu tinha ouvido sobre ele pelado no corredor se engalfinhando com o prefeito, mas nada foi dito sobre o chute.

— Certo, então você não é louco ou um destruidor de lares, apenas não dispensa uma briga justificada.

— Exatamente. Tudo resolvido?

Ele é meu oposto, impulsivo e disposto a atos irrefletidos. Age sem pensar tanto nas consequências e, mesmo assim, fez aquilo que os homens mais temem para me agradar: teve uma discussão da relação comigo sem nem ao menos haver uma. Ponto para ele.

— Ashton, não é só isso. Acho muito legal que tenha tentado me convencer com palavras ao invés de ficar tentando me agarrar por aí. Sabemos que pode ter a mulher que quiser e com isso quero pedir que me deixe fora do seu radar. Não tô disponível.

Ele me encara sério pela primeira vez.

— Tem namorado? Por que não me disse antes?

Mexo-me desconfortável.

— Bom, eu não tenho namorado... Digamos que existe alguém e que

não posso me envolver com outra pessoa agora.

Ashton acena concordando, mas sua expressão é um pouco confusa.

— Tudo bem, Julia. Desculpe se a deixei em maus lençóis. — Ele ri.

— Não vou mais insistir. Me avise quando essa pessoa não existir mais.

Ele se levanta da cama e segue na direção da porta.

— Tenha uma boa noite.

— Boa noite, Ashton.

Vejo-o sair e fico pensando sobre essa conversa estranha. Essa pessoa não vai deixar de existir. Nunca. Então é melhor que eu tire Ashton Ray do meu próprio radar.



JULIA

Acordo com o despertador e, sem dar tempo para que a preguiça me consuma, transformando-me em uma massa disforme e sonolenta, levanto-me rapidamente.

Um erro.

Gravidez e erguer-se abruptamente não combinam. Quase sempre é uma combinação que gera náusea e vertigem. Apesar do enjoo frequente pelas manhãs, o vômito é bem raro, ao menos se eu me mantenho alimentada, então isso se tornou minha prioridade pela manhã. Se como, fica tudo bem.

Estou aqui a trabalho e é necessário começar imediatamente minhas análises sobre o processo, verificando formas de provar — que formas serão essas, ainda não sei — a inocência de Ashton, antes que as coisas realmente fiquem sérias e minha firma perca o caso, e com ele nossa grande chance.

Abro o guarda-roupa em busca de algo formal e sério, o que é uma tarefa fácil já que minhas roupas são quase todas assim. Hoje estou de volta ao modo advogada responsável que luta com unhas e dentes pelo seu lugar ao sol. Não posso me dar ao luxo de ser a garota excitada e boba que se atira aos pés do *rockstar* bonitão.

Após uma noite de insônia, refletindo sobre o que conversamos, estou certa de que se Ashton acha mesmo que tenho alguém, um namorado ou algo parecido, isso pode fazer com que fique afastado. Com isso consigo me manter longe também.

Uma saia e blazer vão servir aos meus propósitos. Escolho uma camisa de seda verde para quebrar um pouco as cores escuras e calço saltos pretos. Com toda a coragem que ainda tenho e toda determinação de não me

deixar ser impactada pela presença dele, caminho em direção à cozinha, buscando minha dose matinal de cafeína e comida.

Quando abro a porta, porém, percebo que não estou sozinha. Uma moça, um pouco mais jovem que eu, está sentada à mesa. Talvez seja o corte curto nos cabelos loiros que passem a impressão de jovialidade. Ela tem a pele pálida, contrastando com os olhos escuros e grandes, exatamente como os de Ashton.

Ela sorri discretamente, mas percebo certo desagrado; talvez prefira ficar sozinha.

— Oi — diz em tom baixo.

— Bom dia, tudo bem? — pergunto educadamente.

Ela apenas me observa, sem responder minha pergunta retórica.

— Você é mais elegante que as de costume.

A princípio, meu cérebro ainda embotado pelo sono não compreende a insinuação.

— Desculpe, não entendi.

Ela ri.

— Mais educada também. — De repente, sua expressão muda e endurece. — Estava com Josh? Ele é quem tem o gosto mais... refinado.

Finalmente compreendo. Ela pensa que sou uma das dezenas de mulheres que se atiram aos pés dos rapazes da *Dominium*. Bom, eu não sou. Não exatamente, afinal, eu me controlei, certo?

Sorrio em resposta, dando o mínimo de importância a isso.

— Eu sou Julia Foster, a advogada do Ashton.

Ela cora um pouco, constrangida pelas suposições que havia feito. Besteira. Eu transaria mesmo se a vida fosse menos complicada. Decido que irei culpar os hormônios pela atração que sinto por Ashton, foram eles que me colocaram nessa situação. Sou refém dos meus desejos e do meu corpo

traidor.

Graças a Deus coloquei minha racionalidade para funcionar. Preciso ficar longe dele e vai ser muito complicado convencer meu corpo disso, mas enquanto ele acreditar que não estou disponível pode ser que as coisas sejam mais fáceis.

Um pensamento me ocorre de repente.

Talvez, se ele souber sobre a gravidez, o encanto se perca! Provavelmente o desejo dele irá por água abaixo, afinal, boa parte dos homens enxergam as mulheres grávidas como seres assexuados.

A voz melodiosa da moça me interrompe.

— Senta aí, Julia. Eu sou Anelyse, irmã do Ashton. Cheguei ontem à noite de viagem e decidi vir pra cá por uns dias. A Rosa preparou várias coisas gostosas. Ela tende a me mimar um pouco quando tô aqui.

Coisas gostosas. Isso me atrai.

— Muito obrigada, preciso mesmo comer alguma coisa. Vou procurar Ashton e Carter pra falarmos sobre o processo em seguida.

Anelyse meneia a cabeça como se eu estivesse falando um absurdo e dou tempo para que ela se explique enquanto admiro a mesa. Dois tipos de suco estão sobre ela, além de leite e café, mas são os bolos, broas e pães que me fazem salivar.

— Impossível — ela diz. — Eles estão ensaiando, passando as músicas pro show de hoje à noite. Devem sair do estúdio apenas com tempo de se arrumarem pra ir. Provavelmente vai ter que ficar pra amanhã.

Sento-me na cadeira indicada e suspiro, resignada. Vesti-me e me armei contra a sedução de Ashton e foi tudo em vão, pois nem mesmo poderei me reunir com eles para o trabalho que precisa ser feito.

— O que vou fazer agora?

Anelyse me analisa um pouco.

— Tenho uma ideia! Vamos pra piscina.

Que garota estranha! Pouco tempo atrás estava me olhando como se eu fosse uma prostituta de luxo, agora quer tomar sol comigo.

— Me desculpe, mas não posso fazer isso. Tô aqui a trabalho.

Ela dá de ombros e pega um bolinho. Sigo seu exemplo, pois eles parecem mesmo deliciosos.

— Não poderá trabalhar hoje, pois eles estarão ocupados o dia todo. Estamos só eu e você aqui em cima. Vai ficar sem nada pra fazer o dia inteiro.

Nem mesmo se eu quisesse, e claro que eu gostaria de pular na água e me divertir um pouco, porém, não tenho roupa apropriada e não acho que seria agradável se me vissem na piscina.

— Eu não tenho roupa. Sinto muito. Fica pra próxima.

— É sua melhor desculpa? Eu tenho um biquíni novinho, com etiqueta e tudo.

Que menina sociável! Nunca nos vimos antes e ela realmente parece fazer questão de que eu vá com ela. Anelyse percebe que estou analisando a ideia e pela sua expressão deve estar ciente de que procuro um novo motivo para recusar.

— Desculpe se fui grossa quando entrou na cozinha. Pensei que fosse uma das fãs que vive pendurada nos meninos por aqui.

Justificável, claro.

— Imaginei. Vou ter que ficar aqui por um tempo até o caso do seu irmão e do prefeito ser resolvido.

Ela assente.

— Carter fez uma reunião no início da semana e falou sobre isso, mas precisei fazer uma viagem curta com minha mãe e me esqueci completamente.

— E vocês moram aqui? Você e sua mãe?

— Não. Mamãe mora do outro lado da cidade. Eu moro com ela teoricamente. Passo muito tempo aqui e, no momento, sou sua única companhia.

Pensando por esse lado... Eu também sou a única opção dela, ou vai para a piscina comigo ou vai sozinha. Ainda um pouco relutante, acabo cedendo, afinal de contas o sol está forte lá fora e, bom, eu não tenho mesmo o que fazer, pois os rapazes não vão aparecer tão cedo.

— Tudo bem, então. Piscina. Só preciso comer um pouco mais.

Ela sorri me observando comer. Deve achar que sou uma gulosa mesmo. Com a gravidez, aprendi a deixar a vergonha de lado. Se preciso de comida para não passar mal, então não vou bancar a fina.

Como um pãozinho e tomo um copo de suco. Completo a refeição com uma generosa fatia de bolo de laranja e mais um bolinho.

— Pronto, tô satisfeita.

— E quem não estaria... — Anelyse diz em tom de brincadeira e eu dou risada.

Estou torcendo para que o enjoo acabe antes que eu ganhe vinte quilos.

Sigo-a até seu quarto e fico chocada ao ver a diferença dele para o que eu estou ocupando. É muito maior e os móveis caros distribuídos pela suíte dão a ela um ar de realeza, como se houvesse sido preparado para uma princesa. Tudo é em tons de rosa, branco e dourado.

Um lustre enorme desce do teto e a cama tem um dossel e cortinas! É mesmo como estar em um quarto de um palácio. Para completar, os tapetes são felpudos e os espelhos têm molduras douradas...

Isso porque nem mora aqui.

Ela se vira sorrindo e me atira uma sacola. Fico um pouco sem jeito

ao notar que Anelyse realmente nunca usou o biquíni, mas ela parece mesmo feliz por eu ter aceitado ir junto, então resolvo não questionar.

— Pode se trocar ali no meu banheiro.

Aceno afirmativamente e caminho para lá. A banheira dela... Acho que é a maior que já vi na vida!

— Por que você não mora aqui? — pergunto, tentando clarear as coisas. — Seu quarto é um espetáculo.

— É, eu moro com meus pais, mas adoro ficar aqui. Acabei transformando este quarto e a chave fica comigo.

Abro a sacola e balanço a cabeça em descrença. Isto não pode ser descrito como um biquíni. É minúsculo!

— Hum... A chave? Por que a leva?

Estou tentando ganhar tempo, porque não sei se esse pedaço de pano branco vai me servir.

— Ah, você sabe, rolam muitas festas aqui quando ninguém tá sendo processado. As pessoas invadem os quartos. Os próprios meninos da banda poderiam entrar acompanhados e não seria nada legal.

Claro, ter um monte de gente estranha transando na sua cama não deve ser nada bom.

— Anelyse, isso aqui é muito pequeno. Não cobre muita coisa...

Ouçó a gargalhada dela.

— Eu sei! Foi meu ato de rebeldia contra meu irmão. Ele fica controlando minhas roupas. Mas não tem problema, somos só nós duas.

— Seu irmão é possessivo, né?

— Muito! Como você sabe?

Ops. Tenho que prestar atenção nas coisas que digo.

— Ahhh... Ele me falou de você! — improviso.

— Sim, ele é terrível.

Saio do banheiro e Anelyse me observa com um sorriso de aprovação nos lábios.

— Uaaau! Você tá um arraso. Nem tinha notado o corpão por baixo daquele terno.

— Ei! É um blazer.

Retruco e sorrio um pouco sem jeito. Não tenho muitas amigas e as poucas mulheres com quem convivo vivem depreciando umas as outras. Elogios sinceros são raros. Meu corpo não era tão curvilíneo antes da gravidez e logo ficará arredondado demais, então o melhor é aproveitar o corpo atual porque não vai durar.

— E obrigada pelo elogio.

Ela, pelo jeito, vestiu-se no quarto mesmo, porque o pijama sumiu e foi substituído por um belíssimo biquíni amarelo e um vestidinho de crochê por cima, que completa seu visual.

Sigo-a por um caminho diferente, ainda dentro da mansão, mas em uma direção que ainda não tive a oportunidade de conhecer. Um corredor iluminado por pequenos postes passa a sensação de estarmos no exterior da casa, porém, ainda estamos dentro das paredes dela.

De repente, após uma curva, Anelyse abre uma porta enorme e o que vejo me deixa impressionada como poucas coisas me deixaram durante minha curta vida. A grandiosidade da mansão ainda me deixa chocada. O espaço da piscina é magnífico e único de uma maneira que eu jamais poderia ter imaginado. Ao contrário do que presumi a princípio, o local é coberto, mas o telhado de vidro permite que a luz do sol entre e ilumine tudo.

Ao redor da piscina, um exuberante jardim foi plantado; claro que foi trazido para aqui, mesmo assim foi instaurado com tanta perfeição que é como se fosse natural. Não são apenas arbustos pequenos e algumas flores, mas árvores grandes e muito verdes.

Sinto-me como alguém que acaba de sair do deserto e encontra um oásis.

— Nossa! — Não consigo conter minha admiração. — É como uma ilha paradisíaca!

Anelyse acena afirmativamente, rindo da minha expressão abobalhada.

— Logo que os meninos montaram a *Dominium* e começaram a fazer sucesso, Ash e os outros foram convidados pra um fim de semana na mansão de um figurão de Hollywood. A casa do homem era idêntica a uma *villa* grega, em uma ilha. Meu irmão ficou apaixonado. Apesar de ter feito uma ótima oferta, o homem foi irredutível e não aceitou vender, então Ash construiu aqui na cidade sua própria *villa*, com direito a um pedacinho do paraíso.

É isso! Uma *villa* grega! Por isso a construção me parecia clássica mesmo tendo a tecnologia super avançada.

Avisto algumas espreguiçadeiras em um dos cantos e logo me atiro sobre uma delas, relaxando como há muito tempo não fazia.

Anelyse e eu nos demos muito bem e conversamos sobre tudo e nada. Ela me contou sobre seus projetos, a faculdade de moda e sua vida agitada como irmã mimada de um astro do rock. Sim, ela que se intitulou assim. Eu lhe contei sobre meus pais e como os perdi cedo. Também falei sobre minha profissão, sobre o estágio e os dias monótonos.

Sinto-me bem à vontade para contar a ela sobre a gravidez, mas o problema da paternidade ainda me assombra e por isso decidi omitir, só que isso me incomoda. É quase uma mentira, afinal, não é um detalhe qualquer.

Um pouco depois, ela decide que já é hora de entrar na água e eu a acompanho. Sou surpreendida com a água morna, apesar da falta de contato com o sol; piscina aquecida, claro. Não é que eu seja uma excelente

nadadora, mas sei me virar e a água está deliciosa.

O tempo passou acelerado e, um pouco depois, avistamos a cozinheira, Rosa, entrar com uma bandeja com o que imagino ser nosso almoço. Bem na hora, porque já estou com fome outra vez. É a água. Nadar sempre me deixa com fome.

— Vamos almoçar? — convida Anelyse.

Não é necessário que ela faça o convite duas vezes, pois estou faminta. Rapidamente saio da água, subindo as escadas enquanto a ouço rir da minha pressa para comer.



ASHTON

Depois de horas trancados no estúdio, finalmente conseguimos ajustar a nova música, *Lovers Dance*. Infelizmente demorou muito mais que o previsto porque eu não conseguia me concentrar.

Meus pensamentos se perderam diversas vezes em meio às lembranças dos poucos momentos que tive com Julia ontem. Estou ansioso para que o dia termine e a noite acabe, para que ao menos eu possa *tentar* descobrir um pouco mais.

Ela disse que não tem um namorado, mas também não explicou nada. Quero conversar com ela sem pretensões e ver o que consigo saber, mas para isso preciso me livrar de meu chicletinho: Ane. Minha cabeça está fervendo e preciso fazer uma pausa para comer algo e tentar encontrar minha irmã. Quem sabe ela volta logo para sua casa...

— Pessoal, pra mim já deu. Vamos voltar depois do almoço?

Tray apenas concorda com um gesto e Josh atira as baquetas de lado,

tão ansioso por uma pausa quanto eu. Subimos juntos, conversando sobre o show de hoje à noite. Tray está mais animado para a festa que vai dar depois do que pelo show em si.

— É ridículo ter que dar a festa lá, porque aqui estamos vetados.

Dou risada do seu mau humor.

— Sabe que *lá* é a sua casa, certo?

— Mas eu moro aqui.

— Cara, acredite, eu sei disso. Não é como se fosse um hóspede muito discreto.

Tray me dá um soco no braço, fazendo-se de irritado.

— Eu não sou hóspede, beleza? Eu moro aqui.

— Claro que mora.

Josh entra na cozinha rindo de nós. É mesmo hilário como consigo fazer com que Tray perca a calma sempre que levanto o assunto “*a casa é minha*”. Confesso que eu iria detestar se eles morassem em outro lugar. Dividimos a casa desde que a *Dominium* realmente começou a fazer sucesso, não saberia viver sozinho neste lugar imenso.

Ouçõ os passos rápidos de Rosa entrando na cozinha com uma bandeja vazia nas mãos, obviamente estava empanturrando minha irmã de comida, como sempre faz quando ela está em casa.

— Rosa, onde a Ane tá?

— Na piscina se divertindo. Acabei de levar o almoço.

— Hum, ótima ideia. Vou me encontrar com ela lá em cima. Vocês vêm?

Tray me olha como quem diz que minha pergunta é ridícula. Claro que eles vão, o calor está infernal.

— Pode levar mais comida, Rosa?

Ela apenas concorda com um aceno.

Preciso pensar em algo para me livrar de Anelyse e depois conversar com Julia. Por mais que ela não pareça disposta a se divertir comigo, se não houver outro cara na jogada, um relacionamento sério, posso convencê-la a mudar de ideia, mas com Anelyse aqui não vai rolar.

Ainda estou tentando pensar em algo que a leve para outro lugar, quando chegamos à piscina. Ouço risos e vozes e só então percebo que ela não está sozinha.

Então, eu vejo Julia subindo as escadas; o quadril ondulando enquanto caminha, os seios redondos e cheios balançam, acompanhando seu ritmo.

Porra, ela é gostosa para caralho.

Sua risada ecoa e chega até mim. Vejo quando Julia atira os longos cabelos molhados para trás e se vira sorrindo para Anelyse. A advogada ainda não nos viu e fica de costas para mim. Cacete! Aquilo não é uma calcinha. Eu só posso estar sonhando, porque Julia, a *advogada* Julia, não usaria algo assim a menos que fosse um sonho meu. E eu pensando que a gata era do tipo que usa apenas roupas sérias e comportadas. Cara, estou ficando animado apenas por ver o tecido branco se perdendo em seu bumbum arredondado.

— Ei! Nunca viram uma mulher de biquíni, seus tarados? Parem de secar a Julia assim.

A voz estridente de Ane me traz de volta à realidade e só então me toco de que não sou o único que a observa em silêncio. Tray tem um sorriso sacana no rosto e Josh ao menos tem a decência de parecer constrangido.

— Doutora Julia... — Ouço a voz de Tray chamando. — Não sabia que era tão... *saudável*.

Ouço um gritinho assustado e logo a vejo saltando para dentro da piscina, em uma tentativa desesperada de se esconder. Como se isso fosse capaz de apagar da minha mente a visão que acabo de ter. Minha melhor opção é fazer o mesmo. Quem sabe ajude a resfriar meu corpo que agora está

pegando fogo?



JULIA

Quando noto os três brutamontes parados atrás de mim, assusto-me e rapidamente me atiro na água. Não era para ser assim! Eles não deveriam me ver na piscina e muito menos usando essas roupas.

— Doutora Julia, não sabia que era tão... *saudável*.

Ouçó a voz de Tray e sei que devo estar parecendo um pimentão, vermelha de tanta vergonha. Ele não tem filtro mesmo. Nenhum. Ashton está lá, parado, encarando-me com aquele olhar que me deixaria molhada caso eu já não estivesse encharcada.

— Viemos almoçar com vocês.

É a voz de Josh. Ao menos alguém parece ter tato e não ser um completo babaca nesse trio.

— É, mas acho que vou entrar na água antes.

Ashton mal diz isso e pula na piscina, espirrando água para todo lado.

— Eeei, meu cabelo, seu idiota! — Anelyse grita e eu não posso deixar de sorrir por ela estar dentro da piscina evitando molhar os cabelos a todo custo.

Ele ouve a repreensão da irmã e uma expressão travessa toma suas feições. Caminhando lentamente, ele vai na direção dela, que já começa a gritar e “correr” dentro da água.

Já viram como as pessoas ficam lentas na água? Pois é. Ao que parece Anelyse não sabe nadar, porque ela tenta se esquivar dele andando e claro que Ashton a alcança. Ouço os gritos e risadas dos dois enquanto ele a afunda na piscina repetidamente, molhando os cabelos dela completamente. É isso. Por isso eu quis ter um filho, uma família, alguém com quem eu possa

partilhar essa intimidade. Ao ver cenas como essa, apenas reafirmo minha decisão.

Enquanto os observo, noto quando o foco dele muda, concentrando-se em mim. Como uma pantera cercando a presa, ele caminha em minha direção. Anelyse aproveita a deixa e sai da piscina.

— E você? — questiona, chegando mais perto. — Tem alguma coisa contra molhar os cabelos dentro da piscina?

Ele está próximo, bem perto, e meus olhos se distraem com o peito forte e molhado.

— Não, nada contra. Meus cabelos não estão secos.

Para ilustrar, balanço a cabeça de um lado para o outro para espirrar água nele, que acaba por dar risada da minha tentativa ridícula de revidar o que ele fez com Anelyse. Digo ridícula porque ele já está dentro da água.

Mesmo com os olhos de todos sobre nós, Ashton não para de se aproximar, enquanto eu vou me afastando, tentando aumentar a distância entre mim e ele, porém, sinto quando minhas costas batem no azulejo frio atrás de mim. Ashton coloca uma mão de cada lado do meu corpo e abaixa o rosto em minha direção para falar comigo em um tom comedido que só eu posso ouvir.

— Jogo baixo, Julia. Não pode me dar o que quero e fica me provocando assim.

Eu? Provocando? Não tenho culpa se ele chegou sem avisar e muito menos posso ser responsabilizada pela escolha do biquíni.

— Não tô fazendo nada disso. Como poderia saber que iria chegar agora? Além disso, a responsabilidade por controlar sua mente suja não é minha, senhor Ray.

Empurro-o levemente, apenas o bastante para ganhar espaço e para que vejam que não está acontecendo nada aqui. Não há nada para ser visto.

— Senhor Ray? Acho que em outro momento posso gostar de ouvir você dizer isso. Agora, não venha me distrair com suas ideias perversas, Julia, eu me referia a essa calcinha minúscula. Como quer que eu raciocine se a peça deixa pouco espaço para imaginação?

— Desvie os olhos! Pense no almoço! Inclusive, a comida deve estar esfriando...

— Comida. É o que tenho em mente. Comer... Vou te ensinar uma coisa, Julia. Moças como você, advogadas, *nerds* e meninas certinhas, usam calcinhas de algodão, de preferência beges.

Dou risada.

— Ah é? E homens como você acabam com processos por assédio sexual, Ashton.

— *Touché*, doutora...

— Vamos almoçar? Todo mundo tá olhando pra cá e tô com fome.

Ele sorri e seus olhos parecem faiscar.

— Vá na frente.

Cachorro.

— Anelyse! — grito. — Pode pegar uma toalha pra mim, por favor?

Em questão de segundos, ela está de pé diante de mim com a toalha estendida. Ashton ainda ousa encará-la com raiva e ela dá de ombros com um sorrisinho. Irmãos. Eu pego a toalha e caminho até a escada. Assim que piso no primeiro degrau, já me enrolo nela, tentando ocultar o máximo possível do meu corpo do olhar insano dele.

— Senta aqui, Julia.

Ouçó a voz de Anelyse e corro para seu lado. É tudo muito vergonhoso, principalmente me flagrarem na piscina deles e com este pedaço de pano. Agora, para completar, vamos almoçar todos juntos.

Tray já está atacando a comida e eu sinceramente tenho vontade de

fazer o mesmo, mas me controlo e espero que os outros se sirvam antes.

— Tô te achando muito contida, Julia. Não tá com fome?

A menina nunca vai esquecer o quanto eu comi no café da manhã. Eu apenas a encaro sem dizer nada e ela começa a rir.

— Que foi? — É Josh quem pergunta e é até estranho ouvir a curiosidade em sua voz. Ele se manteve o mais distante e calado possível desde que cheguei aqui.

— Tomamos café juntas e a Julia come muito. Acho que vocês três não comem juntos o quanto essa menina come de manhã.

Reviro os olhos ao ver as expressões divertidas deles.

— Não é pra tanto, ela tá exagerando. Eu tenho um apetite saudável, mas como mais de manhã, por isso Anelyse estranhou.

Ashton me encara, achando graça.

— E por que come mais de manhã?

É, Julia, por quê? Linguaruda.

— Porque acordo com muita fome, é normal se considerar que ficamos cerca de oito horas dormindo, sem nos alimentarmos.

Isso! Pensou rápido.

Respiro aliviada ao ver todos rindo. Ninguém achou nada estranho, mesmo assim vou precisar contar logo.

Vai ser muito estranho se minha barriga começar a aparecer sem que saibam de nada, mas também não posso aproveitar que estão reunidos e atirar a notícia sobre eles como se fosse um acontecimento importante. É importante, só não para eles.

Precisa ser casual.

Vou contar, logo. Antes que fique muito evidente, eu conto.



ASHTON

As luzes ofuscam um pouco minha visão, sempre foi assim e isso é algo que acho que nunca vai mudar. Outra coisa que tenho certeza de que nem em um milhão de anos vai ser diferente é a adrenalina do caralho que sinto toda vez que subo em um palco e recebo as vibrações de milhares de pessoas, que cantam comigo em uma só voz.

— Boa noite, galeraaaa!

A resposta é um grito ensurdecedor enquanto vários objetos são atirados ao palco. Sim, morro de medo porque sei que um dia ainda vão me acertar no meio da testa e eu mal terei tempo de ver o que me atingiu. Felizmente, em sua maioria, são rosas e peças delicadas de renda, se é que me entendem.

— É incrível pra cacete estar aqui com vocês outra vez e ver este lugar lotado. Vamos começar o show com nossa música nova: *Lovers Dance*. Espero que curtam muito e aprendam rápido pra cantarem comigo!

No mesmo instante, ouço o som da guitarra de Tray cortar o ar em um solo muito foda. Eu toco guitarra até bem, mas o Tray está em outro patamar, um nível único e exclusivo dele.

Fecho meus olhos, absorvendo cada nota e esperando minha deixa logo após a entrada de Josh, que nessa música é mais calma e contida. Então as primeiras palavras encontram caminho na direção do vento e eu só peço a Deus que as pessoas gostem dessa tanto quanto gostam das outras.

— *With a sensual dance, you wrapped me in your web. Like a helpless prey, I got caught without realizing it.*

*(Com uma dança sensual,
me enredou em sua teia.*

*Como uma presa indefesa,
fui fisgado sem notar)*

A letra é criação de Josh e creio que seja a música mais romântica de nosso repertório, mas eu gosto. É bonita sem perder o estilo.

— *Seeing me in captivity, I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated. Being wrapped in your web does not seem to scare me.*

*(Ao me ver cativo
Olho teus olhos magnéticos
e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia
ão parece me assustar.)*

Abro meus olhos e continuo cantando enquanto encaro a multidão que se balança, seguindo o ritmo e encarando o telão. Eles tentam cantar junto e aprender a letra. Cara, de um jeito ou de outro, eles conseguem. Posso ouvir os pedaços aqui e ali se encontrando com a minha voz.

Quando chegamos próximos do refrão, Josh irrompe com a bateria, levando o público a uma gritaria absurda, e eu me viro de frente para meus amigos, compartilhando com eles a sensação única de bem-estar que apenas o palco nos proporciona.

Então, eu a vejo.

Parada em uma das entradas do palco está Julia. Ela me olha de uma maneira que me deixa intrigado. Não faço ideia de que porra passa na cabeça dela, mas quando me encara assim minha vontade é de jogar o microfone no chão e grudar minha boca na dela.

O refrão chega e com ele os gritos arrebatadores dos fãs que

conseguem cantar comigo. A repetição facilita para que decorem rápido.

Eu canto para ela.

Que merda estou fazendo?

Não faço ideia, mas é verdade cada palavra. Neste instante, a emoção que tudo isso gera no meu peito faz com que seja impossível não gritar a plenos pulmões que ela me enfeitiçou.

— *In this spell web, seduced me and arrested me. I'm a slave of this lovers dance. In your naked eyes tied me. I'm a slave of this lovers dance.*

(Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu

Sou escravo dessa dança de amantes

Em teus olhos nus me amarrou

Sou escravo dessa dança de amantes).

Ela não desvia os olhos dos meus enquanto canto e sinto que realmente fui enfeitiçado por essa bruxinha. A maldita não quer trepar comigo.

As pessoas estão indo à loucura lá embaixo, mas minha atenção é toda dela, é como se eu precisasse de uma distração no meio de um show. Julia apareceu usando suas roupas profissionais, que me tentam quase tanto quanto a calcinha branca na piscina. São tentadoras justamente por esconderem, camuflarem o corpo incrível por baixo delas.

Pela primeira vez, sinto-me tentado a quebrar minhas próprias regras sobre mulheres comprometidas. Apesar do que ela me disse, essa relação não parece ser coisa muito séria já que é tão indefinida.

Ela move os quadris um pouco, acompanhando a música, e eu preciso desviar meu olhar e focar na plateia antes que perca a concentração e faça feio na frente da multidão. Continuo a música pensando que Josh estava

mesmo inspirado. Eu não componho nada há tempos e suas letras românticas têm nos salvado de precisar de um compositor de fora.

— *Freedom I don't crave, but I should. When I focus on your eyes I can only accept.*

*(Liberdade não anseio
Mas deveria desejar
Quando foco em seus olhos,
só me resta aceitar.)*

Sinto os olhos dela em minha nuca. Segundo ela, está apenas fazendo seu trabalho, mas sabemos bem que eu não vou me teletransportar daqui de cima no meio do show, então ainda tenho uma chance. Talvez ela esteja tão presa nessa teia quanto eu.

— *Seeing me in captivity, I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated. Being wrapped in your web does not seem to scare me.*

*(Ao me ver cativo
Olho teus olhos magnéticos
e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia
não parece me assustar.)*

Ela tem algum motivo, algo que ainda não se encaixou nessa história toda, alguém que a impede de ceder. Vou descobrir o que ou quem é e depois a terei para mim.

Retorno ao refrão e ouço as vozes mais altas me acompanhando. Já conseguiram aprender a letra e isso é surreal. Tantas pessoas cantando em

uma só voz... É incrível.

— *In this spell web, seduced me and arrested me. I'm a slave of this lovers dance. In your naked eyes tied me. I'm a slave of this lovers dance.*

(*Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu
Sou escravo dessa dança de amantes
Em teus olhos nus me amarrou
Sou escravo dessa dança de amantes.*)

A música termina e a galera vai à loucura. Os gritos e assovios chegam até nós e eu olho para Tray e Josh sorrindo. Eles curtiram a nova música.

Prosseguimos com o show intercalando nossas canções antigas. A interação com as pessoas hoje está foda demais. Já prevejo um bom tempo no camarim recebendo aqueles que conseguiram passes e isso é bom, porque depois tenho que voltar para o cativeiro de ouro.

O show termina e eu, os rapazes, Anelyse e Julia seguimos para o camarim que fica nos fundos. O que eu esperava realmente acontece, a fila está grande. Liberaram a entrada de umas vinte pessoas e Carter está com os seguranças parado na porta esperando nosso sinal para permitirem que entrem.

Tray se joga em um dos sofás, a camisa aberta e os pés sobre uma das mesas, ensaiadamente casual. Josh se senta em uma poltrona mais distante; pode parecer *marketing*, o astro do rock misterioso, mas não é. É só o jeito dele mesmo.

Eu estou acostumado com isso tudo. Prefiro ficar de pé, circulando entre as pessoas, dando autógrafos e tirando fotos. Se você se senta e elas chegam, fica cercado e é mais difícil se desvencilhar quando necessário.

Uma equipe pequena começa a distribuir bebidas pela sala e uma mesa de aperitivos é abastecida em um dos cantos. Pouco depois, os fãs começam a entrar.

Julia está em um canto com Anelyse conversando, mas não deixa passar nada.

Não demora para que eu fique cercado por três meninas sorridentes pedindo fotos. Enquanto passo o braço sobre o ombro da que está com o celular na mão, uma das outras aperta minha bunda. É, isso sempre acontece. Nem sei qual delas foi e a melhor estratégia é me fazer de trouxa e fingir que não percebi.

— Olha o passarinhooo...

É a ruiva quem diz. Uma loira, uma ruiva e uma morena. Tenho certeza de que se eu estivesse disposto, teríamos um sexo incrível a quatro.

Julia me castraria antes de permitir isso, pois tem um alto potencial de manchete. Mesmo assim me divirto com a ideia. Como ela reagiria? Ela bem que merece por me desprezar.

Tem um grupinho conversando com Tray; duas meninas e três rapazes. Ele sorri, todo simpático como sempre.

Tudo parece bem, mas então noto que tem algo bem estranho acontecendo. Anelyse gesticula para mim com os olhos arregalados e, quando olho para onde ela aponta, vejo Julia encostada na parede e um idiota sobre ela, forçando-a de alguma maneira.

Não penso duas vezes antes de ir até ela para ver o que aquele merdinha faz com as mãos em cima dela.



JULIA

O show termina e Anelyse me puxa pela mão em direção aos fundos. Ainda estou bastante mexida com a troca intensa de olhares entre mim e Ashton. Não era para ser assim. Ele não deveria continuar me olhando daquele jeito e com certeza meu corpo deveria parar de reagir a ele.

Em um determinado momento do show, ele arrancou a camisa e atirou longe. Finalmente entendi exatamente por que tantas calcinhas cobriam o chão do palco. Um homem daqueles, com aquele abdômen coberto de suor, um microfone nas mãos, as veias pulsantes na garganta... Até eu sinto vontade de arrancar a minha por baixo da saia e atirar para que ele a pegue.

Aquela música... Ele me encarando daquele jeito... Eu teria que ser feita de pedra para não sentir nada.

Entramos no camarim e, logo que as portas se abrem para os fãs, um trio o cerca. Elas parecem saídas de um filme de sessão da tarde e vejo quando uma das descaradas passa a mão nele sem um pinga de vergonha na cara.

Estou atenta aos quatro, apenas pelo meu trabalho, claro. Preciso que ele evite manchetes e *As Panteras* com certeza são gasolina para a mídia “defensora dos bons costumes e da moral”. Só por isso.

Distraída como estou, nem percebo quando alguém se aproxima de nós até ouvir a voz que tenho evitado há dias.

— O que você tá fazendo aqui?

Eu? O que esse imbecil faz no camarim da *Dominium*?

— Eu tô aqui a trabalho, Eric. Ao contrário de você, que não tem motivo algum pra estar aqui.

Sem nem mesmo cumprimentar Anelyse, Eric me agarra pelo braço e me afasta dela, levando-me com ele para um canto da sala.

— Ah, não tenho? Eu sou fã dos caras e você sabe muito bem disso.

Tá me perseguindo?

Ele se aproxima mais de mim e segura meu braço com força. Não, eu me recuso a crer que isso esteja acontecendo aqui, no meio de toda essa gente.

— Deixa de ser idiota! Eu não preciso te perseguir, simplesmente porque eu não preciso de você.

Ele me encosta na parede e cola seu corpo ao meu de forma que um espectador menos atento pense que é apenas um casal se pegando, mas ele está me prensando e me prendendo.

Pelo canto do meu olho registro a imagem de Ashton se aproximando. *Droga!* Tudo que eu não precisava era dele aqui agora, vendo isso e ouvindo Eric.

Peço a Deus para que Eric fique quieto, para que não fale sobre a gravidez, mas claro que não tenho tanta sorte.

— Não adianta me seguir por aí, Julia. Eu não vou assumir esse filho. Não vai me obrigar a ficar com você por causa do bebê. Não quero e não vou ser pai, custe o que custar, tá me ouvindo?

Ashton para a uma curta distância, parecendo estar analisando o que está acontecendo aqui e não sei se ele pode nos ouvir, mesmo assim diminuo o tom de voz.

— Eu já disse que fiz inseminação. A chance de esse filho ser seu é quase nula, Eric. Não tô pedindo que assuma meu filho; na verdade, tô pedindo que me deixe em paz.

Ele ri com escárnio.

— Diz isso agora. Logo vai começar com essa bobagem de pensão e a querer que eu sustente o pirralho — fala enquanto aperta mais meu braço. Vai ficar roxo.

— Eric, não tem nada disso. Não quero nada de você e, por favor, me

solta. Tá me machucando.

Quanto mais eu peço, mais ele se aproxima e me sufoca com seu peso, lembrando-me do dia que descobriu sobre a gravidez. Eric coloca uma das pernas entre as minhas e solto um soluço baixinho. Não posso chorar aqui. Não posso atrair a atenção. Mas toda a atenção agora é nossa.

Em um instante ele está me prendendo contra a parede e me machucando. No outro, Eric está no chão, segurando o nariz, que jorra sangue, com Ashton sobre ele, de pé.

— Seu merdinha, como tem coragem de machucá-la aqui dentro?

Eric encara Ashton com os olhos esbugalhados e eu não sei o que fazer. Anelyse vem correndo para o meu lado e as pessoas se juntam ao redor deles com os celulares nas mãos, tirando fotos e filmando.

Amanhã isso vai estar nos jornais.

— Você não entende, cara! A piranha tá grávida e quer me dar o golpe.

Ouçó seu gemido quando um chute atinge o joelho dele em cheio.

— Não fala assim dela. A Julia não disse que não quer nada de você? Deixa-a em paz, porra!

— Diz isso agora, mas daqui uns anos vai querer. E o que eu vou fazer? Eu não quero ser pai e não vou deixar isso quieto. Ela não vai ter um filho meu.

Ashton me encara por um instante e percebo que ele está furioso. Noto o instante exato em que sua expressão muda. Se eu soubesse o que se passava na mente dele, se tivesse uma ideia de que ele faria aquilo...

— Ela não vai ter um filho seu, escroto. Julia tem essa irritante mania de pensar nos outros. Não queria que soubesse assim, pois não queria te magoar e por isso inventou essa história de inseminação. Na verdade, o filho que ela espera é meu.

Em toda minha vida não me recordo de ter falado um palavrão, não até agora.

Mas puta que pariu! Que porra foi essa que ele fez?



Lovers Dance

Compositor/ Josh Nicols

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

*With a sensual dance, you wrapped me in your web
Like a helpless prey, I got caught without realizing it.*

*Seeing me in captivity
I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated
Being wrapped in your web does not seem to scare me.*

*Refrão: In this spell web, seduced me and arrested me
I'm a slave of this lovers dance
In your naked eyes tied me
I'm a slave of this lovers dance*

*Freedom I don't crave
But I should
When I focus on your eyes I can only accept.*

*Seeing me in captivity
I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated*

Being wrapped in your web does not seem to scare me.

*Refrão: In this spell web, seduced me and arrested me
I'm a slave of this lovers dance
In your naked eyes tied me
I'm a slave of this lovers dance*

Dança de Amantes

Compositor/ Josh Nicols

Intérprete/ Ashton Ray — *Dominium*

Com uma dança sensual, me enredou em sua teia.
Como uma presa indefesa, fui fígado sem notar.

Ao me ver cativo
Olho teus olhos magnéticos e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia não parece me assustar.

Refrão: Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu
Sou escravo dessa dança de amantes
Em teus olhos nus me amarrou
Sou escravo dessa dança de amantes.

Liberdade não anseio
Mas deveria desejar
Quando foco em seus olhos, só me resta aceitar.

Ao me ver cativo

Olho teus olhos magnéticos e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia não parece me assustar.

Refrão: Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu
Sou escravo dessa dança de amantes
Em teus olhos nus me amarrou
Sou escravo dessa dança de amantes.



ASHTON

Os *flashes* explodem a minha volta enquanto tentamos deixar a casa de shows. Estavam ali esperando conseguir com sorte uma foto com a banda, mas agora? Agora eles têm um furo enorme.

Que porra eu tenho na cabeça? Mal posso esperar para ouvir o que Carter tem a dizer sobre isso.

As pessoas são empurradas pelos seguranças e Carter segue abrindo caminho a nossa frente aparentando irritação, enquanto saímos em direção ao ônibus na parte de trás do local.

Microfones são colocados sob meu nariz e eu nem sei o que dizer a eles. Eu simplesmente a defendi. Vi o cara machucando-a e tenho certeza de que sugeriu um aborto. Ele me pareceu o tipo de homem que tentaria arrancar o bebê com as próprias mãos.

Bebê.

Julia está grávida e ainda não assimilei bem essa verdade. Não pensei muito antes de assumir o filho dela diante de toda aquela gente. Uma mulher que nem mesmo quer transar comigo; inclusive, agora está tudo explicado.

Ela caminha bem na minha frente, os ombros abaixados e a cabeça observando os sapatos, evitando as fotos. Impossível. Depois dessa estupidez, amanhã o rosto dela vai estar em todos os canais de televisão e em capas de revista.

Porra, Ashton.

Tray vem logo atrás e estampa um sorriso prepotente no rosto, como quem diz “*agora ferrou de vez*”.

Josh caminha ao lado de Anelyse e eles me observam enquanto

cochicham. Claro que querem saber o que aconteceu ali. E eu sei?

Merda.

Entramos no ônibus e o motorista dá partida, livrando-nos das perguntas dos repórteres.

Alívio percorre meu corpo, mas ele não dura.

— Você é louco? Seu doente! Como pôde fazer isso? Agora todo mundo pensa que o filho é seu! — Julia grita e eu nunca a vi tão irritada, nem mesmo quando nos conhecemos.

Abro a boca para responder, mas nem sei o que falar ou como começar a me explicar. Felizmente Tray me interrompe.

— Então o filho não é mesmo seu, né?

Julia olha para ele e sua fúria é dirigida ao idiota do meu amigo.

— Filho dele, Tray? Me diz como? Como posso ter engravidado em poucos dias e estar grávida de três meses? Seria uma proeza mesmo, porque nem transei com ele!

Anelyse estranhamente começa a rir.

— Cara, o Carter vai te matar! Você assumiu um filho, Ash. Deveria estar evitando chamar atenção e agora todo mundo vai falar nisso. O pior é que você nem fez o filho...

— Eu sei, porra! Sei que fiz besteira de novo.

Josh se aproxima.

— E por que fez?

— Sei lá! Eu nem sabia que ela estava grávida. Aliás, alguém sabia?

Ninguém sabia. Vejo todos discordarem com um aceno negativo.

— Aí de repente tinha aquele cara! Ele estava a machucando em um canto e eu fui lá. Minha intenção era dar um soco nele. Seria péssimo? Pode ser, mas ele merecia. Mas aí eu o ouvi falando sobre a gravidez, a acusando de querer tomar o dinheiro dele. — Solto algo semelhante a uma risada sem

humor. — Nem dinheiro ele parece ter.

— E aí você fez o que fez?

— Foi. Mas não foi só isso... Ele disse que não ia permitir que ela tivesse o filho, parecia disposto a fazer mal a ela e eu agi em um impulso. Julia é uma mulher grávida, cara! Eu agi pra protegê-la de alguma maneira. Claro que podia pensar em colocar seguranças ou algo assim, mas eu vi que o problema era que ele não acreditava que o filho não era dele. Tão prepotente... Eu quis que o idiota soubesse que era um corno!

— É, mas ele não era — Josh comenta.

— Eu sei, mas pensei que se ele achasse que o filho era meu, deixaria a Julia em paz. Na hora, foi a única coisa que pensei.

Anelyse se aproxima de Julia.

— Julia, sei que tá furiosa com o babaca do meu irmão, e com razão, mas me diz uma coisa... Aquele cara é ou não o pai?

Ela olha para minha irmã e solta os ombros, finalmente se desarmando um pouco.

— Bom, eu não sei exatamente.

Tray solta um risinho antes de comentar:

— E quantas outras opções existem?

Ela estreita os olhos em sua direção.

— Uma! — Julia começa a explicar tudo. — Eu saí com Eric algum tempo, mas não era sério o bastante. Queria muito um filho e fiz inseminação artificial. Escolhi um doador com base nas características físicas e de personalidade, mas ele é só um número.

Julia observa nossas reações. O que ela esperava? Que ficássemos assustados com sua atitude independente? Ela parece se dar conta de quem somos e continua, menos constrangida.

— Logo em seguida, fui burra e transei com Eric. Pensei que a

inseminação não houvesse dado certo, ia pedir outra amostra e fazer de novo... Poucos dias depois, fiz o teste e descobri que estava grávida. Depois, bom, simplesmente não sei se o bebê pode ser dele. Foi só uma vez e usamos preservativo.

Anelyse parece intrigada e, para falar a verdade, eu também estou.

— Quer dizer que não pode ser dele! Se vocês se preveniram, não tem por que pensar que o filho é dele.

— Foi o que eu disse a ele quando contei, mas Eric diz que o preservativo estava na carteira tinha muito tempo, que estava... vencido.

Tray solta uma gargalhada. Não consigo me controlar e começo a rir junto.

— Quer dizer que o senhor virilidade não fazia sexo há muito tempo, mas agora se acha o garanhão?

Ela revira os olhos.

— Olhem só, a possibilidade do filho ser dele é muito remota, quase impossível. Só que ele insiste que é e que vou ligar pedindo pensão. Não precisamos discutir a lógica dele, porque ele não tem uma. Descobri isso logo que contei que estava grávida.

— Então, na verdade, o pai do seu filho é um doador anônimo?

Pergunta idiota, eu sei. Julia começa a se irritar outra vez.

— É a droga da intenção quando se faz inseminação, não saber de quem é! Eric foi só uma complicação.

Tray me encara e em seguida a Josh antes de sorrir divertido.

— Pode ser meu, cara. Se lembram quando inventei de doar meu esperma?

Sorrio com a lembrança de uma noite de bebedeira, uma fã doida e um banco de esperma. Tray e suas ideias idiotas de ser eternizado em milhares de filhos pelo mundo. O cara arrastou a mim e a Josh com ele e nos

fez participar da insanidade.

— Não é bem assim. Ela escolheu o doador Tray, tenho certeza de que deve ter características físicas melhores que as suas. Falando nisso, já sabe se alguma das suas amostras vingou?

Julia nos encara com incredulidade.

— Vocês são estranhos. Doou seu sêmen e nem sabe como funciona direito, Tray?

— Bom, não foi uma doação comum. Algumas doses de tequila com umas garotas e, de repente, estávamos lá com o copinho nas mãos. Foi só uma farra...

Em defesa dele, realmente as lembranças daquela noite foram distorcidas por muito álcool.

— Eles não vão te informar sobre a concepção se houver uma, porque você não terá nenhum direito sobre o bebê — responde Julia.

— É, mas meus cinquenta filhos poderão me procurar aos dezoito anos e eu serei o recordista dos pais. Vai ser demais...

Anelyse nos interrompe.

— Podemos voltar ao que interessa e discutir quantos filhos por inseminação o Tray vai ter quando chegar a hora? No momento, a questão é a besteira que o Ash fez e como o Carter vai dar um jeito nisso.

— E por falar nisso, onde tá o Carter? — Josh questiona. Aparentemente, desta vez consegui tirar até ele de seu estado de calmaria eterna.

— Acho que foi de carro... — respondo vagamente.

— Cara, ele deve estar surtando. Vai ter que arrumar mais essa bagunça agora e eu não sei como Carter vai fazer isso.

Encaro minha irmã e penso que ela tem razão. Não tem como apagar o que eu disse. Agora vou ter que ir diante de todos e dizer que menti, o que

vai ser horrível. Ainda é melhor que deixar todo mundo acreditar que vou ter um filho ou...

— Meu chefe! Klaus vai me matar quando ligar a televisão e ouvir isso. Ashton, você não pensa? Estragou tudo com essa fofoca agora! Com certeza vou ser retirada do caso e você vai ter que se virar sozinho.

Com isso, ela sai pisando duro para o fundo do ônibus e Anelyse vai atrás dela, não sem antes me lançar um olhar de repreensão. *Droga*. Eu preciso de tratamento. Será que existe tratamento para gente impulsiva? Deve existir...

Não pensei em nada disso. Nem na carreira dela, na sua posição atual de minha babá, no meu nome ou no processo. A única desgraça que passou pela minha mente foi tirar aquele babaca do rastro dela.

Pouco depois disso, o ônibus chega à entrada da mansão. Os portões se abrem e os seguranças permitem nossa entrada enquanto barram os repórteres que já estão montando acampamento do lado de fora. Não vai ser fácil me livrar disso.

Descemos em frente a casa e entramos imediatamente. As portas da sala de reuniões já estão abertas e Carter caminha apavorado de um lado para o outro com o celular no ouvido.

— Não. É claro que ele não é o pai, você sabe que a moça veio essa semana para cá...

Ouçoo-o dizendo ao telefone e entramos para aguardar que ele encerre.

— Venham para cá, eles já chegaram. Vamos fazer uma reunião e decidir o que fazer com isso agora. Não diga nada a ninguém que negue ou confirme o que Ashton disse. Vamos resolver como será nosso posicionamento na mídia... Sim, Julia já está aqui também. Doutor Klaus, acho que ela está tão chocada quanto nós.

O chefe dela.

Finalmente ele desliga o celular. Uma ruga de preocupação está marcando sua testa franzida quando nos encara.

— Eu não vou nem gritar, Ashton. Nem sei o que dizer quanto a isso porque agora ultrapassou tudo que já fez antes. Nem a mulher do prefeito supera essa. Eu pedi que os sócios da firma onde Julia trabalha venham para cá porque simplesmente não sei o que fazer com essa bomba.

Passo a mão pelos cabelos, frustrado, tentando encontrar uma saída.

— Eu sei. Sei que fiz uma coisa absurda, mas não temos opções, vou ter que ir diante dos repórteres e contar que menti. Eu posso dizer que fiz isso pra proteger a Julia no momento e quem sabe nem me achem tão idiota assim...

Ele me encara por alguns instantes, pesando minhas palavras, mas por sua expressão não me parece que veja essa como a única opção. Carter decididamente tem algo diferente em mente.

Julia parece revoltada com o que está acontecendo. Não vou tirar sua razão.

— Claro, vai precisar arrumar isso imediatamente. Carter, meu chefe te perguntou se Ashton não era mesmo o pai? Eu não acredito nisso!

— Bom, ele disse que o que Ashton falou sobre a mentira da inseminação lhe pareceu bem... crível.

— E como foi que ele viu isso?

Carter dá de ombros, derrotado.

— Filmaram a briga, já está na internet.

Claro que sim.

— Pareceu crível porque era a intenção na hora... — É minha única resposta.

Não tenho muito o que dizer. Nem sei como me meti nisso. Agora preciso outra vez pensar em conjunto com Carter e a banda para vermos o

que pode ser feito para amenizar tudo, porém, desta vez temos o agravante de Julia e da firma. Tudo está mais complicado e o caos está formado.

Esperamos em silêncio. Julia roendo as unhas, agoniada. Anelyse encarando-a com piedade e a mim com ódio. Tray cochilando em meio a essa zona instaurada e Josh... bom, ele deve estar meditando porque não se move tem um bom tempo.

Eu e Carter estamos andando de um lado para o outro, cada um com suas próprias preocupações. As dele são voltadas para o meu nome e o da banda. Já as minhas, além das mesmas que ele, ainda envolvem Julia e a roubada em que a coloquei.

Algum tempo depois, a porta se abre outra vez e três homens engravatados entram. Julia se levanta aflita.

— Klaus, eu não sei nem o que dizer.

— Nem eu, Julia. Nem eu.

O homem de meia-idade a encara com uma expressão tensa de quem realmente não sabe o que fazer, mas logo desvia os olhos para cumprimentar Carter. O tal Klaus apenas me lança um olhar contido.

Sei muito bem o que pensa de mim, mas ele também sabe de onde vem o dinheiro e por isso se controla para não dizer o que realmente quer. Os outros dois o seguem para dentro sem dizer nada, mas são claramente parentes. Acho que Julia mencionou algo sobre a firma ser de três irmãos.

— Bom, senhores... — Ouço Carter dizer enquanto os conduz até a mesa no centro. — Estamos diante de um péssimo cenário para Julia e para a credibilidade dela como funcionária de vocês. Sei que as coisas parecem complicadas sob essa perspectiva. Meu cliente agiu impulsivamente para defendê-la de outro homem que estava a machucando e acabou falando o que não devia.

É impossível que eu argumente contra isso. Apenas encaro meus

amigos, que parecem tão tensos quanto o resto de nós.

— A questão agora é o que faremos e como vamos resolver essa situação.

Um dos outros engomadinhos pigarreia antes de falar.

— Acho que os envolvidos devem se sentar aqui e nos dizerem como pensam que devemos resolver isso.

Dito isso, Julia se levanta, elegante como sempre, e caminha até a mesa. Creio que tenha ficado desestabilizada por algum tempo, mas já recuperou a pose e parece decidida.

Eu também caminho até eles, sentindo-me pela primeira vez na vida muito consciente das roupas que estou usando, das tatuagens que cobrem meus braços e da diferença enorme entre esses homens e eu.

Entre Julia e eu.

Eu sou o cara que faz as besteiras e ela é aquela que conserta a porra toda.

— Bom, senhores, como a principal envolvida aqui sou eu, penso que não há muito o que se discutir. Ashton mentiu visando me defender, mesmo assim foi uma mentira que pode prejudicar minha carreira e me causar muitos problemas. A única saída é uma retratação. Ele vai até a imprensa e diz a verdade. Vocês me retiram do caso, me substituem e continuam trabalhando com ele, porém, com outro estagiário cuidando das coisas por aqui.

Eu aceno afirmando que sim. Farei exatamente o que ela diz. Porém, o tal Klaus não concorda.

— Olha, Julia, eu sinto muito, sei que não foi culpa sua, mas não podemos fazer isso. Se eu a mantiver na empresa e continuarmos com o caso, ficaremos desacreditados. Mesmo que saibam que seu filho não é dele, ainda assim vão dizer que dormiu com o senhor Ray e por isso ele te defendeu. A única maneira de continuarmos com esse caso será se a demitirmos...

Ela dá um sorriso fraco.

— Não acho que esteja pensando direito, Klaus. Você não pode demitir uma mulher grávida.

Ele a encara estático, finalmente se dando conta de que isso não será tão fácil assim. Julia é uma boa moça, mas ela sabe lutar pelos seus interesses. Carter parece tranquilo agora. Percebo até uma linha sutil de um sorriso se formando e sei que ele está armando alguma. Basta esperar.

— Certo. Temos um impasse aqui. Julia não pode ser demitida. Mesmo que Ashton diga que não é o pai, ainda irão acreditar que dormiram juntos e com certeza os advogados do prefeito vão se aproveitar disso para reafirmarem Ashton como vilão. Estive pensando enquanto vocês discutiam e tenho uma ideia.

Klaus abre os braços e suspira. Julia também está concentrada em Carter, esperando o que ele vai dizer, e eu apenas posso pressentir que vem algo ainda pior do que a catástrofe atual.

— Primeiramente, Ashton não dirá que o filho não é dele. *Eu sei!* Eu sei, pessoal, parece loucura, mas ouçam até o final. Ashton vai reafirmar o que disse e Julia vai confirmar. Eles dois serão um casal apaixonado diante da mídia, o que vai, ao invés de piorar a imagem dele, ajudar a melhorá-la. Ashton Ray deixa o mundo dos solteiros para se tornar um namorado responsável e pai! Fantástico!

Levanto-me bruscamente.

— Tá ficando doido, Carter? Não tem um jeito de sustentar essa mentira.

Julia parece tão pasma quanto eu, mas logo encontra sua voz.

— E eu vou ser a sem-vergonha que engravidou da celebridade? Como isso me ajudaria?

Ouçó a risada de Tray atrás de nós e escuto Anelyse chamando sua

atenção.

— Não, Julia, você seria a musa de um artista apaixonado. Claro que teremos que calar o pessoal da clínica onde fez a inseminação para que não contem a verdade por um tempo. Logo que vencermos o caso contra o prefeito, falamos a verdade, porque claro que não tem como arcar com essa mentira a vida toda.

— E aí diríamos o quê? Perdeu o juízo! — digo.

Não consigo aceitar que ele esteja mesmo planejando isso.

— O mesmo que queriam dizer agora, falamos que ela estava sendo ameaçada e que você fez isso pensando em protegê-la. Até lá o processo já terá terminado.

Acho melhor intervir. Julia parece prestes a avançar em cima dele.

— Espera um pouco aí, Carter. Já entendi os benefícios pra mim e até pra firma, mas a Julia vai ser a única prejudicada nisso.

— Prejudicada por quê? O bebê não tem um pai, ninguém deverá ficar escondido até isso acabar, então nenhum relacionamento sofrerá com isso. Além disso, ela se livra do tal ex-namorado perseguidor e ainda mantém o emprego no final. Tudo perfeito. Se concordar com isso, Julia, vai ficar aqui como namorada do Ashton, em uma espécie de férias bem longas. Bancamos todos os seus gastos com o bebê e pagamos muito bem pela sua cooperação.

As bochechas dela estão vermelhas de raiva. É a coisa mais linda que já vi e, por mais que pareça errado, estou torcendo para que ela aceite e fique aqui mais um tempo.

Ela está grávida! Caramba, isso deve ser pecado.

— Pagam bem pra que eu não diga que o filho não é dele? Não tô pedindo dinheiro, só não me sinto confortável em manter essa história.

Carter fica de pé e se dirige a ela.

— Julia, você é uma mulher sozinha, que vai ser mãe. Mesmo que não queira dinheiro para manter a história, precisa admitir que manter o emprego é essencial porque tem um filho para cuidar agora. Sei que não é uma situação ideal, mas não vai ser prejudicada em nada. Se uma hora decidirem te demitir, garanto um emprego para você.

A ideia de passar meses fingindo tudo isso é absurda, porém, ao mesmo tempo faz sentido pelos motivos óbvios: o processo e a repercussão da notícia.

Noto minha irmã se aproximando da mesa. Quase havia me esquecido deles ali atrás. Ela segura a mão de Julia oferecendo apoio.

— Se não quiser fazer isso, não pode ser obrigada. Só que se decidir ficar, eu prometo ajudar em tudo. Vamos fazer compras, ficar na piscina e comer muito.

Julia sorri para ela. Parece-me impossível que ela aceite algo assim. Julia é centrada demais, correta demais. Klaus se levanta também. Parece que estão dando a resposta dela como “sim” e não posso deixar de me sentir bem com isso. Ao menos ela vai ficar. Irei pedir desculpas pela estupidez e tudo vai ficar bem.

— Ele está certo, Julia. É o melhor a ser feito. Afastamos você do caso, mas quando isso tudo terminar, volta a trabalhar na firma. Isso se ainda quiser porque com certeza vai estar famosa.

Ele lhe dirige um sorriso encorajador, como se Julia fosse ser seduzida pela ideia de fama. Mesmo assim, vejo-a assentindo.

— Se é o melhor pra todos e se promete que vai manter meu emprego, então eu fico.

Assim, da noite para o dia, transformo-me de um roqueiro violento em um namorado e pai babão.



ASHTON

As coisas estão esquisitas. Desde que Julia aceitou ficar e manter a farsa, não falou comigo nenhuma vez sequer. Claro que sei que ela está com raiva, mas em algum momento precisaremos conversar e eu prefiro que seja antes de uma aparição pública.

Estou aqui vigiando cada passo dela, tentando encontrá-la sozinha para termos uma conversa séria sobre tudo isso, mas Anelyse não desgruda. Quando não estão juntas, estamos todos juntos; o que não ajuda também.

— Ash, cara, para de secar a menina. — Um tapa forte atinge minha nuca quando Josh passa por mim, indo até a geladeira.

— Eu não tô fazendo isso. Quero falar com ela, mas a Julia decidiu me evitar agora.

Ele ri. O desgraçado *ri* de mim.

— Por que será? Ela nem tem motivos pra ficar irritada com você.

— Eu não disse isso, mas ela aceitou ficar, aceitou fingir, então deveria falar comigo, não acha?

Josh apenas nega com um gesto.

— Não necessariamente, ela pode muito bem conversar com você apenas na frente dos urubus e cumprir sua parte no acordo. Não sei se percebe, mas você fez com que o nome dela caísse na boca de todo mundo. Todos pensam que ela teve um caso com você.

— E qual o problema nisso?

Josh pega um copo de água e assente enquanto toma.

— Agora eu entendi. Você queria que tivesse acontecido, mas ela não. Deve ser duro mesmo, amigo.

Palhaço.

— Claro que não, isso não tem nada a ver. Só não acho que o fato de todos pensarem que ela dormiu comigo seja algo a ser visto como negativo. Muita gente já inventou isso sem ter feito, só pra se sair bem. Geralmente elas consideram vantagem dizer que transaram comigo.

— Geralmente... Agora descobrimos que ela tá grávida... Eu não sei você, mas eu não iria transar com uma grávida. Cara, parece pecado.

Não vou dizer a ele que isso é reflexo dos pensamentos que eu mesmo tive.

— Pecado? Não fala bobagem, Josh.

— O que é pecado? — Tray chega à cozinha e vai logo se intrometendo no assunto.

— Transar com uma mulher grávida.

Ele encara Josh e assente, compreendendo sobre quem estávamos falando.

— Olha, cara, pecado eu não sei se é. Pra falar a verdade, se eu não soubesse, pegaria ela do mesmo jeito, mas o que me incomoda é o pirralho.

— Que pirralho?

— O moleque. Pensa se é com você. Tudo tá na maior tranquilidade, você lá tirando sua soneca, quietinho na barriga da sua mãe, que é quase um templo, porque sabemos que mãe é sagrada, aí de repente um pau começa a entrar e sair, te cutucando, atrapalhando seu sono... Ah não, cara, é uma puta sacanagem com o pirralho.

— Cara, só cala a boca.

Levanto-me um pouco irritado, porque ouvindo Tray falar parece tão idiota, mas pensei exatamente a mesma coisa. Vejo Julia subir com minha irmã em direção à piscina e vou atrás.

— Julia, podemos conversar?

— Ah, oi, Ashton, agora tô um pouco ocupada.

Encaro-a com ceticismo. Ela usa um short curto, uma camiseta branca e os óculos de sol estão pendurados na blusa. Julia parece um dia de verão.

— Sério? Me pareceu que ia se sentar na beira da piscina.

— Não deixa de ser uma ocupação — responde, erguendo o queixo como quem me desafia. Eu não deveria, mas a quero ainda mais por isso. Adoro desafios.

— Precisamos conversar, Julia. Não vai poder fugir de mim pra sempre.

Uso as palavras com a intenção de afetá-la e é exatamente o que acontece. Julia é o tipo de pessoa que não aceita que a chamem de covarde.

— Eu não tô fugindo. Só estive ocupada com coisas mais importantes. Vamos conversar então, se insiste.

Aceno para ela na direção da casa e Julia volta comigo pelo mesmo caminho que acabamos de fazer. Entramos novamente na cozinha, que agora está vazia, mas eu continuo até a sala, buscando um lugar mais confortável. Sento no sofá e com um gesto a chamo para se sentar ao meu lado. Julia joga o peso de uma perna para a outra, parecendo pensar sobre isso, mas acaba cedendo e se senta comigo.

— Em primeiro lugar, por mais moleque que eu seja, tenho noção de que compliquei as coisas pra você e peço desculpas por isso.

Espero por uma resposta, mas ela mantém os olhos nas mãos sobre o colo e eu tento não deixar que meus pensamentos se desviem para suas pernas expostas.

— Eu o ouvi e percebi que ele estava te machucando. Não pensei no que estava fazendo e, bom, se serve de consolo, as coisas também se complicaram pra mim, pois agora vou ter um filho.

Ela ergue os olhos e me encara finalmente.

— Acontece que você não vai. *Eu* vou ter um filho. Pra você isso é apenas mais uma brincadeira, mais uma aventura e, quando se cansar, simplesmente para e pronto. Eu sonhei com isso por muito tempo...

Sei que suas palavras são a mais pura verdade, porém, mesmo assim me deixam mal. Não gosto que ela pense que sou só um babaca usando o bebê e ela por publicidade.

— Julia, eu não sei o quanto isso significa pra você, nem tenho como saber, mas minha intenção não era de melhorar minha imagem através de vocês. Nunca foi isso.

— Eu sei que não fez de propósito. Sei disso, mas...

Eu a interrompo, pego sua mão na minha e a olho tentando transmitir toda a seriedade com que encaro a situação.

— Olha só, eu vou te ajudar, vou estar do seu lado enquanto isso durar e no que precisar de mim depois disso também. Não somos um casal de verdade, mas podemos ser amigos. E, como amigo, prometo apoiar você e ajudar em cada etapa durante o tempo que me quiser por perto. Eu não sou o pai do seu bebê e nem seu namorado, mas quando estivermos fazendo algo, quero que saiba que eu tô ali de verdade.

Julia tem os olhos cheios de lágrimas e eu simplesmente não sei como reagir. Mulheres chorando são o horror dos homens, sempre foram. Comigo não é diferente. Enquanto penso no que fazer para que ela não chore, ela decide se abrir.

— Eu sou órfã, sabe? Meus pais morreram quando eu era criança e morei com uma tia por alguns anos. Ela não era ruim, mas não sabia lidar comigo também, então nunca tive uma família... Sei que você não sabe o que é isso, afinal você tem uma família presente mesmo nesta sua vida agitada e maluca, mas tente imaginar que nunca teve ninguém.

Eu apenas aceno, concordando, ainda sem saber o que dizer.

— Desde que me vi sozinha, a ideia de ter um filho se plantou na minha mente e nunca mais saiu. Eu queria alguém pra dividir a vida, um companheiro e então juntos iríamos construir nossa família, mas o tempo foi passando e fui ficando mais cética sobre os relacionamentos. Os namoros e até mesmo os casamentos podem acabar, mas um filho... Um filho é seu pra sempre. Ele vai te amar e você vai amá-lo sempre. Por isso a ideia da inseminação foi ficando cada vez mais atrativa, até que decidi fazer.

— Eu entendo. Consigo compreender seu sonho, Julia. É lindo ter um desejo tão puro.

Ela aperta minha mão como resposta.

— Fui a clínica e escolhi um doador. Olhei as características físicas pra que se parecesse comigo e o histórico de doenças. O resto não é mesmo importante... Então eu fiz. Já havia saído com o Eric, mas não era sério o bastante pra que eu compartilhasse isso com ele. As coisas evoluíram, nós acabamos transando e você sabe o que aconteceu depois...

— Não exatamente. Você disse que ele foi um babaca, mas não disse como ele reagiu à notícia.

— Eu fiz o teste uns dias depois e deu positivo, então decidi contar pra ele. Não porque pensava que pudesse ser filho dele, mas por causa do nosso relacionamento. Quando eu contei, ele surtou. Começou a gritar comigo e dizer que eu queria dar um golpe nele, que eu planejava segurá-lo com o filho. Por mais que eu tentasse explicar, ele não me ouvia. Eric foi violento comigo e depois disso terminei com ele e troquei minhas fechaduras, mas ainda estava morrendo de medo de que voltasse a me procurar.

Sinto meu sangue ferver. Por um momento, penso que entendi errado, pois se eu entendi certo...

— Como assim foi violento com você?

Ela abaixa o rosto de vergonha. Porra, eu quero matar aquele

desgraçado!

— Me deu um soco muito forte na barriga. Eu caí no chão porque Eric me pegou de surpresa. Depois ele saiu do apartamento e me deixou lá.

— Filho da puta!

Eu queria ser o tipo de homem que fica, que abraça e diz que vai ficar tudo bem, porém, eu sou o outro tipo.

Levanto-me sem dizer uma palavra e saio batendo a porta.

Eu vou matar o desgraçado.



JULIA

Ai meu Deus! Ele vai matar o Eric.

Subo correndo em direção à piscina, onde sei que Anelyse está, e encontro Tray e Josh com ela.

— Eu preciso de ajuda! Vocês precisam fazer alguma coisa. O Ashton, ele vai matar o Eric!

Tray sorri despreocupado, como se eu tivesse dito que acabei de assar um bolo.

— Quem é Eric mesmo?

— Como assim "quem é Eric? O de ontem, do anúncio de *“vou ser papai”*”.

Ele solta uma gargalhada. Sério? Quem ri em um momento como este?

— Não vão atrás dele? — pergunto exasperada.

— Primeiro, se vocês conversaram e ele decidiu ir atrás do cara, é bem provável que ele mereça. Segundo, você disse a Ashton onde encontrar o

tal Eric?

Pensando bem, acho que Tray tem razão. Por mais dinheiro e influência que Ashton tenha, não dá para encontrar alguém apenas com o primeiro nome em uma cidade desse tamanho. Ele não sabe mais nada sobre Eric.

— Senta aqui, logo ele vai perceber que não dá pra encontrar o cara e então volta pra casa.

Aproximo-me deles e me jogo em uma das espreguiçadeiras ao lado de Anelyse.

— Vocês estão muito calmos...

Anelyse me olha de lado e sorri.

— É normal. Ashton age sempre assim, no impulso. Algumas vezes tudo vira uma confusão, mas na maioria delas ele se acalma logo.

Parece que realmente o conhecem bem, porque alguns minutos depois ele está de volta.

— Ei, Julia, onde você disse mesmo que o Eric trabalha?

Eu sorrio diante da óbvia tentativa dele de me arrancar as informações.

— Eu não disse e nem pretendo dizer. Você vai ficar calminho aqui, comportado como um exemplo de pai de família.

Consigo arrancar um riso baixo dele com essas palavras, aquele sorriso de lado que tem a capacidade de tirar meu fôlego.

— Julia, eu não posso *não* fazer nada.

— Pode sim. Se olharmos cronologicamente, o que te contei aconteceu bem antes dos fatos ocorridos ontem, então tecnicamente já deu a ele uma lição.

Tray nos encara com curiosidade óbvia.

— Vão continuar com o papo de casal ou vão dizer logo o que

aconteceu? Por que você queria bater no cara que socou ontem?

Eu encaro Ashton, esperando o momento em que ele vai contar e todos irão me encarar com pena. É exatamente por isso que não contei a ninguém.

Sei bem o que deveria ter feito, eu tinha que ter denunciado Eric por agressão, mas não o fiz justamente por isso: vergonha da maneira como as pessoas iriam me encarar. Odeio me sentir fraco e impotente, foi exatamente a forma como me senti diante da força do soco dele.

Aconteceu uma única vez e nunca mais eu permitiria que ele se aproximasse o bastante para que se repetisse, então não prestei queixa e evitei o constrangimento de que todos soubessem. Até agora.

— Ah, cara, ele merece ser esfolado. Só que isso é assunto da Julia, é particular.

Eu percebo os olhos sobre mim e ignoro. Coloco meus óculos escuros e me recosto na espreguiçadeira.

— Sinto muito, pessoal. Não quero falar sobre isso.

Agradeço mentalmente a Ashton por não contar.

— Sabem que vão ter uma entrevista mais tarde? Carter pediu pra avisar.

Anelyse diz casualmente, como se não fosse nada demais aparecer na televisão mentindo.

— Eu vou deitar um pouco e tentar dormir. Me chamem quando a repórter chegar.

Vejo Ashton descendo de volta para a casa e me pergunto se ele realmente foi dormir ou se vai sair em outra busca inútil por Eric.



ASHTON

“Ela reage ao meu toque, joga a cabeça para trás e seu corpo se curva na direção dos meus lábios em um arco perfeito. Julia está totalmente entregue neste momento. Por mais que ela tenha ditado todas as regras desde que chegou, que controle tudo que faço e todos os meus passos, aqui, neste momento, ela é minha e eu sou quem toma as decisões.

Aproveito sua rendição e a torturo um pouco mais com minha língua. Seus seios deliciosos preenchem minhas mãos e aperto os mamilos, buscando que um gemido escape de seus lábios. Sou recompensado quando a ouço ronronar como uma gatinha e prossigo exultante com meus planos de enlouquecê-la. Darei a ela o melhor orgasmo de toda sua existência.

Ela me afasta alguns centímetros apenas para retirar a blusa e atirá-la na cama e em seguida me puxa pelos cabelos, colocando minha boca onde me quer. Uau, a gatinha tem garras.

Enquanto eu a sugo, dando a ela exatamente o que pede, Julia sensualmente passa as unhas pelas minhas costas, deixando um rastro quente onde toca.

De maneira mais bruta do que planejei, levanto-a para subirmos na cama inteiramente e então, com cuidado, retiro sua calça de pijama. Se ela estivesse usando um espartilho não poderia estar mais sexy... Pensando bem, poderia. Faço uma nota mental para providenciar.

Quando finalmente a tenho apenas de calcinha, noto que a peça não é grande como eu esperava vindo de uma garota comportada, também não é pequena demais, mas isso não importa realmente porque em instantes ela não estará mais usando nada.

— Ashton, o que tá fazendo? — questiona com a voz em um sussurro quando percebe que planejo despi-la inteiramente.

— O que acha que tô fazendo? — Ofereço a ela meu melhor sorriso,

aquele que promete uma boa noite de foda.

— Acho que tá indo muito rápido.

Meu coração quase para. Está bem, estou dramatizando, mas eu sou um artista, não poderia ser diferente.

— Tá desistindo? Não quer mais?

Ela balança a cabeça em negativa.

— Claro que quero, mas quero que faça as coisas direito. Conhece a palavra preliminares, Ashton?

— Pensou que fosse tirar sua calcinha e meter meu pau em você sem preparar antes meu banquete? Julia, Julia... Acha que não sei o que tô fazendo?

— Não tenho ideia se você realmente sabe. Sei que se acha o deus do sexo, mas entre se achar e ser, existe um longo caminho.

Ela está me provocando. Claro que meu ego, que admito ser um pouco maior que o normal, acaba por dar as caras. Sinto-me desafiado e sei pelo sorriso que vejo em seus lábios que foi exatamente essa sua intenção.

— Vou mostrar a você do que eu sou capaz, Julia.

Abaixo sua calcinha e ela levanta as pernas para facilitar meu trabalho. Quando atiro a peça para longe, finalmente tenho Julia completamente nua e disposta para mim, como um manjar dos deuses.

Ela é deliciosa, tem o corpo delicado e tudo nela é sensual sem exageros. Nada dos silicones tão habituais no meio em que vivo. Os seios têm a textura suave e macia. Quando meus dedos roçam sua entrada úmida, Julia geme, tão ansiosa quanto eu.

Ao contrário de sua sugestão, não tenho pressa de acabar. Por mim isso duraria até o dia amanhecer, mas infelizmente não posso garantir que consiga me controlar por tanto tempo, pois a vontade de estar dentro dela é demais.

Seus olhos estão atentos a qualquer movimento meu, tentando calcular minha próxima ação. Sorrio diante de sua impaciência e então desço o rosto em sua direção. Ela parece surpresa ao perceber minhas intenções.

— *Você não vai... Ah...*

Eu vou. Quando finalmente minha boca está a centímetros dela, uma batida na porta chama minha atenção”.

Ouçoo ao longe a voz de Josh me chamando.

— Ash, cara, você tá dormindo?

Sento-me na cama e finalmente abro os olhos. Caralho, não acredito que acabo de ter um sonho erótico com ela. Parecia tão real. Eu senti a textura macia da pele dela. Quase posso sentir o gosto... *Quase.*

— Ash, acorda! O Carter tá esperando com a repórter. Ele precisa de você e da Julia lá pra entrevista.

— Já vou, Josh. Vou só tomar um banho.

Ele não responde e sei que me ouviu e foi embora.

Eu entro no chuveiro, tentando aliviar o tesão que o sonho me causou. É impossível. As lembranças dela nua sobre a cama, os gemidos roucos... Eu me recuso a me dar prazer. Preciso ter essa mulher na minha cama, porque pensar nela jamais seria o suficiente.

Troco-me rapidamente, visto uma camiseta preta e uma calça jeans; nada demais, só casual e simples, como um cara caseiro que curte *Netflix* e pipoca.

Encontro Julia já na sala de reuniões com Carter e a repórter.

— Olá, Ashton. Eu sou Sandra e apresento o *Show da Tarde*. Já falei com a Julia, mas ela preferiu esperar por você. Estou ansiosa por ser a primeira que vai poder contar para seus fãs a história de amor de vocês.

Sorrio para ela, mas preciso discordar.

— Na verdade, não será a primeira, pois o assunto tá sendo muito comentado o dia todo.

Ela apenas dá de ombros.

— Especulações. O que importa é que aceitaram me dar essa exclusiva e vou poder contar a versão correta dos fatos. Podemos começar?

Eu aceno concordando e me sento ao lado de Julia, segurando em suas mãos. Ela me olha com adoração e eu sei que está fingindo, mas mesmo assim sorrio de volta.

— Então, como vocês se conheceram?

Silêncio.

Cacete, como fomos esquecer de combinar as respostas?

— Eu decidi fazer uma tatuagem e por coincidência, ou destino, não sei, o Ashton também havia marcado pra se tatuar no mesmo estúdio. — Ouço a voz dela ao meu lado. — Começamos a conversar e uma coisa levou a outra.

Ao menos ela parece ter planejado algumas respostas.

— Que... exótico! Então era um namoro secreto? Vocês são mesmo um casal? Porque devo confessar que foi um choque para o mundo. Até ontem, ninguém sabia sobre o namoro e agora tem até um bebê a caminho.

Julia sorri para a repórter.

— Sim, eu estava defendendo Ashton em um caso e por isso preferimos manter nosso relacionamento em segredo por um tempo, mas somos um casal.

— Claro, o caso do prefeito. E como você lidou com isso? Me desculpe, Ashton, sei que essas coisas acontecem no meio em que você vive. Astros são muito *ativos* sexualmente, mas imagino que a Julia não deva ter ficado muito contente com sua traição. Como você reagiu ao descobrir que seu namorado estava com a primeira-dama?

Julia se cala. A câmera ligada diante de seu rosto é uma tortura. Eu tento responder, mas ela aperta minha mão para me impedir.

— Ashton não me traiu com ela, ele foi drogado e não se lembra do que aconteceu exatamente. Eu não me senti mal com isso porque confio totalmente nele.

Sandra sorri, um riso falso. *Abutre.*

— Claro que sim. Vocês formam um belo casal. E sobre o bebê, de quanto tempo está grávida?

— Três meses. Engravidei logo que começamos a sair, mas descobrimos apenas recentemente.

Ela anota algumas coisas em um papel.

— E você, Ashton? Como se sente em relação à Julia, está apaixonado?

Eu me inclino na direção de Julia e aproveito o momento para roubar um beijo. Ela abre um pouco os olhos, surpresa, mas coloca a mão em meu rosto em um gesto carinhoso.

— Eu tô vidrado nela, Sandra. Penso nela a cada instante e, quando não estamos juntos, ainda sonho com ela. Julia é como um medicamento que é aplicado na veia, depois disso não tem mais volta, pois se espalha por todo o corpo e cura. Ela curou minha alma.

Não é exatamente uma mentira; bom, exceto pela parte da alma porque não tem nada de errado com a minha.

— Que coisa mais linda! E sobre o bebê? Sabemos que é uma responsabilidade enorme e algo que muda a vida das pessoas drasticamente.

— Sim, a gravidez nos pegou de surpresa. Claro que nossa rotina vai ser um pouco diferente quando nosso filho nascer, mas eu não poderia estar mais feliz.

Estendo minha mão e coloco sobre a barriga plana dela. Sei que é

uma atitude muito íntima, mas não consigo não me aproveitar de cada instante para tocá-la. Ela coloca a mão sobre a minha e juntos olhamos para a repórter, aguardando a próxima pergunta.

— Bom, acho que é isso. Muito obrigada por me cederem o tempo precioso de vocês e por compartilharem sua história comigo.

Pouco depois, ela, seu câmara e toda a parafernália deixam a sala. Carter a acompanha discutindo sobre a filmagem, deixando-nos a sós.

— Se saiu muito bem, *estrela* — ela diz. — Por um momento tive medo de que falasse alguma besteira.

— Obrigado, *doutora*, você também tirou de letra. Agora trate de decorar essa história de amor pra não entrar em contradição.

— Deixa comigo. Você foi ótimo com a história de sonhar e pensar em mim a cada segundo.

Apenas neste instante percebo que ainda estou segurando sua mão.

— A melhor estratégia pra enganar seu oponente é basear sua mentira em verdades. Mantenha sua história o mais real possível, modificando apenas os elementos necessários que dessa forma, além de soar mais honesto, corre menos riscos de cometer um deslize.

— Hum, quer dizer que parte do que falou era verdade?

— Exceto pela minha alma, que não tá exatamente doente, eu espero.
— Sorrio para ela, que está sentada tão perto. O cheiro dela está inebriando meus sentidos. — Todo o resto foi verdade.

Ela me fita com seus olhos escuros e uma tensão, que não estava ali antes, surge. Basta um olhar dela e meu corpo inteiro reage.

— Eu sei como se sente, mas agora que você sabe sobre o bebê, acho que entende por que não posso fazer isso.

— Entendo. É apenas por isso que ainda não te agarrei e atirei na minha cama pra vencer sua resistência de uma maneira deliciosa.

Noto que a respiração dela se acelera, os olhos descem para minha boca e sei que meu desejo também é transparente.

— Mas um beijo... Um beijo não é envolvimento demais, certo? Não complica as coisas — comento, torcendo para que ela concorde.

Julia assente e eu avanço. Colo minha boca na dela e afundo meus dedos nos cabelos pretos. Um gemido escapa de seus lábios entreabertos no mesmo instante. Não conseguimos nos beijar com calma; o beijo é desesperado porque, ao menos da minha parte, o desejo me queima e consome de dentro para fora.

Ela segura meus braços buscando apoio, mas sinto suas mãos me apertando, querendo mais. Em um único impulso, coloco-a sobre meu colo sem interromper o beijo.

É um erro, porque a saia dela sobe, revelando as coxas gostosas. Não consigo deter minhas mãos, que agarram a carne macia das pernas dela.

Nossas línguas participam de uma dança sensual. Julia tem gosto de menta e seu toque é como lava derretida, deixando um rastro ardente onde encosta.

Ela me empurra um pouco e me sinto desapontado quando perco seus lábios.

— Ash, para. Era só um beijo... Isso não é um beijo.

Passo as mãos pelos cabelos dela e tento me controlar, a frustração saltando na minha calça.

— Tudo bem. Acho melhor não fazermos mais isso. Para mim não é o suficiente e eu sei que é tudo que tá disposta a me dar.

Ela concorda. *Inferno.*

É isso. Eu não posso me contentar com um beijo que me deixa duro e que nunca vai passar disso. Então, eu me levanto e a deixo lá, sentada. Juro por Deus que foi a coisa mais difícil que já fiz. Porque minha vontade...

Ah, como eu queria levantar aquela saia.



JULIA

Azia. Se tem uma coisa mais chata que azia, inventaram e não me apresentaram, graças a Deus. O enjoo tem um escape, pois você coloca tudo para fora ou faz como eu e come muito para amenizá-lo, mas por mais que eu faça de tudo, a azia persiste.

Levanto-me desanimada. Mais um dia para não fazer nada além de vencer a azia e resistir ao Ashton Ray. Honestamente, não sei dizer o que é mais difícil.

Repito para mim mesma meu mantra que se tornou diário.

Você não vai permitir que ele te beije. Você não vai se aproveitar dos hormônios para pular na cama dele. Você não vai se deixar seduzir por aqueles olhos escuros e insondáveis.

Pronto, agora posso sair do quarto; sim, de pijama mesmo porque estar grávida tem suas vantagens. Ninguém espera mesmo que você esteja apresentável o tempo todo.

Chego à cozinha e encontro Anelyse sentada sozinha.

— Bom dia, Anelyse.

— Bom dia, Ju. Deveria me chamar de Ane agora que somos cunhadas. Você vai me dar até um sobrinho.

Já chegamos nesse nível então, fazendo piadinhas com a desgraça alheia.

— Claro, um sobrinho.

Ela arregala os olhos me encarando.

— Então é mesmo um menino? Você já descobriu o sexo?

— Não, ainda não sei. Falta cerca de um mês ainda pro ultrassom

identificar isso.

Anelyse parece um pouco decepcionada por ainda demorar tanto. Mal sabe ela da ansiedade que tem me atormentado, não vejo a hora de poder descobrir e comprar tudo.

— Quando souber, me conte. Quero ser a primeira a saber hein? A não ser, é claro, que queira contar pra alguém de sua família antes...

Não sei por que depois de tanto tempo isso ainda me incomoda. Sempre que alguém cita minha família, inexistente, sinto um aperto no peito. Agora com a gravidez tudo ficou ainda pior. Abaixo a cabeça tentando disfarçar minha expressão para que ela não note como suas palavras inocentes me afetaram.

— Ju... Desculpe. Você disse que era órfã, mas pensei que tivesse alguém, uma avó, um tio...

Apenas balanço a cabeça de um lado para o outro negando, mas ergo outra vez meus olhos. Quando a fito, percebo que seus olhos estão marejados.

— Ah meu Deus, me desculpe mesmo. Eu não queria te deixar triste...

— Tá tudo bem, Anelyse. Eu que sou uma boba, já devia ter superado isso tudo há muito tempo. Sempre fui sozinha, mas agora ao menos terei meu filho.

Ela sorri com o que digo e suspiro aliviada. Não posso ver ninguém chorando ou vou chorar junto.

— E terá a nós! Eu vou ser a melhor tia do mundo, Julia.

Eu tento sorrir, mas acho que não sai direito porque ela percebe exatamente o que estou pensando.

— Não — ela continua. — Não vai ser assim. Vou ser a melhor tia do mundo a vida toda, mesmo depois que desmentirem essa confusão toda. Vou mimar muito essa criança e vou ficar de babá quando quiser sair pra arrumar

um namorado, eu prometo.

Ela parece sincera, então estendo minha mão sobre a mesa e pego a dela. Ainda assim não crio muitas expectativas, afinal, tanta gente já entrou e saiu da minha vida e, mesmo que não tenham prometido ficar, como Anelyse está fazendo, a presença de alguém por um tempo maior que as relações casuais de trabalho já me parece uma promissora. Era sempre assim, então algo acontecia e eu me via sozinha outra vez.

A última foi a Kate, uma amiga e vizinha que agora está do outro lado do mundo. Nem sei se vamos voltar a nos ver um dia.

Ainda estamos de mãos dadas quando Tray entra na cozinha, que na verdade está mais para sala de jantar separada por um balcão imenso. Mas sabem como é mente de pobre, para mim todo lugar onde se come é cozinha.

Ele entra todo sério, mas ao enxergar nossas mãos sobre a mesa, um sorriso sacana surge em seu rosto.

Claro, o que esperar dele?

— Então tá explicado! Ashton vai gostar de saber que a doutora não tá interessada nele porque prefere outro membro da família Ray. Fantástico, meninas, agora é o momento ideal pra selarem a união com um beijinho.

Reviro meus olhos diante do comentário ridículo. Sei que as pessoas sempre dizem isso, mas eu reviro mesmo. Ele é muito canalha.

— Tá bem, não precisam me fuzilar com esses olhares fatais, eu vim em paz.

Ele ergue as mãos em sinal de rendição. É muito engraçadinho esse Tray.

— O que você quer, Tray? — Anelyse é mais direta que eu.

— Bom, eu quero muitas coisas, mas hoje em especial quero um favor da Julia. Seguinte, Azal Patel é um figurão do petróleo nos Emirados Árabes, mas o homem tem negócios aqui. Quando ele vem, cara, ele dá as

melhores festas que essa cidade já viu. Adivinhem só quem tá em Seattle? O próprio. Vai dar uma festa hoje e quer todo mundo lá. O problema é que ele é amigo mesmo é do Ash... Entende onde quero chegar?

Sim, eu entendo. Porém, como Klaus disse, fui afastada do caso, então entendo que também não devo servir de vigia para o Ashton.

— Tray, eles me tiraram do caso, então outra pessoa deve vir pra ficar de olho nele logo. Melhor falar com essa pessoa, tudo bem?

Ele nega.

— Não, fui perguntar ao Carter antes e ele disse que ainda é você. Por mais que não precise se envolver diretamente com o caso, ainda tá morando aqui. Seu chefe não pretende mandar outra pessoa pra cá. Aliás, aqui não é um acampamento, mulher!

Então eu ainda sou responsável por Ashton. E eu que pretendia evitar encontrá-lo o máximo possível depois de ontem, depois daquele beijo delicioso, daquela boca gostosa... Divagando, já estou divagando sobre coisas que não deveria.

— O que exatamente você quer? Não posso concordar que ele vá a essa festa, aliás, me parece ser um potencial absurdo pra confusão.

— Quero que vá com a gente. Anelyse também pode ir e uma faz companhia a outra. Você consegue controlar o Ashton se algo der errado e todos nós nos divertimos.

— Não sei, Tray — falo ainda pensativa. Não seria nada mau ir a uma festa como essa, mas realmente não sei se é uma ideia boa.

Anelyse me encara com os olhos brilhando e já estou vendo que perdi essa batalha.

— Ah, Ju, vamos! Eu sempre tive curiosidade de ir a uma festa dele. São incríveis pelo que os meninos dizem, mas eles nunca me convidaram.

Tray ri.

— E nem convidaríamos se não fosse necessário pra convencer a Julia. Pode ter certeza de que o Ashton vai te vigiar o tempo todo.

Nem isso consegue tirar o sorriso do rosto dela. Não serei eu a estragar prazeres.

— Tudo bem, eu vou já que querem tanto ir.

Tray dá um pulo socando o ar, ou algo assim.

— Vou contar pros meninos agora mesmo. Ane, já sabe o que fazer! Procure o Carter, peça o cartão de crédito e leve a Julia pra comprar uma roupa apropriada.

Olho de um para o outro sem acreditar.

— O quê? Vou ter que usar uma burca?

— Claro que não, quem sabe se fosse a esposa dele. Aqui ele adora exuberância, classe e sensualidade — responde Tray.

Anelyse se levanta animada.

— Sei exatamente onde vamos encontrar vestidos à altura.



Sáímos da mansão em uma *limousine*. Se isso por si só não parecer bizarro e estranho — mesmo que empolgante, porque eu nunca pensei que fosse andar em uma na minha vida —, adicione a isso o fato de que, quando passamos pelos portões, haviam várias pessoas ainda acampadas do lado de fora; repórteres e algumas fãs malucas.

— É sempre assim? Esse pessoal todo do lado de fora?

Anelyse sorri.

— Nem sempre, mas geralmente, quando alguma fofoca surge, as coisas ficam agitadas por aqui. No caso estão aqui por sua causa. Todos querem uma foto sua e do Ash.

Por mim? Essas mulheres malucas provavelmente estão é querendo me matar, isso sim. Faço uma nota mental para tomar cuidado com as fãs enfurecidas dele.

Uma garoa fina cai nas ruas de Seattle e isso não é nenhuma novidade. Mesmo assim fico observando pela janela escura enquanto seguimos na direção do *shopping*, mas, antes de chegarmos lá, o motorista faz uma curva e entra em uma rua que não me lembro de ter visto.

— Para onde estamos indo?

— Vamos em uma loja mais privada. Eles trabalham com as melhores marcas e tenho certeza de que vamos encontrar vestidos maravilhosos.

— Pensei que fôssemos ao *shopping*.

— E íamos, mas o Ash mandou mensagem e pediu que procurasse um lugar mais reservado. Ele tá com medo de que as pessoas vejam você e tudo vire um caos. Nós não trouxemos segurança, então é melhor não arriscar mesmo.

Aceno concordando com ela. Eu nem havia pensado nisso. É muito estranho ter que planejar cada passo fugindo de *paparazzi* como se eu fosse mesmo uma celebridade.

Pouco depois, o carro é estacionado diante de uma porta pequena; não me parece exatamente o tipo de loja que Anelyse costume comprar, mas já ouviram dizer que pequenos frascos possuem grandes perfumes, certo? É exatamente isso que acontece aqui.

Quando passamos pela porta, vejo uma escada diante de nós e Anelyse começa a subir imediatamente. Pelo visto já estive aqui outras vezes. Eu a sigo e, pouco depois, chegamos a um amplo espaço. É uma loja maravilhosa! Nunca entrei em um lugar como este, provavelmente porque com o que ganho pagaria apenas um par de luvas.

— Olá, Pietra!

Uma mulher muito bem vestida se aproxima de nós, ela tem os cabelos loiros muito claros e usa um salto enorme. Apesar de intimidante com sua aparência perfeita, ela abre um sorriso quando encara Anelyse e a mim.

— Oi, Ane, querida. Me trocou pelas lojas *glamourosas* dos *shoppings* que eu sei.

Ela nos cumprimenta com beijos no rosto. Olho em volta e não posso deixar de pensar que não pode existir algo mais *glamouroso* que isso. Os móveis são de madeira rústica e os lustres de cristal, uma combinação inusitada, mas que fica perfeita. Estofados brancos estão dispostos nos cantos da loja e uma tapeçaria incrível cobre parte do piso branco. Honestamente, eu poderia me maquiar usando o piso como espelho e ficaria perfeito.

— E então? O que precisam hoje? — Pietra pergunta com animação.

— Vestidos! Viemos em busca de vestidos de festa, algo que seja sensual na medida certa e elegante.

Ela assente para Anelyse.

— Venham comigo.

Nós a seguimos ainda mais para dentro da loja e entramos em um corredor. Só então percebo que a loja não é apenas aquilo que vi ali na frente e tampouco está vazia como pensei a princípio. Cada cômodo é reservado para um tipo específico de roupas e as poucas clientes, duas ou três, estão divididas de acordo com suas necessidades.

Entramos em uma das últimas portas e me surpreendo ao notar que, ao passar por ela, meus pés se afundam em um tapete macio e felpudo. Uma arara enorme, que toma toda a extensão da parede, está diante de nós. Vestidos longos e curtos, com muito brilho e em tecidos variados, estão enfileirados nela.

— Pensaram em algum modelo ou cor em especial?

Eu, honestamente, não pensei, mas Anelyse parece planejar as coisas por mim e por ela também.

— Sim, pensei em vestidos longos pras duas. A Julia ficará perfeita em algo com um decote profundo nas costas e uma fenda em uma das pernas. Eu quero um longo com mangas compridas e um decote generoso na frente.

Mais específica impossível, exceto pela cor que ela não definiu.

— Certo, vou ajudá-las a encontrar algo perfeito! Julia, o que acha de vermelho?

Meneio a cabeça discordando.

— Prefiro algo um pouco mais discreto, já que o modelo é bastante ousado.

Graças a Deus elas não insistem. Pietra começa a caminhar analisando as opções e eu e Anelyse fazemos o mesmo. Vejo um que atrai minha atenção, ele é rosa bem claro e isso quebra um pouco a sensualidade do modelo, que realmente tem uma fenda que vai até a coxa e um decote grande na parte de trás. Procuro pela etiqueta e não encontro. Claro, quando o vestido custa tanto quanto um carro, é melhor não assustar as pessoas colocando o valor assim, escancarado.

— O que encontrou aí, Julia?

Anelyse vem para o meu lado e abre um sorriso enorme ao ver o vestido.

— Perfeito! Vai experimentar agora mesmo! Enquanto isso, vou encontrar o meu.

Pietra retira o vestido do cabide, entrega-me e eu me dirijo ao provador para me trocar. Livro-me das minhas roupas rapidamente e coloco o vestido pela cabeça. Ele não tem zíper ou botões, então ou serve ou você precisa procurar outro. Enquanto analiso minha imagem no espelho, ouço uma batidinha na porta e a abro.

— Vim ver como ficou — Anelyse se explica. — Julia! Ficou fantástico! Ele foi feito pra você.

Sorrio para ela, animada. Consigo entender o apelo de um vestido como este. Não ficou muito justo e dou graças a Deus por isso, ou minha barriga, que ainda está minúscula, ficaria marcada. Neste estágio ninguém pensaria que estou grávida, mas apenas que estou abusando dos carboidratos — o que não é bem mentira.

O tecido é mais encorpado e o corte que vai até o alto da minha perna é o toque perfeito. O decote nas costas é bem proeminente e sei que vou sentir frio, mas por um vestido como este, talvez o sacrifício compense.

— Você precisa ficar com esse! Eu vou experimentar o meu e me diz o que achou. Tira logo e vem.

Ela fecha a porta e me encaro no espelho, pensando no que Ashton vai achar quando me vir usando isto. Não acho que seja muito o estilo dele, provavelmente ele odeia rosa, ou essa não é uma espécie de regra entre todos os amantes de rock? Na minha cabeça, essa regra vem logo depois de amar preto.

Eu não deveria pensar nisso porque a opinião dele não me importa em nada, afinal, não temos nenhum relacionamento e nada vai acontecer entre nós. Nada.

Visto minhas roupas outra vez e saio do provador, indo ao encontro de Anelyse, que se fechou atrás de outra porta.

— Já vestiu? — pergunto e espero que ela abra.

— Aiiiii! Eu adorei! — Ouço sua voz do outro lado.

— Então abre, me deixa ver.

Ela destranca a porta e tenho uma surpresa. Anelyse escolheu um modelo preto muito justo, com um decote que desce quase até a altura do umbigo. Tem apenas um pequeno pingente unindo as duas partes para que

não revele tudo. As mangas são longas e o modelo se abre um pouco nas pernas.

— Uau! Você tá maravilhosa...

O sorriso dela diminui um pouco ao ouvir meu tom.

— Maaas?

Sorrio.

— Bom, mas acho que seu irmão vai ter um ataque cardíaco.

Ela abre o sorriso outra vez.

— Então tô mesmo arrasadora? Me deixe andar que vai ver só.

Dou espaço a ela, que sai caminhando elegante em seus saltos alto. Só então percebo que mesmo o vestido sendo modelo sereia, ele possui não apenas uma, mas duas fendas.

— Anelyse, você tá linda, sensual e todos os outros adjetivos. Eu amei o vestido!

— Acha que o Ash vai me matar?

Percebo que, apesar da alegria, ela está um pouco preocupada com a reação dele.

— Olha, eu acho que ele não vai ficar feliz, mas isso não quer dizer que deva se importar. Você é adulta e toma suas próprias decisões. Se ele tentar te impedir de usar o vestido, eu desisto de ir à festa e ele também não vai poder ir.

— Faria isso? Obrigada, Ju! Você não sabe como é importante pra mim usar isso na festa. Eu não pareço uma criança que pegou as roupas da mãe?

— Claro que faria — respondo primeiro sua pergunta anterior. — Ele precisa ser menos machista e parar de tentar mandar em você. E não, não parece uma criança. Você é uma mulher e nesse vestido faria até o homem mais santo pecar.

Ela sai dando pulinhos de alegria. Sinto que realmente tem um homem em mente a quem pretende tentar e, sinceramente, ele que se cuide.



ASHTON

Impaciência é algo que tenho de sobra. Eu, Tray e Josh estamos esperando Anealyse e Julia há uns vinte minutos e estou prestes a ir procurar pelas duas, quando as vejo chegando.

Que tipo de vestido é esse que Ane comprou?

Não acredito que ela tenha pensado que eu a deixaria sair assim. Olho para o lado e vejo que Tray está se afastando; ele sabe que vou brigar com ela e prefere nem ficar por perto. Josh mantém seu olhar fixado nela e uma expressão séria e assustada.

Não é para menos! Anealyse é uma menina e não tem que se vestir desse jeito.

— Ane... — Eu ia falar com ela, mas então Julia se coloca ao seu lado e *caralho*, perco a fala.

Ela está perfeita. Julia é linda e gostosa o tempo todo, mas vestida como agora ela é minha perdição.

Não posso me conformar com o “não” dela. Não quando penso e sonho com essa mulher nua na minha cama a cada instante. Se ela não cede com tanta facilidade, vou precisar ser mais persuasivo. Só de imaginar esse vestido no chão do meu quarto sinto que começo a ficar excitado.

— Vamos? — Tray nos chama da porta e completamente no automático me viro e saio na direção do carro.

Carter enviou dois seguranças por precaução para o trajeto e para

nossa entrada e saída da festa; uma vez lá dentro, estaremos tranquilos.

Nós nos dividimos em dois carros; Julia e Anelyse vão com Tray e um dos seguranças, e eu e Josh seguimos com o outro.

— Cara, você viu a roupa da Ane, certo? Por que não falou nada?

Olho para ele, só então me lembrando de que eu ia falar alguma coisa, ia fazê-la voltar e se trocar, mas então Julia apareceu e desviou minha atenção. Infelizmente, não posso dizer isso sem parecer um idiota.

— Eu vi, mas decidi relevar, Josh. Ela estava tão animada com a festa que não quis estragar tudo. Converso com ela quando estivermos em casa.

— E isso adianta de que, Ash? Todo mundo já vai ter visto a Ane com aquele vestido!

— Cara, relaxa. A Ane é só uma menina, ninguém vai olhar pra ela assim.

Ele solta um riso sarcástico.

— Sério, Ash? A Ane não é criança tem muito tempo. Só que pra você, aliás, pra *nós* todos, ela sempre vai ser uma menina, mas ela é pouco mais nova que a Julia e olha como você fica perto dela.

Acho que ele tem razão. Anelyse tem vinte e três anos e já até teve um ou outro namorado, mas nunca algo sério. Tenho certeza de que ela ainda é virgem, porém, criança ela não é mais. Preciso ficar mais esperto com isso e começar a me preparar porque, uma hora ou outra, ela vai conhecer alguém.

Não o respondo. Fico pensando nisso tudo que ele disse e, pouco depois, chegamos à festa. Quando desço do carro, vou direto até elas e abro a porta. Julia e eu precisamos entrar juntos e desempenhar nosso papel de casal apaixonado.

— Pronta, querida?

Julia me olha surpresa, mas em um segundo ela parece se lembrar do nosso acordo e sorri para mim, saindo do carro e me dando o braço.

Anelyse, Tray e Josh caminham um pouco atrás, então paramos, de braços dados, sorrindo um para o outro propositalmente, como se estivéssemos esperando por eles, mas dando chance aos fotógrafos de nos fotografar.

Aproveito o momento, puxo-a de encontro ao meu corpo e beijo sua boca. É um beijo rápido e ela arregala os olhos, mas não diz nada que nos entregue. Os outros se unem a nós e entramos pelas portas do hotel e um pouco depois no elevador, rumo à cobertura. Assim que as portas se fecham, ela me encara irritada.

— Por que me beijou?

Eu sorrio sem o menor arrependimento.

— Porque nunca vi um casal que acaba de descobrir que vai ter um filho que não esteja completamente apaixonado. Precisamos encenar direito ou vão desconfiar.

Ela me dá um olhar enviesado antes de se virar para frente. Claro que Julia sabe que eu me aproveitei do momento, mas não vai dizer nada na frente deles. Enquanto esperamos o elevador se abrir, preparo-me para o que virá. Seremos bombardeados com perguntas sobre a gravidez e a relação. Um passo em falso pode destruir tudo.

A noite promete.



ASHTON

Logo que entramos, percebo muitos rostos voltados em nossa direção. Claro, somos a fofoca mais atual e nos ver aqui, juntos, torna tudo ainda mais real para todos.

Aqui ninguém vai dizer claramente, pois são todas pessoas cheias de si o bastante para disfarçarem a curiosidade; exceto pelos fotógrafos, que não perdem a oportunidade de conseguir o melhor ângulo.

Azal Patel nos vê quase imediatamente e vem ao nosso encontro sorrindo. O homem usa um terno caro e se mistura entre os americanos com tanta facilidade que não seria possível distingui-lo até que ele fale alguma coisa. O sotaque é perceptível e o homem parece fazer questão de evidenciar ainda mais.

— Ashton Ray, você veio, meu amigo! Ouvi as novidades e pensei que estaria se escondendo.

Sorrio e retribuo o abraço no qual já estou envolvido.

— Esconder é coisa de covarde, Azal. Além de vir, trouxe comigo a Julia.

Ele desvia o olhar para ela e percebo um brilho de malícia. Esse cara não vale nada, mas dá as melhores festas e parece mesmo gostar de mim.

— Então essa é a grávida mais famosa do país, e de muitos outros devo dizer, pois a história chegou até mim. Se eu não soubesse, jamais imaginaria, não vejo nem sinal de um bebê nesse corpo magnífico.

Julia parece um pouco envergonhada com o jeito expansivo dele, mas sorri e agradece. Percebo que ela está mais interessada no que está a sua volta e que ainda está irritada comigo por causa do beijo. Sua mão está sobre meu

braço, porém, ela se esforça para manter certa distância.

— E vocês estão juntos? São um casal ou apenas terão um filho?

Se os outros conseguem disfarçar a curiosidade, Azal não vê motivos para isso. Tudo que ele quer saber, pergunta. A franqueza é uma de suas maiores qualidades, e também o maior defeito.

— Estamos juntos — respondo. — Julia é minha namorada, Patel, então faça o favor de tirar o olho.

Ele solta uma estrondosa gargalhada e continua:

— Eu sei me comportar, Ash. As gêmeas é que ficarão desapontadas. Elas aceitaram meu convite porque eu disse que você estaria aqui. Talía e Talita, se lembra? Faz algum tempo que esperam pela oportunidade de te encontrar em um lugar mais... tranquilo.

Ele aponta para um canto da sala e as vejo. São duas morenas curvilíneas, de cabelos muito escuros e compridos. Na verdade, elas me lembram um pouco a Julia, ou talvez seja só minha mente obcecada falando.

Lembro-me perfeitamente de já ter ouvido falar nas irmãs, que são conhecidas por buscarem sempre sexo a três. Geralmente conseguem convites para as melhores festas e colecionam transas com famosos. Péssimo momento, doçuras.

As duas sorriem para mim e sinto a tensão de Julia ao meu lado. Como se eu fosse pensar em fazer algo que mine minhas chances mínimas com ela.

— É, sou um cara comprometido agora, mas Josh e Tray com certeza estão disponíveis.

Azal continua sorrindo e se vira para cumprimentar meus amigos.

— Como estão? E essa belezinha com vocês?

Porra. Ouço quando ele se refere a Anelyse, que observa tudo um pouco animadinha demais.

— Indisponível. É a irmã do Ash. — Ouço Josh responder. Essa é a vantagem de ter amigos como os meus; nem preciso me preocupar porque sei que eles cuidam dela e a protegem até mais que eu.

— Irmã? Infelizmente meu radar hoje não está dos melhores. Fiquem à vontade e aproveitem a festa. Vou conversar com os outros convidados.

Aceno para ele e o vejo se aproximar de um casal que acaba de chegar. Nós nos distanciamos e passamos pelas portas de vidro que dão para a piscina do hotel. A melhor parte das festas de Azal, além das mulheres e da bebida, é a decoração.

Ele consegue fazer umas coisas absurdas nessas festas e sempre tenta transformar o lugar em algum cenário diferente. E sempre consegue.

Desta vez, quando passamos para a área aberta da piscina, nós nos vemos praticamente dentro de um circo. Pessoas vestidas em roupas extravagantes fazem malabarismo, as garçonetes estão vestidas como mágicas sensuais e alguns dançarinos, que estão sobre um palco, parecem fazer um *strip-tease* circense.

Azal não me parece fazer acepção entre homens e mulheres, mas não sei. No nosso meio existe tanta fofoca sem comprovações que na verdade não sei com certeza, porém, não estranho ao ver o palco tomado por homens arrancando as roupas. Provavelmente em algum momento serão substituídos por mulheres, agradando a todos os convidados.

Lençóis foram pendurados nas laterais da cobertura e mulheres muito maquiadas usando aquelas roupas justas e coloridas descem e sobem por eles. A sensação que tenho é a de que arriscam suas vidas a cada instante, porque estão muito perto da beirada. Se esse lençol se desprender por algum motivo... Cara, não quero nem pensar na desgraça que seria.

Um tigre passeia em uma coleira no meio do povo. É o animal de estimação de Azal e com certeza ele combina com o cenário. Não é bem uma

surpresa vê-lo aqui, mas é outra merda em potencial. Se ele estiver decidido a jantar, o cara que está segurando a coleira não tem a mínima chance e provavelmente vai ser o prato principal. Nunca entendi a obsessão de Patel por esses animais selvagens, pois para mim é óbvio que o lugar deles é na selva.

Percebo que Julia e Anelyse estão apavoradas e ao mesmo tempo admiradas. Ele é mesmo um animal incrível, apesar de assustador. Creio que fiquei muito tempo admirando o bicho, pois perdi uma discussão da minha irmã com Josh e só aterrissei quando ouvi que ela estava falando comigo.

— Ash... — Anelyse me chama. — Por que tem um tigre aqui?

— É do Azal. — Ouço Tray responder antes que eu o faça. — Ele tem adoração por esse tigre e sempre acaba trazendo junto.

Julia abre um sorriso enorme ao ver o bendito tigre lambendo as patas. É mole? Portando-se como um gatinho manso.

— Ele é lindo! Quero ver de perto, Ashton.

Já estou negando com um gesto antes que ela conclua a insanidade.

— Nem morto, Julia. Você vai ficar quietinha aqui. Perdeu o juízo?

Neste instante, vejo Patel caminhando na direção do animal. Ele se agacha fazendo carinho no tigre e vejo a mão dele tocando o focinho do bicho na maior calma do mundo. Observo a cena ainda pensando no que pode dar na cabeça de alguém para colocar o braço tão perto da boca de um animal como aquele. De repente, uma mulher chega ao lado dele. Mais uma corajosa... Quando ela sorri é que me dou conta do que está acontecendo. *Put a que pariu!* A doida da Julia me deixou aqui e foi lá ver o tigre de perto. Era só o que me faltava!

Aproximo-me deles contra minha vontade, mas como posso deixar a desmiolada grávida perto de um tigre desse tamanho?

— Julia, por favor, saia de perto desse bicho. Você tá me deixando

nervoso.

Patel ri para ela e me encara, divertindo-se.

— O Ash sempre teve medo do Malí. Eu o tenho há muito tempo e ele nunca fez mal a ninguém, mesmo assim Ashton não se aproxima dele de maneira alguma. — Então se vira e fala diretamente para mim: — Para de estragar o momento, Ash. Eles se identificaram. Deixa a moça brincar com ele um pouco. Vai, eu cuido dela.

Julia nem me olha de volta, pois parece encantada pelo animal. Contra meu bom senso, afasto-me e a deixo ali, mas continuo atento a cada movimento seu e a cada respiração do tigre.

— Cara, aquela garota é doida! — Tray também está parado observando a interação dela com o animal e parece tão assustado quanto eu.

De repente, vejo o impensado acontecer. Seria menos surpreendente ver o tigre atacando todo mundo, mas o que vejo é Azal enrolando os cabelos longos de Julia com uma das mãos enquanto a ajuda a chegar mais perto do tigre, como se fosse apenas um gesto gentil para tirar os fios de perto do animal. E então, ele segura na mão dela e acariciam o tigre juntos.

Porra! Ele está usando o tigre para dar em cima dela e o pior é que Julia parece muito à vontade ali com os dois. Não acho que esteja nem mesmo se lembrando de mim.

Além de isso me incomodar pelas razões óbvias, ainda tem o fato de que se eles forem fotografados assim, isso vai render. Eu é que serei chamado de corno, e o pior, um corno que nem mesmo tem algum envolvimento com a mulher. Ou seja, vou colher as consequências sem nem ao menos desfrutar das partes boas.

— Eu hein. Se eu fosse você, estaria puto. Olha pra eles, cara, parecem até um comercial chamando a família pra visitar a droga de um zoológico.

As palavras de Tray só servem para me deixar ainda mais possesso.

Julia se levanta e os dois se perdem em uma conversa que não consigo ouvir, mas que deve estar mesmo muito interessante, porque ela sorri e joga os cabelos para trás o tempo todo. Isso não é sinal de quem está flertando? Já ouvi isso em algum lugar. Julia está dando moral para aquele árabe dos infernos debaixo do meu nariz e na frente de todo mundo.

Isso não vai ficar barato.

Deixo Tray e Josh, nem sei mais onde Anelyse se meteu, e saio andando no meio das pessoas, cumprimentando alguns conhecidos e falando com uns poucos amigos. A maioria das pessoas aqui já esteve comigo em outras festas e quase todos são famosos de alguma maneira. Atores, apresentadores e outros músicos; além de pessoas que são apenas muito ricas e dedicam seus dias a diversos tipos de atividades.

Observo por sobre o ombro e Julia ainda está concentrada em sua conversa com Azal, sem nem mesmo notar que me distanciei. Se ela não vê motivos para manter a imagem de casal apaixonado, eu não serei o preocupado. Afinal de contas, não é meu estilo ficar choramingando por migalhas de atenção. Ela me deu milhares de motivos para não transar comigo, mas mesmo assim está se engraçando com aquele *Mohammed* bem debaixo do meu nariz.

Quando me viro outra vez para seguir meu caminho, deparo-me com as gêmeas bloqueando-o.

— Olá, vocalista. — A voz de uma delas me alcança mesmo em meio a música alta.

Sorrio para as duas.

— Boa noite, meninas.

— Azal disse que achava que você viria. Também nos contou como gosta de diversão...

Ah caralho, como eu gosto.

— É mesmo? O que mais ele disse sobre mim?

— Apenas coisas boas, claro. Meu nome é Talía e essa é minha irmã Talita. Ela é tímida...

As duas sorriem com o comentário e percebo que isso é como um jogo para elas. Aquela velha história do policial mau e policial bom, sabem? Gêmea santa e gêmea pecadora.

— Pobrezinha, muito introvertida — comento, entrando na onda.

— Sim, mas sabe, Ashton... Ela se solta um pouco em ambientes mais tranquilos.

— É mesmo?

Preciso pensar.

Eu poderia, claro. Poderia foder as duas, afinal de contas é exatamente o que elas querem. Sem falar que sexo a três é sempre excitante. Julia não vai ceder e eu estou ficando louco. Ela tem me deixado duro há dias e talvez seja exatamente o que preciso. Extravasar. Além disso, ela parece muito mais interessada no *Aladdin* lá do que em mim. Eu não vou ficar de quatro por ela enquanto espero que mude de ideia.

Ao mesmo tempo que a situação é tentadora, não posso arriscar nosso esquema. Precisaria de muita discrição e um valor extremamente alto para convencer as gêmeas a não espalharem a fofoca depois. Tudo complicado demais para uma noite de sexo, mesmo que seja com as duas gostosas, então não compensa o risco. Além disso, não acho que cem mulheres parecidas fisicamente com a Julia possam tirar minha vontade alucinada de me enterrar nela.

Antes de me decidir, olho outra vez em sua direção e percebo que agora tenho sua atenção. Azal ainda fala com ela, mas Julia está com o olhar fixo em nós, observando cada movimento meu com uma expressão de poucos

amigos.

Esse jogo pode ser jogado por dois.

Volto-me outra vez para as gêmeas e sorrio. Coloco meus braços ao redor delas, abraçando-as.

— Vamos aproveitar a festa antes de qualquer coisa. Primeiro as bebidas, garotas!

Caminho com as morenas até o bar com o olhar fulminante de Julia ainda me acompanhando, assim como o de outras pessoas. Sei que isso pode gerar algum comentário maldoso, mas no momento só quero que ela sinta o ciúme que eu senti.

O *barman* enche três copos com tequila e brindamos juntos. Bebo com elas e ouço Talía contar alguma coisa que deveria ser engraçada. Não é, mas mesmo assim dou risada. Na verdade, solto uma gargalhada como se estivesse me divertindo muito e dou as costas para Julia.

Veremos até quando ela vai se manter longe.



JULIA

É quase impossível para mim imaginar que essas pessoas vivam assim sempre, em meio a festas desse tipo toda semana como se fosse algo totalmente natural. Na verdade, é algo comum, para eles ao menos.

Quando entramos na cobertura, meus sentidos foram invadidos por todos os lados, os cheiros de algumas comidas exóticas dispostas sobre uma mesa comprida, o som absurdamente alto e principalmente o cenário de sonhos.

Não soube nem mesmo para que lado olhar ou em que me concentrar;

a exuberância e as cores, os artistas famosos e as mulheres que desciam fazendo acrobacias penduradas apenas por um lençol. Tudo era muito excitante.

Azal Patel foi muito simpático e isso me deixou um pouco mais relaxada também, afinal, aqui eu sou uma intrusa. Assim como é nítida a diferença nas finanças de uma moradora de rua se comparada a mim, é transparente o abismo social entre essas pessoas e eu. Mesmo assim, ninguém pareceu notar que não pertenço a esse meio, ou então não levaram isso em consideração porque agora eu tenho um passe livre vivendo dentro de mim. O bebê que em teoria é do Ashton.

Ashton.

Fiquei irritada por ele ter me beijado diante das câmeras na entrada do hotel e não pelos motivos que ele devia estar pensando. Não era porque não queria ou porque me pegou de surpresa, ou ainda porque Anelyse, Tray e Josh estavam pouco atrás de nós e viram tudo. O problema é que odeio a reação que meu corpo tem quando ele me toca assim. Odeio porque é maravilhoso. Um pouco confuso, mas é o que acontece.

Quando a boca dele encostou na minha, foi como se uma descarga elétrica corresse por minhas veias, incendiando tudo e me deixando acesa de uma maneira que não sabia apagar; ao menos não sozinha, e acompanhada é difícil.

Estou tentando me controlar e não ceder à atração ridícula que há entre nós. Tudo já é complicado demais sem sexo no meio, mas, quando o encaro, meu domínio quase desaparece por completo.

Um homem não deveria ser gostoso assim. Desse jeito o universo não está me dando apoio. Ele é lindo e divertido, apesar de babaca muitas vezes. Mas o corpo do homem... É isso. Ashton deveria ser proibido em público porque ele é um transtorno a uma sociedade decente e que zela pela moral e

pelo celibato de futuras mães.

Meu braço estava sobre o dele e senti o calor que emanava de sua pele por baixo do terno justo. Precisava me afastar antes que começasse a ter ideias erradas sobre o homem cantando enquanto tirava cada peça de roupa, ficando só de gravata borboleta.

Deus do céu, esses hormônios precisavam ser controlados.

Tentei me concentrar no que via ao meu redor; as pessoas, a comida. Dei graças a Deus por não poder beber, ou as coisas ficariam ainda piores. Ouvi que Anelyse discutia com Josh atrás de mim, mas não escutei atentamente. Só sei que falavam de roupa. É mesmo um absurdo que todos se achem no direito de criticar as escolhas de roupas da menina.

— Ash... — Ouvi a voz dela. — Por que tem um tigre aqui?

Um tigre? Olhei para frente e percebi o animal passeando tranquilamente no meio do povo, um rapaz junto dele. Era a coisa mais linda que já vi. Em um impulso, decidi que queria ver de perto, porque era provável que nunca teria outra oportunidade assim.

— Ele é lindo! Quero ver de perto, Ashton.

“*Nem morta*” foi a resposta dele. Como se, além de me obrigar a me passar por sua namorada, viver na sua casa e agir como se meu filho fosse nosso, eu ainda devesse seguir ordens dele. Achei que as coisas estavam se invertendo ali e eu nem notei. Quem manda sou eu, *eu* é que decido onde ele pode ou não ir, não o contrário.

Vi quando Azal Patel se aproximou do animal e aproveitei o momento. Tirei meu braço do de Ashton e caminhei decidida para onde o tigre estava sendo acariciado pelo dono.

— Olá de novo. Tô encantada com a beleza do seu tigre. Posso me aproximar ou corro o risco de ser devorada?

Azal me encarou sorrindo de um jeito que sabia que era planejado

para mostrar a covinha no lado direito do rosto. Infelizmente para ele, eu estava vacinada contra todos os sorrisos masculinos. Todos, exceto um.

— Se refere ao tigre ou a mim? — disse malicioso, mas percebi que estava apenas brincando. — Pode chegar mais perto, ele é treinado, é quase um gatinho.

Concordei sorrindo e me aproximei um pouco mais. O tigre não parecia mesmo disposto a fazer uma refeição no momento. Lambia as patas como se fosse realmente um animal de estimação.

Em seguida, ouvi a voz de Ashton atrás de mim, ordenando que eu saísse de perto do tigre. Ignorei-o de propósito. Não sabia bem se estava apenas sendo possessivo ou se era preocupação na voz dele, mas preferi não descobrir. Porque um Ashton preocupado... Eu não seria páreo para isso.

Azal falou com ele e ouvi seus passos se afastando.

Precisava que ele se distanciasse, que entendesse que não vou mudar de ideia, talvez ele desistisse de uma vez. Porque com tanta persistência, não sei até quando iria suportar. O fato de estar irritado ficou transparente em seu rosto. Ashton parecia um pouco exaltado e eu só esperava que não acabasse descontando a raiva em alguém da festa, mas me aproveitei disso para me manter longe. Quem sabe se ele pensasse que não tinha interesse, que não era apenas a questão com o bebê, que não me sentia mesmo atraída por ele, acabasse por perder a determinação de ferro.

Azal enrolou meus cabelos para trás e segurou em minha mão para que eu tocasse o tigre. Claro que ele estava se aproveitando um pouco da situação, mas não deixei de ter a sensação de que estava fazendo de propósito porque percebeu que Ashton e eu somos instáveis.

Quando meus dedos tocaram o pelo do animal, foi surreal. Além de incrível foi assustador pensar que, se ele se virasse decidido, poderia dar adeus para minha mão com a outra restante. Sem demonstrar meu pequeno

temor, ergui-me e encarei Azal, que me contava sobre seus outros animais selvagens. Não era proibido criar leões e tigres em casa? Foi o pensamento que tive ao ouvir o que ele dizia.

Ainda o ouvia, mas meus olhos resolveram percorrer a festa a procura de Ashton, que não estava onde deveria com os amigos, mas imaginei que estivesse com Anelyse, que também não estava em nenhum lugar à vista. Enquanto eu cometia insanidades e tentava irritá-lo, ele se aproveitou disso e sumiu no meio dos convidados.

Então, eu volto para o agora e o vejo, mais perto da piscina, conversando com as gêmeas que Azal falou na entrada da festa. É um absurdo que Ashton me faça passar vergonha aqui, diante de toda essa gente.

Vejo quando ele passa os braços por sobre os ombros esqueléticos das duas e as acompanha até o bar. Meu sangue ferve. Quem ele pensa que é para deixar todas essas pessoas com pena de mim? Já consigo ver nos rostos delas que eu sou a pobre coitada, grávida e um fardo para ele. A idiota que vai cuidar de um bebê em casa enquanto ele viaja em turnês transando com tudo que usa saias.

Eles pegam as bebidas e tomam de uma vez. Ele está rindo de alguma indecência que uma delas deve ter dito e eu gostaria neste momento de ter o poder de disparar laser com o olhar, porque derreteria em dois segundos aqueles cabelos de plástico das duas.

Que coisa horrorosa! Duas irmãs querendo transar com o mesmo homem. Juntas! Isso é incesto! Acho que elas faltaram a igreja quando mais novas, mas eu não vou permitir que outra manchete se forme. As custas do meu chifre ainda! Não vou mesmo.

— Julia, está tudo bem? — Azal me chama e percebo quando ele acompanha meu olhar e vê a mesma cena que eu. — Ah, não ligue para isso, Ashton gosta de se divertir. Isso não significa que você não possa fazer o

mesmo...

Penso no que ele diz. Eu poderia fazer o mesmo, mas isso não iria eliminar o fato de que Ashton também faria. Com *duas* de uma vez.

Não consigo acreditar nisso,. Que droga!

Fecho os punhos, irritada, quando vejo uma delas se aproximar para cochichar algo no ouvido dele e se aproveitar do momento para... *Ela está mordendo a orelha dele?* Aqui? Na frente de todo mundo? Essa oferecida! A outra fica de sorrisinhos, fazendo a boa moça, tímida... Sei! Tão tímida que quer transar junto com a própria irmã. A abusada coloca a mão no peito dele, aproxima-se sorrindo e arruma a gravata, que nem mesmo está torta. Ele, sem perder tempo, coloca a mão na base da coluna dela.

— Foi um prazer conversar com você, Azal. Agora, se me dá licença, vou ter uma conversa com Ashton.

Ele ri. Ao menos alguém está se divertindo com isso.

— Pode ir. Só não faça um escândalo, por favor.

Eu aceno concordando. Só então paro e penso sobre o que vou fazer. Não posso chegar lá e expulsá-las aos berros, isso apenas pioraria a situação.

Enquanto me questiono sobre o que fazer, vejo a mão da vadia descer em direção ao cóis da calça dele. De jeito nenhum que isso vai acontecer!

Se alguém vai transar aqui hoje, esse alguém sou eu.



JULIA

Caminho decidida até onde os três estão conversando. Uma das atrevidas me vê de longe e diz alguma coisa para ele, que só pode ser com relação a minha aproximação, porque logo Ashton se vira e me nota.

Cada passo meu é dado de maneira a revelar minha perna; a fenda tinha mesmo que servir para alguma coisa. Determinada, paro diante dele e coloco minha mão em seu braço.

— Oi, amor. Estava pensando... Tô um pouco cansada. Que tal irmos embora?

Ele estreita os olhos para mim, mas não sorri como sempre faz.

— É mesmo? Pensei que estivesse muito bem disposta conversando animadamente com nosso anfitrião.

Sua voz é baixa e percebo que o irritei, exatamente como planejado. Só não imaginava que mudaria de ideia logo depois. Dou um sorriso insinuante.

— Podemos continuar a festa em casa...

Ashton quase revira os olhos para mim. *Quase*. Eu vejo isso. Ele continua me encarando, o maxilar trincado. Nem mesmo a ideia de sexo o faz relaxar.

Então entendo, ele não pensa que eu esteja falando sério. Provavelmente acredita que apenas estou tentando evitar que seja flagrado e que as notícias se espalhem. Eu o rejeitei tantas vezes, sempre em péssimos momentos, que agora Ashton não acredita que eu possa estar falando sério.

— Tudo bem, continue falando com suas amigas. Vou pegar uma coisa pra que guarde pra mim.

Saio exibindo o decote nas costas, esperando que minhas insinuações despertem algo nele, e então sigo para dentro da casa. Em questão de poucos minutos, encontro um dos banheiros, que por sorte está vazio.

Retiro minha calcinha de renda, que é pequena e sensual, enrolo bem e a escondo na mão. Depois disso, volto para a festa e o encontro ainda conversando com as duas.

— Amor...

Ele se vira e me encara com a sobrancelha erguida.

— Pode guardar pra mim?

Coloco a calcinha no seu bolso sem mostrar o que é e me aproximo de seu ouvido para que outras pessoas não me escutem.

— Dê uma olhada. Depois, se quiser saber o que ela escondia, me encontre no primeiro banheiro no corredor. Vou esperar lá...

Dou meia-volta e entro outra vez na casa. Em seguida, vou para o banheiro e tranco a porta. Estou nervosa. Eu me arrisquei e agora não vou voltar atrás. Se ele não vier, será a pior humilhação da minha vida. Além disso, como vou fazer para pegar minha calcinha de volta? Isso foi loucura!

Felizmente, logo as dúvidas são postas de lado quando ouço sua voz por trás da porta.

— Julia? Você tá aí? — Sorrio vitoriosa, escondida pela porta.

Abro e ele entra rapidamente, olhando-me de esguelha. Tranco a porta em seguida e retiro a chave. Ashton me encara demoradamente, seus olhos escuros me sondando como se ainda não pudesse acreditar que eu fizera aquilo.

— Isso é sério? Tirou sua calcinha apenas pra me afastar das gêmeas? Isso foi golpe baixo...

— Eu... — Não sei bem o que dizer para ele. Agi impulsivamente e agora estou constrangida em ter que tomar a iniciativa disso.

Ashton percebe que estou repensando e solta a respiração pesadamente, parecendo um pouco chateado.

— Vou voltar pra festa. Tô cansado de joguinhos de provocação que não levam a nada, Julia.

Coloco-me contra a porta, decidindo ir até o fim.

— Ah, mas você não vai mesmo. Não fiz isso pra provocar.

— Não? E qual seu objetivo?

Meus olhos percorrem seu corpo e meu coração bate tão forte que chego a pensar que pode ser ouvido do outro lado da porta. Que droga! Preciso ser ousada ao menos uma vez na vida. Com as duas mãos, seguro as laterais de seu terno, puxo-o para mais perto e em seguida alcanço o botão da calça, começando a descer o zíper.

— Julia?

Sua voz me alcança e em seu timbre há curiosidade, desejo e dúvida.

— Você não queria, Ashton? Me mostra então... Tô te dando livre acesso.

Ele ainda parece não acreditar, mas sua mão se insinua por dentro da fenda do vestido, desnudando minha coxa, testando. Somente quando o toco sobre a cueca, Ashton entende que não vou voltar atrás.

A mão dele deixa minha perna e sobe para o decote do vestido. Ele cola sua boca na minha e me beija de maneira bruta enquanto desce de uma só vez o corpete da minha roupa, revelando meus seios nus. Então, os lábios dele estão por toda parte. Ashton morde meu lábio com força e depois passa a distribuir beijos molhados por meu pescoço, orelha e colo.

Afasta-se um pouco para observar meus seios e seus olhos transmitem o desejo que ele sente. Então, Ashton me beija ali. Beijar não é bem a palavra, já que ele me suga com intensidade, enquanto suas mãos apertam meus seios. Sua língua deixa um rastro de fogo por onde passa. Ele brinca

com meus mamilos rígidos e os morde delicadamente, apenas para lambê-los logo depois. A impressão que tenho é que, se ele pudesse, colocaria meus seios inteiros na boca.

Meu corpo se curva em sua direção. Preciso de mais dele. Permito que uma de minhas mãos o alcance por baixo da cueca e ouço um gemido de satisfação escapar de seus lábios enquanto começo a manuseá-lo. Minha outra mão está afundada em seus cabelos e comando seu rosto de um lado para o outro onde mais o desejo.

— Ah, Julia... Você é gostosa pra caralho. Eu quero te foder aqui mesmo.

Soltou um riso baixo. Como se eu fosse sair daqui sem que isso aconteça.

— Você vai. Não destranco essa porta antes disso...

Ele não responde, pois está ocupado demais levando a mão de volta para minha coxa...

Ashton me ergue e me vejo sentada sobre a pia, os objetos de decoração empurrados para o lado de qualquer jeito. Minhas mãos abrem seu terno e rapidamente o atiro ao chão. Logo depois, a camisa e a gravata têm o mesmo destino com a ajuda dele.

Nem sei o que dizer ou fazer, o homem por si só é uma tortura. A combinação de sua roupa social, perfeitamente alinhada, com o homem selvagem e todo tatuado que está por baixo das peças é excitante. Ele me inclina um pouco para trás e sobe meu vestido até a cintura.

Vejo seu rosto se abaixando, enquanto seus dedos encontram meu sexo com toques ainda mais torturantes.

— Antes de entrar em você, eu preciso te chupar e te sentir gozando na minha boca, Julia.

Uau. Não pensei que ele faria isso, ao menos não aqui e agora. A

expectativa faz com que o tesão se acumule ainda mais forte dentro de mim. Felizmente, não é preciso esperar muito. Sua língua atrevida encontra minha entrada e a percorre, lambendo-me em um gesto tão *sexy* que, antes que eu perceba, estou puxando seus cabelos, prendendo-o ali.

Não quero que ele pare.

Ouçoo um riso baixo. Se o homem já era convencido, depois dessa noite se tornará insuportável.

Ele sobe na direção do meu clitóris, que já pulsa com a expectativa, e quando o toma na boca, eu vou ao céu e volto à Terra. Certo, acho que céu não é bem a palavra. Devo ter ido ao inferno, onde esse tipo de coisa é mais comum, mas voltei rapidinho porque agora Ashton o segura entre os dentes. Eu sei que vou chegar ao orgasmo em instantes enquanto essa boca safada e deliciosa me experimenta como se eu fosse a coisa mais saborosa que já provou.

Se eu tinha controle, planejava minhas ações e sempre havia sido racional, isso acabou no momento em que coloquei os olhos nesse homem.

Atiro os pensamentos de moral e ética que tentam vir à tona para longe e me concentro novamente nas lentas e torturantes lambidas que ele dá em todo meu sexo. Ashton roça a barba, que começa a despontar, pela minha pele sensível e uma de suas mãos sobe de encontro ao meu seio para dar o golpe final.

Observo seu braço forte e todo coberto por tatuagens se erguer. Com as pontas dos dedos, Ashton segura meu mamilo e mais uma vez me suga com força.

Em êxtase, eu tenho meu primeiro orgasmo em muito tempo.



ASHTON

Talvez Julia precise de um tempo para se recuperar, mas não consigo ir devagar e nem acho que seja isso que ela quer, afinal, sexo em banheiro não é para ser delicado.

Toco-a lentamente, estimulando seu clitóris, e sou recompensado com um gemido gostoso. Meu dedo encontra o caminho com facilidade, escorregando nela, que está pronta para mim. Coloco dois dedos dentro dela e movimento-os um pouco. Ela rebola contra minha mão, com os seios deliciosos ao alcance da minha boca. Preciso entrar nela. Esses dias todos nos serviram como preliminares e eu sou capaz de gozar apenas com o toque dela, mas não hoje.

Tiro meus dedos e a ouço reclamar com um grunhido insatisfeito. Seguro-a pelo bumbum arredondado e ela passa as pernas ao redor da minha cintura. Meu pau está duro como nunca antes e, sem pensar duas vezes, aproximo-me de sua entrada e meto forte.

Porra...

Julia emite um pequeno grito de surpresa, enquanto eu estoco outra vez.

Paro um segundo apenas para confirmar se ela está bem, pois não sei se fui muito bruto. Julia me olha por um instante, apoia as mãos nos meus ombros e diz a coisa mais incrível que já ouvi essa boca gostosa pronunciar.

— Me fode, Ash.

Ah, eu fodo.

Enterro-me nela de uma vez só e passo a meter seguidamente, com força, cada vez mais rápido e fundo. Julia geme alto no meu ouvido, surpreendendo-me, pois não esperava que ela fosse assim. Claro, é uma surpresa bem-vinda.

Beijo-a para abafar o som e impedir que as pessoas do lado de fora

ouçam, mas ainda resta o barulho dos nossos corpos se chocando enquanto entro nela completamente.

Percebo pelos sons que ela faz que vai gozar outra vez, então abocanho seu mamilo e aperto seu seio forte enquanto a fodo como venho sonhando há dias. Seu corpo logo se convulsiona ao meu redor, os espasmos contraindo meu pau evidenciam seu orgasmo e não me seguro mais. Em mais duas estocadas, derramo-me dentro dela gemendo em seu ouvido o quanto ela é gostosa.

Caralho. Nunca fiz um sexo assim, e olha que já transei muito. Provavelmente o tesão acumulado tornou tudo muito mais intenso. Acho que a mulher em questão também fez com que as coisas fossem tão diferentes. Julia não é como as garotas de sempre, ela é estável, decidida e centrada, talvez por isso tudo foi ainda melhor.

Nossas respirações se acalmam um pouco e saio de dentro dela, ajudando-a a descer da pia. Ela caminha calmamente para dentro do *box* do banheiro e imagino que tenha ido se limpar. Meus pensamentos já estão se agitando enquanto imagino sua expressão arrependida ao retornar e o que ela vai me dizer.

Quando Julia volta, já recomposta, com o vestido no lugar e os cabelos presos, suas palavras me surpreendem.

— Vou procurar sua irmã e chamar todos pra irmos embora. Continuamos isso no seu quarto?

Ah, porra! A noite ainda nem começou.



JULIA

Não acho que tenham desconfiado de alguma coisa. Encontro Josh antes dos outros e ele não reluta em ir embora. Quando enfim encontro Anelyse, ela também concorda em ir para casa sem problemas. Já Tray decide que vai ficar um pouco mais e, honestamente, não vejo problema nenhum nisso.

Pouco depois, chegamos na mansão, naquela que agora também é minha casa por um período longo de tempo. Anelyse mal se despede de nós e se tranca em seu quarto. Quando pergunto a Ashton e Josh por que ela está irritada, nenhum deles parece saber. Retiro meus sapatos sem deixar de ter a sensação de que Josh sabe exatamente o que houve com ela, mas ele não me dá abertura para questionar, pois logo anuncia que também vai se deitar.

Sobramos Ashton e eu.

— E então, *doutora*? Não vai me dizer que mudou de ideia ou que se arrependeu. Nem mesmo pode culpar o álcool porque sabemos que não pode beber.

A voz dele tem um toque de diversão, mas vejo em seus olhos que há certo temor de que eu desista. Eu não poderia fazer isso nem em mil anos. O sexo foi intenso e brutal, mas não o bastante.

— Reconheço que pensei muito antes de me decidir pelo que aconteceu hoje. — Pela expressão dele, está prevendo que eu confirme suas palavras, mas eu continuo: — Confesso que muitas vezes racionalizei demais e, quando as coisas esquentaram, desisti... Só que agora que aconteceu, não vou parar sem tirar o máximo de proveito de você, *estrela*.

Um sorriso se abre em seu rosto e eu preciso fazer uma pausa e pedir a Deus que me livre desses sorrisos, porque sempre que um deles surge, meu coração acelera descontrolado. Isso, decididamente, não é bom. Nada envolvendo o coração pode ser bom.

Ao invés de dizer algo, ele me puxa de encontro ao seu peito, enlaça

minha cintura e me beija com sua intensidade característica enquanto nos dirigimos ao meu quarto, que está mais perto.

Nossos lábios se unem e sinto o desespero dele passar para mim. Em questão de instantes, estamos na porta. Ele a abre sem desgrudar a boca da minha e me puxa para dentro, fechando-a logo depois. Ashton me conduz até a cama e me deita, colocando-se sobre mim. Ficamos assim, beijando-nos por algum tempo antes de ele se afastar um pouco. Seus olhos escuros me encaram e ele se ergue apoiando nos braços.

— Sei que disse que não é muito musical, mas acho que a música adequada pode tornar um bom momento ótimo... Além disso, ela abafa outros sons.

Ele diz isso e estica o braço para alcançar o celular no bolso da calça. Quando a música invade o quarto, reconheço a nova canção que ele cantou no show.

Entre gemidos e tremores involuntários causados por seus beijos e toques, vejo quando ele retira a camisa. O paletó já havia sumido em algum momento entre nossa chegada e o agora. Depois, Ashton pega um preservativo de dentro do bolso. Vê-lo rasgar o plástico com os dentes é excitante em um nível absurdo e me lembro de que não usamos um desses no banheiro. Por mais que eu já esteja grávida, não sei com quem ele andou se deitando e deveria ter pensado melhor nisso.

Repreendo-me mentalmente pela insanidade, mas não vou estragar o momento por algo que já aconteceu. Estou pronta para ele outra vez e ansiosa para gozar no mínimo mais umas três vezes. Sonhar é possível, certo?

Vejo quando ele abaixa a calça, o tempo todo seus olhos ficam presos aos meus. Com uma das mãos, ele envolve seu pênis, trazendo-o para fora.

Sinto que minha boca saliva. Antes, nunca considerei tão atraente a ideia do boquete. Claro que já fiz uma vez ou outra, mas nunca para meu

próprio prazer. Só que agora, vendo tudo isso diante de mim, minha vontade é sugá-lo completamente. Eu farei isso, mas depois, pois agora preciso que Ashton me preencha e estoque até que eu esqueça meu próprio nome.

Ele coloca o preservativo e se aproxima outra vez. Seus braços apoiados na cama atraem minha atenção e eu não resisto à vontade de senti-los com minhas mãos. Trilho o caminho de suas tatuagens com a ponta da minha unha e sei que a imagem é tão estimulante para ele quanto é para mim. Ashton apenas ergue meu vestido outra vez e sinto quando seu pau enorme encontra minha entrada. Preparo-me para ser maravilhosamente destruída.

— *Ashtooooon? Cadê você, querido?*

Ops. Pior momento para ouvir uma mulher chamando-o de querido.

Ele para no mesmo instante e seu rosto se transforma em uma careta de dor, como se fosse extremamente doloroso ter que interromper o ato. Já para mim, a decepção é surreal; não que ele esteja me decepcionando de uma maneira emocional, mas a frustração sexual é terrível.

Logo essa noite que decidi tirar meu atraso, quando consegui convencer minha metade racional de que eu precisava transar e transar muito.

— E então? Vai sair e ir ver quem é? — questiono e, honestamente, espero que ele diga que não; a menos que ele seja comprometido com a criatura que berra por ele a plenos pulmões. Só que eu saberia se ele fosse, afinal, estamos em um relacionamento, ao menos diante do público. Ele me olha e, apesar de toda a situação, sorri irônico.

— *Aaaaash... Está no quarto? Não está pelado, está? Estou indo aí, meu bem.*

Ouvimos os saltos se aproximando, batendo contra o chão.

— Eu sei quem é. A única que sempre aparece nos momentos mais inconvenientes... Minha mãe.

Droga.

— Sua mãe? E o que vamos fazer agora?

Ele já está de pé colocando a camisa em uma velocidade que me surpreende mesmo com o pavor que me domina.

— Primeiro, arrume seu vestido.

Claro! Levanto-me também desesperada, arrumo o vestido e passo a mão sobre os cabelos.

Eu tento não surtar com a situação, mas isso se mostra impossível. A mãe dele está aqui e, logo que ela o vir saindo do meu quarto, estará tudo acabado. Passaremos de um casal em um relacionamento de mentira para uma profissional antiética que transa com um cliente. Ou pior, uma grávida tentando dar o golpe do baú...

Ashton me olha e parece saber o nível de desespero em que me encontro. Um sorriso largo se abre em seu rosto e ele pisca para mim, colocando o dedo sobre os lábios em um sinal universal de silêncio.

Fecha sua calça sobre a camisa e joga um travesseiro sobre a cama, disfarçando a bagunça. Em seguida, começa a falar alto como se estivéssemos em meio a uma discussão.

— Doutora Julia, pelo amor de Deus, você não é minha mãe! Não pode mesmo achar que vai me obrigar a ficar trancado dentro desta casa pra sempre!

O que ele está fazendo?

— Eu vim embora pra não fazer uma cena, por respeito a você e por seu trabalho, mas essa festa era importante. Não posso acreditar que me tirou de lá por capricho. Vou voltar pra festa e nos falamos amanhã.

Em um sussurro, ele me incentiva a entrar em seu jogo.

— Responde...

Apesar de não ser habituada a joguinhos e mentiras para me safar, vale tudo no momento em que vejo aquilo pelo que batalhei correndo o risco

de ir por água abaixo. Minha carreira, meu nome.

— Ashton, sinto muito, mas, apesar de não ser sua mãe, é do meu emprego e da sua reputação que estamos falando! Meu pescoço tá tão na reta quanto o seu. Sinto muito que tenha que ficar em casa, mas não vou permitir que desobedeça às regras criadas pra que possamos vencer esse processo, já fui muito flexível em concordar com tudo isso. Eu fingi que somos um casal, que você é o pai do meu filho e fui até essa festa com você. Não vai voltar pra lá...

— Eu quero ver quem vai me impedir. Imagino que você não consiga me segurar neste quarto.

Debochado. Se eu ainda pudesse, o manteria aqui neste quarto até o amanhecer.

A porta se abre de repente. Uma mulher de meia-idade, muito maquiada e com os cabelos extremamente claros aparece no vão e nos encara com uma expressão de espanto.

— Ashton! O que significa isso? Está discutindo com a moça? Pelo amor de Deus, ela quer fazer o trabalho dela, que no momento é manter você quietinho aqui dentro. Carter me informou de tudo! Ela está grávida! Como pode gritar com uma mulher grávida? — Ela se vira para mim e continua a falar: — Me desculpe pelo meu filho. Honestamente, não sei onde errei com esse menino. Ele não gosta de regras, sabe? Mas prometo a você que não irá perder seu emprego por desrespeito dele.

— Mãe, a senhora não deveria prometer coisas por mim. Eu não quero ficar aqui. Preciso de espaço. Preciso sair!

Ele não deveria ser cantor. Sua atuação lhe renderia o *Oscar*.

— Ashton Ray! Se insistir nesse absurdo, vou me mudar temporariamente para esta casa e acampar na frente do seu quarto. Ela pode não ser sua mãe, mas eu sou e não vou hesitar em fazer isso.

A expressão de Ashton muda instantaneamente, não sei se ainda está fingindo ou se percebeu que poderia complicar de verdade as coisas para si mesmo agindo assim. Se sua mãe se mudar para mansão, ele terá que dar adeus ao pouco de liberdade que ainda tem... E eu também.

— Não é pra tanto, mãe. Eu não acho que isso seja necessário, estamos muito bem aqui.

— Bem? Você estava gritando com ela, Ashton! Eu não ensinei essa falta de educação toda para os meus filhos.

Aproveito a deixa para contribuir um pouco com a apreensão que percebo em seu rosto.

— Realmente, se for se comportar dessa maneira comigo, não sei bem como poderei manter essa situação. Talvez seja melhor falarmos a verdade pra todos.

A mãe dele me olha e seus olhos estão arregalados. Coitada, arrependo-me de me divertir com a situação instantaneamente.

— Não! Ele vai se comportar muito bem, não é, Ash? Não podem falar a verdade agora, isso vai destruir a banda. E a sua carreira também, querida. Peça desculpas, Ashton.

Essa eu quero ver. Ele me observa e percebo um brilho de malícia em seus olhos escuros.

— Me desculpe, Julia. Eu vou me controlar e ficar aqui até o final do processo. Irei sair apenas quando estiver disposta. Não vamos mais ter esses problemas.

A mãe dele parece finalmente respirar aliviada e solta o ar dos pulmões. Ela fixa seu olhar em um ponto específico no chão, como se estivesse mesmo distraída, mas então, como se tudo de repente estivesse bem, vira-se para mim e sorri.

— Bom, já que estamos resolvidos, acho que devemos ser

apresentadas. Não acha, menino? Não vai me apresentar a mãe do seu filho?
— Ela mesma ri da brincadeira.

Ashton também está mais tranquilo agora que ela deixou de ameaçá-lo com mudanças e acampamentos.

— Claro, mãe. Essa é a doutora Julia. Julia, essa é minha mãe. Eleanor Ray.

A mulher estende a mão em minha direção e eu a cumprimento com firmeza, sem deixar de ter a sensação de estar sendo analisada.

— Muito prazer, Julia, nos veremos mais vezes, espero.

— O prazer é todo meu, senhora. Com toda certeza nos encontraremos ainda. Obrigada por sua intervenção.

Ela sorri e penso ver o mesmo sorriso debochado de Ashton.

— Sim, imagino que sim. — Estranho a sua resposta. — Agora vou deixá-la, Julia, preciso ir embora. Passei aqui apenas para encontrar meu filho e trazer umas roupas que Anelyse havia me pedido. Vem comigo, filho? Sua irmã me pareceu chateada agora pouco e gostaria de falar com você sobre isso.

Ashton assente concordando e, quando os dois saem pela porta, ele pisca para mim em uma promessa silenciosa de que vai voltar. Eu me viro para a cama, ainda alarmada por ter escapado por pouco, mas meus olhos encontram um brilho laminado no chão e é o suficiente para me deixar apavorada. O papel do preservativo estava ali o tempo todo, no exato lugar em que Eleanor olhava com fixação.

Ela sabe.



JULIA

Uma ligação em meu celular me desperta. Nem sei bem que horas peguei no sono. Esperei por Ashton por algum tempo e acabei adormecendo antes que ele retornasse.

Pego meu celular e observo a tela acesa em uma chamada de um número que não tenho nos contatos. Temo atender e constatar que é apenas Eric que arrumou outra maneira de me perturbar, já que tenho rejeitado suas ligações.

— Oi... — É minha única palavra, que profiro em meio a um bocejo.

— Julia Foster? Aqui é do consultório da doutora Andy. Estou ligando porque perdeu sua consulta na última semana.

Ai caramba. Em meio a todo esse tumulto, eu me enrolei com as datas.

— Ah, me desculpe, as coisas estão um pouco confusas no momento e acabei me atrapalhando com as datas.

Ouçó o riso baixinho da moça do outro lado da linha.

— Sim, nós a vimos na televisão. A doutora pediu para ligar porque houve uma desistência hoje. Se quiser vir, poderá fazer o ultrassom para tentar descobrir o sexo do bebê.

— Mas ela tinha dito que veríamos isso apenas na próxima consulta. Será que vai dar pra ver?

— Ela disse que, como você se atrasou, hoje já consegue dizer com precisão o sexo. A menos que você não queira, claro.

— Não! Eu quero sim. A que horas devo estar aí?

— Pode vir às três da tarde.

— Estarei aí, obrigada.

Já é hora de me levantar. A noite de ontem ainda está fresca em minha memória e, por mais que Ashton não tenha retornado depois que sua mãe esteve aqui, não acho que ele tenha se arrependido. Claro que as coisas ainda são complicadas; agora um pouco mais que antes. Só precisamos estabelecer o que exatamente aconteceu e tudo ficará bem.

Visto-me rapidamente e logo estou na cozinha procurando pela comida da Rosa, meu antídoto contra os enjoos, que parecem estar diminuindo um pouco.

A mesa está vazia e não vejo ninguém em um primeiro momento. Tudo está muito estranho. Pouco depois, Rosa entra com uma bandeja nas mãos. Sem comida.

— Bom dia, Julia... — diz animada. Felicidade com fome não existe, ela deveria saber disso por ser cozinheira.

— Bom dia. Sabe pra onde foi... — A comida, eu queria perguntar. — Todo mundo?

— A senhorita Anelyse tá no quarto ainda. Os meninos estão com o Carter em reunião sobre a turnê.

— Hum, vou falar com a Ane então...

Começo a me distanciar chateada. Vou pedir que Anelyse encontre a comida, mas então ouço Rosa falando comigo.

— Não quer tomar café antes?

Viro-me abrindo um sorriso radiante.

— É, acho que posso fazer um lanchinho...



Antes que eu termine de comer, Anelyse entra na cozinha. Está

usando um pijama de coelhos e as pantufas também são de bichinhos. Uma fofura que faz com que ela pareça ter dez anos, que ela não ouça meus pensamentos.

— Oi, Ju...

Parece que o humor está um pouco melhor.

— Bom dia, coelhinha. Sabe que dia é hoje?

— Segunda?

Dou risada de sua resposta óbvia.

— Sim, mas me refiro ao que tem de especial neste dia!

Ela arregala os olhos.

— É seu aniversário?

— Não, hoje vamos descobrir o sexo do bebê!

— Ah! — ela grita. Realmente está mais alegre que ontem. — Não acredito nisso!

Anelyse já está segurando minhas mãos toda feliz e penso que seria bom ter alguém comigo neste momento.

— Eu pensei que, talvez, se não estiver muito ocupada...

— Mas é claro que eu vou! — interrompe. — Não perderia por nada!

Neste momento, ouvimos um barulho de vidro se quebrando no corredor e risadas descontroladas. Corremos para ver o que está acontecendo e, para minha total surpresa, encontro as gêmeas da noite anterior, seminuas, acompanhadas de Josh e Tray. Ao menos Ashton não estava com elas, mas mesmo assim odeio presenciar essa cena.

Tray parece ter bebido mais que o adequado e tropeçou em um dos suportes que guarda um instrumento deles. Agora o vidro está por toda parte e as ridículas caminham descalças sobre o piso; ou muito bêbadas ou drogadas, prefiro não saber. Josh ri um pouco da situação em um canto, mas parece estar sóbrio, no entanto, quando ele coloca os olhos em nós, sua

expressão muda completamente e ele nos dá as costas, saindo de volta para o quarto.

Não penso duas vezes antes de sair do caminho deles, afinal, não é mesmo da minha conta com quem Tray se diverte. Anelyse volta para a cozinha comigo, mas a alegria anterior foi substituída por uma carranca.

— Anda, Ane, não fica assim. Vamos descobrir o sexo do seu sobrinho hoje! — falo, tentando animá-la. — Podemos comprar uma roupinha depois, o que acha?

Ela abre um sorriso, um pouco triste ainda, mas percebo que a ideia a agrada.

— Então tá! Vamos fazer o seguinte, você fica aqui, almoça lindamente e me encontra na porta do consultório. Só me envia o número pelo celular. Eu vou sair e comprar minha roupa pro ultrassom.

O quê?

— Roupa pro ultrassom? Nunca na minha vida ouvi falar de algo assim.

— Claro, já que não vamos fazer um chá de revelação, porque obviamente não vamos aguentar de curiosidade, vou comprar uma camiseta pra mim! Rosa, porque tenho certeza de que teremos uma princesa!

— Ah, é mesmo? Pois eu sou a mãe e tô certa de que teremos um menino.

— Pois bem, vou comprar uma azul pra você. Quem perder paga o lanche depois, no *shopping*, o que acha?

— Corremos o risco de sermos atacadas pelas fãs doidas...

— Ah, é mesmo. Então aqui em casa! Te encontro às três. Não esquece de enviar o endereço.



Chego ao consultório no horário marcado. Estaciono na rua de trás da clínica com discrição após dar a volta pela frente duas vezes em busca de perigo. Nunca se sabe onde os tais *paparazzi* estarão a espreita e eu, em um ato impulsivo, vim sozinha. Não tem mesmo como saberem de nada, então estou tranquila.

Desço do carro e caminho para o consultório procurando por Anelyse ou por seu carro rosa. É, eu também me assustei quando vi pela primeira vez. Não os encontro, então entro e me concentro na recepcionista. Estou um pouco ansiosa e nervosa. Não que eu tenha uma preferência, mas por curiosidade mesmo.

— Boa tarde, Julia. A doutora disse que pode entrar...

Penso um pouco. Será que Anelyse ainda vem? Tento seu celular, mas ela não atende.

— Será que posso esperar um pouco? Uma amiga disse que viria, só que ainda não chegou.

— Uma moça loira e muito feliz? — Dou risada da descrição, mas sim, é ela. — Se for, ela já entrou. Foi ao banheiro e disse que te encontra lá dentro.

— Sim, ela mesma. Obrigada.

Vou até o corredor indicado e caminho em direção ao consultório. Anelyse não está aqui e deduzo que já deva ter entrado. Bato na porta e ouço a voz da doutora Andy me dizendo para entrar.

Quando entro, não é Anelyse que vejo ali e sim um Ashton muito confortável sentado em uma cadeira no canto, usando uma camiseta que diz: “Sou um papai tatuado. Sou como os outros, mas muito mais legal”. A blusa é rosa e tem um bebê com um laço na cabeça desenhado embaixo. Claramente Anelyse deve ter comprado para ele. Estão todos contra mim na

torcida por uma menininha.

Tem algo de muito atraente em ver um homem forte e tatuado usando uma camiseta com essa frase. Apesar da surpresa inicial, acho que estou feliz por ele estar aqui. Por mais estranho que seja esse faz de conta com doses pequenas de realidade.

— Olha, a mamãe chegou. — Ele sorri e percebo que estamos no modo casal e família feliz diante da médica.

Não custa nada fazer o jogo dele, então me aproximo sorrindo e dou um beijo rápido em seus lábios. O sorriso dele se abre em resposta e as covinhas aparecem, fazendo com que meu coração perca uma batida.

— Olá, papai. Onde tá a Anelyse?

— Ficou lá fora, um pouco emburrada porque eu disse que quem tinha que entrar era eu. É abusada demais aquela menina. Não acha, doutora?

Desvio os olhos dele para Andy, sentindo-me uma grossa por nem mesmo a ter cumprimentado ao entrar, mas percebo que ela nem notou, porque olha para Ashton sorrindo e babando. Isso é bem inconveniente da parte de uma médica, honestamente. Como fica encarando assim, com essa cara de boba, o namorado e pai do filho de uma paciente? Na hora do ultrassom ainda... Francamente! Vou perdoar desta vez por ele ser quem é; não apenas um gato, mas um cantor famoso.

Sem me preocupar com ela, pego a camisola limpa sobre a maca e me dirijo ao banheiro para me trocar. Tenho feito meu pré-natal aqui desde o primeiro mês, então já estou acostumada com o ambiente. Instantes depois, eu volto para onde os dois estão. Ashton está tentando manter uma conversa e a doutora apenas acena e concorda com tudo que ele diz. Creio que ela nem mesmo sabe o que ele está falando.

— O que você pensa de Ashley?

Quem é essa, pelo amor de Deus?

— Desculpe, não ouvi o que me perguntou, querido — ela responde ainda sorrindo.

Aff, a mulher precisa se concentrar ou vai acabar errando o sexo do bebê.

— Nada não, doutora Andy, ele estava apenas brincando. Tô pronta. Podemos começar.

Ela me encara e sorri gentilmente, parecendo finalmente voltar a uma postura mais profissional.

— Pronta! Você já até se vestiu! Não perde tempo mesmo hein, Julia...

Hã? Socorro, viu? Deus me livre de mulheres desesperadas por sexo e por astros do rock; ou não, afinal, parece que sou uma delas. Ai meu Deus.

Dou um sorriso meio amarelo e subo na maca. Ashton parece se divertir com a situação, percebendo que começo a me irritar com a mulher. Felizmente, ela sabe o momento de *tietar* e o de trabalhar. Assim que liga o aparelho para começarmos, noto que sua postura é mais profissional e que ela para de encarar Ashton para observar o monitor. Ela se vira para mim, recomposta.

— Julia, já fizemos isso antes, então já sabe como é. Vou passar um gel um pouco gelado sobre sua barriga e vamos ver como está o rockeirinho aí dentro. — Ela mesmo ri da piadinha. — A diferença das outras consultas para hoje é que agora vamos conseguir ver o sexo do bebê. Preparados?

Eu apenas aceno concordando e abro um sorriso enorme, esquecendo o flerte da médica com Ashton. Este momento é meu. Finalmente vou saber se terei um filho ou uma filha. Verei tudo que sempre sonhei tomando forma e poderei dar um nome para o bebê. Tudo isso é muito especial para mim.

Ashton se aproxima, senta-se na cadeira ao meu lado e depois estende a mão, tomando a minha na sua. Ele a aperta gentilmente, como se me desse

apoio. Sei que tudo é fingido e que ele faz o que se espera dele como pai, mas quando sinto seu toque e vejo o brilho nos olhos dele... Bom, parece real.

A doutora começa a passar o aparelho sobre minha barriga, que já tem um pequeno montinho despontando. Espero não ter ficado muito evidente ontem com aquele vestido. Logo ouvimos o som que para mim já se tornou tão característico, o coração do meu bebê.

Olho para Ashton sorrindo e ele arregala os olhos quando ouve a médica.

— O coração do bebê está com os batimentos normais. Tudo está muito bem.

— Esse som... é o coraçãozinho dela?

— Dela? — Ela sorri. — Sim, é o coração do bebê, que vamos descobrir agora mesmo se é uma menina ou não.

Percebo que ele ficou bastante impressionado.

— Mas tá normal? Pra mim parece disparado, muito rápido...

Eu sorrio de seu comentário. Realmente as batidas são bem mais rápidas que as nossas, mas esse é o normal.

— Sim, o coração dos bebês bate bem mais rápido que o nosso. Está tudo perfeitamente bem.

Eu aperto sua mão em resposta a sua reação; parece certo, como se eu estivesse tranquilizando-o com relação ao bebê. Como se Ashton realmente se preocupasse a esse ponto.

— Bom, podem ver que o bebê se mexe bem. Aquela mãozinha está cobrindo o rosto, conseguem ver?

Eu apenas aceno concordando.

— E agora, vamos finalmente matar essa curiosidade dos papais...

Eu busco o olhar de Ashton, mas seus olhos estão vidrados na tela. Seu polegar faz círculos sobre o dorso da minha mão carinhosamente e acho

que ele nem mesmo percebe. Mas eu percebo. O momento é íntimo demais para mim. É perigoso demais para alguém com um histórico como o meu de me apegar a pessoas que não tem por que ficar.

— E aqui está ela! — Volto meus olhos rapidamente para o monitor ao ouvir as palavras da médica. — Uma garotinha.

Quando ela confirma que estou esperando uma menina, meus olhos se enchem de água, mas mal tenho tempo de sentir e assimilar minha reação, porque Ashton se levanta e começa a pular e gritar pelo consultório.

— Eu sabiaaaaa! É uma princesa, Julia. Nossa princesa!

Começo a rir em meio a algumas lágrimas que descem. Assim é ele; Ashton é doce às vezes e imprevisível sempre. Estou correndo sérios riscos de sair disso quebrada.

Ainda ficamos algum tempo aqui, nesse limbo só nosso, ouvindo e vendo nosso bebê. Nosso bebê? Que droga eu estou dizendo? *Meu* bebê. Minha filha...

Depois que a doutora finalmente termina, eu e Ashton saímos da sala juntos, ele ainda segurando minha mão, como fez durante todo o exame, e brincando com a fita azul que amarrou em meu pulso.

Eu sabia que iria encontrar Ane do lado de fora, mas não estava preparada para encontrar também balões, um urso imenso e uma Eleanor sorridente, usando uma camiseta azul escrita “Vovó de um príncipe”, contrastando com a da Ane, que é rosa como a do Ash, mas que diz “Titia de uma gatinha”.

— E então? Como tá nosso lindo bebê? — Anelyse pergunta animada.

— Muito bem, obrigada por terem vindo. — Sorrio para as duas, recebendo das mãos de Ane o urso de pelúcia.

— E quem foi que conseguiu acertar? Teremos um menino ou uma

menina? — pergunta Eleanor também eufórica, o que eu estranho muito.

Ashton me olha e fazemos um instante de suspense, então ele pega a fita em meu braço, desamarra e joga na cesta de lixo que está um pouco à frente de nós.

— É uma princesa!

A algazarra se forma com a comemoração nada discreta dele e de Anelyse. Eleanor também sorri e bate palmas, mas depois encara a camiseta, desanimada.

— Eu quis apoiar você, Julia, mas parece que nos enganamos.

— É, parece que sim... — respondo.

Ela se aproxima de mim e coloca o braço ao redor da minha cintura, agindo de forma muito estranha.

— Bom, tem uma loja que eu gosto muito que vende roupas para bebês. Nunca precisei comprar roupas lá, porque, como sabe, meus filhos estão crescidos. Antes de virmos para cá, pedi que parassem lá para comprar a primeira roupinha da minha neta. Aqui está!

Ela me estende uma sacola muito cara que está segurando e eu a olho com curiosidade. Primeiro porque não vejo ninguém por perto para que ela faça todo esse teatro. Ela parece até mesmo emocionada... Segundo porque Eleanor achava que era um menino até agora pouco, então como foi que comprou uma roupa de menina, assim, de repente?

— Como? Como comprou uma roupinha pra ela sem saber se era mesmo uma menina?

Ela poderia ter comprado algo unissex, mas a sacola é rosa com um imenso laço da mesma cor em cima.

— Bom, na verdade, eu comprei dois presentes. — Eleanor aponta para uma sacola deixada no banco atrás de nós. — Podemos trocar aquele ali depois...

— Muito obrigada, Eleanor. Nem sei o que dizer ou como agradecer, tanto por ter se deslocado até aqui quanto pelo presente.

— Ah, que bobagem! Estarei sempre por perto agora, e claro, ainda mais depois que ela nascer. Essa família precisava de um bebê. Há tanto tempo não temos um...

Olho para os lados e vejo que a recepcionista está trocando a garrafa de café em um canto, então assinto para Eleanor, compreendendo a encenação.

Saímos todos juntos pela porta dos fundos, um grupo nada discreto, diga-se de passagem. Um *rockstar* com uma camisa rosa com dizeres chamativos e três mulheres carregando um urso e muitos balões. A essa altura, mesmo que fôssemos discretos, de nada adiantaria. Alguém vazou a informação de nosso paradeiro para a imprensa e vários repórteres estão nos aguardando quando saímos.

Por sorte, Carter e dois seguranças também estão lá. Devem ter vindo com eles para o consultório, desconfiados de que isso iria mesmo acontecer. Enquanto tentamos passar no meio deles, Ashton acena e sorri para as câmeras. Eu estou com um rosto apavorado, mas tentando parecer amigável. Eles atiram perguntas por todos os lados.

— O relacionamento de vocês é sério?

— Julia, seu cabelo é natural?

É cada uma...

— Ashton, e então? Qual o sexo do bebê?

Quando ele ouve a pergunta, que já deve ter sido gritada por todos eles, finalmente para e sorri para o repórter que perguntou.

— É uma menina. Nós teremos uma linda garotinha, tão linda quanto a mãe.

Ele toca meu rosto em um gesto de carinho e os *flashes* explodem por

todo lado. Os seguranças continuam abrindo caminho e logo chegamos até onde está meu carro.

— Bom, vejo vocês na mansão — digo.

Mas Ashton entra pelo outro lado.

— Vou com você. Pode levar minha mãe e a Ane, por favor.

Ele assente e ficam parados enquanto nós saímos com o carro daqui, deixando aquela balbúrdia para trás.

— Como tá se sentindo com a novidade? — questiona logo que nos colocamos em movimento.

— Muito bem, tô muito feliz com a gravidez. Já te contei meus motivos e agora saber que vou ter uma menina... Acho que vai ser incrível pra nós duas.

Ele fica em silêncio por um momento antes de recomeçar a falar.

— Julia, preciso te contar uma coisa... Ontem, quando saí do quarto com a minha mãe, nós tivemos uma longa conversa. Quando voltei, você já tinha dormido, mas temos um pequeno problema pra resolver futuramente.

Eu sabia. Tinha certeza de que ela notara o papel do preservativo.

— Ela sabe, não é? Viu o papel da camisinha no chão.

— Sim, ela viu e sabe, mas é pior que isso. Ela ficou tão feliz e tem certeza de que tudo que falamos é verdade, de que o filho que tá esperando é mesmo meu. Eu não soube como explicar que ela estava enganada, porque também teria que explicar a camisinha, então acabei deixando que ela acreditasse nisso como o resto do mundo.

Piso no freio do carro com tudo e por muito pouco o motorista que vem logo atrás não bate em nós.

— Ashton! Ela vai ficar muito triste quando souber a verdade! Não pensou nisso?

— Pra falar a verdade, não fui eu quem mentiu, ela deduziu isso e

veio me abraçando e dando os parabéns. Não consegui falar que estava errada.

Eu tento manter a calma e volto a dirigir, pensando em como tudo isso pode dar errado e nas palavras que me disse, em como ela parecia, de fato, feliz. Pensando bem, tenho medo. Medo de que, no final, eu não seja a única a sair disso tudo machucada.

— Ashton, vamos ter que resolver isso quando chegar a hora. Tenho outra coisa me incomodando agora... É sobre o que aconteceu entre nós ontem.

— Já se cansou de mim, doutora? — Ele sorri, mas percebo que não está brincando.

— Não é isso, mas é que agora as coisas vão mudar. Meu corpo vai mudar, minha barriga vai crescer... Na verdade, como deve ter notado, ela já tá aparecendo, mas um vestido apropriado ainda disfarça bem. Só que logo as coisas vão ser diferentes e eu não acho que você vai se sentir atraído por mim. E eu entendo, é natural isso.

Ashton parece pensativo, distante, e não fala nada.

— Eu não tô dizendo que você é fútil nem nada assim, mas o filho não é seu. Nós não somos um casal apaixonado e não sei se prolongarmos isso seria natural.

— Julia, você é linda, gostosa pra caralho e sei que sua barriga vai crescer. Com certeza também vai ficar um pouco desconfortável, mas eu acho que ainda temos uns bons dois ou três meses pela frente. Temos tempo pra continuar o que começamos, se você quiser.

— Mas isso... isso não incomoda você? A barriga, eu falo...

— Sua barriga no momento é um montinho, Julia. E, na verdade, é menor do que a de algumas garotas por aí que nem estão grávidas. Não vou dizer que não vai ser estranho mais pra frente, não sei porque é uma coisa

muito nova pra mim...

— Ah, é? — Faço piada com a situação. — Então transar com grávidas não é tipo um fetiche seu?

Percebo que consegui diverti-lo quando vejo a covinha dele surgir.

— Não, sem fetiche com grávidas, só com você. Não podemos parar ainda, Julia. Nem transamos na piscina, nem no meu quarto, no chuveiro, na banheira...

— Nossa, vários planos!

— Claro, foram muitos dias criando fantasias.

Penso por um momento e tomo uma decisão.

— Vamos fazer o seguinte: continuamos com isso enquanto você quiser e, quando não quiser mais, ou não se sentir atraído por mim com uma melancia na barriga, é só não me procurar mais. Eu não vou procurar por você, Ashton. Nunca. Não quero correr o risco de que fique sem jeito com a situação e se sinta obrigado a transar comigo mesmo sem querer.

Ele ri debochado.

— Isso não vai acontecer.

— Certo, veremos. Além disso, precisamos esclarecer outra coisa... Isso não é um relacionamento, é apenas um envolvimento sexual. Não somos um casal.

— Plenamente de acordo. Não tô procurando um compromisso, Julia. Somos amigos e, como eu disse, vou apoiar você agora e também depois, se me permitir. Eu, os meninos e minha família estaremos aqui por vocês duas. Se puder entender e concordar com isso, eu entendo e concordo com tudo que disse.



ASHTON

Acordo sentindo um peso sobre meu peito. Abro os olhos e encontro Julia deitada sobre mim, os cabelos pretos esparramados são uma bela visão. O lençol a cobre apenas da cintura para baixo... Apenas o fato de observá-la assim, enquanto dorme seminua faz com que meus sentidos despertem. Porra...

Os últimos dias têm sido, no mínimo, diferentes. O sexo intenso para cacete, e constante também, não é novidade, mas que ele seja com uma única mulher, a mesma em todas as vezes, isso sim é uma surpresa.

Claro que se levarmos em conta o fato de que não posso sair de casa sem ela, minhas opções não são muitas mesmo, porém, eu sei que não é isso que tem me prendido a ela. Julia me atrai de muitas formas; sua inteligência e sagacidade são ímãs ainda mais poderosos do que as curvas de seu corpo e do que seu belo rosto.

Observo quando ela se vira para cima, ainda de olhos fechados, e me concentro em sua barriga, que nos últimos dias parece ter crescido bastante. Por mais que ela tenha receios quanto a isso, não é algo que me incomoda.

Meu próprio rosto se contorce em uma careta enquanto me pego pensando nisso. Por que transar com uma mulher grávida, de outra pessoa ainda, não me incomoda? Não sei, acho que deve ter algo a ver com a constância.

Se, de repente, surgisse uma mulher grávida, de quatro meses ou pouco mais que isso, insinuando-se para mim, eu me recusaria com toda certeza. Não parece mesmo natural, como Julia já disse uma vez.

Só que não foi assim. Quando eu a vi, nem mesmo sabia da gravidez

e, desde o primeiro momento, fiquei de quatro por ela. Depois fomos nos conhecendo e a barriga começou a crescer lentamente, quase nem dava para notar nada quando transamos no banheiro de Azal; nem mesmo no dia seguinte, quando fomos ao ultrassom e descobrimos que Julia estava a espera de uma menina. Nem mesmo ali a protuberância em seu ventre a deixava menos atraente. Foi dessa forma que fui me envolvendo e acompanhando tudo de perto, então me parece muito natural.

— Oi, bonitão... — Ouço sua voz sonolenta e me viro para encará-la, estranhando um pouco o fato de estar aqui na sua cama pela manhã.

Algumas semanas se passaram desde que descobrimos o sexo do bebê. Desde então, nossos dias têm sido uma loucura. Eu estou concentrado demais nos preparativos para a turnê, que irá ocorrer em alguns meses, e no caso contra o prefeito. Isso tem se arrastado muito, deixando Klaus, o chefe de Julia, meio sem saída, porque ainda não encontrou uma forma de provar que fui drogado — já que o estúpido aqui não fez um exame quando deveria ter feito. E Julia está ocupada com as mil coisas de bebê que minha mãe e irmã inventam para arrastá-la junto.

Nós dois passamos todas as noites juntos; muitas delas apenas comendo e vendo filmes, mas na maioria na cama transando até a exaustão. Sempre que deixo o quarto, ela já está dormindo, então volto para o meu quarto para deixá-la descansar.

Pode parecer insensível, mas foi nosso acordo desde o início. É uma maneira de manter sentimentos fora da jogada. Tem dado certo apesar de eu sentir um grande carinho por ela e pela pequenina que ainda nem nasceu. Ainda somos apenas amigos. Amigos com benefícios. E que benefícios! Nunca imaginei que uma mulher grávida pudesse ter tanto pique.

Talvez seja isso. Devo ter ficado tão exausto depois de ontem à noite que acabei dormindo aqui sem perceber e, honestamente, não sei por que

deveríamos manter essa regra boba. Não é como se dormirmos lado a lado fosse mudar nossas convicções... O cheiro dela é tão bom, o calor de dormir com ela por perto.

— Bom dia, doutora.

Eu a vejo se espreguiçar e o lençol descobrir seu seio esquerdo. Definitivamente não é uma ideia ruim dormir aqui. Na verdade, acho que pode ser bom para caralho acordar assim com mais frequência.

— Acho que tenho algumas ideias pra começarmos este dia de uma maneira especial... — digo e vejo um sorriso se abrir em seu rosto.

Ela tira o lençol do corpo, ficando nua diante de mim, levanta-se e dá uma voltinha para que eu tenha uma visão privilegiada de seu bumbum empinado. Não preciso de mais incentivo. Avanço rapidamente e a pego no colo, deitando-a sobre a cama outra vez e beijando sua boca gostosa.

— Você não tem ideia de como sonhei em te ter assim e, agora que a tenho aqui, deitada na cama como sempre fantasiei, sem calcinha ou qualquer outra barreira, vou fazer contigo tudo que desejei. Primeiro vai gozar na minha boca outra vez.

Meu Deus! Cada centímetro do corpo dela é uma perdição e eu não posso perder um minuto do tempo que temos juntos. Eu a sinto mais molhada do que em todas as outras vezes, apesar de que Julia é sempre tão receptiva que a cada vez que estamos juntos meu pensamento é o mesmo.

Poucas palavras tem o poder de deixá-la assim, pronta.

Abaixo a cabeça e noto que ela prende a respiração em expectativa. Coloco-me entre suas pernas e a chupo de uma vez, sem torturas. Abocanho toda a extensão de seu sexo e a sugo. Seu corpo amolece em meus braços, como se fosse desmaiar de tédio. Começo a trilhar sua umidade com a língua e tudo fica ainda mais intenso. Os gemidos e grunhidos dela me levam à loucura.

Julia segura meus cabelos, prendendo minha cabeça bem ali, e eu me satisfaço com seu gosto, mordiscando. Ela solta um grito e abafo com minha mão.

Não hesito por nenhum momento, pois quero que ela sinta cada toque dos meus lábios e da minha língua enquanto a levo em direção ao êxtase. Quando ela está quase tendo um orgasmos, eu paro. Julia solta um gemido em protesto e eu a encaro sorrindo.

— Tão gostosa, Julia. A melhor parte do meu dia tem sido sentir seu gosto.

Viro-a de bruços com agilidade e seguro sua bunda com força, abrindo-a em seguida. Antes que ela possa protestar, desço minha língua sobre seu ânus. Ela geme em resposta, gostando da invasão. Brinco com a língua, alternando entre chupá-la com vontade e distribuir lambidas e beijos lentos. O vai e vem entre sua boceta e sua outra entrada apertada a leva a loucura, literalmente à beira da insanidade. Sei que se continuar nisso por mais algum tempo, logo vou sentir os espasmos em minha boca enquanto ela goza sem controle.

O mais me atrai nela é justamente o quanto essa diabinha me surpreende.

Ela empina a bunda e, por um momento, penso que está apenas se oferecendo mais, mas ela se ergue e levanta. Julia se vira de frente para mim e se senta sobre minhas pernas, descendo lentamente sobre meu pau, cobrindo a extensão dele com seu corpo.

Olha-me e vejo um sorriso curvar seus lábios enquanto faz suspense com seus próximos movimentos, porém, apenas por um momento, pois em seguida ela começa a subir e descer com velocidade sobre mim. Agarro com força seus cabelos e com a outra mão seguro um de seus seios, colocando um mamilo em minha boca. Ela geme alto e eu a mordisco. Começo a chupar um

seio enquanto brinco com o outro. Estou ardendo por essa mulher e, quando ela começa a rebolar sentindo meu pau dentro dela, penso que vou perder o que me resta de juízo.

— Quero que me coma forte, Ash, por favor.

Por favor. Tão safada e ao mesmo tempo tão pura.

Tiro a boca de seu seio e aperto sua bunda mais forte, abrindo um sorriso descarado.

— Seu desejo é uma ordem.

Arranco meu pau de dentro dela e massageio sua entrada, torturando-a, para em seguida penetrá-la com brutalidade, rápido, forte e seguidamente. Seus seios sobem e descem com o movimento e eu salivo.

Estoco fundo por um tempo e depois, sem aviso algum, deito-a novamente e levanto sua perna esquerda, roçando meu pau em sua entrada. Julia implora por ele e sua súplica me faz delirar. Meus dentes estão cerrados em uma tentativa de não entrar fundo o bastante para que a machuque, mas mesmo com esse pensamento, não posso resistir aos gemidos roucos em sua voz sonolenta e meto forte.

Saio outra vez devagar e entro com uma estocada profunda, duas, três vezes, fazendo um jogo torturante e delicioso para finalmente começar a intensificar as investidas. Alcançamos um ritmo frenético e eu ouço seus gemidos cada vez mais altos, acompanhados de um ou outro que escapam de mim.

Mantenho o ritmo e brinco com os bicos dos seus seios enquanto meto meu pau com mais força. Quando percebo que ela não quer cuidados, Julia me olha com tanta intensidade que sinto aquela eletricidade passar por mim, mantendo o olhar preso ao seu. Abaixo a cabeça e chupo seu mamilo com força, fazendo-a gritar.

Outra vez inverte nossas posições e a coloco de joelhos. Dou um tapa

forte em sua bunda redonda e digo apenas duas palavras.

— De quatro.

Nessa posição o sexo fica ainda mais intenso. Enrolo seus cabelos em uma das mãos e apoio seu quadril com a outra para enfiar cada vez mais fundo. Julia geme tão alto e eu estoco tão fundo que logo ouço minha menina recatada e séria pedir com a voz rouca:

— Bate forte, delícia.

Eu a atendo e bato com a mão aberta. No mesmo instante, vejo a marca vermelha da minha mão em seu bumbum e ouço seu grito, que é um misto de dor e prazer. Meio sem querer solto uma risada.

— Quem diria hein, Ju?

Passo meu dedo em sua entrada por trás, testando-a, sondando até onde ela está disposta a ir. Julia vira a cabeça a fim de me encarar e diz com timidez evidente:

— Só o dedo, Ash. Pode pôr apenas o dedo.

Ergo a sobrancelha com descrença, porém, não perco a oportunidade e introduzo o indicador enquanto a encaro. Ela se contrai por um momento, mas relaxa aos poucos.

— Que tal me dar esse cuzinho gostoso, Ju?

Ela morde o lábio e sei que está pensando em uma forma de negar sem parecer antiquada, mas não é necessário porque eu a entendo.

— Muito cedo, não é? Por enquanto, eu vou te mostrar como pode ser bom usando meu dedo. Se uma hora mudar de ideia, nós vamos testar tudo juntos.

Ela sorri para mim.

— Safado.

— Sempre.

Volto a meter enquanto enfio meu dedo por trás. A combinação é

tão gostosa que eu sinto que vou gozar com uma intensidade do caralho. Deixo-a incapacitada de se mover por um tempo e sinto aquela urgência crescer em Julia, passando para mim. Vejo-a tocar seu clitóris e continuo com as investidas. Quando sinto que ela está prestes a gozar, abaixo-me e falo em seu ouvido.

— Goza gostoso, safada. Goza no meu pau.

Ela se perde. Sinto seu corpo inteiro se contrair e meu sexo comprimir o seu. Julia grita enquanto arremeto com mais força ainda. Saio de dentro dela e a giro. Ela percebe minha intenção e apenas sorri, assentindo com a cabeça ainda em meio ao orgasmo. Bombeio meu pau com ela embaixo de mim e logo os respingos molham seus seios. Estou gozando em cima dela e Julia faz algo que eu não esperava nem em mil anos. Ela abre a boca, ansiosa por me sentir em sua língua. A safada me chupa com força e passa a língua por todo meu comprimento, sugando até a última gota.

Minha respiração se acalma e eu a observo serena embaixo de mim, os cabelos pretos formando uma bela bagunça e uma expressão de deleite e satisfação estampada no rosto, que deve ser semelhante a minha. Ficamos nos olhando por alguns segundos, sorrindo, totalmente alheios ao mundo. Meu primeiro pensamento é que isso é muito além de sexo, é algo que transcende o físico.

— Vou tomar um banho. Preciso sair hoje pra comprar algumas coisas... — Julia murmura.

— Quer tomar café antes?

— Não precisa — ela responde. — Tô me sentindo bem, acho que os enjoos terminaram finalmente.

Aceno concordando enquanto a vejo entrar pela porta aberta do banheiro e ligar o chuveiro.

— Vou comprar umas roupas pra mim, minhas calças estão

começando a apertar. Acho que preciso de umas duas daquelas de elástico e um vestido mais solto.

Dou risada dos seus planos. Duas calças e um vestido para usar por mais cinco meses.

— Julia, você pode usar o cartão da banda, faz parte do nosso contrato pelo relacionamento e por toda essa mentira em que te coloquei. Compre o que quiser sem ficar contando as moedas.

— Não, vocês têm feito mais do que o necessário pra suprir tudo referente à gravidez e a bebê, mas essas roupas não são pra ela, são minhas, então eu pago.

Já percebi tem um tempinho que discutir com ela é besteira. Julia nunca cede facilmente, mas não é justo que esteja aqui, passando por tudo que a imprensa a obriga e tendo que economizar no próprio conforto.

Pego meu celular para ver os compromissos do dia e constato que temos apenas um ensaio para o show de amanhã. Mando uma mensagem para os meninos dizendo que preciso cancelar. Eles também vão gostar de um descanso. Sem falar que podemos ensaiar à noite.

Com a agenda liberada, preparo-me para persuadir Julia a me levar com ela às compras. Não que eu goste de passar horas em lojas, já tive experiências terríveis com Anelyse e minha mãe, mas ela precisa de roupas adequadas para não comprometer o conforto da princesinha, então vou fazer um pequeno esforço e ir com ela.

Entro no banheiro e vejo muita fumaça ao seu redor enquanto ela cantarola baixinho uma das músicas da *Dominium*. Ahá, sabia! Impossível morar com uma banda inteira e continuar “nada musical”.

Abro o *box* do chuveiro e vejo a água escorrendo pelo corpo dela.

— Precisa de companhia?

Ela abre os olhos assustada e leva a mão sobre o coração.

— Ai, Ash, que susto! Podia ter falado alguma coisa antes de aparecer aqui igual uma assombração.

— Tá com pressa? Eu posso ser bem rápido.

Os olhos dela brilham com malícia.

— Por quê? O que tem em mente?

Não preciso responder. Entro embaixo do jato de água com ela e minhas mãos avançam por seu corpo. Colo minha boca na sua, ouvindo seu gemido gostoso, que já envia um alerta para o meu pau.

Enquanto eu a beijo, sinto sua mão deslizando pela minha perna e logo ela me envolve, testando-me. Julia percebe que estou apenas esperando que esteja pronta de novo, mas pelo sorriso que abre, sei que ela já está.

Vira-se de costas e encosta as mãos na parede, inclinando a bunda gostosa em minha direção. Aproximo minha mão de sua boceta molhada, abrindo-a um pouco com os dedos, e em seguida entro nela lentamente com meu pau.

Ela se inclina um pouco mais, quase me fazendo perder o controle que preciso manter com ela, então, com cuidado, começo a me movimentar para não ir muito fundo. Seguro seus cabelos molhados e a puxo um pouco para trás enquanto busco seu pescoço com a boca.

Entro e saio de dentro dela enquanto Julia geme querendo, pedindo por mais.

— Mais forte, Ash...

Porra. Ela pede e quase me convence com sua súplica doce.

Aumento um pouco o ritmo, sempre atento às reações dela. Deslizo uma das mãos por sua bunda e continuo o caminho até tocá-la por trás, no ponto em que nossos corpos se chocam.

Seus gemidos se tornam mais frequentes e altos e preciso me esforçar para não gozar antes dela. Nem parece que acabamos de transar loucamente.

A visão é quase demais para mim, ela inclinada enquanto meu pau desliza, a água caindo sobre nossos corpos... Logo Julia fecha um pouco as pernas, buscando a fricção final, e eu estoco um pouco mais forte, sentindo quando ela goza. Vejo seu rosto em uma expressão de deleite e me rendo também.



JULIA

Ainda não sei como deixei Ashton me convencer a vir junto comprar roupas. Na verdade, eu sei. Ele começa a me beijar e tocar daquela forma e, de repente, não raciocino tão bem.

Agora estamos andando disfarçados no *shopping*; ele com um boné horroroso e óculos escuros, como se isso fosse escondê-lo de olhares mais atentos, e eu com um lenço de dar medo na cabeça. É, chamar mais atenção que isso é impossível.

Os seguranças estão vestidos normalmente e andam um pouco atrás de nós como se não estivessem nos acompanhando, mas não demora muito para que um grupinho de adolescentes o reconheça e se junte em torno de nós, pedindo o autógrafo dele.

Ashton, sempre educado, sorri para elas e compartilha o fato de que estamos tentando não atrair atenção, pedindo para que elas não contem para mais ninguém que estamos aqui. Acho que pode ser que fiquem quietas porque vejo em suas expressões que se sentem muito especiais por terem um segredo com ele.

Tentando disfarçar, ele autografa um pedaço de papel para cada uma das meninas e logo saímos andando um pouco mais rápido para o caso de elas não cumprirem o acordo.

No último andar, encontramos algumas lojas mais sofisticadas, entre elas a que Anelyse me indicou. Suas habilidades de busca na internet são ótimas porque, pelo que posso notar de fora, a loja é maravilhosa, e claro, provavelmente muito cara.

Antes que eu possa dizer alguma coisa sobre isso para Ashton, ele avista outro grupo de meninas, que parecem bem eufóricas procurando por alguma coisa. Não é preciso uma bola de cristal para adivinhar que as outras contaram que ele está aqui. Sem dar chance para que nos vejam, Ashton me arrasta para dentro da loja.

Uma vendedora muito simpática se aproxima de nós e, se ela o reconhece, não demonstra isso. Já gosto um pouco mais da moça por esse motivo.

— Bom dia, estão procurando por algo em especial? — questiona e eu honestamente não sei o que fazer.

Claro que não posso comprar aqui, isso é óbvio para mim apenas observando os móveis caros e luxuosos, que me lembram os da loja da Pietra, onde Anelyse me levou. Só que naquela ocasião eu não ia pagar pelo vestido.

— Ela precisa de algumas roupas pros próximos meses. Roupas confortáveis, mas bonitas. É isso, Julia? — Ashton diz enquanto eu ainda planejo uma estratégia de fuga daqui.

— Hum, é... — respondo sem saída.

— Venha comigo, vocês podem esperar ali naquelas poltronas.

A vendedora indica o lugar para Ashton e os dois seguranças, e eu me vejo caminhando atrás dela. Sempre posso dizer que as roupas não ficaram boas, agradecer e ir embora. É exatamente isso que farei.

— Vestidos, calças? Um macacão? O que exatamente você quer ver, Julia?

O que for mais rápido.

— Vestidos!

Ela, que se apresentou como Cíntia, conduz-me até a seção correta e eu fico simplesmente boquiaberta. Nunca imaginei que pudesse haver tanta variedade para grávidas.

Os modelos são diversos, alguns com manga, outros sem. Em alguns, vejo uma faixa de elástico no local em que a barriga deverá ficar e outros foram feitos com tecidos mais leves e com um corte mais solto.

Pego dois modelos e me tranco no provador sem prestar muita atenção; nem mesmo no tamanho, porque a ideia de procurar uma loja de departamentos ainda é bem atraente.

Não posso gastar meu salário de um mês em roupas que vou usar por pouco tempo. Apenas para confirmar, procuro pela etiqueta nos vestidos; se é que existe uma, pois eles adoram omitir o assalto nessas lojas. Encontro o papel pouco depois e constato que realmente as peças são caras. Não impossíveis de pagar, mas, ainda assim, além do que estou disposta a gastar com elas.



ASHTON

Percebi que ela não queria comprar aqui no momento que entramos. É compreensível, claro. Antes mesmo de virmos, Anelyse me preveniu de que indicara a melhor loja do setor, mas que Julia não poderia pagar por nada daquilo. Claro que eu já sabia disso.

Sei também que, no momento, ela deve estar queimando os neurônios pensando em maneiras de sair e procurar outro lugar mais barato. Não tenho nada contra o barato, mas ela é minha mulher, cacete, não pode sair andando

por aí vestida de qualquer jeito.

Ela *finge* ser minha mulher, relembro para mim mesmo quando percebo meu pensamento.

— Podem ir comer alguma coisa, ou dar uma volta. Vamos demorar um pouco aqui. Logo que sair eu chamo vocês. — Dispensando as seguranças para ficarmos mais à vontade, além do mais a loja não representa mesmo nenhum risco.

Caminho até onde está a vendedora, decidido a não dar escolha a Julia além de aceitar as roupas como parte do nosso acordo.

— Por favor, pode me levar até onde estão os vestidos? Preciso de ajuda pra escolher também, porque não sou bom nisso...

— Sua namorada já escolheu dois modelos e entrou com eles para experimentar.

Abro um sorriso para motivá-la a me ajudar.

— Sabe o que é... Minha namorada é muito econômica, então ela provavelmente não vai escolher mais peças sem o incentivo adequado.

Quando vejo a mulher sorrir em resposta, percebo que consegui uma aliada, afinal, não há nada que as mulheres gostem mais do que ver um homem preocupado e cuidadoso.

— Qual o tamanho dela?

Merda. Qual o tamanho? Julia não é magra demais, também não é gorda, mas tem a barriga crescendo.

— Acho que um M de grávida, isso existe?

— Sim. — Ela caminha na mesma direção para a qual levou Julia um pouco antes. — Acredito que ela use M mesmo.

Paramos diante de uma fileira comprida de vestidos e ela me aponta os que são do tamanho adequado. Logo estou com alguns modelos nas mãos. Procuro alguns mais soltos e alegres. Acho que ela vai gostar de vestidos

mais meigos do que sensuais nessa fase, mas pego um preto mais descolado também para o caso de irmos em alguma festa ou para que ela use no próximo show.

— Calças? — pergunto animado.

Nunca gostei de fazer compras para mim, mas estou achando divertido pegar as peças para Julia, ainda mais com a adrenalina de fazer isso rápido, antes que ela veja e me censure.

Na área reservada para as calças, separo modelos com o cóis de elástico e outros de amarrar. Acho até mesmo uma calça jeans que não tem botão e sim uma tarja preta de elástico. Pego alguns shorts e corro para o lado onde estão as blusas.

A vendedora me explica que os modelos são um pouco parecidos; todos são blusas soltinhas na barriga, que se chamam batas. Pego umas oito ou nove de cores diferentes, algumas com mangas e outras sem. Carrego parte delas enquanto a atendente leva o restante e não demora para que voltemos para o provador.

Julia já saiu e segura os dois vestidos nas mãos.

— E então, deu certo? — pergunto.

— Não deu, infelizmente. — A expressão dela é tão triste que eu até acreditaria se não soubesse das suas motivações.

— Que bom que eu sou um namorado muito prestativo e separei várias peças do seu tamanho pra que experimente.

Os olhos dela se abrem de espanto quando entende que todas as peças são para que ela vista.

— Eu não vou experimentar essas roupas, Ashton. Muito obrigada, mas não posso. Estou... me sentindo enjoada!

Mentirosa.

Dou risada de suas estratégias. Se ela dissesse logo por que não quer

comprar aqui, já teríamos resolvido isso há tempos, mas ela sabe que eu iria discordar e discutir, por isso não fala.

— Tudo bem, então prove ao menos mais uma peça. Só que vai ter que sair aqui com ela pra que eu veja como ficou.

Percebo uma fagulha de irritação em seus olhos, mas ela sorri cinicamente.

— Como quiser, querido.

— Qual vai ser a peça?

Ela desvia os olhos para algo atrás de mim e percebo que está olhando para alguma outra coisa que gostou. Viro-me e vejo um macacão jeans, daqueles esquisitos que parecem de pintor, mas sem mangas.

— Gostou daquilo? — pergunto incrédulo.

— Claro que sim! É lindo! Sempre quis usar um daqueles na gravidez. Acho que é uma roupa feita pra mulheres grávidas.

É ridículo, mas se ela quer, quem sou eu para dizer não?

— Tudo bem. Pode pegar um no tamanho dela, por favor?

A vendedora assente e sai em busca do uniforme de pintor.

— Ashton, eu vou experimentar só essa peça, tudo bem? Depois vamos em outras lojas porque acho que esta não combina muito comigo. Entende?

— Não, não entendi. Acho que a loja combina perfeitamente com você, mas se insiste, eu concordo. Só essa peça e vamos embora.

Logo a moça retorna com a roupa pendurada em um cabide e leva Julia até o provador. Pouco depois, ela volta para onde estou.

— Ela disse que pode chegar mais perto para que veja como ficou a roupa.

— Vou sim. Como disse que se chamava mesmo?

— Cíntia.

— Cíntia, preciso que me faça um favor...



JULIA

Saímos da loja depois que paguei o macacão. Não era realmente muito barato, mas não me importei porque era algo que eu desejava usar nessa fase da minha vida.

Caminhamos lado a lado em direção à loja de departamentos. Lá sim eu poderei comprar algumas roupas que caibam em meu orçamento sem me preocupar.

— Onde estão os brutamontes que estavam com a gente? — questiono ao notar que estamos sozinhos.

— Mande-i irem dar uma volta, mas vou chamá-los de volta assim que entrarmos na loja que você escolheu.

Avisto uma mulher vindo caminhando em nossa direção. Ah não, outra fã. Seus passos são dados de maneira proposital para ser sensual. Ela é realmente muito bonita e um sorriso se abre no rosto bronzeado. Não estou julgando, mas tenho certeza de que esse tom de pele é artificial. Sinto quando a mão de Ashton pega a minha e ele aproxima o corpo do meu um pouco inquieto.

Percebo também que, ao ver o gesto dele, o sorriso dela esmorece, mas seus passos ainda são confiantes. Ela nota quando Ashton se desvia de seu caminho para evitá-la e se interpõe no nosso.

— Vai fugir de mim, Ashton? — pergunta a mulher em tom provocativo.

— Pode me dar licença? Tô acompanhando minha namorada.

Ela me olha com desdém, retira os óculos e a reconheço imediatamente. A mulher do prefeito.

— Sua namorada grávida... Entendo. A questão é que temos assuntos inacabados. Você nunca atendeu minhas ligações e eu fiquei em maus lençóis.

Ele ri, mas percebo que não há humor na sua risada.

— Em maus lençóis fiquei eu, Candice. Tô sendo processado pelo seu marido e você sabe muito bem que não tenho ideia do que aconteceu ali.

A expressão dela fica mais maliciosa.

— Nós nos divertimos muito. Quando isso acontece, é normal que uma ou outra pessoa não se lembre das coisas. Não quer dizer que não aconteceu, como você tem alegado.

Os olhos dela se desviam para minha barriga e falta escorrer veneno por sua boca quando se dirige a mim.

— De quantos meses você está? Acredito que não fui a única adúltera nessa relação. Você teve sorte, Ashton. Joseph não perdoou minha indiscrição. Pensei que ao menos teria alguma recompensa ao me separar dele e perder minha casa e a vida que eu tinha, mas eu compreendo que em sua posição pública fica mesmo complicado seguir o que deseja e não o que esperam que faça.

Ainda estou surpresa com a audácia dessa mulher. Além de nos parar aqui, onde todos podem ver, ela ainda tem a coragem de insinuar que Ashton quer ficar com ela e que está comigo por obrigação. Gostaria de poder dizer umas coisinhas aqui e agora, mas percebo que as pessoas começam a se juntar ao nosso redor. Sei que isso aqui é um prato cheio para um escândalo.

— Com licença, Candice, mas nós temos que ir agora.

Ashton também percebe os olhares curiosos e me segura pela mão. Tentamos passar por ela, mas sinto quando segura meu braço. Suas unhas

vermelhas estão ferindo minha pele e seu olhar se transformou em uma máscara de fúria.

— Candice, vou pedir educadamente que solte meu braço. Não sei o que tá se passando pela sua cabeça, mas eu não tô procurando confusão alguma. O Ashton é livre pra fazer as próprias escolhas. Eu não tô o obrigando a ficar comigo e assumir meu filho.

Muito pelo contrário. Penso.

— O Ashton é meu, sua vadia! — grita e o caos se forma. Vejo as câmeras de celulares sendo erguidas. Pessoas começam a filmar a cena e não vai demorar para que não possamos sair.

Ashton segura a mão dela, que ainda está sobre o meu braço, e tenta me livrar do seu aperto.

— Candice, tá ficando louca? Todo mundo tá filmando. Solta a Julia, pelo amor de Deus.

— Você não entende? Eu fiz tudo isso para ficarmos juntos. Planejei tudo e mesmo assim você ainda não é meu.

O rosto dele adquire uma expressão sombria com as palavras dela. Isso aqui foi quase uma confissão de culpa.

— Planejou o quê? — Ele antecipa minha pergunta.

— Tudo! Pensei que você não me quisesse porque eu era casada, mas agora eu não sou mais e mesmo assim prefere ficar com essa menina gorda.

Gorda? Faça-me o favor! Agora as ofensas estão ficando mais pessoais, mas estou torcendo muito para que alguém tenha filmado isso tudo. Acredito que possamos usar de algum modo.

— Bom, agora que já desabafou... — comento com cinismo. — Quer, por favor, me largar pra que eu possa ir pra casa comer muito carboidrato e engordar um pouco mais?

— Escute aqui, meu bem, filho não é um empecilho para nós. Eu

posso dar um filho a ele também. Muitos filhos, se Ashton fizer questão.

E então vejo o impensável acontecer, a desequilibrada ergue a mão para me bater, mas antes que isso aconteça, Ashton entra em minha frente. O tapa o atinge, porém, como é mais alto que eu, pega apenas de raspão em seu queixo. Ela ainda tenta se esquivar, mas ele a segura com firmeza, imobilizando seus movimentos o máximo que pode.

Graças a Deus vemos os seguranças retornarem parecendo bastante culpados por terem se afastado, mas não tinha mesmo como prever que algo assim iria acontecer.

Um deles toma para si a tarefa de conter a mulher, e o outro abre caminho em meio às pessoas que se juntaram, levando-nos até onde o carro está. Finalmente dentro do automóvel que logo entra em movimento, nós nos permitimos respirar aliviados.

— Julia, me desculpe pelo que houve. Aquela mulher é totalmente insana.

Fico algum tempo sem dizer nada, apenas pensando em tudo que aconteceu e nas palavras dele.

— Ei, tudo bem? Tá chateada comigo? — questiona, estranhando meu silêncio. Sorrio e alcanço sua mão que está sobre seu colo.

— Por que eu estaria? Tô apenas pensando no que você falou sobre ela ser insana, sabe? Eu acho que ela é mesmo.

— Sim, ela é. Imagine! Fazer uma cena como aquela, porra!

— Não, Ash. Você não me entendeu. Eu acho que ela tem problemas mentais mesmo, que é desequilibrada. Primeiro, que mulher em juízo perfeito iria drogar um homem pra dormir com ele? Segundo, a reação dela foi muito estranha. Eu estava concentrada nas pessoas ao redor e nem tinha falado com ela. Candice me atacou sem motivo nenhum e sem se importar com as pessoas fotografando. E, claro, tem o fator mais relevante...

— Que é? — indaga sério e eu quase me arrependo de fazer uma piada em um momento como este.

— Quem, em sã consciência, deixaria um marido como o prefeito pra ficar com você?

Ele sorri divertido.

— Ah, então acha o Joseph bonitão, é? Acho que ele faz mais seu tipo mesmo. Engomadinho, sério, não sabe brigar...

Minha boca se abre em reação a sua provocação.

— Quer dizer o que com isso? Eu brigo, e muito bem!

— A Candice diria que não. Não reagiu às tentativas dela e aquele tapa teria doído.

Dou um soco em seu braço, rindo do que ele diz.

— Não gosto de brigas, sabe disso. Prefiro vencer minhas guerras com as palavras. Persuasão, por exemplo, é uma das minhas preferidas.

— Sei. Bom, ao menos foi divertido. Não dá pra dizer que tem monotonia comigo, *baby*.

É brega, mas adoro esse jeitinho de falar, todo *rockstar*. Não contendo um suspiro de alegria, pois é muito bom estar com ele. Recosto minha cabeça em seu ombro e aproveito o momento.

Não demora para eu ver os portões da mansão e nós entrarmos por eles. Entro na casa na frente dele e então me lembro de algo importante.

— Sabe qual foi o único problema no nosso passeio, Ashton?

Ouço sua risada atrás de mim.

— Uma doida tentar te bater, provavelmente.

— Não, esse aí acho que foi bom, pois pode ser usado a nosso favor. O único problema foi que não consegui minhas roupas, só o macacão.

Entramos na sala e vejo Anelyse sentada no sofá com várias sacolas espalhadas ao seu redor. O conteúdo delas está esparramado pela sala

enquanto Anelyse confere uma a uma.

Quando ela nos vê, seu rosto se enche de culpa e ela começa a tagarelar.

— Olha só, o rapaz que entregou disse que a mulher da loja falou que as roupas eram pra moça que mora aqui. Tecnicamente não estava bisbilhotando, porque poderiam ser minhas.

Sorrio da expressão alarmada dela.

— Pra quem mais seriam? Claro que são pra você. Eu não comprei nada, só um macacão lindo que vou te mostrar agora mesmo!

Sento-me ao seu lado, empurrando uma das sacolas para o lado, e então vejo que é exatamente igual a que tenho nas mãos. Anelyse não compraria em uma loja de moda gestante.

— Mas... essas roupas são da loja que eu fui. Eu... — Volto meus olhos para Ashton, que está recostado na parede com os braços cruzados, olhando-me enquanto sorri feito uma criança malcriada. — Tô confusa, Ashton. Eu não comprei essas roupas. Nem mesmo as experimentei, o que elas fazem aqui?

Ashton coloca as mãos nos bolsos da calça e se aproxima de mim, tentando soar casual.

— Sabia que não ia escolher nada por causa dos preços, então pedi pra vendedora me guiar pela loja e escolhi algumas coisas pra você. Vestidos, calças, shorts e algumas blusas, tudo muito confortável e bonito.

— Você escolheu tudo isso?

Estou um pouco espantada com a atitude dele.

— Julia, não tem problema nenhum. Já falamos sobre isso. Você tá sacrificando seu tempo e parte da sua vida por mim, pela banda. O acordo é que tudo que for necessário pra você e pra bebê será pago pela *Dominium*.

Nós nos encaramos por alguns instantes. Eu sinto a importância do

gesto dele de uma forma tão intensa que algo dentro de mim faz meu coração acelerar. É o bebê, claro, nada demais.

— Não perguntei se pagou por essas coisas, mas se as escolheu pessoalmente.

Ele dá de ombros, como se não fosse nada demais, e me dá as costas, indo em direção ao quarto.

— Apenas escolhi algumas coisas que combinam com você e que vão ficar bonitas. Fiz isso porque sabia que você não escolheria. — Ele percebe meu olhar e fica sem graça. — Não precisa me olhar assim, não é como se eu tivesse alimentado criancinhas carentes.

Ashton ri, tentando deixar o momento mais leve, e finalmente sai da sala, deixando-me rodeada de sacolas.

Isso é algo. Não é uma besteira. Ele já me conhece o bastante para saber como eu iria me comportar e como reagiria se ele me dissesse suas intenções.

O que torna isso tudo algo é o fato de ele ter escolhido cada vestido aqui. Observando com atenção, um a um, percebo o quanto são perfeitos para mim. Não a Julia que trabalha em um escritório de advocacia, mas a Julia que está completamente apaixonada pela filha e pela vida. A mulher que está realizando seu sonho.

São perfeitos para essa fase da minha vida; como o macacão, não são roupas que eu usaria no escritório ou no meu dia a dia antes de me sentir grávida, quando meu ventre ainda era plano e não havia sinais em meu corpo da pequena criatura crescendo dentro de mim.

Essas peças são delicadas, meigas e com cores alegres, diferentes das peças sóbrias de sempre. O que mais me espantou foi saber que Ashton conseguiu identificar essa mudança em meu comportamento, na forma como tenho agido e me sentido, e reagiu a ela.

O que me surpreende é que ele, mesmo sendo tão avesso ao compromisso e que nós dois salientemos que não estamos em uma relação de verdade, mas apenas algo casual entre amigos, mesmo assim ele me enxergue tão completamente. O problema é que ele não quer isso. Ashton não precisa de uma namorada, muito menos de uma filha que não é dele em sua vida.

O problema é que as coisas estão começando a se complicar. Sem perceber estamos nos envolvendo e, no final, eu sei o que acontece, pois já vi acontecer mais de uma vez. No final, todas as pessoas da minha vida se vão e eu fico aqui, juntando meus pedacinhos outra vez para suportar mais um tempo até que aconteça de novo.

Talvez seja hora de parar o que quer que esteja acontecendo, antes que seja demais para que eu possa me reerguer depois que ele se for.



ASHTON

O dia está sendo um porre desde que começou. Para começar, Julia tem agido de modo muito estranho desde o dia em que fomos ao *shopping*, quase um mês atrás. Tenho pegado leve, atribuindo seu distanciamento a gravidez, mas mais de uma vez ela deu indícios de que preferia que eu não dormisse com ela, de que não era o ideal.

Eu entendo, porra, claro que entendo. Desde o início, definimos isso entre nós como casual, mas ainda assim me incomoda a rejeição dela. Isso é o que me deixa puto porque eu não deveria me importar. Eu nunca me importei!

Ainda fazemos sexo, ainda nos vemos com frequência e nos divertimos, mas de repente seu semblante muda e ela parece triste. Outro dia, eu a surpreendi chorando e Julia me disse que eram os tais hormônios. Imagino que deve ser uma droga esse descontrole emocional que vem com a bebê.

Bebê que ainda não tem nome. Julia me disse que está pensando e acho que deve estar, mas me sinto incomodado por ainda chamar a princesinha apenas de bebê. Logo a menina nasce e ainda não tem um nome. Pelo que Julia me disse, está com vinte e nove semanas e isso já é mais da metade do caminho.

No momento, risco um pedaço de papel com algumas opções enquanto ouço os comentários de Carter sobre a turnê que se iniciará em breve.

— Começaremos pela Carolina do Norte e de lá vamos seguir com oito paradas em cidades estratégicas diferentes até chegarmos em Nova York.

Lá faremos dois shows em pontos opostos da cidade e, em seguida, voltamos para Seattle, onde encerrarão a turnê.

Tray boceja ao meu lado enquanto risca a mesa com uma palheta.

— Cara, a turnê deveria começar em poucas semanas, mas vejo um problema grande pra caralho, Carter.

Nós nos concentramos em Tray e esperamos o que ele vai dizer para perturbar a ordem da reunião.

— Julia.

— E o que tem ela? — pergunto sem entender bem onde ele quer chegar.

— O problema é que, de acordo com a firma que ainda tá te defendendo nesse caso estúpido, você não sai sem ela e não dá pra arrastar a garota grávida dentro de um ônibus, de cidade em cidade.

— Cacete, não tinha pensado nisso.

Josh abre um sorriso, aquele presunçoso de quem sabe das coisas.

— A melhor maneira de fazer isso dar certo, da turnê acontecer normalmente sem complicar sua vida, Ashton, é terminar com esse caso logo. Precisamos de uma carta na manga, algo que tire a credibilidade do prefeito e da ex-esposa pra que ele se renda a um acordo.

Aceno concordando com suas palavras e instantaneamente me vem à cabeça a cena protagonizada por Candice no *shopping*. Acho que é hora de levantar a hipótese de insanidade.

— Estão lembrados do que aconteceu algumas semanas atrás no *shopping*? Quando Candice apareceu e fez uma bagunça por lá?

Todos continuam em silêncio e tomo isso como um sim.

— Naquele dia, Julia me disse que achava que ela era desequilibrada. Primeiro por ter me drogado, ou algo assim, e segundo por estar nos atacando sem nenhuma provocação e sem se importar com as filmagens. Ela contou

isso ao chefe dela, mas acho que ele não viu nada de mais nisso e nada foi feito a respeito dessa desgraça toda. Acho que se eu conseguir provar que ela não bate bem da cabeça, minhas chances de convencer um júri de que Candice me drogou aumentam e então, pra não correr o risco, Joseph vai aceitar o acordo.

Josh e Carter ainda estão refletindo sobre o que eu disse. Tray me observa com os olhos semicerrados.

— E como vamos provar que aquele anjinho de luz é na verdade uma maluca psicótica? — Ele mesmo responde: — Caralho, já sei! Precisamos encontrar a menina que estava com você na noite anterior a corneada do Joseph.

Eu olho feio para ele. Já cansei de dizer a mesma merda. Mas a ideia é muito boa. Se encontrarmos a Jessica, ela vai saber o que aconteceu. Vai saber como eu sumi da festa e apareci no quarto do hotel com aquela doida de pedra.

— A ideia é boa, cara. O que acha, Carter?

— Acho que pode dar certo — ele responde. — Vamos achar essa menina por nossa conta e então conversamos com os advogados. Não acho que vão querer seguir por uma pista que nada mais é que especulação, mas se a menina falar, aí a conversa é outra.

Concordo com ele. Não deve ser tão difícil assim achar a garota.

— Tray, acha que conseguimos encontrá-la? — Josh pergunta.

— Ah, cara, as garotas que entram nas festas depois dos shows são selecionadas. Se soubermos a data certa, com certeza o responsável pela segurança daquele dia vai poder nos dar nome completo e talvez até um telefone. Não acho que vai ser difícil achá-la.

— Me faz um favor e encontra essa menina. Depois dá um jeito de trazê-la pra conversar comigo ou com o Carter.

Tray concorda na mesma hora.

— Claro, ninguém estupra meu menino e sai impune.

Imbecil.

Josh começa rir da palhaçada dele e nem mesmo Carter se mantém sério. Um trio de idiotas.



JULIA

Cãibra é uma coisa que com certeza não foi criada por Deus; tenho, inclusive, minhas suspeitas de que seja um método de tortura utilizado por Lúcifer e seus demônios no inferno.

Antes, eu acreditava que azia era o pior que podiam inventar — Deus, o universo, ou quem quer que tivesse poder o bastante para isso —, mas isso foi até eu conhecer as malditas cãibras.

Neste momento, meu corpo inteiro se concentra em bravas tentativas de esticar minha perna, mas a dor é lancinante e eu não consigo. Aos poucos, ela vai cedendo, até que instantes depois o pior passa e fico apenas com os músculos doloridos.

Sento-me na cama e me repreendo outra vez por espreguiçar. A essa altura eu já deveria ter aprendido que não posso fazê-lo, porque em todas as vezes que faço, a cãibra vem.

Ashton bate na porta e em seguida a abre devagar.

— Ju? Estava dormindo?

— Só um pouquinho. Sabe como tenho tido sono ultimamente...

Ele concorda com um gesto.

— Sei, vim te contar uma coisa.

Ashton parece estar me sondando, porque obviamente notou que tenho tentado me afastar aos poucos. Tem um mês que ele escolheu aquelas roupas no *shopping* e ao mesmo tempo em que tento criar coragem para parar de vê-lo, sexualmente falando, é muito complicado negar algo que te faz tão bem como ele tem me feito.

Sinto-me mal por isso porque sei que a culpa não é dele; eu é que não deveria ter me apegado e não deveria ter me permitido criar fantasias além das sexuais com ele. Agora preciso ir cortando, podando aos poucos para que o ferimento seja menor.

— Entra, vem aqui.

Não consigo fazer isso de uma vez. Ainda mais quando ele aparece usando uma camiseta preta sem mangas, larga e bermuda; roupas de academia. Ele fica delicioso assim.

Ashton se aproxima e se senta na cama, retirando os fones do ouvido e abrindo aquele sorriso que me destrói por completo.

— Saí de uma reunião com os meninos agora. Vou descer pra academia e malhar um pouco, mas antes quis passar pra ver você e a princesa.

Ele também não me ajuda em nada. Custava ser feio? Ou menos atencioso, isso já ajudaria.

— Nós duas estamos bem. O que queria me contar?

— Tray vai procurar a menina que estava conversando comigo na festa na noite antes do incidente com o prefeito. Vai ver se ela sabe de alguma coisa sobre como fui parar no hotel. Carter vai buscar aqueles vídeos que vazaram do dia do *shopping*. Vamos tentar mostrar ao Joseph que Candice pode ser considerada doida e fazer com que ele aceite um acordo quando perceber que vai perder esse caso estúpido.

— Acho uma ótima ideia — digo, pensando no plano. — Eu mesma

levantei essa hipótese com o Klaus algumas semanas atrás, se lembra? Pena que ele não levou muito a sério.

O olhar dele está perdido fitando minha barriga. Acho que nem me ouviu direito apesar de acenar com a cabeça concordando.

A princesa, como ele a chama já que ainda não consegui decidir o nome dela, adora se mexer. Começou recentemente, mas os movimentos já são visíveis e todo mundo fica me rodeando querendo sentir. Anelyse conversa com ela e sentiu suas piruetas algumas vezes. Devo dizer que minha barriga parece ter virado órgão público, porque agora todo mundo quer pôr a mão, incluindo Josh, Tray e até Rosa e as moças que fazem a limpeza da mansão duas vezes por semana.

Eleanor teve que viajar e estou dando graças a Deus por isso, porque seria mais uma aqui. Eu morreria de culpa vendo-a se emocionar com os movimentos da neta, que não é neta.

O que realmente atrai a atenção de Ashton é a reação dela quando ele chega. É como se ouvir a voz dele a despertasse. Ela começa a passar o pé de um lado para o outro, às vezes até mesmo o sinto na costela. Tenho dores horróricas por isso. Olha que agora ele não está cantando... Como vou culpar minha filha? A voz do homem mexe comigo na mesma intensidade.

— Pode colocar a mão, Ash. Vai ficar tímido agora?

Ele sorri e, por um momento, sinto-o meio tímido mesmo, mas logo passa e, ao invés de colocar a mão sobre meu ventre, como sempre faz, Ashton encosta o ouvido e com o gesto me faz deitar recostada nos travesseiros.

— Oi, princesa — começa seu monólogo. — Como vai tudo por aí? Fome eu sei que não tem passado, porque sua mãe come cada dia mais.

Dou um tapa fraco em sua cabeça e ele ri. Isso é péssimo, pois seu riso reverbera por todo meu corpo. Os cabelos dele têm um cheiro delicioso e

estão tão perto de mim que não resisto e afundo meus dedos neles.

— Sabe o que eu fiz ontem? Comprei um vestido muito lindo pra você. Vai parecer uma princesinha de verdade nele, mas não vamos mostrar a surpresa pra sua mãe.

Ashton e seus gestos capazes de ruir minha defesa bem erguida.

— Logo você vai chegar, pequenininha, e nós vamos ouvir muito rock e passear muito, muito. Vou colocar uma música agora pra você ouvir, tá? É minha favorita!

Ele mexe no celular por um momento e então aproxima o fone da minha barriga. Eu não ouço a música, mas Ashton batuca sobre minha barriga, seguindo o ritmo, e ela responde aos seus estímulos por dentro.

Pego-me sorrindo enquanto observo a interação doce deles. A sensação que tenho quando ele está por perto e, principalmente, quando fala com ela como se fosse nossa filha, como se fôssemos uma família, é o que me motiva a me afastar e encerrar o que quer que exista entre nós.

Afinal, da maneira mais dura, descobri que todos sempre se vão, que no fim sempre estou sozinha lutando para me reconstruir. Antes que eu finalmente dê um nome para o que sinto por Ashton, antes que me machuque a um ponto irrecuperável, preciso me afastar e preciso fazer agora, porque sempre que aguardo e deixo para depois, minha coragem se esvai.

— Ash, queria conversar com você sobre uma coisa — digo enquanto a determinação ainda está aqui.

Ele apenas ergue um pouco a cabeça ainda sorrindo.

— Pode falar... O que foi? Precisam de alguma coisa?

É por isso. Esse é o motivo para o que estou fazendo. Sua expressão preocupada e seus gestos gentis, todos eles estão ganhando dia a dia um pedacinho do meu coração, enquanto Ashton preserva o seu inalcançável.

— Eu estive pensando e acredito que o caso se encerre logo. Quando

isso acontecer, vou embora como combinamos, por isso decidi hoje mesmo começar a procurar um apartamento, porque assim que Tray encontrar a moça que pode provar o que a Candice fez, Joseph vai aceitar um acordo e o caso será encerrado.

Ashton me encara um pouco surpreso e vejo em seu olhar alguma tristeza, o que acende uma pequena chama de esperança em mim, mas uma chama que prefiro não alimentar.

Quanto mais esperança, maior a frustração.

— Não precisa ver isso agora, Ju. Pode esperar tudo terminar, ou até ter o bebê. Assim não precisa passar pelo final da gravidez morando sozinha. Tem muita gente aqui pra te ajudar.

Por mais gentis que sejam suas palavras, não existe nenhuma razão para prolongar o inevitável. Ashton vive uma vida de agito, sexo casual e festas; não é como se houvesse mesmo qualquer possibilidade de ficarmos juntos e felizes como uma família perfeita.

— Eu vou apenas começar a procurar. Preciso de algo perto do trabalho, mas perto de uma escola também. Precisa ser confortável e bonito, só que não muito grande ou caro. Percebeu que não vai ser uma busca fácil, então melhor começar logo.

Ele apenas assente. Volta a deitar a cabeça sobre minha barriga e sua mão repousa sobre ela. Ashton não me encara e não diz nada.

— Ashton, isso também significa outra coisa.

Outra vez vejo que ele acena concordando.

— Quanto a isso, eu não quero esperar o fim da minha estadia aqui, acho que tá na hora de pararmos com... bem, você sabe.

Ashton finalmente ergue o rosto para me encarar e seus olhos estão frios como nunca vi antes. Nem mesmo quando nos conhecemos ele me olhou assim. Naquele dia, existia em seu olhar ao menos provocação e

desejo, mas agora seus olhos escuros me fitam com total indiferença e frieza. Finalmente ele diz as palavras responsáveis pelo início do meu declínio.

— Não precisa justificar nada, Julia. Sempre foi apenas sexo.

Eu tento não demonstrar o soco que acabo de levar na boca do estômago e não parecer arrasada.

— Mas ainda seremos amigos, certo? — pergunto apenas porque me lembro das palavras dele e também porque não sei o que dizer.

— Claro — ele diz. — Nunca fomos nada diferente disso.

Ele se levanta da cama e me deixa, como eu sabia que aconteceria. Como se eu realmente não houvesse representado nada de importante para ele.

Do que estou falando? Claro que não representei nada! Ele é um artista famoso, com milhares de garotas se atirando aos seus pés todos os dias. Não tem nenhum motivo para que ele se apaixone por mim.

Eu cheguei nesta casa como uma mulher determinada, batalhadora e obstinada. Cheguei aqui senhora de mim mesma, ciente de que todas as pessoas que entraram em minha vida morreram, ou saíram sem olhar para trás. Não consigo acreditar na minha estupidez de pensar que poderia ficar com ele, noite após noite, e ainda assim resguardar meu coração. Deveria saber que seria impossível.

Ashton é luz. Ele é bom. Não existe motivo para dizer outra coisa. Ele é um homem decente que apenas não tem nenhuma obrigação comigo. É jovem demais para desperdiçar o que tem para poder viver uma relação. Isso não faz dele uma pessoa ruim, apenas faz de nós incompatíveis; algo que não éramos meses atrás, quando tudo que eu também queria era sexo.

Poderia ainda ser tudo o que eu desejo se não fossem aqueles olhos maravilhosos, o seu jeito protetor, que cuidou de mim quando ninguém jamais o fez... Meu coração já vivera batalhas demais para ser forte.

Simplesmente não deu para *não* sentir.

Deito-me na cama, que eu mesma fiz, relevando a ambiguidade do pensamento, do gesto. Mergulho fundo nas lágrimas que banham meu rosto ao mesmo tempo em que sinto minha filha se mexer dentro de mim como se dissesse “Não se preocupe, mãe, eu não te deixarei”.



ASHTON

Nós nos preparamos para o show de hoje à noite. Os ensaios são sempre exaustivos, mas esse em particular está sendo frustrante para cacete.

Tray e Josh já perderam a paciência comigo e me olham como se eu estivesse perdendo minhas entradas de propósito ou como se não estivesse me esforçando o suficiente. Já faz mais de uma semana desde que eu e Julia conversamos. Tê-la ali, tão perto, e não poder me aproximar está me deixando doido.

Troquei meia dúzia de palavras com ela nesse tempo. Não sou infantil e não vou deixar de conversar com ela nem nada assim, mas também não posso ser seu amigo apesar do que eu disse antes.

A verdade é que nunca fomos amigos. Começamos com um flerte enquanto nos conhecíamos e já caímos os dois naquela confusão toda de relacionamento. Criar uma relação que se atenha apenas à amizade não é possível.

O problema é que, apesar de meus amigos desconfiarem, eu e Julia nunca falamos sobre nosso envolvimento. Se me viram sair do quarto dela, também não disseram nada, por isso é difícil explicar que estou sem concentração porque terminamos algo que nem mesmo tem um nome.

Sinto-me um babaca por ter me envolvido além do que deveria, pensando que ela também estava na minha. Ouvir Julia dizer friamente que tudo deveria terminar apenas porque o caso estava chegando ao fim me deixou furioso. Precisei me esforçar para não demonstrar como aquilo me deixou mal, tive que agir como se também não me importasse.

Claro que eu sempre soube que o que acontecia entre nós teria que

acabar, afinal, nós dois levamos vidas muito diferentes e, além disso, eu nunca procurei por uma relação estável em meio à loucura em que estou metido. Para completar, com a chegada da princesinha, as coisas se complicariam ainda mais, porque não somos uma família. Não me sinto preparado para ser namorado de alguém, que dirá para ser pai de um bebê que precisa tanto de cuidados. Sou uma bagunça completa e não cuido bem nem de mim, como poderia cuidar das duas?

Ao pensar na pequena, que em pouco tempo irá chegar, meu coração se aperta. Mais uma vez me pergunto como pude me apegar tanto, principalmente a bebê, porque ela ainda nem nasceu e mesmo assim sei que vou sentir sua falta.

Percebo que perdi outra vez minha entrada e me viro para encarar os caras, esperando encontrar os dois com expressões assassinas. Ao invés disso, vejo Josh deixando a bateria e Tray largando a guitarra em um canto.

— Calma, gente, eu vou prestar atenção. Não precisamos parar o ensaio. Temos show hoje à noite.

Vejo que Josh se senta no chão e espero por uma resposta, mas Tray caminha até o frigobar em um canto do estúdio e volta de lá com três cervejas nas mãos.

— É só uma pausa, cara. Acho que tá precisando de uma cerveja. — Percebo o olhar que ele direciona para Josh. — E nós precisamos saber o que tá acontecendo com você.

Passo a mão pelo rosto e pelos cabelos, tentando desanuviar minha mente e pensar com clareza, mas, pela atitude deles, claramente não estão pensando em me dar opção.

Sento-me ao lado de Josh no chão e pego uma cerveja da mão de Tray.

— É a Julia...

Os dois acenam com a cabeça como se já esperassem por essa resposta.

— Então, eu e ela... Merda. É complicado explicar.

— Você comeu ela, cara, nós sabemos. Mas e aí? — O comentário de Tray me irrita e percebo outra mudança em meu modo de ver as coisas. Ele sempre falou sobre sexo assim e nunca me incomodou tanto.

— Não fala dela assim, eu não gosto.

Josh olha para ele com o rosto bastante expressivo e percebo que estão achando minha atitude esquisita.

— Tudo bem, minha flor. Você fez amor com ela, mas e depois? O que aconteceu?

— Você é um idiota. É isso, nós transamos na festa do Azal e depois disso com certa regularidade.

Josh ri do meu comentário.

— Certa regularidade? Cara, essa festa aconteceu tem mais de dois meses. De lá pra cá, todos os dias você escapa do seu quarto pensando que ninguém percebe. Já virou até piada pra nós sua tentativa de ser discreto.

Todo mundo sabia e eu nem havia me tocado. Estranho o fato de não terem comentado nada.

— Se sabiam, por que não me disseram nada?

— Sei lá, chegamos a um acordo de que a Julia iria ficar sem jeito e preferimos nos fingir de cegos — Josh responde.

— Sério? Chegaram a um acordo sobre não fazer piadas com isso? Como estão crescidos esses meninos — falo com sarcasmo, estranhando a atitude deles.

— Na verdade, Anelyse disse pra deixarmos vocês em paz e acabou nos convencendo a não falar nada. Não é da nossa conta mesmo.

— Então por que agora querem saber tanto sobre isso? — questiono

irritado.

— Porque é óbvio que alguma coisa aconteceu. Você não tá muito... feliz.

O quê? Estão sugerindo que estou triste? Eu não estou magoado, nem nada assim.

— Não é isso, seu babaca. Ela disse que vai embora logo que encerrarmos o caso...

— Certo, conforme foi acordado desde o início. Isso é algo bom porque a turnê começa logo e, como eu já disse antes, não dá pra levar uma grávida a bordo com a gente — Tray comenta outra vez e me pego pensando nisso.

— Por que não? Qual o problema de ter uma grávida na viagem?

Os dois arregalam os olhos, surpresos, e logo continuo falando para tentar me explicar.

— Não tô dizendo que devemos levar a Julia, só não acho que seria um problema que ela estivesse junto.

— Cara, você não transou com mais ninguém desde que começaram esse rolo, certo? E agora tá chateado porque ela vai se mudar...

— Não é só isso — respondo para Josh, que me encara intrigado. — Ela também disse que prefere que eu não a procure mais.

Tray dá uma risada forçada.

— Mas Ash, o que você esperava? Ela vai ter um filho, cara. Julia não é o tipo de garota pra sexo sem compromisso. Ela tá em outra *vibe* agora. Você também precisa voltar a ativa, aproveitar a turnê pra pegar outras mulheres e tirá-la da sua cabeça.

— Não é que ela esteja na minha cabeça desse modo que pensam, mas é que isso já faz uma semana. Depois disso, todos os dias ela saiu pra procurar um lugar pra morar e eu... Bom, eu não fodo ninguém tem uma

semana, é isso. Acho que devo estar apenas precisando de sexo.

Tray assente, satisfeito com meu comentário, mas Josh me encara com aquele olhar amedrontador. Parece que ele consegue enxergar tudo que não digo.

— Não faz besteira, cara — ele diz. — Você gosta dela e não tem por que não ficar com a menina de verdade. Não se sente bem com ela? Não tá sentindo uma falta desgraçada de estar com a Julia e por isso nem consegue se concentrar em mais nada? Deixa de ser babaca. Fala com ela e assume que quer isso.

Tray o encara sem reação.

— Caralho, tá dizendo que ele gosta mesmo dela? Como se estivesse quase meio apaixonado?

Josh ri do comentário dele.

— Quase meio apaixonado? Não sei se isso é um sentimento, Tray, mas Ash não tá quase apaixonado, ele tá de quatro por ela e sabe disso.

Tray olha para mim e eu desvio meu olhar do seu, focando na cerveja em minha mão. Cacete, não é possível que eu fui virar um imbecil e me apaixonar assim tão fácil. Ainda mais por uma mulher que não me quer na sua vida! E por qual razão ela iria me querer?

Julia é forte, decidida, autossuficiente, organizada, esforçada e muito mais sensata do que eu poderia ser um dia. Eu sou o cara que fodo com tudo, que arrumo brigas desnecessárias, que estou sempre rodeado de bebidas, pessoas drogadas e festas insanas. Estou sempre perto de mulheres, que se atiram sobre mim com uma frequência maior do que ela poderia suportar. Vivemos em lados opostos do mundo, ainda que na mesma cidade.

Por que ela iria querer alguém como eu na sua vida e na de sua filha? Se realmente estou apaixonado, preciso me desapaixonar logo.



JULIA

É o quinto apartamento que vejo essa semana. Todos os anteriores tinham um parte do que eu procurava, mas ainda faltavam algo. Neste não é diferente, é perto do meu trabalho, tem uma ótima escolinha que aceita bebês, porém, é muito grande; na verdade, é enorme e com isso o valor também é muito mais alto do que o que posso pagar.

Entrego as chaves ao corretor um tanto frustrada. Preciso ter logo um lugar para ir, porque no ritmo em que as coisas caminham, Tray logo irá encontrar a moça que procuram e poderei voltar a minha vida normal. Se é que algum dia eu vou voltar a me sentir assim.

Desde que deixei de estar com Ashton, afundei-me em uma tristeza sem fim. Choro até molhar o travesseiro todas as noites até adormecer. Claro que atribuo isso aos hormônios e espero que, quando minha pequena nascer, toda essa angústia que tenho sentido pela falta dele passe.

Hoje à noite a *Dominium* tem um show e, se pudesse, eu nem mesmo iria. Ver e estar no mesmo ambiente que ele tem sido difícil e torturante. Preciso me obrigar a não chorar, não demonstrar como sua ausência e frieza doem. Fazer isso por alguns minutos, todos os dias, tem sido quase insuportável.

Imagino então como será assistir ao show, o tempo todo me mantendo por perto dele, aparecer em público como sua namorada, segurar em seu braço e ter que fingir que tudo está bem. Por mais que o que era real entre nós tenha acabado, a farsa continua.

Em meio aos meus devaneios, meu telefone toca e uma voz desconhecida responde quando atendo.

— Gostaria de falar com Julia Foster — diz o homem.

— É ela.

— Julia, meu nome é Ivan e sou corretor imobiliário. Um amigo me passou seu contato e disse que procura por um apartamento. Acho que tenho exatamente o que precisa. Ele me passou suas exigências e estou com um imóvel para alugar que, creio eu, irá te agradar.

Ao menos uma boa notícia em meio a todo esse sentimento ruim.

— Me passe o endereço, Ivan. Vou agora mesmo te encontrar se puder me mostrar o lugar. Já tô na rua e aproveito pra ir ver.

— Claro! — Ouço sua voz em um sussurro do outro lado, como se confirmasse o endereço com alguém, mas logo ele retorna e me passa as informações.

Desligo o telefone e me apresso. Por mais que não queira, preciso estar no show à noite e não posso demorar, então sigo para o endereço indicado. Como uma de minhas especificações é de que o apartamento seja próximo ao meu trabalho, a distância de onde estou para o endereço que Ivan me passou é curta e logo me vejo seguindo, guiada pelo GPS, para uma rua estreita e sem saída.

A rua não é muito bonita e parece bastante deserta, mas realmente é perto da Brother's King e tem uma escola por perto, então dou uma chance ao prédio cinza. É feio, tenho que admitir.

Dirijo-me à portaria do prédio, mas o portão de entrada está aberto e o porteiro não está aqui, então olho outra vez o pedaço de papel em que anotei o endereço em busca do número do apartamento. Número vinte e três, terceiro andar.

Entro no prédio e ouço alguns sons vindos dos apartamentos; conversas entre as famílias, televisão ligada, um som alto. Apesar dos barulhos, o corredor está deserto e a iluminação é horrível.

Não posso morar em um lugar assim com minha princesinha. Meu coração se contrai ao lembrar que Ashton é quem a chama assim. Começo a subir as escadas, mas a cada passo que dou, torna-se mais óbvio que não vou ficar com o imóvel. Não posso deixar o homem esperando sem resposta, então não custa subir e dizer a ele que não é o que procuro.

Três lances de escada e eu estou morrendo. Falta de ar é outra coisa que vem com a gravidez.

Quando chego diante do número vinte e três, percebo que a porta está apenas encostada, deixando uma fresta aberta. Eu a empurro um pouco mais e chamo daqui mesmo.

— Ivan? Tá aí? É a Julia, posso entrar?

Como ele não responde, passo pela porta, pensando que não pode me ouvir devido à música alta que vem de uma das outras portas. Olho pelo cômodo a procura do homem e então vejo um molho de chaves sobre a bancada da cozinha. Reconheço imediatamente o chaveiro: uma roda de carro entalhada em madeira. Viro-me outra vez na direção da porta, dando graças a Deus por ele não ter me ouvido chegar, mas meu alívio não dura um segundo. Eric tranca a porta, saindo de trás dela, e me encara sorrindo presunçosamente.

— Enfim sós, Julia — diz. Mesmo em meio ao pavor que estou sentindo neste momento, não deixo de pensar na falta de originalidade da frase escolhida por ele como apresentação.

— O que você quer, Eric? — pergunto, tentando demonstrar uma calma que não sinto.

Eric começa a falar e eu o ouço com atenção parcial, porque estou procurando uma maneira de passar por ele e fugir daqui.

— Apenas conversar, querida. Você não fala mais comigo. Eu a procurei em seu apartamento e não a encontrei. Teve toda aquela cena

horrível que você e o Ray fizeram pra me envergonhar e, depois disso, descobri que estava morando com ele. Demorou um tempo pra descobrir uma maneira de nos encontrarmos, porque estava sempre com um deles ou com seguranças, mas acho que a alegria do casal não durou, já que passou a procurar um outro lugar pra morar.

Estou aqui sozinha. Ninguém sabe para onde vim e com certeza não vão me procurar até ser tarde demais, mas Eric não precisa saber disso.

— Como você sabe que eu tô procurando um lugar pra morar? Fale o que você quer, porque logo o Ashton vem me encontrar. Passei o endereço do apartamento pra que ele viesse ver comigo.

— Eu te segui. Por que ele viria se vocês terminaram?

— Nós não terminamos, Eric. Apenas estamos procurando um lugar mais tranquilo pra nós, longe do resto da banda.

Ele me olha sorrindo e percebo que não acredita em mim.

— Isso não é verdade, Julia. Desde quando se tornou uma pessoa tão mentirosa? Primeiro a história do bebê e agora essa bobagem pra tentar escapar de mim.

— Sobre o bebê, me desculpe se te magoei. Não queria contar sobre meu envolvimento com Ashton e por isso inventei aquilo sobre a inseminação...

Eric se aproxima de mim e seus olhos brilham com a fúria presente neles.

— Acha que sou um idiota? — grita e eu não posso evitar estremecer. — Aquele merdinha mentiu pra te ajudar a encobrir que tá grávida de mim. Sei muito bem que você não tinha caso nenhum, Julia. Se precisou mentir, é porque sabe que não foi a inseminação que vingou, mas que o filho é realmente meu.

Como ele tem tanta convicção sobre eu e Ashton termos mentido? O

mundo todo acredita na nossa história.

— Não... Nós não mentimos. — Afasto-me um pouco dele tentando fugir de seu alcance, mas ele é mais rápido e me segura pelo vestido, levando-me para junto dele outra vez.

— Mentiu, sua vagabunda. Acha que pode me dar o golpe da barriga? Me obrigar a ter um filho que não quero? Acho que nunca pensou direito nisso, Julia, mas a decisão não é só sua.

— Eric, se acalme. Vamos conversar direito e vou te explicar tudo. Todos os meus motivos pra você ter certeza de que o filho não é seu.

Ele afrouxa as mãos que estão me segurando pelos braços e vejo surgir a dúvida em seus olhos, mas não posso ficar aqui e argumentar com alguém instável como Eric. Aproveito seu momento de hesitação e dou uma joelhada naquilo que ele chama de pênis, mas ele prevê meu movimento e se afasta um pouco. Meu joelho o atinge com menos força que o necessário para derrubá-lo, mesmo assim corro na direção da porta enquanto ele se recupera. Destranco-a e passo por ela, correndo pelo corredor em desespero.

Antes que eu alcance o primeiro lance de degraus, no entanto, Eric me alcança segurando meus cabelos a fim de me deter.

— Sua vadia, agora tá mostrando as garras, Julia. Sabia que você era ardilosa, mas não se preocupe, nós vamos dar um jeito de arrancar esse bebê de você. Imagino que, por mais que relute, vai se sentir aliviada por ter seu corpo espetacular de volta.

Meus olhos ardem com as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Eric quer matar minha pequena e com isso vai me matar junto. Eu nem mesmo a tive em meus braços.

Abro a boca em um esforço absurdo em busca de socorro, mas quando meu primeiro grito ecoa, percebo que o som está alto demais para que alguém me ouça. Eric sorri quando percebe a mesma coisa e tenta me arrastar

de volta para o lugar de onde saímos. Quando tento resistir, puxando o braço do dele e tentando me esquivar, ele reforça o aperto e eu me dou por vencida. Ninguém vai me salvar.

Então, quando as esperanças foram anuladas, o som é desligado e o silêncio impera no alto da escadaria deserta. Eric me olha, advertindo-me para não gritar, mas sabendo que não vou obedecer, ele solta um dos meus braços para tapar minha boca com a mão. Aproveito o pequeno alívio e solto meu braço de suas garras com um puxão forte.

A vida é assim. Às vezes, quando você pensa que toda aquela terra que te soterrava será realocada pelos ventos, uma nuvem tempestuosa chega e te afoga no lamaçal.

Em meu gesto de desespero, perco o apoio e me desequilibro. Estendo a mão para aquele que poucos instantes atrás era meu inimigo, tentando me segurar a ele, como a tábua da salvação. Com um sorriso diabólico no rosto, Erice dá um passo para trás e eu despenco da escadaria.

Enquanto rolo e escorrego aos trancos pelos degraus, gritando, sentindo a dor me atingir em cada parte do meu corpo, só consigo pensar em proteger minha princesa. Peço a Deus para que consiga parar na curva, mas antes que meu corpo machucado chegue até ela, vejo-me caindo pela lateral desprotegida.

Meu último pensamento antes de atingir o chão, muito abaixo de mim, é o de que Eric acabou conseguindo o que queria com um acidente.



ASHTON

— Anda logo, Anelyse. O ônibus já tá esperando! — grito por minha irmã, que como sempre nos atrasa.

O show desta noite é em um local aberto e o lugar provavelmente estará lotado para caralho. A venda de ingressos, pelo que Carter disse, já havia se esgotado.

Pouco depois, Anelyse chega. Sozinha.

— Cadê a Julia?

— Não sei — ela responde. — Saiu em busca de um apartamento e não voltou ainda. Eu mandei mensagem e ela disse que tinha surgido algo bem do jeito que procurava e que estava indo ver, mas pensei que voltaria a tempo.

— Bom, cara... — Tray chama minha atenção. — Se ela não tá aqui, a culpa não é sua de ir sem ela. Julia deve chegar atrasada, mas com certeza vai estar lá.

Aceno concordando e entro com eles no ônibus. Tudo bem que ela não queira me ver e esteja me evitando, mas isso é trabalho; um trabalho ridículo talvez, de me vigiar, entretanto, ainda assim é a responsabilidade que ela assumiu e Julia não é de fugir de suas obrigações.

Os meninos começam a relembrar a ordem das músicas e eu acabo me distraindo com os dois, mas alguma coisa sobre Julia não aparecer ainda incomoda no fundo da minha mente.



Subo ao palco e sou tomado pela sensação de adrenalina que sempre tenho quando paro diante da multidão. Os instrumentos são ouvidos pelo público antes de as luzes acenderem para que possam nos ver. Quando isso acontece, os gritos e o clamor dessas pessoas são recebidos por nós.

— Boa noite, pessoal! Não dá pra terem noção da coisa linda que é ver vocês daqui de cima. É a multidão mais foda que existe. Agora vamos retribuir todo esse carinho da maneira que podemos. Vamos fazer um show do caralho pra vocês!

Começamos a tocar e cantar e as pessoas me acompanham como sempre. Vejo alguns cartazes erguidos com frases de carinho direcionadas a nós, mas um deles em especial me chama a atenção; é rosa e bem grande. Alguém o ergueu bem alto e nele está escrito “Parabéns pela princesa, Ash. Eu te amo!”.

Penso em Julia mais uma vez com aquilo e me volto na direção dos fundos do palco, onde me acostumei a encontrar seu olhar no meio das apresentações, mas ela não chegou. Anelyse continua sozinha ali e percebo que Julia não virá. Acho que realmente foi um ponto final e ela está cortando os últimos laços.

Após um tempo, fazemos nosso intervalo e corro para o camarim para me trocar. Merda, estou suando muito e a outra roupa é ainda mais quente. Os meninos entram logo atrás de mim e Anelyse também. Estou rindo de uma idiotice que Tray disse, quando ouço a voz alarmada da minha irmã.

— Que estranho, têm umas vinte chamadas perdidas no meu celular. Não ouvi tocando em meio ao barulho das músicas.

— Quem te ligaria tanto assim? — Josh pergunta e a vejo encará-lo com raiva.

— Não que interesse, Josh, mas provavelmente a Julia ou minha mãe. Sinto que algo não está certo. Julia deveria estar aqui. Ela não faltou a

nenhum show até hoje e, no mínimo, iria avisar.

— Retorna a ligação, Ane.

A porta do camarim se abre e a organizadora avisa que temos que voltar ao palco. Vejo Anelyse discando e visto a camisa rapidamente.

— Vamos voltar, me avise se for importante.

Ela assente distraída com o telefone no ouvido. Subimos novamente no palco e damos sequência ao show, mas logo que canto os primeiros versos, olho para trás e vejo Anelyse chorando e dizendo algo para a assistente de palco. Faço sinal para Tray, que entra com um solo improvisado, e me afasto na direção dela.

— O que foi, Ane?

— É a Julia, Ash. Ela caiu de uma escadaria. Tá no hospital, muito machucada. Os médicos vão fazer um parto emergencial pra tirar a bebê, mas não sabem se ela sobrevive porque parece que a queda foi feia.

— E a Julia? — pergunto, sentindo o desespero em minha voz.

Não posso acreditar que algo tenha acontecido com ela. Apenas o pensamento já faz meu peito arder de dor. Sinto meus olhos marejando. Cacete, nem me lembro quando foi a última vez que chorei.

— Não disseram muita coisa. A moça disse que ela ainda não acordou, pois bateu a cabeça muito forte, mas a cirurgia vai acontecer daqui a pouco. Encontraram meu número no celular dela e, como não acharam nada relacionado a família, pai e mãe, começaram pelo início dos contatos.

Coloco as mãos nos joelhos e fito o chão, tentando assimilar isso tudo. Não posso acreditar que um mero acidente possa tirar Julia de mim, do mundo.

— Ash, você tá bem? Eu vou correndo pro hospital pra ficar com ela. Quando terminar o show, vocês vão pra lá.

— Espera. Eu vou com você.

Anelyse olha para os lados e percebo que não posso sair assim, sem uma justificativa aceitável. Volto ao meu posto e falo a verdade, porque de maneira alguma eu conseguiria cantar para toda essa gente sabendo que Julia pode estar precisando de mim, ou ainda pior...

— Pessoal, preciso pedir desculpas e peço que, por favor, me compreendam. O carinho de vocês é único e espero poder contar com ele mais uma vez. Acabo de saber que minha namorada, Julia, sofreu um grave acidente e estão fazendo um parto emergencial. Não vou poder continuar o show, mas iremos reembolsar vocês ou agendar uma nova apresentação gratuita. Conto com o apoio e com as orações de vocês neste momento.

Deixo o palco cabisbaixo e vejo que Tray e Josh vêm logo atrás, sem entenderem bem o que aconteceu.

— Ash, espera aí, cara. Isso é sério? — Josh me segura pela blusa e eu paro apenas um instante para olhar meus amigos vindo atrás de mim para o camarim.

Quando olho para os dois, eles percebem alguma coisa em meu rosto e não questionam mais. Nós nos trocamos em silêncio e logo estamos a caminho do hospital.

— Ane, esse hospital é bom?

Ela dá de ombros, sem saber responder.

— Calma, cara. Vai ficar tudo bem. Se o hospital não puder dar o suporte que ela e o bebê precisam, nós as levaremos pra outro. Elas vão ficar bem.

Concordo com Josh, porque preciso acreditar nele. Preciso saber que tudo vai ficar bem.

Pouco depois, paramos em frente ao hospital e peço ao motorista para que leve o ônibus e traga meu carro. Não podemos chamar atenção dessa forma. Entro no hospital e me dirijo à recepção, acompanhado de perto por

Tray, Josh, Anelyse e os seguranças, que vem logo atrás.

— Preciso saber notícias sobre Julia Foster, por favor.

A recepcionista nos encara cética. Uma banda inteira na frente dela deve causar certa estranheza mesmo.

— A moça grávida?

Onde essa mulher vive que não sabe quem ela é? Todo mundo já sabe a essa altura.

— Sim, eu sou o pai do bebê. Pode, por favor, me dizer como e onde ela está?

Ela começa a digitar alguma coisa no computador e depois se volta para mim.

— Ela está na cirurgia. Chegou aqui com uma hemorragia muito intensa e foi levada direto para o bloco cirúrgico. Eles estão realizando agora mesmo uma cesariana de emergência.

— Eu posso subir?

Meu tom de voz deve ter demonstrado toda a preocupação que estou sentindo, porque ela hesita antes de me dizer o “não” que sei que planeja.

— Olha, é minha filha... Eu não sei como tá sendo feito o atendimento delas, mas é lógico que vamos arcar com tratamento de primeira, quarto privativo e todos os custos necessários pra que as duas fiquem bem. Acredito que pode ligar no bloco cirúrgico e pedir que abram uma exceção pra mim.

Eu não acho que seja o mais bonito usar meu nome para abrir as portas, mas faria isso e muito mais se fosse preciso. Antes que eu comece a narrar os benefícios de nos ter aqui para a publicidade do hospital, vejo minha irmã chegar perto da recepcionista e falar exatamente o que eu tinha planejado; o que é bom, porque soa menos prepotente.

— Moça, ele é Ashton Ray. Tenho certeza de que o médico

responsável pelo caso pode encontrar uma brecha pra permitir a entrada dele no bloco. Por mais que estejamos atrasados e em circunstâncias incomuns, geralmente o pai pode assistir ao nascimento do filho.

Percebo que a mulher ainda titubeia um pouco, mas logo retira o telefone do gancho e faz a ligação.

— Doutor, o companheiro da paciente em cirurgia está aqui. É o pai do bebê e está pedindo para subir e assistir o que está acontecendo aí.

Ela fica em silêncio, apenas ouvindo a resposta do outro lado da linha.

— Sim, eu sei que não deveria ter ligado e que ela foi acidentada, doutor. Acontece que é Ashton Ray, senhor... Sim, da *Dominium*. Isso, doutor, eles estão aqui. Todos eles...

Ela dá uma risadinha com alguma coisa dita pelo médico e em seguida o responde:

— Sim, Tray Sanders também está aqui. Estou certa de que ficarão felizes em autografar seu jaleco, doutor.

Mal posso acreditar na cara de pau desse médico; uma hora dessas, eu aqui preocupado, e o homem barganhando em troca de autógrafos. FRANZO o cenho e abro a boca para protestar, mas Anelyse me dá um beliscão. Decido ficar quieto, afinal, antes assim do que de jeito nenhum.

A mulher desliga o telefone e se vira sorridente para nós.

— Tudo bem, pode subir. Uma enfermeira vai te encontrar e entregar as roupas para que se troque, então poderá assistir pela janela. O doutor avisou que se desmaiar, bem, vai ter que ficar lá mesmo até terminarem porque a cirurgia não está nada fácil.

Concordo com a mulher sem questionar a ideia absurda dela de que eu vá desmaiar. Viro-me para Anelyse e entrego a ela meus documentos e minha carteira.

— Pague por tudo que eles quiserem, Ane.

Minha irmã apenas assente em concordância e eu sigo para o bloco, apressado e com o coração disparado. Entro no elevador e, quando aperto o botão do quarto andar, onde Julia está, percebo que minha mão está tremendo muito.

Enquanto o elevador sobe, faço a Deus uma prece para que não permita que nenhuma das duas morra, para que minhas meninas sobrevivam.



Estou diante de uma janela de vidro, tentando enxergar alguma coisa lá dentro e ver o rosto dela, se está acordada ou não, mas a movimentação é grande e não consigo vê-la ainda.

Eu me troquei e agora uso uma daquelas camisolas verdes, que sempre vemos nos filmes, por cima da camiseta e da calça, e uma touca. Isso porque nem me permitiram entrar na sala onde realmente está acontecendo tudo. Calcei luvas nas mãos e umas para os pés e fui direcionado para esse vidro por uma enfermeira, que me avisou categoricamente que não posso filmar a cirurgia. Como se eu fosse fazer isso sabendo da gravidade da situação.

Um dos médicos se afasta um pouco e eu vejo que o chão ao redor da maca está todo sujo de sangue. Cacete, o lençol também. Minha fé se abala um pouco ao ver quanto sangue Julia perdeu.

Observo a parte de cima da maca e percebo que alguém abriu espaço. Finalmente consigo ver seu rosto. Ela está com um tubo entrando pela boca e seus olhos estão fechados. O lado de seu rosto que consigo ver está inchado e roxo. Meu maior medo é que ela não acorde.

Um pouco depois, vejo quando uma das enfermeiras se afasta da maca com um pequeno montinho arroxado nas mãos. A princípio, não

entendo o que a mulher tem nas mãos, mas então ouço o som do seu choro, bem baixinho, e sei que é ela. Ao vê-la tão pequena, sinto um peso no estômago porque aos meus olhos é quase impossível que um serzinho daquele tamanho possa sobreviver.

Aproximo-me mais do vidro, tentando ter uma visão melhor, e percebo que ela está se mexendo. Meu coração se enche de um sentimento indescritível e eu sei que, se ela tiver forças para lutar, no que depender de mim, tudo será feito para que sobreviva.

Chego mais perto da porta, tentando me aproximar da princesinha, enquanto uma enfermeira a limpa. A mulher ergue o rosto e me vê.

— Oi, papai. Sei que gostaria de pegar sua bebê um pouco, mas por enquanto isso não será possível. Precisamos descer com ela para a UTI neonatal porque, devido ao nascimento prematuro, ela não consegue respirar bem sozinha.

— Ela vai ficar bem? — pergunto porque preciso ouvir uma opinião de alguém que entenda disso mais que eu.

A mulher me encara e percebo dúvida em seu semblante.

— A pequena tem um quilo e cem gramas, é um ótimo peso para uma criança que nasceu tão antes do tempo. O problema é que a queda foi feia para mãe e para ela, isso pode acabar agravando uma situação que já não seria fácil de todo modo. Vão ser feitos alguns exames. Se tiver como pedir a alguém que traga algumas coisas para bebê; roupas e fraldas.

Concordo com um gesto. Ainda preocupado, vejo quando a levam dentro de uma redoma de vidro com rodinhas, embrulhada em um pedaço de pano. Volto para o vidro e observo quando finalmente começam a se afastar de Julia. O obstetra diz alguma coisa para os outros e finalmente deixa a sala. Ele me vê logo que sai e percebo pelo seu sorriso que foi ele quem falou com a recepcionista.

— Ashton Ray! Nem acredito que vou dizer por aí que a sua filha nasceu pelas minhas mãos.

Abro um sorriso fraco para ele. Essa é a abertura que eu precisava para colocar pressão no médico.

— Não vai querer dizer que minha filha morreu nas suas mãos, doutor. Seja o homem que a salvou.

— A partir de agora, a pediatra irá se encarregar dos cuidados com ela, mas tenho certeza de que toda a equipe do hospital fará tudo para que ela ganhe o peso necessário e se desenvolva bem, para que em pouco tempo possa ir para casa.

Sinto segurança em suas palavras. Por mais que às vezes o próprio destino seja traiçoeiro, acredito que o hospital e a equipe farão tudo para que as duas fiquem bem.

Olho para dentro da sala outra vez e vejo a movimentação lá dentro para levarem Julia para outro lugar.

— Sei que foi responsável apenas pelo parto, mas deve saber me dizer o que a Julia tem, qual é a sua situação...

Ele concorda com a cabeça e se aproxima de mim, retirando a touca que cobre os cabelos pretos.

— Julia teve a bacia fraturada e descolamento prematuro da placenta, por isso foi feita uma cesariana de emergência. Além disso, duas costelas foram fraturadas e... Só um minuto, vou pegar a ficha dela.

Ele retorna à sala e me deixa sozinho aqui, totalmente sem ar. Se aquilo não for tudo, não sei como ela vai suportar. Talvez seja melhor não despertar mesmo por enquanto, porque a dor que vai sentir...

O médico retorna com uma prancheta nas mãos.

— Ela também sofreu uma contusão pulmonar e um pneumotórax hipertensivo. Não vou mentir, Ashton, a situação é grave e ela está sendo

levada para a UTI agora mesmo.

Eu observo impotente enquanto eles saem da sala, levando-a rapidamente em uma maca.

— É médico há muito tempo, doutor? Já viu casos como o dela antes?

— Como ele assente com um gesto, prossigo: — Acha que ela vai sobreviver a isso?

— Acredito que sua namorada vá ficar bem. Vai demorar para se recuperar completamente, mas creio que ela vai sobreviver.

Suas palavras ao menos me dão um fio de esperança. É exatamente desse impulso que preciso, porque minha fé já estava se extinguindo.

— Vou poder ficar com ela?

— Eu não sei quais serão os procedimentos agora. Aguarde na sala de espera que irei pedir para que o médico responsável por ela a partir de agora o procure e te explique.



Já faz algum tempo que estamos em uma sala particular do hospital. A princípio, de tão absorto nesta situação surreal que estou vivenciando desde que soube do acidente, não levei em consideração que ficar com os rapazes em uma sala pública poderia atrair uma atenção indesejada no momento.

Percebi isso só quando algumas pessoas, que também aguardavam notícias de seus familiares, decidiram pedir por fotos e autógrafos. A recepcionista também notou e, pouco depois, fomos levados para uma sala privativa, apenas eu, Tray, Josh e Ane.

— As notícias estão demorando... — Ane sempre gostou de constatar o óbvio. — Isso é bom, certo? Se algo ruim tivesse ocorrido, já teriam nos dito.

Espero que sim, mas nem mesmo consigo responder. Minha aflição está imensa e meu coração dispara a cada vez que alguém passa pela porta. Estou com medo de que venham me dizer que alguma merda aconteceu.

Não sei exatamente quanto tempo leva, mas um pouco depois um médico abre a porta e entra. Ele é um pouco mais novo que o anterior.

— Boa noite. Eu sou o doutor Lucca. Sou o responsável pela paciente Julia Foster. Vim trazer algumas informações sobre o quadro geral dela.

Levanto-me e aceito a mão que ele estende para nos cumprimentar.

— Primeiro quero dizer que tentamos contato com os familiares, pai e mãe, e não conseguimos encontrar ninguém.

— Julia é órfã — respondo. — Ela só tem nós...

É isso. Ela tem a nós agora. Independente de qualquer coisa, já fazemos parte da sua vida e Julia da nossa.

— Certo, a queda dela foi grave e ela teve muita sorte que a senhora que a encontrou ligou para pedir uma ambulância e nos entregou os pertences dela.

— O senhor sabe nos dizer exatamente o que aconteceu? Conseguiram alguma informação com essa senhora?

O médico analisa a ficha que tem nas mãos em busca das informações passadas pela mulher que prestou o socorro à Julia.

— Ela disse que mora no prédio onde a paciente estava e que nunca havia visto Julia por lá, mas que ouviu uma discussão e depois os gritos da paciente. Disse que, quando saiu de seu apartamento, encontrou a moça caída no chão, no final do último lance de escadas, então deduziu que ela tivesse rolado escada abaixo.

— E foi isso que aconteceu? — pergunto porque sua expressão parece omitir alguma informação.

— Baseado nas fraturas que ela sofreu, na contusão pulmonar e nas

escoriações, acredito que ela tenha rolado por alguns degraus, mas de acordo com essa mesma senhora, a escada não tinha corrimão e nenhuma segurança. Creio que ela tenha caído livremente pela lateral da escadaria. Vamos confirmar quando a paciente acordar.

Toda essa história me incomoda demais. Julia não é do tipo estabanada que cai por aí facilmente. Com a gravidez então, tenho certeza de que teria um cuidado redobrado em uma escadaria sem segurança alguma. E ainda tem a história da discussão me deixando em estado alerta.

— Como ela tá? — pergunto o que realmente importa agora, deixando minhas neuras para outro momento.

— Após a cesariana, ela se manteve estável, sem sangramentos. Estamos retirando o ar que entrou no pulmão através de um dreno que foi colocado no tórax dela. As fraturas serão tratadas de modo conservador. Como o estado dela se manteve sem alterações, decidimos pela extubação e pela retirada da sedação.

— Isso quer dizer que ela vai acordar logo? — Anelyse pergunta, parecendo tão aflita quanto eu.

— Sim, pode até mesmo já ter acordado enquanto estamos aqui conversando.

Não sei o que é pior, pensar em Julia despertando sozinha, sem saber de nada do que aconteceu, ou na pequena princesa no meio daqueles bebês, sem ninguém ao seu lado.

— Eu posso ficar com ela?

— Enquanto ela estiver na UTI não, mas pode subir para vê-la e passar um tempo lá todos os dias.

— E minha filha?

— Precisa seguir as recomendações da pediatra, mas acredito que as regras serão as mesmas, poderá passar um tempo com ela, mas não ficar lá e

nem segurá-la por um tempo. Se quiser ver sua namorada, poderá subir comigo agora.

O médico se dirige outra vez à saída e me viro para meus amigos e minha irmã.

— Se quiserem ir, eu mando notícias.

— Vamos ficar, quero subir pra vê-la quando você voltar — Ane diz com tanta determinação que sei que ela não será convencida a ir embora.

— Tudo bem, volto com notícias.

Sigo por onde o médico acaba de sair e o encontro um pouco a frente me aguardando. Juntos, tomamos o elevador rumo à UTI. Torço para que Julia abra logo os olhos para que eu possa voltar a respirar com normalidade.



ASHTON

Entro na sala ampla e arejada. O som das máquinas ligadas é o único que ouço aqui. Alguns pacientes têm pessoas ao seu lado, mas todos permanecem em silêncio. Doutor Lucca aponta para uma das camas em um canto mais reservado. Graças a Deus não tem máquinas instaladas a ela. Ao olhar para seu rosto pálido e para os braços cheios de hematomas, percebo o quão perto cheguei de perdê-la, mesmo que Julia não seja minha de fato.

Aproximo-me um pouco mais da cama e vejo de perto o que a queda fez a ela, ao menos os ferimentos superficiais. Percebo o volume do dreno sob a camisola fina e me sinto perturbado ao vê-la tão fragilizada. Toco sua mão sobre os lençóis e em seguida me inclino, beijando sua testa com carinho. Por mais que mal estivéssemos nos falando nos últimos dias, a falta que ela me faz é assustadora. Tudo isso é acima do meu poder de compreensão agora.

A ardência em meu peito é tão forte que não me demoro ao seu lado. Preciso ver a pequena e confirmar que está tudo bem, até mesmo porque tenho certeza de que essa será a primeira pergunta de Julia quando acordar.

Aviso ao médico para que permita a entrada de Anelyse e sigo para a UTI neonatal. Procuro pela pediatra responsável pelo caso da princesa e encontro uma mulher de meia-idade, que é apontada por uma das enfermeiras.

— Boa noite, eu sou o pai da recém-nascida de Julia Foster. —Uso o que tenho em meu favor. — Gostaria de saber como minha filha está, qual o estado dela e se posso vê-la agora.

A mulher me encara sorrindo de orelha a orelha e eu torço para que

não me peça um autógrafo agora, mas ela não faz.

— Sim, Ashton Ray! Sua filha é linda e uma guerreira. Ela não tem o pulmão totalmente formado por causa do nascimento precoce, então foi feito surfactante para amadurecê-lo e a resposta ao procedimento foi muito boa. Ela está se saindo muito bem. Precisa ganhar algum peso e vai ser alimentada por um pequeno tubo por enquanto, até que a mãe possa cuidar dela pessoalmente, mas posso dizer que, se tudo se mantiver estável como agora, ela ficará bem.

Respiro mais aliviado. Por mais que estejamos vivendo uma mentira, todos esses meses fizeram com que eu me apegasse tanto a bebê quanto a mãe. Não sei como reagiria se ela não sobrevivesse.

— Posso entrar pra vê-la?

Ela assente.

— Ela está na incubadora e não pode sair de lá, mas pode higienizar suas mãos se quiser tocá-la. Por favor, informe o nome da bebê para que possam colocar na ficha dela. Assim que possível, peça que tragam roupas para ela porque deve ficar aqui por um bom tempo.

O nome da princesa. Julia não chegou a escolher, ao menos não tinha escolhido poucos dias antes quando ainda estávamos nos falando e esse era um assunto recorrente. Para Julia o nome é algo muito importante pelo fato de acompanhar a pessoa a vida toda e ela queria que fosse especial.

— Não escolhemos o nome. Como ainda tinha algum tempo até o nascimento, estávamos nos decidindo...

A médica me encara, deixando transparecer certa incredulidade, mas apenas sorri e conclui:

— Bom, pode ir ver sua filha.

Aceito a sugestão e caminho com falsa calma para dentro da grande e silenciosa sala. A maioria dos bebês está dormindo e não faz muito barulho,

ao menos não assim de olhos fechados.

Uma enfermeira me indica a pia onde devo lavar as mãos e eu o faço. Em seguida, ela me direciona para a incubadora onde a princesinha repousa. Tornou-se um hábito para mim chamá-la assim, principalmente porque ainda não tem um nome e ficar chamando de “bebê” me parece muito impessoal.

Quando me aproximo dela e a vejo, dessa vez consigo notar os traços e realmente prestar atenção nela. Dizem que todos os bebês são iguais, mas eu não sei, nunca fui muito apegado a crianças. Na verdade, pouco convivi com elas, mas essa menininha com certeza tem algo de especial.

Talvez se deva a ligação que nós já temos, mas quando olho para ela, sinto meu coração se encher de tantas emoções que é difícil nomear todas. Posso dizer que sinto um misto de amor, tristeza e alegria. Um sorriso toma todo meu rosto e coloco minha mão pelo buraco da incubadora para tocá-la.

— Oi, princesinha...

Quando as pontas dos meus dedos a tocam, seu braço se move um pouquinho. Mesmo no sono, entre nós há algo que vai além de um primeiro encontro, é reconhecimento. Eu estive com ela tantas vezes antes, partilhamos momentos tão especiais. Essa é a pequenina que ouviu todas as canções da *Dominium* ainda dentro da barriga da mãe e que vi, tímida, cobrindo o rosto no monitor no ultrassom. Ela é tão pequenininha que caberia em pouco mais que a palma da minha mão. É tão frágil que ainda não consegue respirar sozinha

Ainda não sei se um dia terei uma filha que tenha meu sangue, mas a olhando aqui e agora, sinto meu coração transbordar de um sentimento indescritível, que só pode ser amor. Simplesmente não sei se alguém que tivesse meu próprio sangue poderia despertar algo tão forte em mim.

Sou um cara virado do avesso, que não respeita regras e não vive rodeado de amigos íntimos, mas as poucas pessoas que fazem parte da minha

vida, parte do meu mundo, são aquelas pelas quais eu daria minha vida. Eu já sabia que a mãe dela havia me ganhado contra todo meu bom senso e todo meu desejo por liberdade, mas agora? Tenho certeza de que essa menina, essa pequena princesa, terá para sempre meu coração nas mãos.

— Faz uma pose, princesinha. Vou levar uma foto sua pra mamãe ver assim que acordar. Ela vai ficar tão apaixonada quanto eu, porque você é muito linda, mesmo usando essa roupinha nada digna. Pode ficar tranquila, pois vou comprar algumas coisas pra você e trago depois.

Tiro a mão da incubadora e ergo meu celular para tirar uma foto e imediatamente coloco como plano de fundo do celular. Tenho certeza de que todos estão ansiosos para conhecê-la, mas eu sou o único que pode ficar um tempo com ela no momento.

Olho a ficha diante da incubadora para ver as anotações e noto que no lugar do nome escreveram “bebê Ray” e isso me faz sorrir outra vez. Não seria nada mau ter as duas em minha vida sem prazo de validade.

— Meu amorzinho, vou ver se sua mãe acordou e contar como você é esperta e maravilhosa. Eu volto, pode me esperar que volto. Vamos nos divertir muito juntos até você poder sair daí.

Quando me viro, percebo que a enfermeira tem os olhos marejados enquanto nos observa. Eu tento sorrir para ela e me despedir, mas percebo que algumas lágrimas também me escaparam. Era só o que me faltava, espalharem por aí que me viram chorar.



Aproximo-me da UTI outra vez e vejo Anelyse dentro do quarto, sentada ao lado da cama onde Julia ainda repousa de olhos fechados. Por mais que queira manter a fé, começo a sentir que minha crença de que ela irá

abrir os olhos em breve está abalada. Faz algum tempo que o sedativo foi retirado e já era para ela ter acordado.

— Ela ainda não abriu os olhos... — Anelyse comenta.

Caminho até ela e apoio uma mão em seu ombro.

— Julia vai ficar bem. Eu tirei uma foto da princesa, quer ver?

Ela assente, um sorriso finalmente surgindo nos lábios, que estavam franzidos devido à preocupação. Pego meu celular e mostro a foto para minha irmã. Vejo que seu sorriso se alarga ainda mais e os olhos brilham ao olhar para a foto.

— Ai, Ash... Ela é tão linda! Sabe, pode parecer estranho, mas eu acho que ela se parece com você. Talvez seja o destino brincando com os dois.

Com essa frase, ela se vira outra vez para Julia enquanto me permite pensar em suas palavras.

— Eu vou dar uma saidinha. Preciso comprar algumas roupas pra bebê. Como aconteceu tudo muito rápido, ela não tem nada aqui e aquela roupa lá não é digna da minha filha.

— Sua filha? Percebe que ninguém tá te ouvindo? Olha, se quiser posso ir no seu lugar. Não sei se vai saber fazer essas compras — Anelyse fala e percebo o tom alegre em sua voz, mesmo que ainda esteja de costas para mim.

— Vou ter que aprender. Não aguento ficar parado sem fazer nada, esperando que Julia acorde. Tô morrendo de medo de que isso não aconteça.

Anelyse observa Julia deitada, a pele pálida dando um destaque ainda maior para os hematomas, e em seguida me encara com um sorriso que é um misto de alegria e tristeza pela situação.

— Tá apaixonado por ela, Ash.

Ela não pergunta, apenas afirma, o que me livra da obrigação de

responder qualquer coisa.

— Ane, vou comprar algumas coisas e trazer umas roupas da Julia também, você fica com ela.

Dou as costas para as duas e para a sensação do olhar de Ane que me analisa, sondando meus sentimentos, que não poderiam ser mais claros. Logo que deixo a entrada do hospital, faço uma ligação para minha mãe. Sua voz estridente atende do outro lado e seu tom não me parece muito satisfeito.

— Ashton! Como foi que me permitiu saber do nascimento da minha neta pela televisão? Isso é um absurdo! Ninguém me contou o que aconteceu. Estou indo para o hospital agora mesmo.

Suspiro cansado e acendo um cigarro que comprei em um boteco ao lado do hospital mais cedo, repreendendo-me por isso. Havia meses que não fumava, mas a ansiedade é minha inimiga contra o vício maldito. A mentira já tem durado mais tempo do que deveria.

— Mãe, tô sem carro aqui, vim com o ônibus no meio do show e preciso de uma carona.

— Carona? Por que não liga para que levem seu carro aí?

— Eu também preciso de... companhia. A bebê tá sem roupas, não tem nada aqui pra vestir e tô indo comprar algumas peças. Pode ir comigo?

Ouçoo ao fundo o barulho das chaves. Mais rápida que ela, impossível.

— Estou indo. Te pego em dez minutos.



Minha mãe dirige muito mal. Nunca entendi como conseguiu habilitação, mas dizem que talvez o fato de ser minha mãe tenha tido alguma influência nisso. Besteira se querem saber, porque eu mesmo teria negado seus pedidos se soubesse o risco que ela seria atrás de um volante.

Após alguns minutos temendo pela minha vida, pela dela e pela de todos os outros que caminhavam tranquilamente pelas ruas, sem sequer imaginar que poderia ser o último minuto de vida deles, finalmente chegamos a uma enorme loja de dois andares, exclusiva para crianças.

Quando entramos, agradeço a mim mesmo por ter me lembrado de chamá-la, porque dona Eleanor é a única que sabe exatamente onde ir quando se trata de compras.

— Caralho, mãe. É o paraíso dos bebês!

O olhar dela é um misto de repreensão e diversão.

— Ash, não fale assim, têm crianças por perto.

Sigo seu olhar e percebo que algumas famílias estão fazendo compras e realmente têm duas crianças por perto.

— Desculpe. Por onde começamos?

Minha mãe se aproxima de uma vendedora, que logo aponta na direção de uma pilha de cestas para colocarmos as compras. Percebo que a conversa entre elas continua e, quando finalmente se separam, minha mãe traz um carrinho desses de supermercado.

— Vem, Ash. Vamos comprar tudo para a princesinha! Falando nisso, já pensou em um nome? Acho que deveria se chamar Juliash... Não acha que seria único?

Sem sombra de dúvidas.

— Mãe, ela não vai ter esses nomes esquisitos. Sai dessa.

Ela assente meio contrariada.

— Que nome você pensou, então?

— Se eu pudesse escolher e se a Ju aceitasse, eu colocaria Ashley. Porque se parece com o meu nome. Seria algo meu na princesinha.

Minha mãe me olha de modo estranho e percebo que falei demais, o que é bom, porque preciso acabar com essa mentira entre nós.

— Mãe, a bebê não é minha filha. Nós realmente inventamos tudo aquilo. Julia fez inseminação artificial.

Ela me encara estática por um longo tempo, que parecem ser vários minutos, mas creio que não chegou a tanto.

— Você mentiu para mim, Ash? Por Deus! Permitiu que eu me apegasse a menina, que me considerasse avó dela e, agora que nasceu, eu não posso simplesmente esquecer esses meses de espera.

Droga. Eu sabia que a deixaria chateada. Mesmo assim, ela continua andando pelos corredores, empurrando o carrinho a sua frente e pegando algumas roupas minúsculas em seu caminho.

— Me desculpe, mãe. Não quis mentir. A senhora tirou conclusões sobre isso e fiquei com vergonha de admitir que estava no quarto com a Julia, que estava grávida e tudo mais, então deixei que pensasse que o filho era meu.

Seu olhar não se desvia para mim, mas se mantém fixo em uma roupa de princesa que está exposta em um cabide. Ela deve estar pensando o mesmo que eu, porque é a cara da princesinha.

— Você e a Julia... O que existe entre vocês, Ashton?

Suspiro pesadamente e ergo a mão em um gesto involuntário, puxando meus próprios cabelos. Estou vivendo uma situação para a qual não me preparei, completamente oposta de tudo que já imaginei, mas mesmo assim...

— É complicado. Ficamos juntos em segredo por um tempo, mas era pra ser apenas casual, nada de mais...

— Sei. Sexual, sem compromisso, e toda essa bobagem. Mas e depois?

— Depois, Julia decidiu que era o momento de parar de me ver, que iria se mudar com a princesa logo que ela nascesse e que nosso momento

tinha acabado.

— E como reagiu a isso?

— Como poderia reagir? Aceitei a decisão dela, afinal, foi mesmo assim que combinamos desde o início.

— Não quero saber sobre suas atitudes, mas sobre o que sentiu quando ela disse isso.

— Me senti... usado de certa forma. Abandonado talvez. Eu não tinha parado pra pensar no fim daquilo tudo desde que nos envolvemos. Me apeguei a bebê e não esperava que elas fossem partir tão cedo.

— Tentou falar com Julia? Pediu que ficasse?

— Eu pedi e ela disse não.

— Não basta dizer que quer que ela fique na casa, tem que ser claro, Ashton. Julia não tem ninguém. Está acostumada a perder as pessoas a sua volta. Essa atitude que ela tomou me mostra que estava se protegendo, e a filha também. Ela sabe quem você é, sua rotina... Provavelmente sabia que se ficasse, em algum momento, você iria deixá-las e então fez isso antes.

— Mas...

— Pode me dizer que não iria fazer isso? Que tinha intenção de ficar com elas para sempre?

— Não era a minha intenção, mas quanto mais penso... Por mais insano que isso seja, principalmente pra alguém como eu, que teria que mudar toda sua vida pra viver isso com elas. Quanto mais eu penso, mais percebo que não quero mais viver sem as duas. Quero elas comigo, mãe.

— Precisa dizer isso a ela. Dizer que quer ficar com elas, com as duas. Falar sobre seus sentimentos. Não vou pedir que me diga nada. Não vamos tornar isso ainda mais constrangedor, filho, mas precisa deixar claro para Julia que é amor, ou não será o bastante.

— Como sabe disso tudo?

— Eu conversei com Carter, ele já havia me dito que o bebê não era seu, mas também me contou um pouco sobre o que achava que estava acontecendo entre vocês dois. Então conversei com a Anelyse e ela me falou sobre a Julia e a inseminação.

— Desde quando a senhora e Carter ficam de conversinha? É um fofoqueiro, isso sim.

— Não briga com ele, Ash. Ele está certo. Você que estava enganando a sua própria mãe.

Continuo um pouco irritado, afinal de contas Carter não estava em seu direito e Anelyse omitiu de mim o fato de minha mãe já saber de tudo. Ainda assim, são as suas palavras anteriores que ainda pesam nesta conversa.

— Acha que se eu disser que a amo e que... quero as duas na minha vida, ela fica?

— Vai ter que fazer mais que falar, meu filho. Aproveite este momento terrível, mostre que está do lado dela para tudo, que não a quer apenas fisicamente. Se der a ela segurança na relação, ela vai ouvir quando disser que a ama.

— Eu... eu a amo. Mas como posso saber se sou o cara certo pras duas? Minha vida é desregrada, eu sou impulsivo e inconstante. E se um dia eu falhar? Se decepcionar as duas?

Mãe é um ser de outro mundo mesmo. Elas nos entendem melhor que nós mesmos e sabem o que pensamos e sentimos apenas com um olhar.

— Você nunca decepciona, filho. Sua personalidade e pensamentos podem até ser inconstantes, mas seu coração não é. Julia caiu de uma escada e teve um parto prematuro. Eu ousaria dizer que você me parece tão arrasado quanto ela deve estar, pelo medo de perder as duas. Elas são suas, querido, apenas precisa fazer com que ela confie nisso. E tenho certeza de que ela irá achar Ashley um belo nome.

Com determinação renovada, voltamos às compras. Além da roupa de princesa e de muitos macacões para bebês prematuros, vestidos, calças, sapatinhos e tudo que um bebê que acaba de chegar ao mundo precisa para se vestir — com estilo —, encontro a roupa ideal para ela: um *body* escrito “Leite, sono e *rock’n roll*”. Essa sim é uma roupa apropriada para minha filha.

Com um olhar de curiosidade, percebo que o andar superior da loja é reservado aos móveis e carrinhos, além de outros itens que nem me lembrava que existiam.

— Mãe, acho que tive uma ideia.



JULIA

Em um esforço exagerado, tento abrir meus olhos, que parecem ter sido colados. As recordações dos últimos acontecimentos vêm de imediato a minha mente e me lembro da queda.

Sento-me abruptamente na cama e uma dor lancinante me faz soltar um grito de dor. Olho para minha barriga e percebo que minha pequena se foi... Não está aqui mais e uma tristeza profunda arranca um soluço de mim enquanto choro por ter sido idiota a ponto de cair na conversa de Eric, culpando-me por ter permitido que minha bebê morresse.

Anelyse entra correndo no quarto com um copo nas mãos e se joga sobre mim, abraçando-me. Sinto dor por todos os lados, mas mesmo assim não a afasto, pois o consolo é bem-vindo. Choro em seu ombro enquanto ela tenta me acalmar.

— Shiii, calma, Ju. O pior já passou, vocês duas vão ficar bem.

Duas. Ela disse vocês duas.

Afasto-a um pouco e encaro seus olhos, que também estão nublados pelas lágrimas.

— Minha bebê...

Ela sorri com ternura.

— Ela tá bem. Claro que precisa ficar aqui por algum tempo, pois não estava na hora dela ainda, mas tá se saindo bem. A princesa é linda.

Alívio me percorre de dentro para fora e finalmente sinto a dor ceder um pouco, afinal, o que são alguns ferimentos comparados à angústia que acabo de sentir ao pensar que tinha a perdido?

— Você a viu?

— Não pude. Apenas os pais podem entrar na neonatal, mas Ash tirou algumas fotos pra te mostrar. Ele passou um tempo com ela e agora saiu pra buscar suas coisas e trazer algumas roupinhas pra bebê.

— Como... como foi que me encontraram?

— Uma senhora que morava no prédio te viu, ligou pra emergência e entregou suas coisas que ela tinha encontrado.

— Mas e o Eric?

Nunca mais vou me calar quando alguém me fizer mal. Talvez se eu tivesse contado, o denunciado quando me agrediu, as coisas não tivessem chegado aquele ponto e minha bebê ainda estaria segura dentro de mim. Anelyse me olha confusa, até que o nome encontra um sentido em sua mente. Posso ver quando o reconhecimento toma conta de suas feições.

— Eric? O canalha daquele dia? Não acredito nisso! Vai me dizer que ele te empurrou da escada?

Minha voz ainda não é a mesma e a garganta dói um pouco, mas não vou me calar. Preciso que Eric seja encontrado, que algo seja feito para detê-lo.

— Não empurrou, mas ele queria me arrastar pra um apartamento. Disse que eu teria que abortar e, quando tentei escapar, perdi o equilíbrio. Tentei me segurar nele e Eric se afastou sorrindo. Ele não me empurrou, mas não me ajudou mesmo que pudesse ter feito isso.

Ela arregala os olhos quando ouve e assimila o que eu disse.

— Tá dizendo que ele te deixou cair?

— Enquanto eu despencava escada abaixo, ele me observava sorrindo, Ane.



ASHTON

Após ver a princesa, deixar com a médica as roupas novas e alguns pertences para que ela possa ser mais bem cuidada, volto para a UTI. Quando finalmente paro na porta e percebo Julia sentada na cama, com os olhos abertos, sei que meu coração poderia ser ouvido do outro lado da sala.

Caminho até onde ela está. Anelyse e ela conversam com seriedade, mas logo que Julia me vê, seus olhos se desviam para mim e um sorriso fraco se abre.

— Oi, como se sente?

Não sei bem como agir, principalmente agora que estou decidido a ficar com ela.

— Dolorida... — Até a voz dela está fraca e um pouco rouca, mas para mim ela nunca esteve tão linda assim, com os olhos abertos. Isso é tudo que me importa agora.

— Não poderia evitar isso. Acha que pode se jogar do alto da torre e escapar sem nenhum osso quebrado, Rapunzel?

Ela tenta sorrir outra vez, mas uma careta de dor se segue. Antes, no entanto, que Julia possa dizer algo, ouço minha irmã questioná-la.

— Não pretende esconder isso dele, não é? Se não contar, eu conto, Ju. Isso não pode ficar assim. Desta vez eu apoio o assassinato.

De que porra elas estão falando?

— Ane, eu vou contar, mas acho que agora não é o momento. Quero ver a foto da minha filha, Ash. Me mostra ela...

Um pouco desconfiado, pego meu celular e abro a foto da princesinha. Mostro a tela para Julia e vejo seus olhos faiscarem de paixão

pela pequena. Ela estampa a mesma expressão que sei que tenho quando fito qualquer uma das duas. Elas são definitivamente minhas garotas. Só precisam saber disso.

— Ela é linda, Ash! Eu posso ir até onde ela tá? Preciso olhar pra ela e tocá-la.

— Ainda não vão permitir que se levante daí e ela não pode sair da incubadora, pois tá fazendo alguns exames. Colheram o sangue dela e tudo mais. Logo você ficará boa e poderá vê-la. Prometo que, assim que conseguir ficar em uma cadeira de rodas, eu a levo até a princesa. Enquanto isso, eu vou ficar com ela todos os dias. Pode ficar tranquila que ela terá os melhores cuidados do mundo todo.

Ela assente com os olhos marejados e apenas posso imaginar sua dor por não poder ficar com a menina nos braços e, pior que isso, nem poder olhar para seu rostinho.

— Agora preciso saber sobre o que falavam. Não podem agir estranho e simplesmente fingirem que não é nada...

As duas se encaram e percebo que algo está errado.

— Água. Preciso de água porque minha garganta não tá muito boa...

Cara de pau. Ela está me enrolando e fugindo do assunto. Dou a volta na cama e pego a jarra de água ao lado dela, que revira os olhos ao perceber que não vou deixar o quarto sem saber tudo o que preciso.

— O que aconteceu, Julia?

— Eu fui ver um apartamento. Me disseram que era o que eu procurava e fui até lá. Quando cheguei, percebi que era um lugar estranho, mas não podia deixar o corretor lá, sem resposta. Então entrei, mas quando subi as escadas e entrei no apartamento, percebi que não tinha corretor nenhum. Era Eric o tempo todo...

Sinto um tremor tomar conta do meu corpo e não é por medo ou

nervosismo, é raiva. A adrenalina do ódio toma conta de mim e já sei que a história dela não termina por aí.

— Discutimos outra vez, sempre a mesma bobagem sobre ele pensar que é o pai e querer me obrigar a abortar. O que me assustou foi o lugar vazio e esquisito, parecia que Eric planejava me esconder ali e fazer o aborto ele mesmo. Me esforcei pra fugir e ele veio atrás de mim, então me alcançou no topo da escada...

Meu coração dispara quando finalmente compreendo o que deve ter acontecido.

— Me segurou pelo braço e tentou me arrastar de volta, mas eu estava morrendo de medo. Puxei meu braço com força pra escapar dele, mas me desequilibrei e caí.

Maldito.

— Sim, mas não foi só isso, Ju. Conta o resto pra ele...

Ela desvia os olhos dos meus e fita a parede na lateral de sua cama, como se não quisesse dizer as palavras que me fariam explodir.

— Ele poderia ter me segurado... Tentei me apoiar nele pra não cair, mas Eric deu um passo pra trás, se afastando pra que eu não tivesse apoio, já que a escada não tinha corrimão. Rolei escada abaixo e por fim caí no buraco entre um lance e outro. A última coisa que vi antes de desmaiar foi o sorriso dele, acreditando ter conseguido o que queria. Por um momento, eu acreditei também...

Agora entendo por que ela não queria dizer. Provavelmente já está farta de psicopatas e potenciais assassinos, mas não tem como relevar o que ele fez. Não desta vez.

Em sua primeira tentativa, levei o pedido de Julia em consideração quando descobri o que ele havia feito, afinal, já havia agido e dado uma lição no cara sem nem mesmo saber que ele a tinha agredido. Mas desta vez...

Como pode existir uma pessoa como essa? Como ele pode não perceber o quanto Julia é independente, que jamais precisaria dele para nada, mesmo que por um azar absurdo ele realmente fosse o pai da filha dela?

Isso não importa. Primeiro, vou matar esse Eric lentamente. Depois, vou registrar a princesa e tomar essas duas mulheres para mim, impedindo que qualquer outro mal chegue até elas.

Minha expressão de psicopata deve ter sido muito clara, porque Julia me olha assustada e depois encara Anelyse.

— Por isso eu não queria contar nada! Agora ele vai querer ir atrás do Eric e a última coisa que precisamos é isso.

Anelyse concorda com ela e se vira para mim suplicando.

— Ash, por favor, não faça nenhuma besteira. Julia não precisa disso agora, nem sua filha...

Golpe baixo. Mesmo assim, é impossível que eu fique quieto depois do que esse homem quase me tirou.

— Tudo bem — respondo para tranquilizá-las. — Vou caminhar um pouco, ver a princesa e depois volto. Preciso me acalmar...

As duas concordam agitadas, mas quando deixo o quarto, ouço os passos e a voz de Anelyse atrás de mim.

— Ash, espera aí...

Logo ela me alcança.

— A Julia ainda não tá bem e é melhor não a deixarmos preocupada, mas você não pode deixar esse babaca sem o que ele merece. Tome cuidado. Pelo menos dê um susto nele, uma surra, deixe-o desacordado e quase sem sangue no corpo... Vivo! Porque não te quero atrás das grades.

Apenas faço um gesto com a cabeça, concordando. Não tenho controle nem mesmo sobre as minhas palavras. Estou dominado pela fúria cega e pelo desejo de sangue despertado pelas atitudes daquele projeto de

homem.

Saio do hospital em seguida, um pouco sem rumo. Para minha sorte, minha mãe deixou o carro comigo e posso sair sem ter que pedir um veículo, que viria com seguranças e pessoas para conhecerem meus próximos passos.

Uma ligação e logo tenho Tray do outro lado da linha.

— Ei, cara, conseguiu encontrar aquela menina que estava procurando? Isso, a do caso do prefeito. — Ouço quando ele diz que vai se encontrar com a moça no dia seguinte. — Isso significa que a empresa responsável pela segurança tem os registros de quem entra e sai das nossas festas e do camarim, certo?

Minutos depois, tenho o encarregado da segurança da *Dominium* ao telefone.

— Aqui é Ashton Ray, gostaria que me conseguisse uma informação, por favor.

Com o nome completo do futuro cadáver, consigo em pouco tempo seu endereço. Os contatos certos e a quantidade de dinheiro ideal abrem muitas portas.

Agora, preciso apenas de algumas coisinhas antes do nosso encontro especial.



ERIC

O dia de hoje foi decididamente bom. Ao chegar em casa, atiro longe a gravata e coloco uma lasanha congelada no micro-ondas enquanto assobio uma canção. Ligo o som para que a música me faça companhia e me sirvo de um copo de suco para acompanhar a refeição.

Estive ansioso nos dois dias que se seguiram ao incidente com Julia, com medo de que ela despertasse e me entregasse. Mesmo que eu não tenha sido o responsável pela sua queda, ainda assim as coisas poderiam se complicar um pouco. Só que a Julia não fez nada, provavelmente caiu em si e percebeu que, na verdade, tudo que fiz foi para o seu bem; pelo nosso bem, na verdade.

Julia tem um futuro brilhante pela frente, uma carreira promissora como advogada e, como a mulher inteligente que é, era apenas questão de tempo até perceber que um filho apenas complicaria sua vida.

Hoje, eu me dei conta de que ela não iria dizer nada e isso tornou meu dia melhor desde o momento em que abri os olhos. Não sou uma pessoa ruim, até passei pela UTI no hospital por desencargo de consciência e percebi que, apesar de alguns hematomas, ela ficará bem. Além disso, consegui entregar o trabalho atrasado e voltar para casa mais cedo. Tudo voltou ao normal.

O micro-ondas apita no mesmo momento em que ouço a campainha tocar. Com o pano de prato sobre o ombro, caminho até a porta. Odeio pessoas que não têm conhecimento do que deveria ser a vida em sociedade.

Regra número um: nunca apareça sem ser convidado na hora do jantar.

Abro a porta e encontro diante de mim a última pessoa que esperava ver.



ASHTON

Desço do carro e acendo um cigarro. Merda, eu tinha mesmo parado

com o vício, mas os últimos dias têm sido tensos e a ansiedade acabou me vencendo. Recordo-me que, alguns meses atrás, antes de Julia entrar em minha vida, eu pensava que os favores sexuais e o fato de ter sempre alguém disposto a fazer tudo que eu pedisse eram as maiores vantagens de minha posição privilegiada.

Agora, penso diferente.

As celebridades sempre se livram da cadeia e é essa a maior vantagem. Nunca havia pensado nisso porque cometer um crime não era meu objetivo antes. Carter sempre afirmou que eu adorava coisas ilegais, mas ele se referia a sexo em lugares impróprios, desacato a autoridades e música mais alta que o permitido. Nada como um assassinato, por exemplo.

Eu gostaria muito de matar esse Eric com minhas próprias mãos. Penso nisso enquanto dou um trago antes de finalmente seguir para o que vim fazer aqui. Não acredito que iria sentir algum remorso por acabar com a vida do homem que quase tirou o que hoje é minha razão de viver, mas não posso correr o risco de ficar longe delas. Matar um homem é grande demais para que eu me livre facilmente e não envergonhe minhas meninas... Porém, quase matar não é a mesma coisa que matar.

Uma quase morte, para a vítima, é tão terrível quanto morrer mesmo, mas um dia ele se recupera e disso, com certeza, consigo me livrar.

É com isso em mente que escolhi um soco inglês como companheiro nessa bela tarde. Com ele no bolso da calça de moletom, caminho até a entrada da casa do merdinha agressor de mulheres e toco a campainha.

Eric abre a porta e percebo a surpresa em sua expressão. Pensou mesmo que fosse se livrar dessa fácil... Meu olhar percorre sua camisa meio aberta, os pés descalços e ouço uma música ao fundo. Realmente o peguei desprevenido.

— Não vai me convidar pra entrar, doçura?

O rosto dele endurece e quase posso ver a maneira como deve ter parecido para Julia, antes de machucá-la e de negar a ela apoio, permitindo que caísse. O brilho nos olhos vidrados me faz crer que o homem não apenas é violento, como também instável mentalmente, assim como Candice. Porra, estamos cercados por psicopatas.

— O que veio fazer aqui? Não é bem-vindo depois do modo como me tratou naquele dia.

Olho para os lados, trago meu cigarro mais uma vez de forma casual e percebo que alguns vizinhos podem nos ouvir, um e outro curioso já nos observa.

— Gostaria de conversar... Aquele dia me disse que Julia também tinha me enganado e nos últimos dias pensei muito nisso. Será que podemos conversar? Honestamente, não sei se posso confiar nela.

Um sorriso se insinua em seu rosto, mas ele tenta contê-lo e me dá passagem. Imbecil. Entro em sua casa. O piso chega a brilhar de tão limpo, o aroma da comida que ele provavelmente ia comer chega até mim e a organização dele chama minha atenção. Metódico e psicopata, só melhora. Apago o cigarro na bancada que divide a sala e a cozinha e o deixo ali. Em seguida, viro-me para ele sorrindo.

— Não sei se tomou conhecimento disso, mas a Julia sofreu um acidente, sabe? Caiu de uma escada e se machucou muito.

Ele me encara ainda tentando compreender minhas intenções.

— Sinto muito por saber disso — responde friamente.

Um riso debochado me escapa pela garganta quando ouço sua voz polida. Minha mão encontra o metal frio em meu bolso e o empunho com vontade.

— Na verdade, não sente, Eric. Só que vai sentir.

Antes que ele possa se desviar ou prever, o metal frio da arma branca

atinge seu nariz e ouço um barulho alto. Espero que seja seu nariz se quebrando. Meu desejo é recompensado com um grito de dor e muito sangue.

Ele não diz nada, simplesmente cambaleia um pouco e leva a mão ao nariz tentando estancar o sangue. Como se eu tivesse acabado com ele. Com outro soco, atinjo sua têmpora, abrindo o supercílio e inchando o olho instantaneamente. O roxo que vai ficar vai combinar com os que ele permitiu que pintassem o rosto de Julia.

Eric tenta revidar, mas seu corpo é mais magro. Sua complexão um pouco frágil não seria páreo para mim em um dia bom; na verdade, após descobrir o que ele fez, nem mesmo se fosse muito mais forte poderia me deter.

Um chute certo em seu joelho faz com que ele fraqueje e caia. Eu o tenho aos meus pés e aproveito a posição para desferir outros golpes, com os punhos e com chutes em seu abdômen. Sei que o momento de parar é este, mas a fúria que sinto só aumenta ao me lembrar do rosto machucado de Julia, das fraturas que sofreu por culpa dele e da princesinha precisando de ajuda para respirar, e isso porque teve sorte. Não posso me controlar ainda. Preciso sentir que a dívida dele foi ao menos diminuída.

Usando toda minha raiva a meu favor e contra o pedaço de lixo humano deitado no chão, chuto seu estômago algumas vezes, torcendo para que a força dos golpes também frature as costelas dele.

— Sabe por que você tá sendo surrado, Eric?

Ele obviamente não responde, apenas resmunga e cospe sangue no chão.

— Porque não conseguiu matar minha filha. Se ela ou Julia tivesse morrido, nossa conversa seria diferente agora. Se chegar perto delas outra vez, eu volto e termino o serviço. Quero você longe da minha família, seu monstro. Por enquanto, faça um favor a si mesmo e ao seu TOC e limpe essa

zona. Tem sangue manchando seu tapete, cara.

Ele abre um dos olhos e me encara; o outro olho já não abre devido ao inchaço.

— Melhor limpar logo que acordar, porque mancha vermelha assim pode não sair se demorar muito.

Sorrindo para Eric, do mesmo modo que imagino que ele sorriu quando tentou matar minhas meninas, dou um chute forte em sua cabeça. Forte o bastante para que ele desmaie.



JULIA

Sinto como se vivesse em um pesadelo desde o momento em que caí daquela escada. Não poder ver minha filha e tocá-la tem sido horrível, mas pior que isso é a sensação de estar deixando-a desprotegida. Talvez eu esteja sendo paranoica, mas morro de medo de que Eric entre aqui e faça algum mal a ela. Devido ao seu trabalho e ao fácil acesso, não seria nada impossível.

Além de tudo isso, os cuidados de Ashton, comigo e com minha filha, destroem-me completamente, porque não sei evitar amá-lo. Não mais. Por mais que ele esteja apenas cumprindo seu papel, não consigo mais separar o que é real do que é ficção.

Agora mesmo acabo de acordar e me deparo com ele dormindo sentado ao meu lado. Não posso deixar de observar suas feições relaxadas enquanto dorme. Como senti falta disso nos últimos dias...

Vejo que na mesa ao seu lado foi colocada uma bandeja com meu café da manhã. Estou com fome. Tento me sentar para comer, mas meu esforço rende apenas um gritinho de dor e frustração.

Ashton abre os olhos, alarmado, porém, seu olhar se torna terno ao me enxergar a sua frente. Não posso estar fantasiando a ternura em seus gestos, posso?

— Bom dia, doutora...

Adoro quando ele me chama assim, pois me lembra tempos mais fáceis e menos confusos.

— Bom dia, *rockstar*.

Ele sorri e sua covinha surge preguiçosa. Ah, como eu amo esse homem. É uma desgraça, sim, mas não posso mais negar que estou

completamente enlouquecida por ele.

— Estava tentando se sentar? Sabe que ainda não pode, Ju.

— Eu sei, mas tô com fome.

Ashton nota a bandeja para a qual direciono meu olhar e sorri ao colocá-la sobre as próprias pernas.

— Vamos ver o que temos hoje... Suco de laranja, isso sei que você gosta, certo? Também mandaram um mingau com aveia, além de gostoso, é bem nutritivo.

Minha boca saliva. Pode parecer estranho, mas adoro esse tipo de mingau doce.

— Não consigo comer deitada, vou derrubar tudo — reclamo igual uma criança birrenta.

Ashton não me responde, apenas enche a colher e a aproxima da minha boca após se certificar de que não está quente demais. Olho para ele com falsa irritação, mas aceito a colher que me oferece. No fundo estou me deliciando com seu gesto.

Ele continua me dando as colheradas na boca até que eu finalmente termino o mingau. Em seguida, aproxima o copo de suco da minha boca e coloca nele um canudo para que eu possa sugar o líquido. Pacientemente, Ashton espera que eu tome alguns goles.

— Doutor Lucca vai passar pra te ver logo. Se achar que tá se recuperando bem, vai poder sair daqui e ir pra um quarto.

— Eu preciso sair logo daqui. Tantos dias de internação, minhas e da minha filha, não vão resultar em um saldo positivo... Não precisa fazer essa cara, Ash, sei que tem a intenção de arcar com as despesas, mas não quero abusar.

— Não é abuso nenhum. Você é minha namorada e ela é minha filha, Julia.

O meu olhar se perde dentro do seu e meu coração se contrai diante de suas palavras. Olho ao redor e percebo que, além de outros pacientes sedados, ninguém pode nos ouvir. Ele não pode simplesmente dizer essas coisas e esperar que eu reaja com alguma coerência.

— Ash, você não pode... Não precisa falar assim, ninguém tá ouvindo.

Um canto de sua boca se ergue em um sorriso lindo.

— Você tá. — Antes que eu consiga pensar em uma resposta para aquilo, ou que meu coração normalize as batidas aceleradas, ele muda o assunto completamente. — Julia, nossa princesinha não pode mais ficar sem nome. Isso já tá esquisito, sabe? Pensou em algum nome em especial?

Eu pensei? Na verdade, não. Já tive inúmeras ideias, várias opções incríveis, mas nenhuma delas me seduziu o bastante para me decidir por ela.

— Pensei em alguns, mas nada que me chamasse atenção. Pensei em Rachel, Sara, Brenda...

Ashton faz uma careta ao ouvir minhas opções.

— Eu tive umas ideias realmente boas, Ju. Vou te dar quatro opções e você escolhe a melhor de todas, ok? Ela pode se chamar Felisberta, porque ela vai ser mesmo muito feliz. Pensei também em Gertrudes, um pouco diferente, mas ela é mesmo única, certo? Juliash é a escolha da minha mãe, pois, segundo ela, combinar nossos nomes seria incrível!

Meu cenho está franzido enquanto tento compreender onde ele quer chegar com esses nomes horríveis.

— Agora, se quiser algo mais comum, bonito e que se assemelhe mesmo a nomes de princesas, deveria chamá-la de Ashley.

Ashton abaixa a cabeça, desviando os olhos dos meus, e percebo como isso é importante para ele. Colocou outros nomes que sabia que eu jamais aceitaria em sua lista apenas para tornar Ashley mais atraente. Talvez

eu esteja sendo estúpida dando a ele poder de escolha sobre algo tão importante mesmo sabendo que ele pode virar as costas para nós duas sem nenhum arrependimento, mesmo assim, decido permitir que ele explique sua preferência.

— Ashley, certo... E por que acha que deveríamos chamá-la assim?

Ele se senta mais na beirada da cadeira, empenhado em me convencer.

— Bom, o nome vem da madeira de freixo, não dá pra dizer que tem um significado brilhante, mas o freixo é usado na fabricação de guitarras. Ela adora rock desde a barriga, então deve justificar o nome.

— Quer que eu coloque na minha filha um nome que significa madeira? — questiono diante de sua explicação horrível.

— Não acha que combina com Ashton? Queria que... Ah, deixa isso, esquece. E então? Tem alguma outra ideia?

Eu o fito com carinho, pensando em como nossa determinação de não nos envolvermos emocionalmente foi uma mentira.

— O que você queria, Ash?

Ele ergue o rosto e percebo que, pela primeira vez em todo o tempo que nos conhecemos, Ashton está com vergonha, até tímido.

— Não vai rir de mim? Sei que é uma decisão unicamente sua, Ju, mas eu queria que a princesa tivesse algo meu. Queria escolher o nome e acho que Ashley combina com Ashton.

O comentário me deixa emocionada, mas ao mesmo tempo me irrita um pouco. Não faz sentido algum que ele escolha o nome dela e depois desapareça de nossas vidas. Porém, quando o vejo assim... Não me parece que ele vai a lugar algum.

Estico minha mão em sua direção e ele a captura com a sua. Só então noto os nós de seus dedos machucados, quase em carne viva.

— Eu quero saber sobre isso?

Ele nega com um aceno.

— Foi atrás dele, Ash?

Ashton não diz nada, mas nem precisa.

— Ele... tá vivo? — Tenho medo de sua resposta.

— Sim — responde. — Mas destruído. Acredito que agora ele sabe a dor de ter as costelas fraturadas e tá ciente de que, se chegar perto de uma de vocês outra vez, não vai ser bom. E não me importaria em ir pra cadeia se soubesse que ele não vai mais incomodar.

Desvio meus olhos dos seus. Vejo a determinação ali e isso me assusta, mas ao mesmo tempo me excita. Que tipo de pessoa se excita com uma demonstração tão primitiva de possessividade? Eu, pelo jeito.

— Dorme um pouco, Ju. Vou conversar com o médico sobre sua transferência pro quarto e depois vou ver a princesa... Pense sobre o nome.

Eu apenas concordo. Por mais que ame tê-lo sentado ao meu lado, o cansaço ainda é grande. O esforço para me manter desperta e para conversar cobra o preço depois de algum tempo e preciso mesmo repousar.

Ashton deixa o quarto e me pego pensando em minha filha. A vontade de estar com ela nos braços e poder oferecer meu cuidado e carinho é tão forte que chego a derramar algumas lágrimas, mas logo o sono me vence.



ASHTON

Após ter uma conversa com o médico, que afirmou que levarão Julia para um quarto privativo ainda hoje, caminho rapidamente para ver minha pequena.

Pelo lado de fora da sala, observo-a se remexendo. Os pequenos pés agora estão envoltos por meias grossas e na cabeça está um chapéu rosa. Ela ainda precisa do aquecimento da incubadora o tempo todo e por isso as roupas ainda não foram colocadas, mas posso ver por seus movimentos sutis que está bem.

O amor que já sinto por essa menina é surreal, é como se ela fosse meu destino. Como se tudo que vivi até então fosse apenas preparação para o momento mais importante de toda minha existência. Por mais que meu sangue não corra pelas veias dela, pertencemos um ao outro. Nunca algo foi tão certo.

As turnês, os shows, a banda e este mundo em que vivo, tudo isso tem grande importância para mim, mas meus sentimentos com relação a tudo isso não se comparam ao que sinto quando coloco minha mão dentro da incubadora e toco seus dedinhos pequenos. Por mais que Julia ainda tenha suas dúvidas, eu abriria mão de tudo que tenho para manter as duas ao meu lado se fosse necessário.

Entro na sala e cumprimento a enfermeira, que está preparando o medicamento para um dos bebês. Faço a higienização das minhas mãos e caminho até o pequeno pacotinho que me ganhou antes mesmo de me olhar.

— Oi, meu amorzinho... Como tá se sentindo hoje? Tomou seu leiteinho todo?

Pego sua ficha presa ao lado do bercinho e vejo nas anotações que ela tem ganhado peso nos últimos dois dias desde que nasceu, também tem se alimentado dentro do esperado. Alguns exames foram solicitados e o sangue dela colhido, mas os resultados ainda não chegaram.

— Ela passou a noite bem? — pergunto à enfermeira.

— Sem nenhuma intercorrência, senhor Ray.

Senhor Ray... Acho que nos tornamos senhores ao mesmo tempo que

pais, é algo automático, que não nos damos conta. Se o preço para ser pai dessa garotinha for ser chamado de “senhor”, aceito sorrindo.

Coloco minha mão pelo buraco e sinto seus dedinhos delicados na minha palma aberta. Observo meu braço coberto por tatuagens ao lado de sua pele lisa e clarinha. Ela é tão frágil e ao mesmo tempo tão forte, sobrevivendo a coisas que ninguém deveria tão cedo. Porém, não mais. Nunca mais irei permitir que façam mal a ela ou a sua mãe. Tão logo Julia me aceite, seremos uma família.

Quem foi que disse que um cara como eu não pode ser um pai amoroso e um marido fiel? Ninguém pode limitar quem sou. Deixei de ser um garoto pobre e cheio de sonhos para me tornar um astro do rock mundialmente famoso. Finalmente serei completo. Elas eram aquilo que faltava em minha existência e, agora que as encontrei, não aceitarei ficar sem as duas.

— Sabe, andei tendo uma conversa séria com sua mãe sobre seu nome. Ela disse que vai pensar em Ashley, porque combina com Ashton... Você gosta, princesa? — Ela não responde. Quem cala, consente. — Sua mãe ainda não sabe exatamente o que vai acontecer, mas vocês duas vão morar comigo quando saírem. Pensei em contar, mas ela é muito teimosa, então acho que vou simplesmente levar as duas pra casa e esquecer que ela tinha outra intenção. Acha que é um bom plano?

Converso baixinho com ela e depois, enquanto ela dorme, escrevo uma letra para uma nova música. Nem sei quanto tempo faz que não componho nada, só que não me surpreendo ao perceber que minha inspiração retornou.



Encontro todos me esperando no saguão do hospital e juntos caminhamos para a sala privativa que nos foi reservada desde o primeiro dia. Tray e Josh trouxeram novidades. Minha mãe e Ane vieram para ver como Julia está e logo deixam nós três sozinhos.

— E então, cara? Como elas estão? — Josh pergunta. A preocupação em sua voz é evidente. Apesar do pouco tempo de convívio, o simples fato de serem importantes para mim, tornou as duas importantes para todos eles também.

— Julia tá acordada e se recuperando. Sente muita dor e ainda não consegue ficar de pé, até mesmo pra se sentar tem dificuldades, mas logo ficará bem. A princesa tá ganhando peso, ainda tá na incubadora, mas acredito que dentro de uma semana ela já possa ir pra um berço normal se atingir as expectativas médicas.

— Princesa — Tray comenta com um sorriso debochado na voz. — A menina precisa de um nome logo, porra. Julia ainda não escolheu?

Sorrio de seu comentário. Tray consegue conciliar palavrão até mesmo em comentários sobre um bebê.

— Eu sugeri um nome e espero que ela aceite.

Ele ergue a sobrancelha com ironia.

— Então a relação tem evoluído. Logo vai estar brincando de casinha com a doutora... Espero que papai e mamãe esteja incluso nas atividades diárias.

Dou um soco no braço dele, que ri ainda mais de sua piadinha.

— Eu vou ficar com elas. Preciso que os dois saibam, porque moram comigo. Caralho, as coisas vão ficar meio insanas por um tempo. Algumas mudanças vão ter que ser feitas na rotina da casa.

— Vai no expulsar? — Tray arregala os olhos com a ideia ridícula de que eu os colocaria para fora.

— Claro que não, babaca. Só que não vão poder levar festinhas pra casa. Claro que na privacidade dos quartos de vocês podem fazer o que quiserem com quem for, mas as festas não vão acontecer mais por lá... Acho que podemos colocar os quartos dos dois em outra ala da mansão, assim ficam mais à vontade e poupam as duas de suas pequenas aventuras.

Josh assente sorrindo. Percebo que as mudanças não o incomodam nem um pouco e, apesar da relutância, Tray também parece feliz por mim.

— Como já me disse algumas vezes, sempre posso dar festas na minha casa. Na minha outra casa. Além disso, as coisas não vão ser muito diferentes do que têm sido nos últimos meses...

Josh concorda com ele.

— Logo as coisas voltam ao que tem sido nosso normal, apenas com algumas alterações, como menos sono e mais brinquedos. Ao menos pra você.

— Por falar em voltar ao normal... Consegui contatar a tal Jessica. Ela aceitou conversar com a gente e explicar tudo o que aconteceu.

Uma notícia boa ao menos.

— Que bom, vou esperar a Julia descer pro quarto e vou em casa tomar um banho. Peçam pra ela ir lá à noite pra conversarmos com ela. Não esqueçam de avisar Carter e Klaus pra que os dois estejam lá, de preferência com uma proposta irrecusável pra menina.

— Já fiz isso — Tray fala convencido.

— Perfeito.



JULIA

Acordo ouvindo sussurros ao meu lado. Quando abro meus olhos, deparo-me com Eleanor e Anelyse ao lado da minha cama, conversando com o médico que tem cuidado de mim pessoalmente.

— Oi, Ju... Como se sente? — Ane se aproxima de mim e dá um beijo estalado em meu rosto. — Estava conversando aqui com o doutor Lucca e ele disse que, assim que acordasse, poderia ir pro quarto que foi preparado pra você. Não é uma ótima notícia?

Assinto animada. Só de ter um quarto particular já ficarei mais à vontade.

— Não para por aí, meu amor. Quando for pro quarto, poderá finalmente ver a princesinha e depois nos contar se ela é mesmo tão linda quanto na foto que o Ash nos mostrou.

O sorriso que se abre em meu rosto é o maior do mundo, tenho certeza. Nem acredito que finalmente vou poder ver minha filha, mesmo que não possa ainda a pegar em meus braços.

Olho para as duas mulheres comigo e percebo em seus olhos que compartilham da mesma alegria que eu. Foram essas pessoas que estiveram ao meu lado no momento mais lindo, triste e difícil da minha vida. O apoio de Ashton e sua família foi, e tem sido, meu sustento. Finalmente consigo me sentir parte disso. Mesmo que esteja interpretando mal as ações de Ashton e que eu e ele não fiquemos juntos, essas pessoas não pretendem sair da minha vida. Sou grata a Deus por ter me dado o direito ao afeto sincero e à amizade verdadeira que nutrem por mim.

As enfermeiras entram no quarto um pouco depois e com algum esforço me ajudam a me transferir para uma cadeira de rodas. Apesar da dor que sinto, é bom finalmente me sentar. Ashton chega pouco depois e toma o lugar de uma delas, empurrando-me na direção do elevador.

Anelyse, Eleanor e o médico nos acompanham, todos ansiosos

falando sobre as novas acomodações, enquanto só consigo pensar em minha filha e no quanto gostaria de ficar com ela um pouco.

— Ju? Tudo bem? Parece triste... — Nunca entendi como em tão pouco tempo chegamos a nos conhecer tão bem.

— Eu quero vê-la, Ash.

Ele assente, compreendendo-me.

— Doutor Lucca, será que posso levar a Julia até a neonatal? Só enquanto organizam o quarto pra recebê-la, logo nós voltamos.

O médico olha de Ashton para mim e balança a cabeça afirmando.

— Tudo bem, deve estar louca pra vê-la. Só não demore, pois não pode se cansar muito, tudo bem? Não vamos regredir em seu tratamento.

Eu sorrio satisfeita e sinto a mão de Ashton em meu ombro em um aperto que transmite conforto. Pouco depois, as portas se abrem e o médico sai junto com Anelyse e Eleanor, deixando nós dois sozinhos.

— Você vai ver como ela é linda, Ju. Muito mais bonita pessoalmente. Também, com uma mãe como você, não tinha como ser diferente...

Não respondo seu comentário. A verdade é que estou nervosa. Estou indo conhecer o amor da minha vida torcendo para que ela me ame tanto quanto eu a amo.

Quando as portas se abrem finalmente no andar correto, Ashton me conduz na direção certa. Entramos e uma enfermeira vem nos receber.

— Bem-vinda, mamãe. Pode lavar suas mãos naquele canto e vir conhecer sua boneca.

Apenas sorrio para ela, os meus olhos percorrendo as fileiras de berços fechados, procurando por ela como se pudesse encontrá-la assim. Ashton me leva até a pia e abre a torneira para mim. Coloca um pouco de sabão em minhas mãos e eu as lavo. Em seguida, ele faz o mesmo e me

empurra outra vez, agora para perto dela. Quando nos aproximamos, prendo minha respiração devido à expectativa. Inclino meu corpo para frente a fim de enxergar seu rosto adormecido.

Linda.

Tão pequena, frágil e ao mesmo tempo absurdamente linda.

O rosto delicado, a expressão tranquila em meio ao sono, apenas alguns fios de cabelos escuros e a boca bem desenhadinha. Ela é a coisa mais linda que já pude chamar de minha.

Coloco minha mão dentro do berço e procuro por sua mão pequenina. Ela se mexe um pouco e desperta com meu toque. Os olhos se abrem vagarosamente e encontram os meus. Pelo pouco que sei, um bebê tão prematuro não tem a visão formada completamente e por isso ela não deve me enxergar muito bem, mas, olhando assim em seus olhos, jamais diria isso.

Eles despertam em mim uma carga forte de sentimentos e meu coração se derrama diante dessa pequena. Por mais que eu nunca a tenha visto, reconheço seu toque e ela o meu. Somos duas metades de algo que estava completo e que agora precisa se reconectar de outra maneira. Essa nossa reconexão é instantânea. Ela tem os olhos escuros e tão cheios de sentimento, um olhar tão penetrante que sinto como se já o tivesse visto muitas vezes antes.

Sorrio para minha filha e, pela primeira vez em dias, falo com ela.

— Oi, minha linda... Sentiu saudades da mamãe, Ashley?



ERIC

O que me levou a pensar na recuperação da Julia foi exatamente a surra que o *rockeirinho* babaca me deu. Levei mais de uma semana para conseguir voltar a andar normalmente e precisei avisar no trabalho que havia sofrido um acidente.

Hoje, no entanto, retorno a minha rotina. Os hematomas em meu rosto já podem ser disfarçados e não atraem tanta atenção, os outros machucados são cobertos pelas roupas.

Caminho pelos corredores do hospital, carregando comigo algumas amostras recém-analisadas. Decido me desviar de meu trajeto para dar uma olhada em Julia. Torço para que já esteja melhor, afinal, não era minha intenção que ela ficasse paraplégica nem nada assim. Mesmo que eu não tenha de fato a empurrado da escada, sei que uma pequena parcela de culpa é minha. Se ao menos ela não fosse tão teimosa...

— Boa tarde, senhorita. — Aproximo-me da recepcionista no primeiro andar. — Preciso ver Julia Foster. Pode me informar em qual quarto ela tá?

Óbvio que ela não me daria essa informação, mas ainda assim posso conseguir alguma pista em suas reações.

— Sinto muito, mas por se tratar de um quarto privativo e em razão da ligação dela com Ashton Ray, essas informações são restritas.

Sorrio para a moça simpática.

— Claro, sem problemas. Somos velhos amigos. Gostaria de saber como ela tá, mas falo com ela quando sair do hospital... Sabe se demora muito?

— Imagino que em algumas semanas as duas, ela e a filha, tenham alta.

Sinto um tremor percorrer meu corpo. A criança sobreviveu depois de tudo. Lembro-me das palavras de Ashton sobre isso. Os quartos privativos ficam no segundo andar e são poucos. A UTI neonatal é em um andar separado.

Ainda um pouco aturdido, entro no elevador e sigo para lá, pois preciso ver essa criança com meus próprios olhos. Preciso decidir com calma o que pode ser feito com esse inconveniente insistente.



JULIA

Uma semana se passou desde que vi Ashley pela primeira vez. De lá para cá, o quadro dela evoluiu muito bem, graças a Deus e aos cuidados médicos que ela tem recebido.

Ashton está aqui o tempo todo, seja ao lado dela ou ao meu. Ele não sai do hospital quase em nenhum momento. Pelo que soube, vários shows foram cancelados por nossa causa. O que me dá esperanças de que, de alguma maneira, as coisas entre nós possam acontecer.

As coisas têm melhorado aos poucos. De acordo com ele, a mulher que poderia provar que ele havia sido drogado aceitou depor contra Candice; por um bom pagamento, claro. O que importa é que agora estão apenas aguardando a decisão do prefeito, que certamente vai retirar as acusações e encerrar o caso, então as coisas irão progredir.

Nem tenho pensado muito nisso, porque, apesar de ser uma boa coisa, ainda não tenho onde morar quando isso acontecer, de maneira alguma vou

retornar para o apartamento correndo risco de Eric aparecer por lá.

Todos os dias pela manhã, após uma enfermeira me ajudar a me despir e a sentar na cadeira, tomo meu banho, sentada. Depois, Ashton me leva até Ashley e passamos algum tempo por lá juntos. O sorriso dele e o olhar dela são minhas coisas favoritas no mundo todo.

Ele deixou o quarto por alguns minutos para pegar um café e aproveitou para tentar persuadir a enfermeira outra vez a me deixar lavar os cabelos.

— Olha só, faz duas semanas que estou aqui e meus cabelos terão que ser raspados se não me deixar lavá-los.

— Julia, mulheres de resguardo ficavam quarenta dias sem lavar a cabeça e ninguém morreu por isso, ainda não pode fazer esse esforço de ficar com os braços erguidos. Além do corte da cesariana, têm as costelas que estão começando a melhorar agora... Não vai piorar as coisas por frescura, menina.

Frescura? Será que ela já passou quinze dias com a cabeça suja, coçando e quase pingando óleo? Deixa ela. Aqui se faz, aqui se paga.

Ashton entra neste momento com um copo nas mãos. Os ombros largos abraçados por uma de suas inúmeras camisetas pretas, a calça escura rasgada nas coxas... Lindo, como sempre.

Por mais atencioso e maravilhoso que ele tenha sido desde que tudo ocorreu, não houve nenhuma tentativa de reaproximação. Claro que não espero que ele me ataque sexualmente — por mais que eu queira, sei que não é possível —, mas Ashton não me deu nem mesmo um beijo. Nada. Por mais que eu pense que as coisas possam dar certo entre nós, às vezes chego a duvidar disso também. Geralmente a dúvida vem quando o vejo assim, parecendo o astro do rock que realmente é, um homem que pode ter a mulher que quiser e uma por noite se assim preferir.

Ele me vê e abre um sorriso delicioso, que faz minhas entranhas se revirarem. Aff, meu apetite sexual ainda não entendeu as novas regras de limitação do meu corpo.

— Dando trabalho pra moça, Ju?

Estreito os olhos em sua direção.

— Tá de que lado, traidor? Eu não posso mais ficar com esse cabelo sujo! Não aguento, Ash, ele tá fedendo! — Exagero um pouco, mas quem sabe ele a convença.

— Por que ela não pode lavar os cabelos, enfermeira?

A mulher bufa. Sim, ela diria que foi um suspiro, mas não foi nada delicado.

— Porque ela é teimosa. Não aceita ajuda para tomar banho e ela mesma não pode erguer os braços e lavar os cabelos por causa dos pontos. Eles já foram retirados, mas não queremos que nenhum deles se abra. E nem vou começar a falar das costelas...

Reviro os olhos, desanimada. Ashton nunca irá me apoiar em algo que os médicos proibiram.

— Se outra pessoa os lavasse estaria tudo bem?

— Claro, mas ela não quer. Diz que não tenho intimidade para isso...

Não mesmo. Não entendo por que a pessoa adoece e acham que o corpo virou patrimônio público.

— Mas eu tenho. Prepare o *shampoo* e o condicionador dela, por favor. Vou ajudá-la com isso.

O quê? Pior de tudo é ver que a mulher nem questiona.

— Ah, mas não vai mesmo, Ash.

A enfermeira se vira em minha direção.

— E por que não? Não dá para dizer que não tenham intimidade. Você tem uma filha com ele e dessa forma pode finalmente lavar os

cabelos. Porque olha, tem razão, estão fedendo.

Abro a boca, surpresa com a ousadia da mulher, e me viro para Ashton, que ri descaradamente. Ela coloca minha *nécessaire* sobre a cama e sai do quarto, irritada.

— Vamos logo, doutora. Precisa lavar esses cabelos lindos pra ver nossa princesa.

Nossa, cada vez que ele diz isso, sinto meu coração se apertar em resposta.

Ashton me ajuda a sentar na cadeira e me leva até o banheiro. Lá dentro, ele me ergue delicadamente e me coloca na outra cadeira que indico. Ela tem um buraco no meio e percebo pela expressão dele que acha engraçado.

— Hum, agora precisa tirar a roupa, Julia. Vamos tentar ser profissionais, ok? Eu sou seu enfermeiro agora, então nada de vergonha. Vou me comportar também.

Percebo por sua expressão que ele parece um pouco incomodado com tudo isso, diferente da forma como lidou com a situação instantes atrás.

— Vamos fazer o seguinte: você tira a roupa para não molhar, eu vou lavar seu cabelo e depois você se lava como tem feito todos os dias.

Concordo com ele, um pouco nervosa com a situação. Minha barriga ficou um pouco estranha após o nascimento de Ashley; não tão flácida como ficaria se a gravidez tivesse seguido até o final, mas também não é firme como no início de tudo, quando ela ainda não havia crescido.

A cicatriz também não ajuda em nada e o hematoma roxo sobre minha pele, na região das costelas, ainda é bem visível. Preferia que ele não me visse assim.

Retiro a camisola e vagorosamente a calcinha. Ashton tem o maxilar trincado e o rosto virado para a parede, evitando olhar para mim. Não sei se é

uma tentativa de ser respeitoso, mas me incomoda um pouco.

— Pronto, pode ligar o chuveiro.

Ele se vira, agindo com uma naturalidade forçada, e abre a torneira, permitindo que a água caia e escorra pelo ralo. Coloca a cadeira posicionada embaixo do chuveiro e se detém por um momento antes de arrancar a camiseta pela cabeça.

Faz tanto tempo que não o vejo assim que simplesmente não sei como desviar os olhos de seu torso, das tatuagens, dos músculos...

— Julia, não me olha assim.

Ergo meus olhos, contrariada e um pouco magoada com seu tom ríspido. Ele sabe que vai molhar a calça toda, mas não a retira, apenas joga o tênis em um canto e entra embaixo do chuveiro comigo.

Sinto suas mãos tocando meus cabelos, desembaraçando os fios com as pontas dos dedos e molhando as mechas. Seus gestos e toques são tão carinhosos e cuidadosos, apesar de um pouco cautelosos a princípio.

Logo que ele pega o *shampoo* e derrama um pouco nas mãos, percebo que seu toque muda para algo mais natural. Ashton espalha o líquido por todo meu couro cabeludo e esfrega com as pontas dos dedos, massageando-o. É maravilhoso ter suas mãos outra vez sobre mim, mesmo que não seja nada sexual.

Relaxo sob seus dedos e emito um gemido de prazer. Sinto que ele para por um momento e mordo o lábio, repreendendo-me pelo barulho involuntário.

— Fique tranquilo, Ash, é só uma reação natural à massagem gostosa nos meus cabelos.

— Melhor a gente não falar sobre reações naturais — responde ele. Grosso.

Ele continua esfregando meus cabelos e, em seguida, começa a

enxaguar os fios. A única segurança que tenho contra minha própria mente desavisada é o fato de que ele está atrás de mim, fora do alcance da minha visão.

As pontas de seus dedos encostam de leve em minha nuca, enviando um arrepio forte que irradia por toda minha coluna, fazendo-me tremer ansiosa por um toque que não virá.

Sinto a ausência do calor dele quando se afasta e olho para trás procurando por ele. Ashton está parado atrás de mim, o corpo molhado, a calça grudada nas pernas e os cabelos úmidos. Seus olhos encontram os meus e ficamos nos encarando por alguns instantes. Sei que os pensamentos que passam por minha mente agora não são nada decentes, mas não consigo ler em seus olhos o que ele pensa sobre o que está acontecendo aqui.

— Vou pegar o condicionador. — Ele finalmente diz algo. — E um pente pra desembaraçar depois.

Vejo-o caminhar até a pia do banheiro e pegar o vidro de condicionador que trouxe para mim junto com meus pertences. Minha escova está na bancada e ele a traz também.

Estou observando cada passo seu. Quando ele se vira de frente, percebo que seu olhar se fixa nos meus seios nus pela primeira vez desde que me despi, mas ele faz uma careta e desvia o rosto em outra direção.

Tudo bem que minha aparência deve estar semelhante a uma grávida que caiu da escada e sofreu um parto prematuro, mas a reação dele é um pouco pior do que eu esperava, principalmente levando em conta toda a dedicação com a qual tem cuidado de mim.

Ashton para atrás do meu corpo outra vez e suas mãos mergulham no pote de condicionador para em seguida começarem a espalhar o produto pelos meus cabelos. Após cumprir com a primeira parte, ele começa a pentear as mechas, desfazendo cada nó com cuidado.

— Não precisa ficar assim, Ash. Todo duro aí atrás...

Ouçõ seu riso estrangulado, o que me irrita ainda mais. Antes ele não perdia a oportunidade de me tocar e agora não consegue nem mesmo agir normalmente diante de mim apenas porque estou sem roupas.

— Pode enxaguar meu cabelo logo, por favor? Prefiro terminar meu banho sem você aqui.

Ashton atende ao meu pedido e começa a jogar água, limpando todo o condicionador.

— Desculpe, Ju. Estou tentando, mas é difícil agir normalmente.

— Tudo bem. Pegue o sabonete antes de sair e me entregue. Eu consigo me virar.

— Tem certeza? Eu posso te ajudar com isso, apesar de ser um pouco difícil.

Mal posso acreditar na insensibilidade dele.

— Difícil? Agora tá exagerando, Ashton. Pensei que fosse menos superficial! Claro que meu corpo tá diferente, você queria o quê? Caí da altura de vários metros, tive uma filha, mas também não estou esse horror todo. Não precisa agir como se estivesse enojado!

Acredito que ele não esperava por essas palavras. Seus olhos se abrem de espanto, mas logo a surpresa é substituída por uma fagulha de raiva.

— Enojado? É isso que você pensa? De que merda você tá falando, Julia? De onde tirou essa porra? Tô evitando te tocar, mas não por causa dessa bobagem que falou.

— Ah, não? Acha que sou boba? Que não iria perceber que nem mesmo consegue me olhar?

O riso dele é sem humor algum, frio e cínico.

— Sério, Julia? Não acredito que possa pensar uma besteira dessas. Sabe por que tô evitando te tocar e olhar?

Ergo meu queixo em desafio, esperando pela resposta maldosa que virá. Ao invés disso, ele avança, encurtando o espaço entre nós, e toma brutalmente minha mão na sua para colocá-la sobre seu membro duro.

— Porque não posso ser o babaca que fica excitado em um momento que você tá toda dolorida, operada e machucada. Não tô olhando pra você porque estou duro apenas por saber que a água tá molhando seus seios, cacete. Por imaginar que seus... que os bicos estão projetados pra fora por causa do ar fresco. Não tô te tocando porque, se eu o fizer, vou querer passar o sabonete por cada pedaço do seu corpo. Mesmo sabendo que não posso me enterrar em você, vou ficar louco imaginando isso.

— Eu...

— Como pode pensar que eu não a quero quando tô aqui todos os dias, vivendo pra cuidar de você, Julia? Tudo que eu mais quero é isso.

Meus olhos estão fixos na minha mão, que ainda repousa sobre sua ereção. Meu maior desejo é tirar a calça molhada de seu corpo e chupá-lo até ouvir meu nome sendo ecoado por seus lábios.

— Porra, Julia! Não lambe os lábios desse jeito olhando pro meu pau. Termina seu banho antes que eu mude o chuveiro pro frio e entre aí embaixo no seu lugar.

Com isso, ele me deixa sozinha. Contrariado, Ashton sai batendo a porta. Eu apenas sorrio. Ao menos não sou a única frustrada.

— Volta aqui! Preciso de ajuda pra me vestir!

Ouço sua voz trovejando um palavrão, mas, mesmo contrariado, ele volta.



O clima entre nós ainda é estranho. Não conversamos exatamente

sobre nós e o que seremos a partir de agora, mas a presença dele é constante. Começo a acreditar que podemos encontrar uma maneira de fazer nossas vidas, tão opostas, encontrarem um ponto comum.

Ashton me conduz pelos corredores na cadeira de rodas outra vez. Já se tornou uma rotina nossa. Todos os dias vamos juntos passar algum tempo com Ashley desde a semana passada, quando finalmente pude ir para o quarto.

Sempre conversamos com ela um pouco. Ashton trouxe alguns livrinhos infantis e nos revezamos com as histórias. Além disso, ele sempre canta. Ele me disse que compôs uma canção inspirada nela e seria mentira se eu dissesse que não tenho curiosidade para ouvir e para saber se também pensa em mim com tanto carinho.

— Acho que até o final da semana ela vai poder sair da incubadora, Ju. Tá se desenvolvendo bem, o peso dela ontem já era quase o ideal...

Concordo com ele sorrindo. Espero mesmo que Ashley saia logo para que eu finalmente possa abraçar minha filha, sentir seu cheiro...

Quando viramos no corredor e eu avisto o vidro da sala em que ela se encontra, meus sentidos se tornam alertas ao notar um homem de pé, observando os bebês que estão do lado de dentro.

Poderia ser um dos pais, mas os cabelos, o porte físico e aquele jaleco branco pendurado na bolsa, exatamente como eu já havia o visto fazendo tantas vezes.

— Ash... É ele.

Ashton se abaixa para me ouvir e logo olha na direção para a qual eu aponto. Sua expressão se endurece na mesma hora e confirmo minhas suspeitas. Eric está ali planejando algo contra minha filha.

— Ei! — Ouço Ashton gritar atrás de mim. — O que tá fazendo aqui, seu doente?

Com suas palavras, Eric percebe nossa aproximação e sai correndo em disparada pelo corredor. Ashton corre atrás dele, perseguindo-o e me deixando aqui nesta cadeira, parada, inútil e sem poder fazer muita coisa.

Impulsiono a cadeira para frente. Meu coração está acelerado e meu corpo tremendo diante do medo, do pavor do que ele possa ter feito com minha pequena.

Com algum esforço, consigo chegar até a porta da sala e, de longe, percebo que Ashley não está no berço. Abro a porta com as lágrimas escorrendo pelos olhos e me certifico de que ela não está mesmo aqui antes de chamar a segurança.

— Está tudo bem, mamãe? — Uma enfermeira se aproxima de mim e questiona preocupada.

— Minha filha! Onde ela tá? Por que deixou que a levassem?

A moça abre os olhos, surpresa com meu desespero.

— Acalme-se. Sua filha está bem ali — diz e aponta para o outro lado do cômodo. — A pesagem dela hoje pela manhã atingiu um quilo e quatrocentos gramas, então a removemos da incubadora e a transferimos para um berço aberto.

Por mais que as palavras dela me deixem um pouco mais aliviada, preciso ver com meus próprios olhos. Aproximo-me lentamente na direção indicada e vejo Ashley no berço, usando um macacão, além de sapatos e uma touca.

— Eu... posso pegá-la agora?

Ela faz que sim com um aceno e sorri mesmo que provavelmente pense que sou louca. Aproxima-se do berço, pega Ashley nos braços e me entrega meu embrulho cor-de-rosa.

— Oi, princesa... A mamãe tá aqui, viu? Não vamos deixar nada de mau te acontecer.

Abraço com cuidado minha bebê e inalo o aroma gostoso dos seus poucos cabelinhos. Deposito um beijo de leve em sua bochecha, o primeiro de muitos.

Ficamos assim por alguns minutos, apenas nos olhando. Eu, completamente apaixonada pela sensação de segurar meu mundo nas mãos, e ela, parecendo analisar cada traço meu. Seu toque tão suave quase me faz chorar de emoção.

Ashton entra na sala correndo e vejo o alívio em seu rosto ao me ver com ela no canto.

— Ela tá bem?

— Melhor impossível — responde a enfermeira. — Está se desenvolvendo muito bem, ganhou peso e não precisa mais ficar na incubadora, apesar de ainda necessitar dos cuidados e ficar aqui por um tempo.

Um sorriso tenso se abre em seus lábios e ele se aproxima de nós duas. O amor e o carinho que ele sente por ela são claros no modo como a olha. Ashton estende a mão e faz um carinho na cabecinha de Ashley.

— Até que enfim, meu anjo. Finalmente vou poder te segurar.

— Encontrou Eric?

Ashton não responde e entendo que Eric escapou.

— A senhora sabe quem era o homem parado aqui em frente observando os bebês? Ele pediu alguma informação?

A mulher parece constrangida com a pergunta que faço e apenas por sua reação já imagino que deva ter oferecido a ele alguma informação que não deveria.

— É um funcionário terceirizado do hospital. Ele cuida de exames laboratoriais... Não pode entrar aqui sem permissão, mas ele apenas veio entregar alguns resultados e parou para conversar.

— Falou alguma coisa sobre a Ashley?

— Ele não me perguntou nada sobre ela. Eu estava a transferindo para o berço aberto e ele apenas aguardou por mim.

— Tudo bem, não é culpa sua, mas esse homem representa perigo pra minha filha. Vou pedir que o hospital permita um segurança aqui na porta, dia e noite. Fique calma, Ju, ele não vai conseguir entrar aqui e eu vou ficar com você todas as noites.

Aceno em concordância. Não posso me conformar que tenha me enganado tanto a respeito de alguém, que Eric seja essa pessoa tão horrível e meu julgamento seja tão falho.

— Posso segurar minha filha?

Sorrindo para ele, mesmo com toda a situação nos rondando, entrego-lhe Ashley. Ela é tão pequena e delicada. Ashton é tão forte e másculo... Mesmo sendo tão diferentes, os dois se completam perfeitamente; o encaixe dela nos braços tatuados é tão perfeito que a cena me emociona e me faz pensar em como as coisas podem vir a ser.

Eles são como um quadro, a fotografia perfeita. Ouço um clique suave e ao olhar para trás percebo que a enfermeira teve a mesma ideia. Por mais que seja motivo para repreensão, eu não o faço porque a entendo completamente. Este momento precisa ser registrado.



ERIC

Ashley. Foi muito mais fácil do que imaginei a princípio descobrir o nome da criança. O momento foi muito oportuno e, quando encontrei a enfermeira transferindo a menina para um berço aberto, pude olhar sua ficha

com calma.

Como a menina não foi registrada, o sobrenome não constava nos pedidos de exames que o laboratório recebeu, ou eu teria sido atraído pelo sobrenome Ray. Ou foi isso ou o pedido chegou quando estive indisposto depois do ocorrido. Na ficha estava escrito bebê Ray na frente e Ashley; como se o sobrenome dele fosse até mesmo mais importante que o nome da menina.

Minha intenção é apenas uma: provar que ela não é mesmo filha do astro do rock e assim desmascarar Ashton e Julia, sabendo com certeza como agir se a criança realmente for minha.

Para isso basta um teste de DNA.

Não preciso nem mesmo coletar o sangue dela, afinal, isso já foi feito pelo hospital e enviado até o laboratório em que trabalho para alguns exames de rotina. O que eu precisava era apenas saber o nome da criança, já que isso ainda não foi divulgado para a mídia. Dessa forma, conseguir a amostra não vai ser difícil, pois tenho acesso a todas elas.

Além disso, obviamente, preciso de uma amostra dele, mas isso Ashton mesmo me entregou sem que eu precisasse me esforçar. Apesar de ter desmaiado no dia de sua visita, ao acordar, certifiquei-me de que o cigarro que ele fumava ainda estava ali, esquecido sobre a bancada. Eu o guardei para isso.

Uma grande vantagem em se trabalhar para o hospital é que, por mais que não tenha acesso a certas áreas, os colegas acabam abrindo exceções. Exatamente o que aconteceu quando entrei na UTI neonatal e fui gentil com a enfermeira.

A carência de atenção é a maior fraqueza do ser humano. Ao entrar, sabia que a batalha estava ganha. Em poucos minutos, encontrei o nome da menina. Retornei ao laboratório depois disso e, agora, com as duas amostras

em mãos, solicito o teste de DNA.

Basta esperar o momento de revelar a verdade ao cantorzinho e, depois, quem sabe o que será preciso para não revelar a paternidade verdadeira?



ASHTON

Ashley se desenvolve mais a cada dia. Por mais que eu esteja com as duas quase o tempo todo, nas poucas horas do dia em que saio do hospital, minha mente não consegue se desligar de lá, temendo por elas e ansioso para retornar.

Mas algumas coisas pedem minha atenção aqui fora. Uma delas é a reforma dos quartos na mansão. Julia ainda não sabe, mas espero que concorde em vir morar comigo definitivamente. Parece impulsivo e rápido, mas quem se importa? Nunca fui conhecido por minha paciência mesmo.

Claro que, se ela me rejeitar, vai ser a pior decepção da minha vida. Ainda mais depois de todo meu esforço para receber as duas aqui com todo o conforto que elas merecem.

Uma decoradora foi chamada e transformou o quarto que era de Julia em um quarto apropriado para Ashley, minha filha. Porque mesmo que não seja meu sangue correndo por suas veias, ela já se tornou meu mundo e eu não abrirei mão de tê-la em minha vida, a menos que seja obrigado a isso.

Observo os móveis que chegaram hoje pela manhã. Realmente é a torre de uma princesa. O berço tem um cortinado semelhante ao dossel que Anelyse escolheu para o próprio quarto. Como foi ela quem me ajudou a escolher tudo, o quarto de Ashley foi decorado em tons de rosa, branco e dourado. Só espero que Julia goste e, principalmente, que fique.

— Ane, não acha que esses ursos são grandes demais? — questiono, apontando para um trio de ursos de pelúcia brancos que ela colocou em um dos cantos.

— Eles são lindos, Ash...

— Mas são maiores que ela! E se Ashley colocar a cabeça embaixo de um deles e ficar sem ar?

Ane ri do meu comentário.

— Além de pai babão agora também é superprotetor?

— E quando é que não fui? Se protejo você, imagina o que vai ser da vida dela.

— Coitada da minha sobrinha... — Ouço o comentário atrás de mim e me viro, deparando-me com Tray. Sim, todos iremos mimar aquela menina.

— Coitada mesmo — respondo sorrindo.

— Cara, eles chegaram... Carter tá te esperando no escritório.

Aceno com um gesto e volto outra vez para o quarto.

— Acha que Julia vai ficar, Ane? Ainda não contei sobre a reunião de hoje, sobre o que vai acontecer com a gente caso o prefeito aceite o acordo e tô... Bom, tô com medo de que ela resolva sair do hospital e ir embora.

Anelyse sorri diante do meu nervosismo. Porra, estou errado em me preocupar? Estou tentando fazer tudo certo, mas eu sou todo errado. E se ela não me quiser perto da princesa? E se eu não for bom o bastante para ser pai e marido?

— Acho que primeiro você precisa pedir que ela fique, Ash. Mas com esse grande gesto, eu acho difícil Julia não ceder, a menos que não te ame...

Em seu tom há diversão e eu sei que fez uma piada, mas eu não vejo graça. Não tenho certeza se Julia me ama. Ela nunca me disse isso e eu também não disse a ela.

— Deixa de ser bobo! Claro que ela te ama. Agora resolve logo essa besteira com o Joseph e vamos dar mais alguns passos para o seu “felizes para sempre”.

Coço a cabeça, ainda pensativo, mas aquiesço e caminho para o escritório, deixando Ane concluir a preparação do quarto.

Ao entrar no cômodo, percebo que um clima tenso se instaurou aqui. Ter Joseph, Candice e Jessica na mesma sala não é nada agradável, mas muito necessário. Klaus e Carter também estão presentes, além dos outros irmãos King que não sei o nome e nunca me preocupei em saber.

— Bom, vamos começar. Meu cliente foi acusado pelo prefeito Joseph de danos morais. De acordo com o prefeito, Ashton Ray causou danos a sua masculinidade.

Olho para Joseph, que tem a cabeça baixa parecendo constrangido.

— Por favor, não vamos mencionar nunca mais os termos do processo — o prefeito pede e eu não posso deixar de sorrir. Esse sim se parece com o homem que um dia chamei de amigo.

— Certo — Klaus continua. — A senhorita Jessica nos informou que estava com meu cliente o tempo todo durante a noite anterior ao incidente e que aceitou a oferta da, até então primeira-dama, para oferecer um copo de bebida ao meu cliente. Um copo que, de acordo com suas palavras, havia sido batizado. O que nós interpretamos como uma maneira informal de dizer que alguma espécie de droga foi colocada ali. Certo, senhorita Jessica?

A moça apenas assente. Não ousa me encarar a safada, mas ao menos aceitou meu dinheiro para falar a verdade.

— A antiga primeira-dama nega o acontecido?

Candice encara todos nós com ar de repulsa, enfurecida por ter sido desmascarada. Ela ainda tenta negar uma última vez.

— Claro que nego! Se alguém o drogou, foi ela mesma.

— Devo lembrar a senhora — Carter libera o vídeo que tinha pausado — que, durante seu confronto com Ashton e Julia no *shopping*, a senhora afirmou ter armado tudo isso para que pudessem ficar juntos. Por que disse aquilo?

Ela faz uma careta e fica quieta.

— Bom, Joseph, não precisamos que ela admita aquilo que já é óbvio, mas apenas que retire essa acusação que, como vê, não tem fundamento algum, para que possamos todos seguir com nossas vidas. Já solicitamos um psiquiatra que nos dará um laudo médico contra Candice e qualquer coisa que ela diga será desacreditada, tão logo consigamos provar sua instabilidade mental.

Joseph se levanta abotoando o terno perfeitamente alinhado e se dirige a Klaus.

— Não precisam me oferecer nada, vou retirar as acusações contra Ashton e esquecer esse assunto. Na verdade, quero esquecer tudo que se refere a esse período da minha vida. — Ele encara Candice ao falar.

O homem afasta a cadeira e caminha na direção da porta, mas se volta para mim antes de deixar o escritório.

— Ash, me desculpe. Eu estava furioso e com o orgulho ferido. Eu sei que não foi culpa sua, acredito em você agora. Espero que seja feliz com sua família.

Apenas concordo com a cabeça, mas percebo que ele não viu porque encara os próprios pés.

— Tudo bem, Joseph. Espero também que seja feliz e que encontre alguém que te mereça, cara.

Sorrio ao me virar de frente para as duas mulheres horríveis a minha frente.

— Bom, garotas, acabou o show das duas. Candice conseguiu os cinco minutos de fama e Jessica conseguiu algum dinheiro disso tudo. Agora, por favor, vão cuidar das vidas de vocês e me deixem em paz com a minha. Candice, se se aproximar de mim outra vez, sua maluca, vai ganhar uma entrada grátis e sem volta pro manicômio.

Um peso foi retirado das minhas costas.

Levanto-me animado e feliz como não me sinto em muito tempo. Só faltam duas coisas agora para minha felicidade ser completa: livrar-me de algum modo do cretino do Eric e ter minhas meninas aqui para sempre.



JULIA

Nos dias que se seguiram ao meu primeiro contato com minha pequena, finalmente consegui adquirir mais independência. Dizem que tudo é questão de hábito e eu concordo. Apesar de no início ser muito difícil fazer as coisas sem usar as pernas como apoio, fui me adaptando aos poucos e agora já me locomovo com mais facilidade na cadeira de rodas, o que é bom, porque com certeza ela ainda me fará companhia por alguns meses.

Feliz com minhas novas habilidades de movimento, saio do banheiro para o qual consegui me guiar sem ajuda. Passar da cama para a cadeira foi um feito e tanto, mas agora apenas preciso repetir a façanha e voltar para a cama.

Infelizmente tenho uma surpresa das mais desagradáveis quando chego ao quarto. De pé, atrás da porta, está Eric. Eu apenas faço uma oração para que ele não tenha conseguido passar pelos seguranças no andar em que Ashley se encontra.

— O que você tá fazendo aqui? Eu vou gritar e você vai ser preso, Eric. Se ousar tocar um dedo na minha filha, vou dizer que me jogou da escada e tentou me matar!

O riso dele é cínico e frio e sinto um arrepio de pavor percorrer minha coluna. Suas palavras seguintes me surpreendem ainda mais que sua presença em meu quarto.

— Não será preciso, pois não vim com a intenção de fazer mal a você ou a sua filha, Julia.

Como alguém que não tem medo de nada, ele se afasta da porta fechada e se senta sobre a cama, dando tapinhas para que eu me sente ao seu lado. Em seguida, ele mesmo ri da atitude.

— Me desculpe, esqueci que agora tem certas limitações. Sabe, deveria ter sido mais contundente ao afirmar que a menina era filha do Ashton, não foi muito crível, Julia. Como advogada, deveria ser melhor em convencer as pessoas...

— Eric, não importa se acredita em mim sobre Ashley ser mesmo filha do Ashton, o que interessa é apenas o fato de que ela não é sua filha.

Ele ri um tanto psicótico e mais uma vez me pergunto como pude não perceber sua mente doentia.

— Realmente. A menina não é minha filha e por isso decidi te fazer uma visita. Para falar a verdade, não acho que você tivesse como ter certeza, já que, como disse, me traiu com ele. Poderia ser minha, mas procurei outros métodos de confirmar a paternidade dela e descobri que realmente não sou o pai.

Abro a boca na intenção de questionar suas certezas, mas decido não o fazer. O que importa é que ele sabe que Ashley não é sua e com isso poderá nos deixar em paz.

— Que bom que finalmente entendeu isso. Pode sair agora, por favor?

Minha vontade é de gritar com ele, mas sempre fui sensata e, levando em consideração que estou um pouco debilitada e em uma cadeira de rodas, o melhor a fazer é não o confrontar diretamente.

— Ainda não terminei. Não quer saber o que mais descobri? É incrível como um conjunto de informações genéticas pode nos dizer tanto sobre um ser vivo, não acha?

— Do que tá falando, Eric?

Talvez eu esteja sendo um pouco lenta com sua presença me desestabilizando, mas não consigo compreender de imediato o que suas palavras significam.

— O DNA da Ashley, claro. Com ele em mãos foi bem fácil descobrir tudo. Fiquei um pouco curioso...

Antes que ele tenha oportunidade de me dizer sobre o que ficou curioso, a porta se abre e Ashton aparece. Primeiro vejo seu olhar me percorrer de cima a baixo, procurando por algum ferimento, porém, quando percebe que estou bem, o olhar frio se fixa em Eric e ele abre um sorriso triunfante.

— Agora você já era.

Eu espero que Ashton avance sobre ele, mas dessa vez ele tem ideias mais racionais e definitivas e dou graças a Deus por isso. Quando ele abre mais a porta, posso ver Tray e Josh junto dele, que provavelmente vieram me visitar, como têm feito algumas vezes desde minha internação.

— Segurem o desgraçado! Vou chamar a polícia.

Eric ainda tenta se levantar e seus olhos buscam a saída, mas ele a vê interceptada pelos outros dois. Tray avança sorrindo, enquanto Josh tem um olhar sanguinário, que nunca pensei que veria em seu rosto.

— Então esse é o desgraçado com uma camisinha vencida na carteira... — Tray é o único que pensa em piadas em um momento como este.

— Na minha opinião... — completa Josh, enquanto pega Eric por um braço e o imobiliza contra o chão. — Ele sempre soube que não podia ser pai e decidiu inventar uma filha pra aplacar a decepção...

Tray ri do comentário e se senta casualmente sobre as costas de Eric.

— Acha que ele é *gay*? Talvez seja e não é corajoso o bastante pra

assumir isso. Justificaria a obsessão por uma filha que não é dele.

— E o fato de andar com camisinhas vencidas.

Não posso deixar de me contagiar com a cena e rir junto. É cômico ver os dois debatendo tranquilamente a masculinidade de Eric, literalmente sentados sobre o homem.

Instantes depois, Ashton entra com dois seguranças.

— Podem levar esse animal lá pra baixo, a polícia vai chegar em pouco tempo e nós vamos registrar um boletim de ocorrência. Vai ser acusado por invasão e agressão. Com certeza vai render um bom tempo atrás das grades, Eric.

— Ah, mas isso pode ser bom — Tray comenta. — Lá ao menos não vai precisar fingir que gosta de mulher.

Eric me direciona um olhar de puro ódio e me lembro do que ele disse.

— Ele acaba de confessar ter pegado amostras da nossa filha pra teste de DNA, Ash, podem acusá-lo por roubo também.

Com isso, eles o levam daqui. Pela primeira vez em meses posso respirar aliviada, sem medo de que aquele homem faça mal a mim ou a minha filha novamente.



ASHTON

Depois da prisão de Eric — graças a Deus ele foi preso — e do atestado de insanidade que colocou Candice a muitas milhas de nós, as coisas aos poucos foram se acalmando.

— Oi, princesinha. Hoje à noite o papai vai cantar ao vivo pra vocês duas. Promete que não vai deixar a mamãe perder o show? — converso com Ashley, que está bem mais pesada, o que significa que logo poderá deixar o hospital.

Julia, que estava do outro lado da sala conversando com a pediatra, chega empurrando a própria cadeira, sorrindo.

— Ela disse que logo vai poder dar alta pra ela, Ash. Se continuar se alimentando certinho, em poucos dias deve atingir os dois quilos.

Já faz quase um mês que Ashley nasceu e todos os dias constatamos que ela ganhou ao menos algumas gramas. Julia, por outro lado, já poderia ter deixado o hospital, mas não quis se afastar da princesa e eu compreendo, porque teria feito o mesmo.

— E quando sair vão pra onde?

Pergunto apenas para ver o que ela tem em mente, pois não tenho intenção de que vivam longe de mim. Por mais que Julia ainda não saiba, nossa casa está pronta para receber as duas. Estou esperando apenas por um “sim”.

Julia desvia o olhar do meu, provavelmente esperava que eu pedisse que fossem comigo para a mansão, mas ela jamais sugeriria algo assim.

— Ainda não sei. Preciso encontrar um lugar, mas vou pensar nisso assim que recebermos a alta.

Aquiesço em concordância.

— Hoje à noite não poderei vir ficar com vocês. Teremos um show na cidade e não posso mais cancelar.

— Tudo bem, precisam mesmo voltar à rotina. Vou sentir sua falta aqui...

O olhar dela me diz muito mais que suas palavras. Mesmo assim a ansiedade me corrói. Não sei qual será sua resposta, porém, comigo sempre foi assim, ou é tudo ou nada.

Não quero que ela pense nisso como algo temporário. Quero que saiba que, independente de qualquer coisa, eu as amo e estou disposto a adaptar minha vida para que elas sejam o centro dos meus dias e noites. Todo o resto agora é secundário.

— Também vou sentir falta das minhas meninas.

Ela sempre sorri quando digo algo assim.

— Pode assistir ao show pela televisão. Vou cantar hoje, pela primeira vez, a música que escrevi pra princesa. Você não pode perder.

Os olhos dela estão cheios de emoção. Não posso estar enganado quanto aos seus sentimentos, não quando seus olhos parecem refletir o mesmo que eu sinto.

— Não perderia por nada. — É sua resposta.

— Vou te ligar. Deixe o celular ao seu lado porque logo que o show terminar, irei ligar e fazer uma pergunta, Ju. Tá ouvindo?

Julia apenas acena concordando, parecendo compreender que estou falando de algo importante. Eu acredito que ela também me ama. Porra, eu não faria algo assim se não acreditasse. Mesmo assim, o medo de estar enganado existe. Porém, com certeza essa é a melhor maneira de mostrar a ela que não pretendo deixá-las. Nunca.

Deixo a sala um pouco depois e as observo pelo vidro uma última vez

antes da atitude que pretendo tomar em poucas horas. Não posso afirmar que sua resposta vai ser positiva, mas estou certo de que, se não for, não irei desistir tão fácil. Ainda assim... Se Julia não me quiser, não sei quando terei outra oportunidade.

Retorno para dentro da sala e encaro Julia com Ashley nos braços, embalando-a enquanto canta uma de nossas canções. A advogada nada musical que conheci alguns meses atrás cantando para a filha. *Nossa* filha.

— Ju... — Ela ergue o rosto parecendo surpresa com meu retorno. — Eu sei que faz algum tempo, mas eu não poderia ir embora hoje desse jeito, linda.

Julia sorri com o elogio.

— De que jeito, Ash?

Aproximo-me dela sem me importar com as enfermeiras a nossa volta, ou mesmo a pediatra, que observa nossa conversa sem nenhuma discricção.

Apoio minhas mãos nos dois lados da cadeira e tomo sua boca na minha em um impulso. A surpresa inicial dela cede lugar a uma aceitação, por mais que seus braços estejam ocupados com nosso embrulho cor-de-rosa.

— Sem beijar sua boca gostosa... Já estava morto de saudades do seu gosto.

— Não parecia... Demorou tanto.

Sua resposta me arranca um sorriso debochado.

— Queria me beijar, doutora? Pode ficar tranquila que, se me aceitar, não vou tirar mais minha boca da sua. Aliás, não só da sua boca.

Julia fica vermelha e acho que é a primeira vez que a vejo constrangida. É uma gracinha.

Um pouco mais confiante, saio de vez da sala, deixando minhas meninas ali. Se tudo der certo, pela última vez.



Subo ao palco. Desta vez a adrenalina que sinto é por outro motivo. Não estou ansioso pela recepção e aceitação do público. As pessoas que estão em minha mente são outras e não estão aqui.

Poucos minutos antes, Anelyse ligou no hospital para se informar sobre elas e descobriu que tudo havia sido feito conforme meu pedido. Ashley fora liberada para assistir ao show junto de Julia no quarto e uma enfermeira dispensada para auxiliar as duas e cuidar das necessidades da princesa.

Meus dois amores vão assistir o espetáculo que preparei para elas. Hoje, o show da *Dominium* é para as duas.

Observo a multidão aglomerada abaixo de nós. Merda. Se ela me disser “não”, toda essa gente vai estar vendo e eu não tenho ideia de como sairei daqui de cabeça erguida.

— Esta noite é diferente de todas as outras. Todos os nossos shows são dedicados a vocês, que nos acompanham sempre, mas este em especial também é dedicado as minhas meninas, Julia e Ashley. Esta canção que vou cantar agora pra abrir nossa noite, escrevi pra minha filha enquanto a observava dormir um dia desses...

Com tudo o que há em mim, eu canto para a minha princesa.

“Even before I look
Into your gaze and get lost
I found myself in your pulse

(Antes mesmo de olhar

*Em seu olhar e me perder
Me encontrei em seu pulsar)*

Even before I see you
I felt that you involved me
And seeing your perfect eyes
I was yours

*(Mesmo antes de te ver
Te senti me envolver
E ao ver teus olhos perfeitos
Eu fui teu)*

My little princess
Fruit of my heart
Won me with a look
And long before that I was yours

*(Minha princesinha
Fruto do meu coração
Me ganhou com um olhar
E muito antes disso eu já era seu)*

Before I have you in your arms
Before I touched you, I was touched
I found myself in your love

(Antes de te ter nos braços

*Antes de te tocar eu fui tocado
Me encontrei em seu amar)*

Even before I see you
I felt that you involved me
And seeing your perfect eyes
I was yours

*(Mesmo antes de te ver
Te senti me envolver
E ao ver teus olhos perfeitos
Eu fui teu)*

My little princess
Fruit of my heart
Won me with a look
And long before that I was yours.

*(Minha princesinha
Fruto do meu coração
Me ganhou com um olhar
E muito antes disso eu já era seu.)”*

Encerro a canção e, ao olhar para a plateia, vejo várias pessoas tão emocionadas quanto eu. Decido abrir meu coração para elas.

— A menina que me ganhou antes de me olhar, que me ouviu muito antes de me ver. Ashley, querida, meu coração é seu e, enquanto eu viver, serei seu protetor. Essa promessa eu faço a você, princesa, enquanto você e

sua mãe permitirem, eu estarei presente.

O show segue como de costume, mas dessa vez tem algo de especial palpável no ar. A expectativa que era minha parece ter contagiado a todos. Percebo os olhares de Tray e Josh, que, apesar de todos os ensaios, parecem tão ansiosos quanto eu, temendo qualquer erro, qualquer falha... Qualquer *não*.

As canções que se seguem já fazem parte de nosso repertório e eu ouço as vozes me acompanhando enquanto tento me concentrar e aguardar o momento do grande final.

Até que ele chega.



JULIA

Arrumo-me sentada na cama. Coloco encostados na cabeceira os travesseiros maravilhosos que Eleanor me trouxe. Eles têm me dado bastante conforto. Estou preparada para assistir ao show.

Desde mais cedo, quando Ashton saiu e me beijou, minhas esperanças foram renovadas. Fazia muito tempo que não sentia seus lábios nos meus e o simples toque dele foi capaz de me acender e ao mesmo tempo renovar as forças que o último mês havia me tirado.

Ouçó uma batida na porta no instante em que ligo a televisão.

— Entre.

Uma enfermeira sorridente passa pela porta, trazendo Ashley nos braços.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono, alarmada com a presença da minha filha aqui em meu quarto.

— Não, ela foi liberada para assistir ao show do papai junto com a mamãe.

Minha expressão deve demonstrar como estou surpresa, mas a mulher não se importa e arruma Ashley em um canto, ao meu lado na cama.

Eu seguro em seus dedinhos carinhosamente. Pouco depois, ouço a voz de Ashton e em seguida o vejo, tão lindo que chega a doer.

— Olha lá, meu amor. O papai não é a coisa mais linda que você já viu?

Ele fala com aquela voz que me incendeia toda e dedica o show a nós. Sinto a emoção tomar conta de mim e, quando Ashton começa a cantar, não posso mais segurar as lágrimas.

A canção dele para Ashley é tão honesta, tão franca, que não posso evitar. O amor que ele tem por ela é tão forte e real que nada poderia explicar, nem mesmo se ele fosse o pai biológico. Sangue não mudaria o afeto real que existe ali.

Olho para o lado e percebo que a enfermeira também tem lágrimas nos olhos. Quando ele encerra e fala um pouco sobre tudo que ela representa para ele, derreto-me completamente.

Esse homem não pode ser real.

O show continua e sua voz preenche cada espaço em meu peito. Toda fibra do meu corpo grita de saudades dos braços dele. Ashton se tornou uma parte minha, uma sem a qual não sei mais viver.

Mas então...

Ele começa outra canção e ela se chama *Judgment*.

Julgamento...

Já na primeira estrofe sei que ele canta para mim. Quando ouço sua voz entoando os versos, sinto em minha alma que ele os escreveu pensando em nós.

I am a defendant before you,
awaiting your sentence here.
Judge me for my actions
And decide for me, for us

*(Sou réu diante de ti
Aguardando sua sentença aqui
Que me julgue por meus atos
E decida por mim, por nós)*

Cada palavra representa o modo como me sinto. Antes de saber, eu já o amava e, sem pesar as consequências, entreguei-me a ele. E agora... Não posso mais tirá-lo de mim, porque é indefinido onde eu termino e ele começa.

Without conscience I loved you
Inconsistent, I caught you
But in trying to separate us
There was no me anymore, not without you

*(Sem consciência te amei
Inconsequente a tomei
Mas ao tentar nos separar
Não existia mais eu, não sem você)*

Every part of me is yours
Every piece of yours is already mine
And from me, you don't leave

Don't give me back to me

*(Cada parte minha é tua
Cada pedaço teu já é meu
E você de mim não sai
Não me devolva para mim)*

Percebo as lágrimas escorrendo com mais abundância pelo meu rosto, mas não faço nenhum esforço para secá-las ou para cessar meu choro. Ashton está cantando tudo que eu sinto. Se ele compôs isso, seus sentimentos refletem os meus.

I am a defendant before you,
awaiting your sentence here.
Judge me for my actions
And decide for me, for us

*(Sou réu diante de ti
Aguardando sua sentença aqui
Que me julgue por meus atos
E decida por mim, por nós)*

Without conscience I loved you
Inconsistent, I caught you
But in trying to separate us
There was no me anymore, not without you

Sem consciência te amei

Inconsequente a tomei
Mas ao tentar nos separar
Não existia mais eu, não sem você.

A canção se encerra em uma melodia suave e eu sei que nunca mais direi que não sou uma pessoa musical. Tudo que precisei foi de alguém que cantasse com o coração para me fazer mudar de ideia.

Ashton se aproxima da câmera e vejo seus olhos tão perto...

Então, ele fala comigo.

— Julia, você entrou em meu coração sem pedir licença e sem sobreaviso. Você se fundiu a mim de tal forma que não consigo discernir mais quem é você e quem sou eu.

Aumento o volume da televisão, meus olhos vidrados nos seus.

— A dimensão da importância que você e Ashley têm em minha vida é impossível mensurar. Não sei mais como viver sem as duas e espero não precisar descobrir. Minha casa, vida e meu coração... Tudo é de vocês e espero que aceitem também meu nome.

Meu coração para por um momento quando ouço suas palavras, sem acreditar que isso realmente seja real. Ouço meu celular tocar. Apesar de surreal, eu sei que Ashton está me ligando ao vivo. Escuto minha voz ecoando na televisão quando atendo a ligação.

— Oi...

É tudo tão incrível, mas não sei o que dizer depois de tudo que acabo de ouvir.

— Ju, prefiro acreditar que a essa altura você já saiba, mas aprendi que não basta demonstrar, precisamos dizer porque falar não é o suficiente se as atitudes mostrarem o inverso. Passei o último mês tentando deixar claro o que sinto por você e agora somo a isso minhas palavras. Eu amo você...

Amei mesmo antes de saber o que era amor. Sei que é cedo e rápido, mas dane-se, não sou conhecido por meu autocontrole e paciência. Tô correndo o risco de ser humilhado ao vivo, mas caralho... Se você disser *sim* em rede nacional também vai ser foda, então vou me arriscar. Doutora, casa comigo?

Em meio ao choro, começo a rir. Não seria Ashton sem um gesto impulsivo. Foram suas atitudes drásticas que nos trouxeram até aqui e sei exatamente o que ele sente por mim, porque minha alma grita por esse homem.

— Eu aceito, *rockstar*.



JULIA

Entro na mansão pela primeira vez em mais de um mês. Naquela que agora será a nossa casa. Ashton, cuidadoso como sempre, empurra-me na cadeira de rodas que ainda me acompanha, enquanto Ane vem logo atrás com Ashley nos braços.

Ela recebeu alta logo que atingiu a marca dos dois quilos e agora está forte e saudável. Finalmente podemos ficar mais tranquilos com relação ao bem-estar diário dela e começar a organizar nossas vidas de agora em diante.

A pequena ganhou a todos desde o primeiro momento. Pouco tempo resta para mim ou Ashton porque precisamos dividi-la com Anelyse, Eleanor, Josh e Tray; até mesmo Carter parecia ansioso para segurá-la um pouco.

A saída do hospital foi o caos que eu já esperava, mas foi ainda além.

Centenas de pessoas estavam em frente ao prédio aguardando nossa saída e, por mais que eu tivesse medo da reação das fãs de Ashton, meu temor se mostrou infundado. Tinham vários cartazes erguidos com votos de felicidades pelo noivado e faixas dando as boas-vindas a Ashley ao mundo do *rock in roll*. Nossa pequena deixou o hospital cheia de estilo em uma jaqueta de couro preta, que não posso dizer que sei onde Anelyse encontrou, e, para completar o *look*, estava linda com um laço rosa nos cabelos, que agora começam a crescer.

Por onde olho, vejo nossos rostos estampando revistas, jornais e programas de televisão. É um pouco assustador, mas se minha recompensa é ter Ashton, vale a pena.

Assim que entramos no corredor e somos recepcionados por Rosa, percebo que tem alguma coisa mudada.

— Eu tenho duas surpresas pra vocês... — Ouço a voz de Ashton atrás de mim.

Eu apenas inspiro o ar da casa. Quanta saudade!

No entanto, logo que paramos diante da porta do quarto dele, eu noto que muitas coisas estão diferentes. Não me lembrava daquela bancada, por exemplo...

Passo uma das mãos a minha frente, ele abre a porta e me conduz para dentro. Para minha surpresa, a decoração está toda diferente, em tons mais claros e menos masculinos. Ashton me empurra mais para dentro e abre uma porta no armário, que nos leva até um *closet* embutido, que não me lembro de já ter visto.

— Você reformou o quarto, Ash?

— Não podia deixar você sem espaço...

Como se fosse possível em um quarto deste tamanho.

Entramos no *closet* e vejo todas as minhas coisas penduradas, além de muitas outras que não reconheço, mas que são todas no meu tamanho aparentemente. Pelo jeito ele adorou a ideia de ficar me comprando coisas e se esbaldou em minha ausência.

— Gostou?

Viro-me para ele e percebo que a confiança natural foi substituída por certo temor.

— Seria impossível não amar algo feito com tanto carinho, meu amor.

O sorriso que se abre em seu rosto é diferente de todos os que já vi.

— O que foi? — pergunto.

— Me chamou de “meu amor” — responde um pouco sem jeito.

Então me dou conta de que aceitei seu pedido, mas não disse as palavras mágicas.

— É o que você é. Eu te amo, *rockstar*.

Ashton se inclina e me beija com carinho.

— Até que enfim! Estava ficando preocupado que só me quisesse por meu físico espetacular.

Solto uma gargalhada.

— Não posso negar que isso tem algum apelo.

Ele também sorri.

— Vamos, a surpresa ainda não terminou.

Ainda me empurrando, ele me leva para dentro do quarto outra vez e penso que vamos sair, mas, ao invés disso, ele me conduz para uma porta que não existia antes. Não é necessário ser adivinha para saber que ela leva para o quarto que eu ocupava antes. Porém, quando ele abre a porta, noto que aquele quarto simplesmente não existe mais. Em seu lugar foi construído um palácio de contos de fadas para nossa princesa.

— Ashton! Você não pode ter feito tudo isso em tão pouco tempo!

— Claro que não. Contava que, se me rejeitasse, ao ver todo meu esforço, fosse mudar de ideia.

Quem seria insana ao ponto de rejeitá-lo? Não digo em voz alta porque Ashton não precisa de combustível para sua autoestima bastante saudável.

Entro no quarto e vejo que tudo foi pensado para ela. Os quadros na parede emolduram algumas fotos que eu nem mesmo sabia que Ashton havia revelado, ou tirado. Penso isso ao ver uma em que estou completamente descabelada com Ashley nos braços. Em outra, ele a tem em um dos braços e uma folha de papel na outra, compondo. Quem tirou essa fotografia é um mistério para mim...

Mas a maioria é apenas ela. Ashley dormindo ainda na incubadora. Ashley com uma roupa de princesa. Ela com os olhos bem abertos segurando a mão tatuada do pai... Porque Ashton é o pai. Ecoando meus pensamentos,

ele fala logo atrás de mim.

— Você me disse sim, Julia. Isso significa que Ashley pode receber meu nome? Ashley Foster Ray, eu acho que soa muito bem.

Sorrio da insegurança em sua voz. É incrível que alguém tão incrível quanto ele tenha receio das minhas respostas.

— Soa muito bem mesmo, Ash. Claro que ela pode receber seu nome.

Ashton solta o ar e só então percebo que ele capturou um papel sobre a cômoda que está em um canto, tirando-o da minha linha de visão.

— O que é isso?

— Era pra ser surpresa, mas depois fiquei com medo de que me achasse pretensioso demais e me obrigasse a desfazer isso. Deve ter uma maneira, mas como você concordou, fico feliz de não precisar dar um jeito nisso.

Estreito os olhos na direção dele, que me estende a folha, ainda temeroso.

Um registro!

— Você registrou Ashley como sua filha?

— Como nossa filha, Ju. Fui longe demais?

Sorrio para o homem diante de mim. Para alguém que foi tão sozinha a vida toda, aquela família veio para completar minha existência.

— É perfeito, amor.



Um mês depois...

ASHTON

Nossa felicidade é tudo que compõe o cenário ao nosso redor. Jamais

imaginei que ter uma família, ser um cara comprometido e pai de uma garotinha pudesse me completar dessa maneira. Nem mesmo sabia que não era completo.

Mas... Sempre tem um “mas”, certo?

Com toda aquela obsessão do Eric pela paternidade de Ashley, algo se plantou em minha mente e não saiu mais de lá desde então. Comecei a recordar daquela festa, muitos meses antes, quando em meio a doses coloridas de tequila, uma garota nos confidenciou que trabalhava em um banco que comprava e vendia espermatozoides para clientes de clínicas de inseminação.

— *É incrível — ela disse. — Vocês não fazem ideia de como é mágico. A mulher vai até nós, escolhe o pai do seu bebê com base nas características físicas, na genética e até mesmo em sua profissão e hobbies, e então vai até uma clínica e faz o procedimento sem precisar de um parceiro. É a evolução, rapazes! Independência feminina até mesmo para gerar um filho.*

Eu apenas meneei a cabeça e sorri diante da paixão com que a tal Polliana falava. Enquanto a ouvia, virei outra dose de tequila. Nem sei de onde saíram tantas doses, mas enquanto escutava aquele som absurdamente alto, como sempre, vi a menina pegar mais uma e virar de uma só vez, fazendo uma careta em seguida.

— *Eu acho isso foda pra cacete. — Ouvi a voz de Tray e me virei para prestar atenção ao que ele estava dizendo. — Ser eternizado em milhares de filhos por aí... Já pensou, Ash? Ter vários de você espalhados pelo mundo?*

Antes que eu respondesse, escutei a gargalhada de Josh, que meneava a cabeça concordando com Tray.

— *Deve ser demais, cara! Eu doaria meu espermatozoide numa boa. Quem*

sabe estivesse ajudando duas garotas que se amam. Lésbicas talvez...

Quanto mais os ouvia falar, mais tentadora me parecia a ideia. Era quase como uma caridade. Estaríamos ajudando pessoas que realmente precisavam.

— Polliana, você tem a chave de lá?

A menina virou outra dose antes de responder:

— Do banco? Claro que tenho, eu sou a melhor funcionária deles!

Tray sorriu satisfeito e encarou a mim e a Josh antes de tentar convencê-la.

— O que acha de irmos até lá agora mesmo? Já pensou? Vai parar no quadro de funcionária do mês quando descobrirem que tem a porra de três artistas nas mãos!

Ela cuspiu a bebida toda na mesa, gargalhando das palavras que deram um duplo sentido à frase.

— É anônimo, Tray. Mas seria demais mesmo, ao menos eu saberia a verdade. — Então ela nos olhou e disse animada: — Se vocês toparem, eu também tô nessa!

E como sempre, em um impulso, nós concordamos com aquela insanidade.

Todos os dias desde a prisão de Eric, me pego pensando que, a qualquer momento, pode surgir uma criança na minha porta alegando ser meu filho. Tudo bem que a doação deveria manter o anonimato, mas como posso confiar que a garota não vai vender nosso esperma no mercado negro para quem pagar mais? Se é que já não o fez...

Acabo tocando no assunto com Tray.

— Cara, quanto mais penso nisso, mais puto fico por ter ido na sua onda. Não acredito que participei daquela insanidade.

Ele ergue os olhos da televisão e me encara.

— Do que você tá falando, Ash?

— Da doação de esperma. A menina nem estava em horário de serviço.

— Mas que porra de memória é essa? Por que foi lembrar disso agora?

Nem eu sei, mas não gostaria de ter surpresas pela frente.

— Como é o nome da clínica mesmo? Vou procurar aquela Polliana e pedir que me tire do banco. Não quero correr esse risco de descobrir um filho depois que tiver tranquilo e casado com a Julia.

— Não lembro o nome, mas tenho um cartão, vou pegar. Acho que vou até lá com você. Vendo tudo que te aconteceu, cara, percebi que esse lance de ser pai é muito sério pra mim, não quero essa responsabilidade.

— Sabe que já pode ter acontecido, certo?

Ele dá de ombros.

— Sei, mas não custa tentar.

Um pouco depois, rumamos para a clínica, com Josh no banco de trás. Entramos nessa idiotice juntos e vamos sair juntos também. Quando chegamos, procuramos por Polliana imediatamente. A garota ficou muito insana naquela noite depois de várias doses de tequila, mas com certeza vai se lembrar de nós.

— Boa tarde, Polliana. Podemos conversar?

A menina arregala os olhos, assustada, e sai de trás do balcão olhando para os dois lados. Parece temer ser vista conversando com nós.

— O que estão fazendo aqui? Se os pegam aqui e associam a imagem de vocês... Caramba! Agora vão me demitir mesmo! Tray, eu escapei por pouco, sabia?

Mas de que merda ela está falando?

— Tá falando de que, sua doida? — Tray questiona também, sem

entender nada.

— Daquela insanidade, claro! Me fizeram enfiar as amostras de vocês no banco de dados e meu chefe descobriu depois. Têm câmeras aqui e vocês não tinham passado pelos exames e procedimentos, eu burlei tudo. Nem sei como me perdoaram...

Nem eu. Sinceramente, foi uma idiotice desde o início, mas essa menina com certeza arriscou muito mais que nós.

— Calma, não queremos prejudicar você — falo, tentando ser mais suave. — Queria apenas saber se tem uma maneira de tirar essas amostras do banco. As coisas mudaram e prefiro que não me apareçam crianças perdidas.

Ela faz um muxoxo e olha por sobre o ombro antes de voltar a falar.

— Olha, não precisam se preocupar. As amostras foram retiradas logo que eles descobriram. A sua e do Josh foram utilizadas apenas em uma paciente cada e a do Tray nem foi usada.

Meu sangue congela nas veias. Ok, uma expressão exagerada, mas sinto um aperto no coração ao imaginar que a essa altura já pode ter um bebê com meu rosto por aí.

— E você sabe se... deu certo? Nós sabemos que essas coisas são confidenciais, mas só fala se as mulheres que usaram nossas amostras chegaram a engravidar — Josh pergunta e parece tão tenso quanto eu.

— A sua não, ela ia fazer de novo, mas retiraram a amostra do banco e a paciente escolheu outro doador. A do Ashton vocês já sabem...

Não tenho ideia do que ela está falando.

— Como assim já sabemos? O que aconteceu com a minha amostra?

A menina me encara com ceticismo.

— Como assim o que aconteceu? Vocês entraram em contato pedindo para mantermos o fato de Julia ter feito inseminação em segredo. A princípio, não entendemos o motivo, mas depois ficou claro que queriam que

pensassem que ela havia engravidado naturalmente...

— De que porra você tá falando?

Polliana revira os olhos e sai andando de volta para sua mesa. Ela digita algumas coisas no computador, imprime um papel em alguns instantes e pouco depois volta até onde a esperamos.

— Aqui está. Seu agente, o tal de Carter, pediu para que mantivéssemos segredo sobre a inseminação dela quando o feto já tinha sido concebido há três meses.

— Sim, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Carter estava falando sobre a inseminação da Julia. Eu quero saber sobre a amostra que doe aqui para o banco.

Polliana cobre a boca com a mão e começa a rir, enquanto ainda a encaro sem entender. Tray arranca o papel das mãos dela e solta um palavrão.

— Puta que pariu, Ashton. Sortudo da porra!

— Mas que merda tá acontecendo aqui?

Josh dá de ombros, também sem entender nada.

— Você se lembra do seu código de doador?

Não lembro nem o que comi de manhã, vou me lembrar de um código me dado meses antes?

— Claro que não, Tray. Que ideia!

— Melhor se sentar, cara. Essa bomba é das grandes. Pega o cartão que te entreguei com o endereço daqui.

Eu retiro o cartão do bolso e olho para ele. No verso estão anotados os três códigos.

— Agora me fala seu número.

— Doador 10091.

Tray dá uns pulinhos e Polliana tenta se recuperar da crise de riso.

— Aqui diz que o doador tem cabelos e olhos escuros, porte mediano

e nenhum problema genético. O número é 10091.

— Eu sei, porra. Fui eu que escrevi essa palhaçada.

— Só que essa não é a ficha da sua amostra, mas a que foi entregue a Julia com os dados do doador dela.

Josh se senta no chão enquanto a verdade começa a encontrar caminho pelos meus pensamentos tumultuosos. Recordo-me dos olhos dela, tão parecidos com os meus, do sorriso e da covinha que já é visível nele. Lembro-me da ligação profunda que temos desde quando a descobri...

Ashley sempre foi minha, mesmo antes de ser. Meu coração a encontrou muito antes deste momento e ouvir que meu sangue realmente corre em suas veias é algo acima de qualquer milagre.

— Como isso é possível?

— E eu sei? — Polliana pergunta. — Pensei que vocês soubessem, que tivesse sido premeditado de alguma maneira.

Minha visão fica um pouco turva e acho que a notícia é demais para mim. Quase perco os sentidos e desmaio como uma donzela indefesa. Mas porra, em um momento como este eu poderia morrer de tanta surpresa e felicidade.

Josh me olha e percebo que tenta esconder algumas lágrimas. Caralho, esses caras são a minha família e a descoberta que acabamos de fazer não muda nada exatamente, porque Ashley já era nossa antes disso. Mas é quase como se Deus me olhasse e me achasse digno de um presente como esse.

Então entendo que Eric não testou o seu DNA, ele testou o meu! E não disse nada, o desgraçado.

— Olha só, Ashton... — Polliana se abaixa na minha frente. — Pode levar o papel e contar essa loucura toda para sua noiva, só me promete que nunca mais vão aparecer por aqui. Deixe as coisas como estão. Todos já

acreditam mesmo que ela é sua filha.

Eu aceno e recebo das mãos dela o maior presente de toda minha vida: a prova da paternidade da minha princesa.



JULIA

Encaro meu reflexo no espelho. É a primeira vez que ousa sair de casa sem a cadeira, usando apenas as muletas para ter algum apoio caso seja necessário. Ashton pediu que eu me arrumasse para sairmos e parecia bastante animado.

Claro que o pedido já foi feito, mas ele ainda não me deu um anel e penso que talvez seja esse o motivo do jantar romântico de última hora. Talvez não seja necessária a conversa que eu e Anelyse combinamos, recheada de indiretas, para termos durante o almoço em família.

Eleanor já passou por aqui um pouco antes e levou Ashley para mimar. Claro que poderíamos chamar uma babá, mas ela faz questão de passar todo o tempo possível com a neta.

Uma batida na porta chama minha atenção e caminho até ela, abrindo-a e encontrando um Tray muito alegre encostado no batente.

— Tá pronta? Não podemos nos atrasar porque eu não sou muito de segredos e vou acabar estragando tudo.

— Tudo o quê? — questiono, estranhando sua presença aqui.

— Viu? Já comecei a falar mais do que devia.

Ele me dá as costas, mas seguro em sua camisa, atraindo sua atenção.

— Isso quer dizer que você vai pro jantar também?

— Todos nós vamos, doçura. É um jantar em família, uma grande

comemoração.

Tudo bem. Se Ashton pensou que eu gostaria de ter a família toda por perto em um momento como este, isso mostra que me conhece ainda mais que pensei. Ele sabe que para alguém que sempre foi sozinha, estes momentos especiais com todos eles são muito importantes para mim. Se é assim que ele pretende selar nosso compromisso, é ainda melhor.

Tray me dá apoio até o carro. Josh e Anelyse já estão lá e, quando entro, todos parecem compartilhar de uma piada que eu perdi, tamanhos são os sorrisos.

A *limousine* segue pelas ruas de Seattle e toma a direção central, mas depois faz um desvio, seguindo para uma das áreas mais nobres da cidade. Quando descemos em frente a um restaurante maravilhoso, percebo que não há muitos carros aqui.

Confiro no pequeno espelho que trouxe na bolsa se meu penteado ainda está no lugar, enquanto me apoio em Anelyse, que fez questão de que eu deixasse a muleta no carro.

Quando entramos, um *hostess* nos recepciona e nos conduz a uma mesa redonda, bem no centro do restaurante. Algumas cadeiras já estão ocupadas e o restante do local está completamente vazio.

Vejo Eleanor sentada e Ashley em seu colo. Eles me enganaram pelo jeito. Carter também foi convidado e está sentado ao seu lado. Anelyse me leva até a mesa e me sento também. Ela, Josh e Tray tomam seus lugares e a única pessoa que não vejo em parte alguma é Ashton.

Um pouco depois ele aparece. O sorriso dele é contagiante e, quando se aproxima, em um gesto completamente inesperado, ele toma minha mão na sua e deposita um beijo, deixando-me atordoada com o gesto romântico.

Uma música suave começa a tocar e então ele faz aquilo que, por mais surreal que seja, eu já esperava. Ajoelha-se diante de mim, na frente de

todos os nossos amigos e família.

É mágico.

— Julia Foster, você apareceu mudando tudo, mandando em mim e dominando minha mente, corpo, alma, casa... Tudo é seu. Mas, além de tudo isso, você me deu um presente único. Este momento deveria ser seu, você receberia um presente lindo e se emocionaria, mas na verdade vai ter que dividir isso comigo. Com todos aqui, na verdade. Este presente é da nossa família, meu amor.

As palavras que ele diz me deixam um pouco confusa, mas ainda assim sorrio para Ashton, tentando compreender onde quer chegar.

— Você acredita em destino, Ju? Eu acreditava que você e Ashley eram meu maior presente, que alguém no céu me achou merecedor de tanta felicidade e me presenteou com vocês duas. Mas agora, Julia, eu sei que não foi só isso. Vocês duas sempre foram meu destino e eu o de vocês.

Apesar de ainda não compreender bem o porquê do discurso, sinto que as lágrimas estão escorrendo. Eu me emociono com os sentimentos que vejo transparentes em seu rosto.

Ashton me estende uma caixinha de veludo e não posso evitar pensar que, apesar das belas palavras, é um pedido de casamento diferente, cheio de entrelinhas e nuances.

Quando abro a caixinha, não vejo o que esperava.

— Eu juro que esperava um anel — digo, pegando uma folha dobrada lá dentro, e ouço todos rirem ao meu redor.

Demoro alguns instantes para compreender do que se trata e, quando compreendo, ainda assim não entendo como ele conseguiu aquilo e o que significa.

— Desculpa, amor. Não tá muito claro ainda...

Ashton sorri, um sorriso muito mais ofuscante que os holofotes que o

cercam dia e noite.

— Todos aqui são da família e sabem que você fez uma inseminação artificial que resultou na maior alegria que nós temos.

Meu olhar se desvia para minha sogra, que agora brinca com Ashley no colo sem dar importância àquelas palavras. Então ela sabe?

— Agora, amor, leia pra nós todos o número do seu doador anônimo.

Franzo o cenho sem entender como aquilo pode ajudar em alguma coisa. Nem mesmo compreendo a importância desse número. Mas o sorriso dele é tão contagiante que eu o faço.

— Doador número 10091. Mas ainda não...

— Eu sei — ele me interrompe. — Agora segure este cartão nas mãos.

Ashton me entrega um cartão de visitas com o nome do banco de doadores de onde comprei minha amostra, mas, quando viro o cartão, encontro três números de doadores, associados aos seus nomes. Tray, Josh e Ashton... 10091.

— Isso é uma brincadeira, amor? Por que se for não é muito engraçada.

Quanto mais tempo passo com o cartão nas mãos, mais as coisas começam a se encaixar. Apenas se encaixam, porque nunca farão sentido.

Lembro-me do comentário de Tray, meses antes, sobre a doação descuidada deles, e vejo a data em cima do cartão, uma anotação feita a caneta pouco tempo antes da minha inseminação.

Então deixo meus olhos percorrerem o caminho até minha filha e vejo seus olhos escuros me encarando de volta. Recordo-me de ter encarado seus olhos pela primeira vez e pensado que já os reconhecia...

Porque eram os dele.

Os mesmos olhos, idênticos aos de Ashton. Pai e filha. Não apenas

por escolha, mas por artimanhas do destino também.

Escondo o rosto nas mãos enquanto me rendo ao pranto que assola meu coração. O momento é de uma alegria tão indescritível que não posso conter todo o sentimento dentro de mim, pois ele transborda.

Sinto os braços de Ashton me envolvendo e, quando o fito, vejo que ele chora comigo. Este momento é único.

Pensei ter vivido um milagre ao sobreviver a minha queda. Pensei ter presenciado e ter sido agraciada com algo mágico ao ver minha filha sobreviver a tudo aquilo, mas tudo isso foi apenas o prelúdio do que viria.

Não peço que você, que lê a nossa história, acredite nisso, pois até agora ainda tenho dificuldades de entender como algo tão surreal pôde acontecer em nossas vidas. Só mesmo um milagre.

Eu apenas digo que era o destino desde o início...



Oito meses depois...

ASHTON

Desperto em algum momento durante a noite. Meus olhos se abrem ainda sonolentos e encaro o relógio ao lado da cama; são três horas da manhã.

Devagar, retiro o cobertor com cuidado para não acordar Julia e saio da cama. Ashley não chorou nem uma única vez desde que adormeceu às onze da noite e isso é o bastante para me incomodar durante o sono, fazendo-me acordar alarmado.

Passo pela porta entreaberta que separa nossos quartos e caminho sorrateiro até o berço onde ela dorme totalmente inerte. Talvez seja impressão minha, mas nossa filha não parece se mover. Por mais que eu olhe... Cacete! Ela não está respirando. Um pouco assustado, coloco meu dedo sob o nariz pequenininho dela e sinto o ar entrando e saindo. Também respiro aliviado.

Observo minha princesa em seu sono por alguns minutos e então ela se mexe. Um movimento que antecede o despertar e o choro alto que virá em seguida, com toda certeza.

Inclino-me sobre o berço para retirá-la de lá, mas ouço Julia atrás de mim, sussurrando.

— De novo, Ash? Deixa a menina dormir em paz.

Pego em flagrante.

— Ela estava acordando, amor. Eu ia apenas ninar um pouquinho.

— Ia levá-la pra nossa cama que eu sei. Conheço muito bem suas intenções, Ashton Ray.

Adoro quando ela me chama assim, toda brava.

Faço a mesma cara de cachorro sem dono que sempre funciona com ela e imploro com as mãos unidas em um gesto de petição.

— Mas Ju, olha pra ela... É muito linda e eu não consigo resistir.

Ela sorri, concedendo-me a vitória. A verdade é que ninguém resiste a Ashley.

— Então traz ela, babão. Mas você vai acordar se ela começar a chorar. Hoje é sua vez.

Levo Ashley, que ainda dorme, comigo e a coloco entre nós dois na cama. Julia passa o braço por cima dela, abraçando-a, e segura minha mão do outro lado. Adormeço outra vez em instantes, tranquilo. Todo meu mundo está aqui, nesta cama.



JULIA

Finalmente o dia do nosso casamento está chegando. Se dependesse apenas de nós, seria algo intimista e reservado, mas Ashton tem muitos amigos e, além disso, depois de tudo que passamos, merecemos mesmo uma comemoração em grande estilo.

Os preparativos têm me tomado tempo e, todos os dias, algo relacionado à cerimônia ou a festa me leva para fora de casa a fim de resolver as coisas. Cerca de dois meses atrás, voltei para a Brother's King; não em período integral, mas todos os dias de manhã estou na firma, concluindo meu estágio enquanto finalizo a pós. Falta pouco.

Agradeço a Deus por ter me dado muito mais que pedi ou sonhei. Ganhei uma família que vai muito além de uma filha linda e perfeita, e um companheiro fiel e maravilhoso. Também ganhei uma irmã, porque é isso que

Anelyse é para mim, dois irmãos e uma mãe, já que Eleanor é muito mais que uma sogra e os rapazes são mais que amigos. E quem sabe... Se eu não estiver enganada, talvez consiga um sogro em breve também.

Não que o pai do Ashton tenha morrido, só não o levamos em consideração, mas, se minhas suspeitas estiverem certas, Eleanor tem outro alguém em mente. Que Ashton não ouça isso!

Chego em casa e estaciono meu *Sonic* na garagem; Ashton tentou trocar meu carro duas vezes desde que vim para cá definitivamente, mas ainda não me convenceu. Entro na casa e encontro Rosa na cozinha.

— Boa tarde, Rosa. Onde tá todo mundo?

Ela me lança um olhar de súplica.

— Não vai falar que eu contei, mas eles estão ensaiando lá embaixo no estúdio.

Dou risada de seu comentário sem nexos.

— Qual o problema nisso, Rosa?

— O Ash pegou a princesa com a babá.

Princesa. Todo mundo chama Ashley assim, o apelido acabou ficando.

— Mas não falaram pra ele que ela vai atrapalhar o ensaio? Vai mexer em tudo.

Ashley já está engatinhando e mexendo em qualquer coisa que esteja ao alcance de suas mãozinhas.

— E adianta falar? Ele disse que ela estava sentindo falta dele, mas a gente sabe bem que a menina não estava nem ligando.

O comentário franco dela me arranca outra risada e saio da cozinha em direção ao estúdio. Quando desço as escadas, ouço de longe o som. Eles estão cantando a canção que Ashton compôs para nossa filha outra vez. Morar com esse monte de gente mimando-a o tempo todo vai acabar

deixando Ashley insuportável, já que todos parecem viver em função dela.

Mas eu entendo, é impossível resistir quando aqueles olhos pretinhos como jabuticabas me encaram... Tal pai, tal filha.

Abro a porta e vejo Ashton cantando a plenos pulmões. Tray e Josh estão posicionados em seus instrumentos e não vejo Ashley em parte alguma.

— Amor, onde a Ashley tá hein? — grito por sobre o barulho deles.
— A Rosa disse que ela estava aqui.

Ouçõ então seu gritinho ao reconhecer minha voz. Escuto-a antes mesmo de vê-la, mas os três se voltam para a mesma direção e eu a enxergo finalmente.

Diante de Tray, a *case* da guitarra está aberta e Ashley está lá dentro, sentada com uma das baquetas de Josh nas mãos e um óculos escuros grande demais para seu rostinho pequeno, pendurado no nariz.

Como se fosse uma miniatura de um deles; o que ela é, na verdade.

— Oi, meu amor. Vem com a mamãe e deixa esses doidinhos aí cantando, tá bom?

Eu a pego nos braços, passo por Ashton oferecendo os lábios para um beijo rápido e subo outra vez para a casa, mas agora com a princesinha no colo.

— Ela almoçou, Rosa?

Rosa se vira e me vê chegando com Ashley nos braços.

— Almoçou. Fez a maior bagunça com a Anelyse e a papinha.

— Vou dar banho nela e colocar pra dormir. Esse agito todo deve ter a deixado cansada. Não é, meu amor?

Ashley sorri para mim e sua mãozinha pequena segura meu queixo, enquanto ela emite alguns grunhidos incompreensíveis. Após muita espuma e uma luta imensa para sair da banheira, finalmente a princesa está de banho tomado e pronta para dormir. Observo seus pezinhos agitados no berço,

enquanto leio uma história.

Com a mamadeira nas mãos, ela vai se acalmando aos poucos e, em alguns minutos, adormece, exausta como eu previra.

Pé ante pé, retorno para meu quarto e fecho a porta para que ela não acorde com qualquer barulho. Quando me viro, encontro Ashton deitado sobre a cama, o braço cobrindo parcialmente o rosto.

— Oi, *rockstar*. Pensei que fosse ensaiar até tarde...

Ele sorri e a covinha que ainda tem o poder de me desestabilizar surge.

— Fizemos uma pausa e eu vim ver minha noiva. E então? Esse casamento sai ou não sai?

Subo na cama e me deito ao seu lado.

— Estamos quase lá, mas os preparativos também estão terminando.

— Ótimo. Não quero que dê tempo de você desistir.

— Como se fosse possível — respondo sorrindo.

Ashton se vira de lado, encarando-me, e eu faço o mesmo movimento para ficar de frente para ele.

— Você vai ser a coisa mais linda do mundo vestida de noiva...

— E você vai ser a coisa mais linda do mundo, depois da cerimônia, sem vestir nada de preferência.

Aquele sorriso cafajeste, capaz de revirar minhas entranhas, surge. Com um único movimento ele me puxa, sentando-me sobre suas pernas.

— Podemos começar a treinar agora. Soube que lua de mel requer prática e dedicação. Para fazer isso dar certo, Julia, vou precisar de todo seu empenho.

Mostro a ele como posso ser empenhada, erguendo os braços e arrancando a camisa social que estava usando, sem nem mesmo abrir os botões.

— Você fica tão sexy com essas roupas de advogada safada...

Cubro a boca com a mão para abafar uma gargalhada, temendo que Ashley acorde e a diversão termine antes mesmo de começar.

— Não são roupas de safada coisa nenhuma!

— Acho que minha mente que não ajuda, pois estou sempre me lembrando do que tem aí embaixo — explica Ashton.

— Ah é? E você se lembra do que tem aqui embaixo? — digo, abrindo meu sutiã e jogando-o no chão.

Ashton ergue o rosto sorrindo e abocanha meu seio de uma só vez. Ele se afasta após me dar uma mordidinha suave.

— Vamos, doutora, me mostre o que mais tem aí pra mim...

E eu mostro.

FIM





É fundamental, agradecer a Deus por em menos de um ano concluir meu terceiro livro e ter tantas realizações na carreira que escolhi e para a qual Ele me capacitou.

Mas agradeço a Ele todos os dias e Deus é onipresente e conhece a gratidão que habita em meu coração.

Então vamos aos demais, que infelizmente não podem adivinhar o quanto sou grata...

Os que me acompanham, sabem o quanto meu pai foi e é importante em minha vida, mas em especial em minha carreira como escritora. Foi quem me deu apoio e incentivou cada linha dos meus escritos desde criança e sou grata a ele por isso e por muito mais que não caberia em apenas um livro. Mesmo assim, torço muito para que ele não leia esse livro, sob risco de ser deserdada por minha escrita mais... detalhista?

Quero fazer um agradecimento muito especial em se tratando deste livro. Conheci meu esposo, Gustavo, ainda criança, com dez ou onze anos, mas começamos a namorar depois de muitas reviravoltas, ao dezesseis.

Desde então estamos juntos e vi ele deixar de ser aquele menino para se tornar o homem maravilhoso que é hoje, um marido apaixonado e apaixonante e um pai carinhoso e dedicado, que coloca a felicidade de seus bebês acima da própria.

Meu agradecimento a você hoje é especial, porque inspirou muito da personalidade do Ashton, das atitudes e dos sentimentos que ele desperta em Julia... As tatuagens também ajudaram, não posso negar.

Agradeço por ser meu referencial de amor.

Letti Oliver... Não é segredo para ninguém meu amor por essa mulher! Até mesmo meu marido teve que aceitar me dividir com ela. Amiga,

obrigada pelo carinho com o Ashton, pela ajuda em todos os momentos de surtos relacionados ao enredo, pela capa maravilhosa (sim, ela que fez essa obra de arte) pela diagramação... Enfim, por ser minha esposa, que está aqui ao meu lado com a mão estendida em todos os momentos.

Polli Teixeira: Minha amiga e assessora, obrigada por seu trabalho duro e dedicação, pelas conversas motivacionais que me instigam a ir mais longe. Você é maravilhosa e agradeço também a Deus por ter te colocado em meu caminho.

Agradecimento especial também para minha amiga Jessica, que me ajudou muito com as partes relacionadas aos procedimentos médicos. Muitas vezes perturbei seus plantões para tirar dúvidas sobre o quadro de Julia e Ashley e agradeço de coração por não ter surtado e ter respondido todas as minhas perguntas. Sem você, esse livro seria menos crível, com toda certeza e minha vida, menos alegre, já que você é minha gêmea de outra mãe.

Natália Dias, obrigada pela revisão em tempo recorde. Você é a melhor, leram isso? A melhor revisora! Se acharem algum errinho por aí, culpem a mim, que enviei o livro para ela dez dias antes da publicação. Obrigada pelo feedback também e pelas conversas de surtos nas madrugadas, esse livro não chegaria aqui em tempo, não fosse por você.

Lucy Foster e Clyra Alves, obrigada pela ajuda com os banners lindos que vão ajudar as pessoas a chegarem até a Dominium. Vocês são artistas!

Juliana Barbosa e Fernanda Santana... Amo vocês e agradeço de coração o incentivo, por acreditarem em mim e serem amigas tão maravilhosas.

A todas as outras amigas autoras e amigos também, agradeço por fazerem parte dessa jornada linda que venho trilhando, não vou citar aqui todos os nomes, mas cada um de vocês, em cada grupo de divulgação, espero que se sintam abraçados e recebam minha gratidão.

A minha família e amigos, vou agradecer de maneira bem geral dessa vez, me desculpem por não citar seus nomes um a um, mas estou tremendo de medo de esquecer alguém. Obrigada por estarem ao meu lado, por acreditarem em mim e por lançarem minhas histórias para o mundo.

Ahhhh, minhas ladies e lordes... Esse momento é nosso! Ashton Ray finalmente chegou em grande estilo e esse agradecimento é mais que especial. Obrigada por lerem minhas histórias, por me darem uma chance com meu primeiro romance contemporâneo e por irem de ladies bem-comportadas e recatadas e lordes decentes a mocinhas apimentadas e fogosas e bad boys pegadores em questão de minutos, junto comigo. Por isso, vocês são únicos e para aqueles que não sabem, eu afirmo, vocês podem TUDO!

Enfim, é isso.

Simplesmente gratidão ao universo por me permitir viver e conhecer tantas pessoas maravilhosas.





**Todas as músicas apresentadas ao longo da história foram escritas exclusivamente para compor o enredo.*

1º MÚSICA:

Lovers Dance

Compositor/ Josh Nicols

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

*With a sensual dance, you wrapped me in your web
Like a helpless prey, I got caught without realizing it.*

*Seeing me in captivity
I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated
Being wrapped in your web does not seem to scare me.*

*Refrão: In this spell web, seduced me and arrested me
I'm a slave of this lovers dance
In your naked eyes tied me
I'm a slave of this lovers dance*

*Freedom I don't crave
But I should
When I focus on your eyes I can only accept.*

*Seeing me in captivity
I look in your magnetic eyes e and I let myself captivated
Being wrapped in your web does not seem to scare me.*

*Refrão: In this spell web, seduced me and arrested me
I'm a slave of this lovers dance
In your naked eyes tied me
I'm a slave of this lovers dance*

Dança de Amantes

Compositor/ Josh Nicols

Intérprete/ Ashton Ray — *Dominium*

Com uma dança sensual, me enredou em sua teia.
Como uma presa indefesa, fui fisgado sem notar.

Ao me ver cativo
Olho teus olhos magnéticos e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia não parece me assustar.

Refrão: Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu
Sou escravo dessa dança de amantes
Em teus olhos nus me amarrou
Sou escravo dessa dança de amantes.

Liberdade não anseio
Mas deveria desejar
Quando foco em seus olhos, só me resta aceitar.

Ao me ver cativo
Olho teus olhos magnéticos e me deixo cativar
Estar envolto em sua teia não parece me assustar.

Refrão: Nessa teia de feitiço, me seduziu e me prendeu
Sou escravo dessa dança de amantes
Em teus olhos nus me amarrou
Sou escravo dessa dança de amantes.

2º MÚSICA:

Little Princess

Compositor/ Ashton Ray

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

*Even before I look
Into your gaze and get lost
I found myself in your pulse*

*Even before I see you
I felt that you involved me
And seeing your perfect eyes
I was yours*

*My little princess
daughter of my heart
Won me with a look*

And long before that I was yours

*Before I have you in your arms
Before I touched you, I was touched
I found myself in your love*

*Even before I see you
I felt that you involved me
And seeing your perfect eyes
I was yours*

*My little princess
daughter of my heart
Won me with a look
And long before that I was yours.*

Princesinha

Compositor/ Ashton Ray

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

*Antes mesmo de olhar
Em seu olhar e me perder
Me encontrei em seu pulsar*

*Mesmo antes de te ver
Te senti me envolver
E ao ver teus olhos perfeitos
Eu fui teu*

Minha princesinha
Filha do meu coração
Me ganhou com um olhar
E muito antes disso eu já era seu

Antes de te ter nos braços
Antes de te tocar eu fui tocado
Me encontrei em seu amar

Mesmo antes de te ver
Te senti me envolver
E ao ver teus olhos perfeitos
Eu fui teu

Minha princesinha
Filha do meu coração
Me ganhou com um olhar
E muito antes disso eu já era seu.

3º MÚSICA:

Judgment

Compositor/ Ashton Ray

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

*I am a defendant before you,
awaiting your sentence here.*

*Judge me for my actions
And decide for me, for us*

*Without conscience I loved you
Inconsistent, I caught you
But in trying to separate us
There was no me anymore, not without you*

*Every part of me is yours
Every piece of yours is already mine
And from me, you don't leave
Don't give me back to me*

*I am a defendant before you,
awaiting your sentence here.
Judge me for my actions
And decide for me, for us*

*Without conscience I loved you
Inconsistent, I caught you
But in trying to separate us
There was no me anymore, not without you*

Julgamento

Compositor/ Ashton Ray

Intérprete/ Ashton Ray — Dominium

Sou réu diante de ti

Aguardando sua sentença aqui
Que me julgue por meus atos
E decida por mim, por nós

Sem consciência te amei
Inconsequente a tomei
Mas ao tentar nos separar
Não existia mais eu, não sem você

Cada parte minha é tua
Cada pedaço teu já é meu
E você de mim não sai
Não me devolva para mim

Sou réu diante de ti
Aguardando sua sentença aqui
Que me julgue por meus atos
E decida por mim, por nós

Sem consciência te amei
Inconsequente a tomei
Mas ao tentar nos separar
Não existia mais eu, não sem você.

